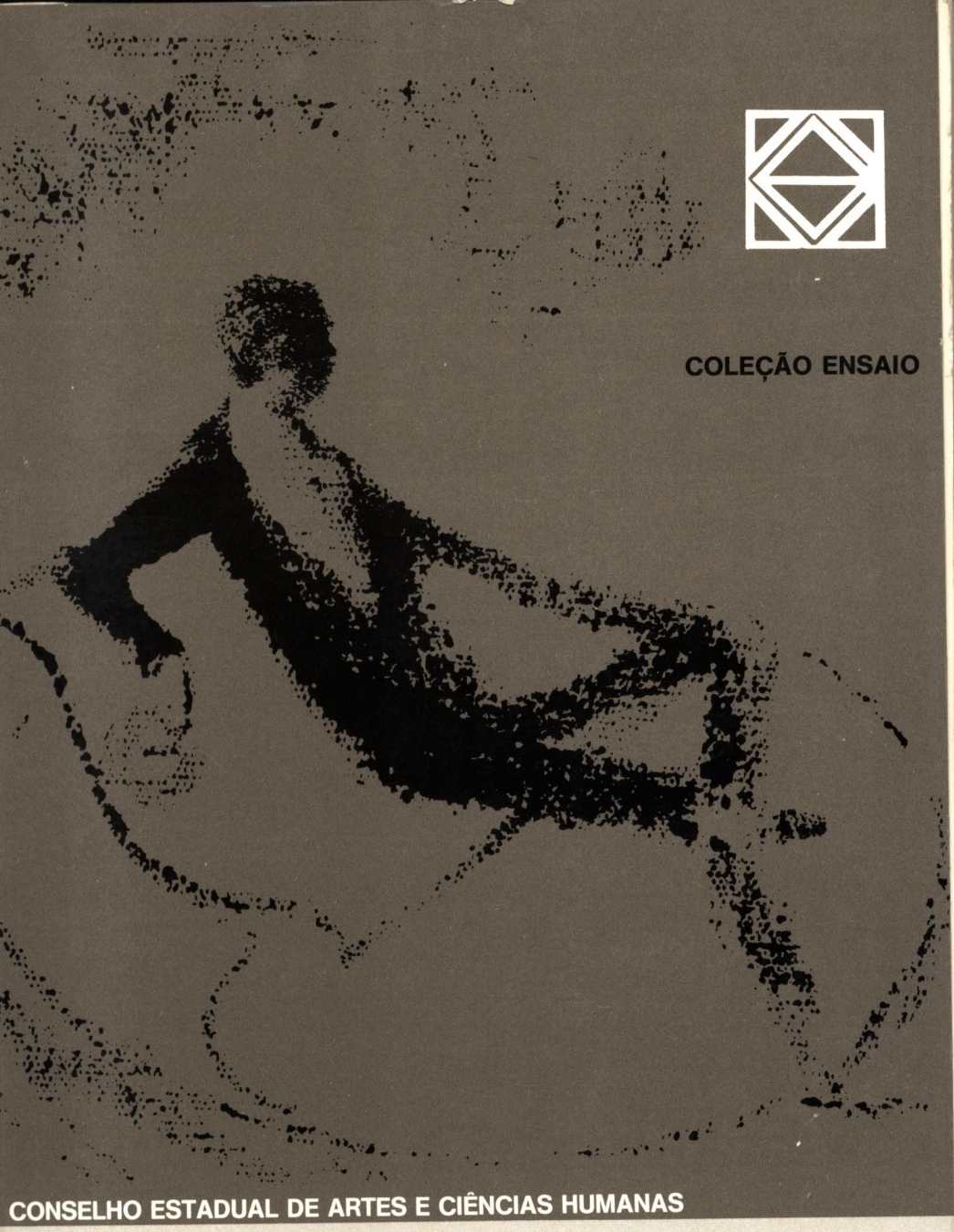
DGRH/I
CC/IEL
8.2

Pasta nº 01

Esta pasta contém comprovantes curriculares de:

MARIA EUGÊNIA DA GAMA ALVES BOAVENTURA DIAS, numerados de 01 a 06, refere-se ao processo nº 3014/81, contratação em nome da interessada.

DGRH-1, 25.10.84.



COLEÇÃO ENSAIO

CONSELHO ESTADUAL DE ARTES E CIÊNCIAS HUMANAS

MARIA EUGÊNIA DA GAMA ALVES BOAVENTURA

MOVIMENTO BRASILEIRO

(CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO MODERNISMO

Fls. N.o 01
Pasta N.o 01
Rubrica

María Eugênia da Gama Alves Boaventura

MOVIMENTO BRASILEIRO

(CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO MODERNISMO)

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CONSELHO ESTADUAL DE ARTES E CIÊNCIAS HUMANAS
SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Boaventura, Maria Eugênia da Gama Alves.

8636m Movimento Brasileiro: contribuição ao estudo do modernismo / Maria Eugênia da Gama Alves Boaventura. — São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

(Coleção ensaio; n.º 89)

1. Modernismo (Arte) — Brasil 2. Modernismo (Literatura) 3. Movimento Brasileiro (Revista) 4. Política e literatura — Brasil I. Título. II. Série: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas (São Paulo). Coleção ensaio: n.º 89.

17.	e	18.	CDD-700.981005
17.	e	18.	-700.904
17.	e	18.	-700.981
17.	e	18.	-869.9004
		17.	-869.90933
		18.	-869.90931

78-0424

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Literatura e política: História e crítica 869.90933 (17.) 869.90931 (18.)
2. Brasil: Modernismo: Artes: Século 20
3. Brasil: Política e literatura: História e crítica 869.90933 (17.) 869.90931 (18.)
4. Modernismo: Artes 700.904 (17. e 18.)
5. Modernismo: Século 20: Literatura brasileira 869.9004 (17. e 18.)
6. Movimento Brasileiro: Revista: Artes 700.981005 (17. e 18.)

ÍNDICE

1. A REVISTA **MOVIMENTO BRASILEIRO**
   - 1.1 Características externas 7
   - 1.2 Colaboradores 13
   - 1.3 Graça Aranha e o grupo de **Movimento Brasileiro** 14
   - 1.4 **Movimento Brasileiro** e o intercâmbio de periódicos .. 20

2. IDÉIAS E ATITUDES CRÍTICAS
   - 2.1 **Movimento Brasileiro** e o Modernismo 23
   - 2.2 **Movimento Brasileiro**.e o Modernismo no exterior .. 30

3. A MATÉRIA DE **MOVIMENTO BRASILEIRO**
   - 3.1 Criação literária 37
   - 3.2 Resenhas 39
   - 3.3 Revisão de valores 41
   - 3.4 Arquitetura e artes 43
   - 3.5 Teatro e Cinema 52

4. AS IDÉIAS NACIONALISTAS DE **MOVIMENTO BRASILEIRO** 57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 75
6. APÊNDICES
   - 6.1 Índice geral de **Movimento Brasileiro** 81
   - 6.2 Índice remissivo de Autores 179
   - 6.3 Índice dos periódicos citados 183
   - 6.4 Depoimentos 189
   - 6.5 Correspondência 201
7. AGRADECIMENTO 225

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

A VANGUARDA ANTROPOFÁGICA

MARIA EUGENIA DA GAMA ALVES BOAVENTURA

São Paulo
1980

Fls. N.o 02
Pasta N.o 01
Rubrica

MARIA EUGENIA DA GAMA ALVES BOAVENTURA

A VANGUARDA ANTROPOFÁGICA

Tese de Doutoramento apresentada à área de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof.Dr. JOSÉ ADERALDO CASTELLO

SÃO PAULO
1980

À memória de Eurico Alves,

poeta das Itapororocas.

AGRADECIMENTOS:

FAPESP

Instituto de Estudos Brasileiros da USP

Prof.Dr. José Aderaldo Castello

Gian Baptista Nazzaro

Michel Rak

Telê Porto Ancona Lopez

Pierre Rivas

Yêdda Dias Lima

Rosemarie Horch

Maria Itália Causin

Cecília Rodrigues

Neroaldo Azevedo

Funcionários do IEB

Universidade Federal da Bahia

R. Slaughter

Esta pesquisa ainda tem dívidas para com muita gente:

- Prof. F.G.A. Stone proporcionou o acesso aos recursos bibliográficos da Tyndall Avenue;

- Dr.Steines, Dr. Heller, Prof. Beck, Udo, Gabi, Dieter e Beth contribuíram muito, na região do Ruhr, onde consegui recolher a maior parte do material bibliográfico;

- Carlinhos, Anne, Victor, Annela, Matteo e Elsa, amigos de longe;

- Gute, Katy e Sérgio cuidaram da "burocracia";

- Leonor e Aline fizeram pacientemente a datilografia;

- e Gilson e Mara ajudaram em tanta coisa!

ÍNDICE

pág.

1. APRESENTAÇÃO..... 7

2. AS TEORIAS SOBRE A VANGUARDA EUROPÉIA.....

   2.1. Questões de terminologia..... 16
   2.2. Conceituação e definição..... 21
   2.3. Origem e trajetória..... 24
   2.4. A abordagem de revistas literárias da Vanguarda. 29

3. A VANGUARDA ANTROPOFÁGICA.....

   3.1. Como os antropofagistas leram e recortaram livros, jornais e revistas..... 44
   3.2. A paródia e o cômico..... 86

4. AFIRMAÇÕES E DEBATES.....

   4.1. O debate - a fortuna crítica da antropofagia.... 150
   4.2. Textos de participantes do grupo..... 155

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 186

6. APÊNDICE.....

   6.1. Índice classificado da Revista de Antropofagia.. 194
   6.2. Depoimento de Geraldo Ferraz..... 282
   6.3. Documentação..... 291

7. BIBLIOGRAFIA..... 297

1. APRESENTAÇÃO

A pesquisa procurou abordar um aspecto de uma das correntes mais atuantes do modernismo brasileiro - a programática da antropofagia, através dos textos teóricos de seus líderes e da Revista de Antropofagia, em particular. O interesse central do trabalho esteve voltado para a maneira como os antropófagos transmitiram o seu projeto, sobretudo a linguagem usada. Não se pensou em aplicar ou seguir à risca um método teórico para analisar o pensamento antropofágico. A meta era mergulhar nas páginas da RA [1], selecionando textos que constituíssem um esboço das idéias teóricas do grupo. E a partir daí, analisar os dois recursos de linguagem que pareceram os mais característicos: a colagem e a paródia. De propósito, deixou-se de lado a criação literária propriamente dita (ficção e poesia) que figurou na revista. O trabalho foi estruturado em cinco partes:

O capítulo sobre teorias da vanguarda literária reúne ensaios da crítica européia publicados dispersamente em periódicos. São tentativas de sistematização, conceituação e análise do fenômeno Vanguarda, com ênfase no campo literário, que poderão auxiliar bastante ao pesquisador brasileiro, fornecendo lhe parâmetros teórico-metodológicos, adaptáveis à análise das manifestações de vanguarda a nível nacional. Nesta seleção tam

bém se inclui a abordagem das revistas literárias.A confrontação de métodos e técnicas de trabalho fortaleceu a intenção inicial desta pesquisa, proporcionou novos subsídios para encarar a Revista de Antropofagia como um texto literário, um verdadeiro objeto de análise. As teorias a respeito da vanguarda literária interessaram, na medida em que se constata a semelhança entre a posição das várias correntes européias e a antropofagia.Tende-se a concluir que no plano brasileiro, como as demais manifestações de vanguarda, a antropofagia atinge sua importância pela colocação das questões, chamando atenção para novo modo de vida, para novos instrumentos literários e artísticos. Esta coincidência é explicitada nos dois últimos capítulos com a análise de alguns aspectos da Revista de Antropofagia.

No segundo capítulo tenta-se reunir e analisar, de um lado, o material recente e ainda disperso sobre a antropofagia, do outro, a reflexão crítica dos participantes do "movimento", grande parte inédita ou difusa nos periódicos e suplementos literários[2]. O levantamento geral propiciou um panorama da fortuna crítica específica da "barulhenta" antropofagia. Na seleção objetivou-se arrolar os textos críticos e teóricos, organizando-os em dois conjuntos: 1. aqueles textos do período de 1928 29 e os mais recentes de autoria dos participantes ativos e colaboradores da antropofagia; 2. os mais recentes e de autores não ligados ao grupo antropofágico. No primeiro conjunto, propositadamente, não se separou o material da época daquele mais recente. A bibliografia da década de 20 não é muito rica; e as reflexões posteriores não perdem a carga emocional que marcam os primeiros textos e os depoimentos de modo geral. Da mesma forma se procedeu em relação à bibliografia de debate. Foi encontrado apenas um texto que documenta a repercussão da antropofagia na crítica literária da época: "Neo-indianismo", de Tristão de Athayde[3]; é na década 50-60 que os críticos voltam a refletir sobre a antropofagia.

No terceiro e último capítulo do trabalho, analisa-se o processo de colagem da antropofagia enquanto prática de bricolagem. É um recurso oferecido tanto pela tradição cultural

brasileira como pelo material decorrente da reutilização das conquistas de outras civilizações, em especial da vanguarda histórica. É, aliás, dentro desta perspectiva que se recomendam estudar as manifestações culturais latino-americanas, de um modo geral[4]. Em seguida, abordou-se o procedimento paródico no discurso da revista. Procedimento este que no caso da antropofagia transforma se em ato crítico. Faz parte de um processo de descolonização, de uma tentativa de rebelião contra a simples cópia dos modismos culturais vindos de fora.

Durante a análise da paródia e da colagem, ensaiaram-se comparações entre as atitudes do grupo brasileiro e as posições da vanguarda histórica. Não se adotou rigorosamente uma abordagem comparatista. Primeiro, pelos rumos incertos e escorregadios em que se acham os pressupostos teórico-metodológicos a nível de literatura comparada; segundo, ao se tentar empreender uma análise detalhada do material brasileiro, apesar dos paralelos realizados, preferiu-se deixar um espaço aberto, para que seja enfatizada antes de tudo a sua especificidade. É interesse deste trabalho levar o leitor a concluir que, embora apoderando-se das conquistas e inovações da vanguarda européia no âmbito da linguagem, a revista trata de problemas e de assuntos pertinentes à realidade brasileira. É inoportuna (e nunca é demais repetir) a questão de mimetização quando a antropofagia maneja material seu ou de fora de forma diferente, inovadora. A utilização da colagem, por exemplo, traz a discussão da dizimação do índio, do racismo, da marginalização da mulher na sociedade. Problemas locais discutidos com as técnicas mais avançadas do momento, próprias de uma literatura de vanguarda.

O movimento futurista pioneiramente conquistou e recolocou em uso diversos recursos e procedimentos artísticos-literários, manipulados depois pelas demais manifestações de vanguarda. Muitos historiadores da época já empreenderam a tarefa de esmiuçar os pontos em que o futurismo avançou em relação a outros movimentos[5]. Ao que parece, o futurismo abordou quase tudo aquilo que as outras vanguardas propuseram de forma mais radical como foi o caso do dadaísmo (a desorganização das formas estabe

lecidas) e do surrealismo (o passo à frente da escritura automática, confrontada com as palavras em liberdade/a imaginação sem fio de Marinetti).

As eventuais analogias empreendidas neste trabalho enfatizaram mais a contribuição do dadá e do surrealismo à renovação estética acontecida depois do Modernismo no Brasil. Dois foram os motivos: 1. Dadá/surrealismo ampliaram as propostas futuristas, transformando-as; 2. pela maior proximidade temporal entre estes dois grupos com a antropofagia. Mas não se perdeu de vista o pioneirismo do movimento italiano, nem a sua dimensão abrangente. Também não se descartou a possibilidade de que os possíveis empréstimos e inspirações da antropofagia tenham advindo dos movimentos franceses, ainda por duas razões. A primeira por preconceito político: no auge da atuação da vanguarda brasileira as colorações fascistas marcavam o movimento italiano, contribuindo para que fosse esquecida a grande revolução estético-literária futurista das duas primeiras décadas do século; a outra razão é que na década de 20, os brasileiros mantiveram um contato mais estreito com os artistas franceses.

É necessário definir os conceitos de movimento e de grupo usados no decorrer da pesquisa. Tristão de Athayde utiliza-se da noção de grupo para classificar as diversas tendências que surgiram no Modernismo: "Isso o vemos de novo, no movimento modernista. Os isolados não marcam (sendo talvez os que mais fiquem). Só os grupos é que traçam as pistas da vanguarda" [6]. No campo europeu os críticos acreditam também que "Toda a operação intelectual postula a existência de um grupo ou de grupos (...)" [7].

A função do grupo varia de acordo com o contexto social em que se afirma. A organização da antropofagia difere radicalmente daquela adotada pelo futurismo que G. Viazzi [8] compara com a sistemática de um partido político ou de uma empresa. Enquanto o futurismo lançava mão de todos os meios de comunicação e persuasão para ampliar o seu público, a antropofagia funcionava precariamente numa página de jornal, zombando de toda a tentativa de organização (açougueiro em vez de secretário ou reda

tor, dentição por fase ou período, etc.). Não se sabe mesmo se a frágil estruturação do agrupamento antropofágico poderia ser comparada aos organizados recitais dadá/surrealistas[9].

Em relação ao termo movimento, existe quase que um consenso, quando a crítica emprega o termo para definir fenômenos culturais de caráter geral: Romantismo, Realismo, Modernismo, etc. Todavia, é uma palavra aplicada também para manifestações de âmbito mais reduzido, como é o caso específico da antropofagia[10]. Na crítica romântica: movimento era considerado um fenômeno que se estendia a toda esfera da vida cultural e civil. Atualmente usa-se o termo para designar um agrupamento literário[11]. É exatamente nesta acepção que foi empregado nesta pesquisa. Mas levando-se em conta que a antropofagia, dentro da história literária brasileira, é parte de um fenômeno maior (o Modernismo), utilizar-se-á aqui "movimento" (com aspas), no sentido figurado, alternadamente com a noção de grupo.

Anexou-se ao trabalho o "Índice Geral" da Revista de Antropofagia. Corresponde a uma sinopse classificada de todo material, realizada com dois objetivos principais: 1. atuar como fonte primária ao substituir a revista para o leitor que não dispõe de um exemplar do periódico à mão; 2. sugerir uma das metodologias possíveis para a leitura de uma revista literária. A sua elaboração obedeceu aos parâmetros usados na técnica de fichamento dos periódicos literários, idealizada pelo Prof. José Aderaldo Castello[12]. Tentou-se, na medida do possível, contornar as dificuldades decorrentes da diferença que separa as duas etapas da RA. Perseguiu-se antes de tudo uma classificação que pudesse dar unidade ao "Índice Geral" e adaptar a metodologia de elaboração dos índices às características inovadoras da RA, do ponto de vista de sua estrutura, comparado com outros congêneres do modernismo brasileiro.

Ainda em apêndice, transcreveu-se a entrevista realizada em abril de 1977 com o escritor Geraldo Ferraz, secretário da segunda fase do periódico. Muito mais do que entrevista, trata-se agora de documento e depoimento gravado de um dos escrito que testemunhou o desenrolar de um período marcante na histó

ria do Modernismo. Na transcrição, procurou-se obedecer à linguagem informal que marcou o "bate-papo".

Foram anexados alguns textos sobre a antropofagia, publicados em jornais da época:

- O antropófago - Carlos Drummond de Andrade;
- Os antropófagos no Diário de São Paulo - Geraldo Ferraz;
- Antropofagia - Valdemar Cavalcanti;
- 4 pedaços de terupá oihó - Clóvis de Gusmão;

- De Antropofagia - antologia.

Além das notas bibliográficas que acompanham cada capítulo, elaborou-se uma bibliografia geral mais completa, espécie de levantamento e resultado da pesquisa patrocinada pela FAPESP [13].

1. RA - Abreviatura usada para Revista de Antropofagia.

2. Pesquisa realizada nos arquivos Oswald de Andrade e Mário de Andrade, no IEB - USP.

3. Tristão de Athayde - Neo-indianismo. O Jornal. Rio de Janeiro, xerox s.n.t. (recorte Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

4. Jean Franco - La parodie, le grotesque et le carnavalesque. In: - Idéologies, littérature et societé en Amérique Latine. Bruxelles, Univ. de Bruxelles, 1975. p. 56-75.

5. Nöemi Blumenkranz-Onimus - Du futurisme italien aux mouvements dada et surréaliste. La survivance des manifestes futuristes. Europe, Paris, 475/476: 206-216, 1968.

6. Tristão de Athayde - Gente de amanhã. O Jornal, Rio de Janeiro, 22 jan. 1928.

7. Ugo Piscopo - Signification et fonction du groupe dans le futurisme. Europe, Paris, 551: 31 mars 1975.

8. Glauco Viazzi - Il futurismo comme organizzazione tecniche e strumenti di gruppo. ES, Napoli, 5: 36-60, set. dic. 1976.

9. É possível consultar na Biblioteca Literária Jacques Doucet (Paris) convites, prospectos-programas, cartazes-propagandas das reuniões promovidas pelo dadá/surrealismo.

10. Antônio Cândido & José Aderaldo Castello - Presença da Literatura Brasileira. São Paulo, Difel, 1964. v. 3.

11. Renato Poggioli - Teoria dell'arte d'avanguardia. Bologna, Mulino, 1962.

12. Ver exposição de método e técnica de pesquisa de periódico. In: - Rosélis O. de Napoli - Lanterna Verde. São Paulo, IEB-USP, 1970.

13. Pesquisa realizada nas bibliotecas Nationale, Arsénal, Jacques Doucet (Paris), da Universidade do Ruhr (Alemanha) de Bristol (Inglaterra) e Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

2. AS TEORIAS SOBRE A VANGUARDA EUROPÉIA.

2.1. Questões de terminologia.
2.2. Conceituação e definição.
2.3. Origem e trajetória.
2.4. A abordagem de revistas literárias da Vanguarda.

"Todas as nossas reformas, todas as nossas reações costumam ser feitas dentro do bonde da civilização importada. Precisamos saltar do bonde, precisamos queimar o bonde".

(OSWALD DE ANDRADE. RA. 14.1.2.4.).

2.1. Questões de terminologia.

A denominação na arte e na literatura do período compreendido entre as três primeiras décadas do século, varia dependendo do país e das características das manifestações. Em algumas literaturas existiu uma rebelião, caracterizada como Vanguarda, aliás, é a partir do início do século que este termo se torna sinônimo de vanguarda artística. Em outras literaturas vigorou o Modernismo ou a Modernidade. Miklós Szabolcsi traça o tempo de vida desses movimentos de rebeldia na Europa, aproximadamente de 1905 a 1938, quando a "(...) nova visão da realidade, o novo código de signos artísticos despontam (...)" [1].

Os historiadores de língua inglesa e eslava agrupam sob o rótulo de Modernismo todas as tendências que se opõem de maneira chocante ao período precedente. A crítica eslava faz o mesmo, em relação ao conglomerado de correntes literárias de tendências diferentes e contraditórias, no domínio ideológico e artístico marcado pela inquietude [2]. Os ingleses entendem por Modernismo, de um modo geral, toda obra que tenta ampliar a capacidade do público para as inovações estilísticas, no começo deste século, resultantes da mudança inevitável da sociedade [3]. Às vezes designam os fenômenos artísticos por seus decênios ou por um acontecimento histórico (os anos 20, o pós-guerra).

Na literatura brasileira, os historiadores denominaram de Modernismo a renovação estético-literária que teve como marco a Semana de 22. Divergem apenas na delimitação de sua duração. Antônio Cândido e José Aderaldo Castello dão como encerrada a sua fase dinâmica em 1945 [4]. Wilson Martins delimita este movimento de renovação entre 1916 e 1945 [5]. Já Alfredo Bosi alarga a definição costumeira dos historiadores e acredita que o Modernismo foi "(...) algo mais que um conjunto de experiências de linguagem". Mas embora estabeleça como marco inicial a Semana, acredita que depois de 30, começa a existir "novo sistema-cultural" [6].

Parte da crítica rejeita os termos Moderno/Modernidade/Modernismo para denominar a movimentação artística ocorrida na primeira metade do século. Um dos motivos é a estreita solidariedade semântica e oscilação tempo-qualidade entre essas expressões e pela confusão provocada quando empregadas solidariamente ou por alternância na linguagem corrente e técnica. O termo Moderno retoma e assume sempre a idéia de novidade apresentando grande afinidade semântica com a noção de novo. Dentro desse raciocínio, Modernismo corresponde à expressão da novidade literária, à transformação da novidade em qualidade, em valor literário [7]. Atribui-se a esta denominação uma série de desvantagens: extrema relatividade cronológica; caráter convencional das divisões; ecletismo do termo, aplicável a qualquer aspecto literário contemporâneo. Szabolcsi pondera que o "Modernismo" encobre as diferenças e contradições entre as várias correntes e tendências [8]. Adrian Marino é contra a propensão de determinadas literaturas usar este rótulo para delimitar "uma época moderna" (o modernismo espanhol, o sul-americano e o anglo saxão), pois acredita que bem antes da famosa "Querela dos Antigos e dos Modernos" (séc. XVIII) existiram muitos modernismos. É nas várias periodizações do modernismo espanhol que Marino encontra pretexto para considerar impossível a demarcação dos limites exatos do Modernismo, ainda que seja em uma só literatura. A exemplo das noções de Moderno e de Modernidade, considera Modernismo o impulso renovador, reformador crítico e polêmico. Propõe uma leitura simultânea das constantes para se examinar outras significações que se encaixam num modelo virtual do Moderno com uma funcionalidade precisa. Discorda também do uso do termo para fenômenos que na realidade se caracterizam como Vanguarda. Marino faz referência muito rápida aos movimentos que eclodiram na América do Sul, inclusive no Brasil [9]. Não se alonga para estabelecer, como o faz Matei Calinescu [10], as diferenças que afastam este Modernismo daquele que aconteceu na Espanha no século passado. A dificuldade alegada em assinalar as fronteiras do Modernismo na literatura, não constitui falha inerente à denominação. Deve-se muito mais à confusão que se faz entre os movimentos da América Latina

e o espanhol, causada pela visão errônea da especificidade dos fenômenos artísticos-literários latino-americanos.

Talvez aqui se verifique aquilo que Zdenco Škreb reclama na crítica literária : falta de termos precisos, de noções sintéticas e padrões para instrumentar o trabalho da investigação [11]. A crítica se defronta com rótulos diferentes e inexatos usados aleatoriamente para denominar fenômenos com características gerais, em diversos países: Modernismo empregado em lugar de Simbolismo, ou no lugar de Vanguarda. Há muito que se refletir para chegar a um denominador comum no que diz respeito a estas terminologias.

Henri Lefèbvre traça a evolução da idéia de Modernidade ao longo dos tempos. Da mesma forma que o Moderno, a noção data da Idade Média e vem acompanhada de conotações de renovação com regularidade. O seu sentido polêmico aos poucos subordina-se à auto-exaltação do "Modernismo" e às preferências "modernas" [12]. Na crítica literária, desde o século XVII, o termo tem peso negativo - desvio da forma antiga, clássica, repúdio de toda a estética velha e conformista. Implica recusa da tradição sob todos os aspectos. Pelo seu estatuto efêmero a idéia de Modernidade institui outra constante: a permanência da não permanência, a constância da inconstância. Modernidade é vista também como um quadro rígido, categoria - forma, clichê de toda a mudança de fórmulas artísticas [13]. Lefèbvre prefere adotar o termo Modernidade em lugar de Vanguarda e de Modernismo. Para ele, Modernismo, fato ideológico-sociológico, é a consciência que as épocas tomam de si; Modernidade a reflexão crítica, a anti- crítica, a tentativa de conhecimento. Propõe o método dialético para tratar da Modernidade, observando as contradições-destruição, auto-destruição - afloradas inicialmente na consciência e filtradas pela linguagem [14].

Louis Aragon também estabelece as diferenças entre essa noções. Entende por Modernidade uma função do tempo, exprimindo a atualidade sentimental de certos objetos com valor

de expressão. Significa a descoberta de um emprego novo que suplante o anterior, ao ponto de esquecê-lo. Modernismo envolve a a aceitação de palavras de ordem concreta; força epidêmica que se propaga enquanto signo do que se passa no mundo, onde nada acontece além do individual. Moderno é o ponto nevrálgico da consciência de uma época [15].

N. Blumemkranz-Onimus analisa o mito do moderno que domina o artista no início do século. A maior preocupação nesse círculo é construir obras que mereçam ser chamadas de modernas, como exemplifica Blumemkranz-Onimus no artigo sobre a revista Soirées de Paris, dirigida em 1913 por G. Apollinaire e que se auto-define "la plus moderne des revues actuelles" [16].

No Brasil, a antropofagia repensa muitas vezes o movimento modernista, O "Moquém" (RA. 16.1.2.3.) é um balanço crítico dos saldos deixados pela rebeldia literária de 1922. Tem-se a partir daí uma noção de como os antropofagistas viram o Modernismo, com um arrolamento dos pontos considerados negativos. De início, reconhecem positivamente a "tentativa de libertação", e como resultado primordial a liberação do intelectual brasileiro de"uma série de cacoetes deploráveis". Embora constatem que os modernistas "significam o anúncio de um mundo novo", acreditam que o movimento resume-se a uma "(...) fase de transição, uma simples operação de reconhecimento e nada mais". As suas falhas são enumeradas nesse mesmo "Moquém" - "(...)não compreendeu nosso caso, não teve coragem de enfrentar os nossos problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma simples renovação estética", e repetem o deslize do movimento "(...) a preocupação estética exclusiva. A nenhuma percepção por absoluta incapacidade crítica (...)Eles não compreenderam que tudo era preciso vir abaixo , (...) a ausência de universo e sobretudo a sua ausência do Brasil". Mas em 1929, conclui o "Moquém",a fase de transição é considerada vencida - "(...) para o canto as ditaduras espirituais. O que vale agora são as dentaduras".

A palavra Vanguarda é ainda hoje muito discutida nas critica literária. À parte as querelas, é uma categoria his

tórica, possibilita à crítica alinhar todos os movimentos extremamente anti-tradicionais em uma classe ampla e única. No estado atual das pesquisas literárias, a solução mais ponderável seria considerar o termo como ponto de interrogação em direção a um exame aprofundado dos fatos históricos no interior de cada literatura nacional, conforme sugerem Zdenko Škreb e Matei Calinescu[17].

Pretende-se fazer a distinção entre Modernismo e Vanguarda, pensando-se na especificidade do movimento brasileiro. Considerar-se-á Modernismo as manifestações que propusessem apenas a inovação formal-conteudística da literatura e da arte. Dentro desse conceito incluir-se-á a fase chamada heróica do movimento e algumas manifestações tardias que mantém o mesmo comportamento (grupo de Festa, o grupo de Graça Aranha e os demais que eclodem nos diversos centros regionais no final da década de 20). Pensar-se-á em Vanguarda ao se constatar a radicalização das conquistas desse Modernismo, ao se verificar as características do conceito de Moderno exacerbadas e os problemas da linguagem explorados em máxima evidência - um contra discurso - [18] contestando a sociedade. A antropofagia de 1928 afasta-se do espírito do Modernismo e se insere na categoria de Vanguarda. É Vanguarda em relação à literatura da época, que reflete a ideologia dominante e conforta a sociedade que a glorifica. Reveste-se de uma tomada de consciência da crise do tempo e por isso intensifica a ruptura marcada por 22. Defende uma estética e uma moral em permanente e descompromissada revolução. Este discurso crítico procura ressaltar o processo que marca o "movimento canibal" no Brasil, transformando-o em literatura de oposição, em relação à produção normalmente recebida. Como explica Jaime Adour da Câmara, "(...)os antropófagos não são modernistas. Para eles se torna plenamente inútil rejuvenescer uma mentalidade que não os satisfaz" [19].

2.2. Vanguarda: conceituação e definição.

Na tentativa de teorização do fenômeno Vanguarda delineiam-se posições conflitantes quanto à conceituação/definição, validade/importância. A posição do marxismo ortodoxo, sobretudo os escritos de Lukács, considera as manifestações da Vanguarda como preconizadoras do caos, do não nacional, do apolítico. Isto é, arte decadente [20]. A polêmica entre os marxistas é constante e acirrada. Em 1922, inicia-se a investida contra a Vanguarda com Abstraktion und Einfühlung de W. Woringer declarando morte à Vanguarda, e data de 1934 a primeira análise de Lukács sobre o expressionismo. O debate nas páginas de Das Wort (1938) incentiva a discussão sobre o realismo social e a arte de vanguarda. Bertolt Brecht recorda como "O debate sobre o expressionismo se transformou logo em uma batalha, aos gritos de viva o expressionismo! E viva o Realismo!" [21]. Posteriormente, a idéia de Vanguarda, como produto exclusivo do declínio da arte burguesa, manifestação do formalismo e do anti-realismo é revista no próprio âmbito da teoria marxista, por ocasião das discussões a respeito ainda da obra de Brecht.

Na análise sobre a revista futurista Voce, Antonio Gramsci reconhece o empenho dos jovens em democratizar a cultura e criar um modo de vida novo; acentua a função autônoma dos intelectuais, enquanto difusores da ideologia e não enquanto críticos [22]. A. Artatov desenvolve a mesma crítica ao considerar o futurismo um fenômeno progressista e revolucionário pelo fato de tentar a democratização da arte [23]. A posição do Gramsci de Os Cadernos do Cárcere é mais tarde modificada na análise geral sobre o movimento futurista. Dessa vez, os futuristas são considerados revolucionários apenas no campo da cultura, sofrem violenta crítica pela falta de caráter e firmeza de seus participantes e pela tendência carnavalesca/burguesa. Mesmo assim, Gramsci continua a insistir, como critério de avaliação, na capacidade de percepção da realidade capitalista demonstrada pelo movimento e na disponibilidade revolucionária e ação subversiva da Vanguarda, ainda que subalternas ideologicamente à burgesia [24]. A análi

lise de L. Trotsky nivela os dois movimentos futuristas (o italiano e o russo) ao criticar a atitude do intelectual burguês subversivo do início do século, pronto para toda a espécie de aventura e ruptura [25]. A maioria dos críticos marxistas rejeita o termo Vanguarda por razões de ordem política, por lembrar as conotações adquiridas durante a stalinismo. Preferem caracterizar a arte de vanguarda de "modernista" [26].

Uma boa parcela da crítica e da pesquisa acadêmica prefere encarar o assunto apenas do ponto de vista artístico. Costuma-se estudar a Vanguarda como um aspecto da Modernidade (Modernidade entendida como um "élan" inovador observado na literatura das primeiras décadas do século). Por esse prisma, a Vanguarda compreende movimentos, ações, geralmente coletivas, reunindo artistas/escritores sobressaindo por um antagonismo radical face à ordem estabelecida no domínio artístico (forma e temas) e no plano geral (político-social) [27]. Outra parte encara a Vanguarda sob um ângulo psicologizante, uma atitude diante da vida, um modo de conceber a existência. Poggioli, por exemplo, pretende a princípio observar o fenômeno como um conceito histórico, mas termina por predominar no seu estudo a preocupação com as forças "instintivas", as "correntes primárias". O seu conceito de Vanguarda é muito amplo, divorcia no entanto a idéia de vanguarda artística daquela de vanguarda política [28]. Juntamente com Škreb [29] faz ressalvas à tendência de certa crítica que se deixa contaminar pelo espírito da Vanguarda, sem conservar o distanciamento crítico necessário à análise das correntes literárias. Recomenda que se procure compreender e justificar a existência do fenômeno dentro de uma tradição dinâmica viva (tradição entendida como um processo de formação, constante criação de novos valores). Encontra as falhas da crítica estética na subordinação da obra de arte às determinações abstratas de caráter técnico formalista. Kibédi Varga [30], apesar de reconhecer a existência de diferenças de ordem nacional, teórica e ideológica, aconselha abandonar essas fronteiras e estudar as vanguardas no seu conjunto. Propõe para isso o exame das circunstâncias históricas que proporcionam o surgimento do fenômeno, e a pesquisa dos "móbiles" de ordem psíquica, social e estética base de toda a ati

tude e de toda a manifestação. Kramer, Noszólopy, Škreb e Szabolcsi se aproximam na conceituação de Vanguarda como um fenômeno de natureza histórica, ocorrendo num período historicamente determinado [31].

A postura teórica mais coerente não limita a análise simplesmente ao ângulo da literatura. Reconhece na origem da Vanguarda conotações de ordem política e sócio- econômica. Explica-a não apenas em termos estéticos, relaciona-a com a estrutura geral da sociedade. Em relação à super-estrutura, a Vanguarda configura-se como fenômeno lingüístico e ideológico;estruturalmente é a resposta do artista às condições da sociedade e à sua situação profissional [32]. O nexo histórico entre Vanguarda e mercadoria permite a E. Sanguineti definí-la desde o início como forma de constestação: ao capitalismo (vanguarda histórica) e ao neo-capitalismo (neo-vanguarda) [33]. Conseqüentemente, a situação histórica força o artista a atuar criticamente perante a arte e a sociedade.

A Vanguarda emerge e se desenvolve junto com a cultura burguesa e se caracteriza pelo antagonismo em relação à ordem dominante. Constitui-se no coeficiente vital desta cultura, atuando conforme a consciência e normas burguesas [34].Sua história é marcada pela convergência/divergência entre as rupturas político-social e artístico-literária. Entre as duas há concomitantemente atração e repulsão, colaboração e conflito. A vanguarda histórica experimenta a aliança com a revolta político-social, afasta-se quando a autonomia ou especificidade do princípio estético é aceita ou combatida por fatores políticos. (Assim sucedeu com o surrealismo). Em duas ocasiões mantém com a política "relações revolucionárias": nos momentos de grande efervescência social e ao desenvolver um programa político-revolucionário (caso específico do futurismo russo). Mas a coincidência entre ideologia de um dado movimento e um partido político é passageira e contingente [35].

Fascismo e comunismo condenam a vanguarda artística. O primeiro pelos efeitos desmoralizadores da nova arte, o

segundo em decorrência do conceito burguês de arte [36]. Para Poggioli e Glicksberg a Vanguarda não consegue sobreviver na proteção/perseguição (mecenatismo oficial) do Estado totalitário ou da sociedade coletiva. Entendem que a hostilidade da opinião pública torna-se útil algumas vezes, mas a intolerância da autoridade política é fatal[37]. O primeiro procura na psicologia a explicação para a aliança do futurismo italiano e do surrealismo francês com o fascismo e o comunismo respectivamente: o espírito de aventura e o elemento niilista atraíram os artistas.

2.3. Origem e trajetória.

> "(...) après le carnage l'espoir d'une humanité purifiée". ("Manifeste Dada", 1918)
>
> "In tutte le nostre lòtte, noi abbiamo sempre agito com la gioia selvaggia di distruggere ma specialmente coll' ansia de riconstruire" (Lacerba, n. 5,1914)
>
> "Deglutir tudo. Construir de novo"
> "Destrói, pois toda a criação vem da destruição". (Marcel Shwob, RA. 13.1.4.2.)

A ação da Vanguarda pauta-se pela agressividade. Leva ao paroxismo a tendência geral de ruptura da arte moderna, tornando-a método essencial e estilo único de existência. A ruptura pela ruptura constitui-se também sua ambigüidade estrutural. E muitas vezes esse espírito de agressividade origina um estilo de violência gratuito, de puro fanatismo. Tem-se o exemplo das investidas dadaístas contra os cubistas e na RA certas críticas dirigidas aos modernistas "dissidentes".

A Vanguarda age sob o duplo signo da afirmação/recusa, da construção/destruição. Esse frenesi destruidor-construtivo identifica a antropofagia com as rebeliões literárias européias do princípio do século. A título de ilustração, confronte-se alguns trechos de documentos antropofágicos com passagens do "Manifesto dadá" e um texto de Aragon, ambos publicados em Littérature: "A antropofagia é a redução a cacarecos dos ídolos

importados para a ascenção dos tôtens raciais (...) derrubada impiedosa de figuras de mera casca literária, sem carne"; dadá propõe, igualmente, Quebrai todos os rostos (...) Leis, morais, estéticas foram feitas para dar o respeito das coisas frágeis(Aragon). Eu destruo as gavetas dos cérebros e aquelas das organizações sociais ("Manifesto dadá", 1918)[38].

A difusão da Vanguarda (suas causas e a forma de realização) provém de fatores variados: mudanças políticas, imigração, guerra (e o conseqüente êxodo dos artistas) e escritores poliglotas[39]. Ao se examinar os motivos que ocasionam o movimento de 22 no Brasil - "O Modernismo se vincula estreitamente a certas transformações da sociedade, determinadas em geral por fenômenos exteriores que vêm repercutir aqui" [40] - verifica-se a ação dos mesmos fatores na expansão da vanguarda brasileira. A guerra, por exemplo, impulsionou o crescimento da indústria, da economia, influiu nos costumes e nas relações políticas. A presença do imigrante atuou tanto no plano material, como no cultural. Há de se registrar a ação do artista imigrante, atuando diretamente no panorama das artes plásticas no início do século - Brecheret e Lasar Segall. No tocante à ação pessoal são importantes as viagens dos artistas e escritores à Europa, como intermediárias das novidades estéticas. Em 1920, chegam ao Brasil John Graz e W. Haarberg e participam inclusive da Semana[41]. Já se ressaltou a importância da viagem de Blaise Cendrars, de Le Corbusier, do Conde Keyserling e do próprio Marinetti ao Brasil[42]. Mais tarde, na vez da antropofagia, Benjamin Péret informa pessoalmente os princípios do surrealismo. A Revista da Antropofagia saúda efusivamente com "foguetes" a chegada do surrealista. E no plano brasileiro, Oswald deslumbra-se com os efeitos da sua visita a Paris: "Onde estavam os Anatole de minha infância? (...) Vi nas exposições, nas conferências, nos círculos de artistas e de intelectuais o que era a Arte Moderna" [43].

A essa lista de fatores expansionistas, acrescente-se o desejo consciente das vanguardas de se organizarem no plano internacional, encontrar adeptos e estabelecer filiais[44].

Pense-se como exemplo na atividade de "viajante-propaganda" de Marinetti, na publicação do primeiro manifesto futurista italiano nas páginas do Le Figaro (1909) e sobretudo na peculiaridade do movimento dadá, eclodindo quase que ao mesmo tempo em vários centros artísticos (Zurique, Berlim, Paris). O "Manifesto dadá" de 1918, assinado por R. Huelsenbeck, confirma a intenção do grupo - "A palavra dadá demonstra a internacionalidade do movimento que não está ligado a nenhuma fronteira religiosa ou profissional. Dadá é a expressão internacional de nosso tempo, a grande fronde de movimentos artísticos, o reflexo artístico de todas estas diversas ofensivas". Em Cannibale depara-se com a advertência, " "Dadá não é francês. Não é alemão, não é de nenhum país. O surrealismo também "(...) não se contenta de ser o meio de expressão de um grupo ou de um país: será internacional, absorverá todos os ismos que dividem a Europa e recolherá os elementos vitais de cada um" [45].

O local de origem da Vanguarda é indiferente, tanto eclode nos países retardatários no desenvolvimento social com economia e civilização estagnadas (Itália, Rússia), como nas sociedades industriais evoluídas (França, Alemanha). Szabolcsi arrola em outras literaturas os procedimentos de contaminação das vanguardas européias, que mais freqüentemente se registram: simples empréstimo; fenômeno independente de toda influência direta; aparição conjunta de várias tendências, modificação de certas tendências e sua incorporação à evolução literária nacional [46]. Elimine-se de antemão para o Brasil a primeira possibilidade. A leitura que se faz do Modernismo como simples re-adequação da superestrutura brasileira à Europa é simplista e redutora [47]. Não importa, se no primeiro instante de 22, e mesmo na época da antropofagia, a tradição, a estrutura da vida literária no Brasil concorreram para que a aparição das novidades recicladas pela Europa fosse tardia. Os próprios vanguardistas locais mostram-se conscientes, Oswald lamenta: "É verdade que estas coisas chegam aqui muito atrasadas" [48]. E os que diagnosticam de simples empréstimo as agitações modernistas no Brasil não levam em conta a natureza do processo de "atualização da inteligência nacional", de assimilação e recriação simultâneas. Recorde-se a lição dos for

malistas russos sobre o modo de produção de novas obras - por contraste frente ao conjunto de obras anteriores e contemporâneas [49]. Lição repetida por Picasso - " Toda obra procede sempre, mais ou menos, de uma outra" [50].

No início do movimento Oswald traça no Manifesto as pistas a serem seguidas: "Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Où Villeigaignon print terre. Montaigne. O Homem natural. Rousseau. Da Revolução francesa ao Romantismo, à Revolução bolchevista à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos". Indica diretamente os elementos da vanguarda européia que sofrem modificações ao serem assimilados no Brasil - "Um incrível destroçamento das boas maneiras do 'branco adulto e civilizado'. O primitivo tremulava nos tapetes de Picasso, em Rouault, em Chirico, que majestosamente criava o surrealismo (...) A mecânica de Léger, a geometria que do cubismo passava ao abstracionismo, revelavam também as artes do primitivo, que nada têm de paisagista nem de agricultor" [51].

Estabelecidos o roteiro e possíveis traços de filiação resta identificar-se a "semiologia das invariantes"entre o movimento europeu e a antropofagia. O mesmo motivo,o mesmo signo, a mesma construção adquire outro sentido, quando recuperados em contexto e sistema significantes diferentes. Observa J. Tynjanov - uma determinada construção pode reaparecer mas com função diversa daquela que existiu anteriormente [52] .Tome-se por exemplo a questão do canibalismo no dadaísmo e no"movimento" antropofágico. Processo idêntico verifica-se na utilização da arte primitiva pelos europeus mencionada por Oswald de Andrade. Para os cubistas e dadaístas redunda-se na exploração do exótico, para Oswald na incorporação da realidade literária. Explica Antônio Cândido que "As terríveis ousadias de um Picasso,um Brancusi, um Max Jacob, um Tristan Tzara, eram no fundo mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles. O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica, nos predispunha a aceitar e a assimilar processos artísticos que na Europa representavam ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais" [53] . Mais radical,

isto é, em dimensão maior é o problema enfrentado pelo peruano J. Mariátegui, para quem a questão do primitivo consiste primeiramente em fator econômico, social e político [54]. Todavia, como se observa em outros países de literatura e cultura diferentes, a vanguarda européia exerce por assim dizer uma influência liberadora e transformadora, ajudando na tomada de consciência dos caracteres próprios. Como mais uma vez esclarece Antônio Cândido, "(...) libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos à tona da consciência literária" [55].

Prosseguindo com os mecanismos de implantação da Vanguarda, registra-se na antropofagia uma síntese de elementos isolados resultantes de diversos movimentos. Verifica-se na RA referências explícitas ao surrealismo, com expressões inclusive de simpatia pelo movimento liderado por Breton - "Não nos esqueçamos que o surrealismo é um dos melhores movimentos pré-antropofágicos. A liberação do Homem, como tal, através do ditado do inconsciente e de turbulentas manifestações pessoais, foi sem dúvida um dos mais empolgantes espetáculos para qualquer coração de antropófago que nestes últimos anos tenha acompanhado o desespero do civilizado (...) depois do surrealismo só a antropofagia" (RA. 11.5.1.1.). Outras semelhanças Oswald identifica como "(...) coincidência de pesagem (sic) com o nihilismo dadá ou melhor com as correntes mais ou menos oriundas de Bergson e de Freud" [56]. Determina ainda as diferenças que separam as duas vanguardas - "Os dadaístas querem, porém, permanecer na treva gagá em que se refugiaram ou daí tatear para um comportamento puramente freudiano. Eu proponho a linha nacionalista que vem da santidade dos cronistas à burrice dos anúncios do Frois" [57]. Apesar de taxativamente negada e repudiada pela antropofagia, aflora aqui e ali a presença futurista. Mas Oswald, antes, avalia a atuação do movimento italiano: "O trabalho da geração futurista foi ciclópico, acertar o relógio império da literatura nacional" [58]. O modo como a antropofagia enfrenta a discussão sobre filiações torna-se claro ao se deparar com a resposta da revista em torno do interesse dos movimentos de fora para a literatura brasileira - "Contra o Ocidente sempre... Mas de braços

abertos para o europeu enojado da farsa européia para o europeu descontente. João Ramalho" (RA. 17.1.2.1.). E Péret, Breton, Tzara - e porque não Marinetti - são os Ramalhos dos anos 20.

2.4. A abordagem de revistas literárias da vanguarda.

Dentre os trabalhos sobre os periódicos da vanguarda italiana do início do século, foram selecionados alguns como exemplo de revisão e revalorização desse tipo de manifestação literária e como metodologia e técnica possível para auxiliar na exegese das revistas literárias do Modernismo.

Savino Palermo em Il Primo Novecento nelle Riviste Fiorentine Lacerba[59] mostra que o novecentos político-literário italiano com suas rebeldias e inovações começa a partir da atuação de revistas diferentes. Il Leonardo de G. Papini, inovadora e pragmática, alarga o horizonte da cultura italiana; La Critica de B. Croce, professando o idealismo renova a filosofia, Il Regno de Corradini desperta o sentimento nacionalista; Voce preocupada com os problemas culturais de um modo geral, e com o incentivo à renovação dos costumes, através da educação. Em torno desses periódicos, luta-se contra a permanência da literatura dos salões e dos círculos do século precedente que ainda perdura até a criação da revista Lacerba por Soffici. Esta pretendia dar á fantasia artístico-literária livre expansão, alcançando várias etapas diferentes de vida, quando se aproxima e diverge do futurismo. O editorial do número de março de 1919 prega a "(...) liberdade absoluta, o risco, a investigação ousada e sem regras, o desprezo por todo o mito, o ateísmo integral, o imoralismo, o cinismo". S. Palermo estuda Lacerba, situando-a, primeiro, no contexto dos outros periódicos da época. Centraliza sua análise na plataforma inicial da revista, na "revolução de todos valores" exigida e finalmente na abordagem do material. O editorial onde estão as coordenadas da revista lembra a um observador brasileiro o espírito anárquico e zombetei

ro da Revista de Antropofagia. Vale a pena confrontar alguns trechos. Explica a revista brasileira: "A antropofagia não faz questão de ser tomada a sério. Esse sério que faz rir, não nos convém" (RA. 13.1.2.1.). Lacerba não tem intenção nem de agradar nem de instruir, nem de resolver com ponderação os mais graves problemas do mundo. O seu objetivo é "(...) liberar o campo da arte e das letras, dos prejuízos da rotina, das prevenções, das incompreensões, das imbecilidades que o infestam" [60]; o da RA em 1929, anuncia-se como trabalho de deglutição dos ídolos falsos que vivem no nosso aparelho intelectual" (RA. 17.1.2.2.).

A amostragem ainda que rápida das propostas de Lacerba leva a pensar na revista e no futurismo como dois movimentos espiritual, literário e politicamente muito afins e a constatar que o encontro dos dois não poderia ser evitado, nem mesmo a cisão como acontece na segunda fase do periódico. Atente-se para a explicação de Papini sobre os motivos da aliança: "Podemos atribuir ao futurismo muitos defeitos - abuso da propaganda, otimismo ingênuo, escolha indulgente dos companheiros, pouca novidade e consistência de fundo doutrinal, etc.. Mas devemos reconhecê-lo, afinal de contas como o único movimento italiano de vanguarda, como o único grupo de coragem para lutar em nome do liberalismo, como o único grupo de intelectuais livre da inércia e da complacência da boa e santa tradição". Papini lucidamente intui os motivos que provocaram a cisão entre os dois movimentos e enumera-os no último editorial da fase futurista: "Esperamos poder dar a este movimento de vanguarda o fundo substancial que faltava; sentimos que este belo lance em direção à novidade e à liberdade não era suficientemente baseado em um pensamento sólido e profundo".

Um outro trabalho dedicado à revista Voce supera aquele de S. Palermo em questão de método e de análise. Letteratura e Ideologia de Romano Luperini [61] discute, em primeiro lugar, os estudos realizados sobre o movimento futurista, em especial aqueles dedicados aos periódicos. Analisa o clima político e cultural que caracteriza a Voce e suas tendências artísticas, crítico-literárias. Na segunda parte cuida dos caracteres da

prosa vociana detendo-se nos expoentes máximos, Scipio Slataper, Piero Jahier, Giovanni Boine, Renato Serra, Carlo Michelstaedter. Em apêndice, realiza um paralelo entre a vanguarda histórica e a neo-vanguarda dos anos sessenta, finalizando com um índice dos nomes surgidos em Voce.

Romano Luperini comenta as várias antologiasde revista que discutem acesamente a validade da experiência literária, político-cultural da Vanguarda. Traça as diversas posições, umas valorizando o desempenho artístico, outras com uma abordagem caracterizadamente ético-político-cultural, que tendem ora a exaltar um determinado escritor e um momento da experiência vanguardista, ora a condenar em bloco toda a problemática das revistas da Vanguarda. O critério empregado nesse último enfoque (o qual conforme Luperini marca o pós-guerra e domina os anos cinquenta) baseia-se fundamentalmente na pesquisa sobre a responsabilidade das revistas, especialmente Voce, e dos seus criadores, no nascimento e na afirmação do fascismo. A crítica que sobrevêm aos anos sessenta, abandona esta postura e dá ênfase à análise marxista sobre o papel e função do intelectual, enquanto ideólogo da burguesia e da crítica dessa ideologia. Uma crítica científica, acrescenta Luperini, de um patrimônio que é expressão dessa classe. Não encontra fundamentos na crítica que privilegia um filão ou outro dessa vanguarda e aponta os riscos da análise exclusivamente do ponto de vista ideológico, repetindo o comportamento destrutivo do passado sem captar a tensão interna, contida no movimento com nuances revolucionárias e anti-burguesas. Busca um caminho crítico mais viável no Gramsci dirigente político. Na análise da criação literária da revista destaca a subversão pequeno-burguesa, exaltada pelo futurismo no seu aspecto artístico, influenciando toda a literatura do início do século. Exemplifica como o método de valorização da tentativa artística e da obra literária deve considerar a capacidade de ruptura expressa na tensão estilística pela qual se exprime o grau de conhecimento da realidade. Ou seja, como o estilo desses escritores, a maneira de conhecer e representar o real, corresponde à destruição, à ruptura expressas sob a forma de disponibilidade experimental, evidenciada pela fragmentação e pelo repúdio de qual

quer estrutura narrativa. Luperini talvez aponte a melhor alternativa para a análise do futurismo e de outros movimentos afins. Nem a posição de exaltação neo-formalista, nem a postura esquemática, ortodoxa daqueles que vêem em Marinetti somente o nacionalista, o pré-fascista, o fascista.

Na década de 20, o futurismo italiano entra em plena decadência; não se produz nenhuma revista digna de interesse, enquanto na França e na Alemanha circula um grande número de periódicos literários importantes ligados à vanguarda histórica. Alguns duram até o final da década, outros são do mesmo período da RA, como Bifur (1929-1930), Manomètre (1922-1928), La Révolution Surréaliste (1924-1929), Le Grand Jeu (1928-1930).

La Révolution Surréaliste apresenta uma seção nos moldes da "Brasiliana" da RA. Uma coleção de tolices recolhidas de jornais sob o título de "Affiche" ("Une veuve inconsolable", "Le desesperé au parapluie", "Le suicide par persuasion"). Além da série de citações disposta esparsamente pela revista, há em comum ainda a seção "Extraits de Presse", reunião de críticas a respeito da revista e do movimento. Entretanto, a RA aproxima-se mais de perto de publicações européias bem anteriores à sua circulação. (A pesquisa limitou-se ao exame apenas daquelas que apareceram na década de 20). Na estrutura, colocação irreverente e cômica dos problemas, espírito anárquico, sátiras aos companheiros, a RA acompanha o comportamento adotado por Le Coeur à Barbe, Projecteur, Cannibale e 391.

A primeira revista, datada de 1922, é construída integralmente por trechos curtos à maneira de citações, assinadas por pseudônimos. Assemelha-se à RA no formato e na blague. Particularmente, a seção "Artichauts Nouveaux" encarregada de troçar dos companheiros não simpatizantes ou mesmo dos próprios colaboradores. Esta revista, em 22 na França, vivencia o mesmo clima vivido em 1928 no Brasil pela RA. Momento de cisão e dispersão do grupo dadaísta e modernista. A mesma atmosfera de disputa e de liderança. Quem deveria ser o líder dessa linha de vanguarda? Tzara, Breton, Picabia? E no Brasil, Mário ou Oswald? Idênti

cas são as apresentações. A revista francesa adverte: "Estas oito páginas no limiar do século vinte vão abrir os olhos dos inúmeros leitores. Le Coeur à Barbe não conterá nem literatura nem poesia". Projecteur, dirigida por Céline Arnauld em 1920, traz o mesmo recado irreverente a instigar o leitor: "Projecteur é uma lanterna para cegos (...) troça de tudo: dinheiro, glória e propaganda". A RA apresenta-se também desafiadora, "Leia sempre esta página (...) Experimente a sua inteligência" (RA. 14.5.1.7.). 391 importa no paralelo com a revista brasileira, pelas peculiaridades estilísticas semelhantes (calemburs, sátiras, aforismas e citações dispostas assistematicamente nas margens), pelos pseudônimos dessacralizadores tipo Picabia - (Ange Gabriel, Saint Joseph, Saint Augustin, Napoléon) - e como Cannibale, pelos panfletos violentos contra os artistas que não aderem a dadá (Picasso e Braque os mais atacados)[62]. Cannibale (1920) apesar de insistentemente tida como inspiradora da RA, a comparação entre as duas revela-se superficial e forçada, talvez influenciada mais pelo título do que pelas características gerais das duas. Como nas demais publicações e aliás em menor intensidade, a aproximação plausível deve-se ao gosto em comum pela dessacralização e virulência das sátiras através de textos curtos, quase fragmentos. Sanouillet esclarece as razões da sua curta duração e das ligações com Picabia. Este achando 391 muito hermética e pouco agressiva, adota Cannibale como alternativa. Parente muito próxima de 391, a nova revista destina-se a ser o órgão mais ou menos oficial do movimento dadá [63].

A natureza de certas publicações da Vanguarda denuncia a intenção de puro revide a gestos discordantes de companheiros, de resposta à plataforma de uma outra revista recém-lançada. Assim parece ser o caso de Le Coeur à Barbe, Projecteur , La Pomme des Pins. Esta última é contemporânea à Semana de Arte Moderna, sua existência se prende aos caprichos de Picabia. Em virtude das discordâncias a respeito da viabilidade do Congresso Modernista organizado por Breton, Picabia auxiliado por amigos resolve em poucos dias imprimir as quatro páginas da La Pomme de Pins. Composta unicamente de sentenças e aforismas bem ao gosto do pintor, propõe fundamentalmente como órgão de apoio do referido Congresso[64].

Da série de revistas dirigidas ou organizadas diretamente por T. Tzara, apenas duas datam dos anos 20 - Bulletin Dada e Dadaphone. As duas são construídas de jogos de citações ou frases curtas, arrumadas ora vertical ora horizontalmente na folha. Nesta última, publica-se pela primeira vez o "Manifesto Cannibale" de Picabia. Um hino niilista a dadá e agressões à seriedade do público ("L'honneur s'achète et se vend comme le cul. Le cul, le cul represente la vie comme les pommes frites, et vous tous qui êtes sérieux, vous sentirez plus mauvais que la merde de vache (.. .) Dada lui ne sent rien, il n'est rien, rien, rien" [65]. O canibalismo tanto neste "Manifesto" como em Cannibale é meramente radicalidade da atitude de blague, de humor, de provocação que norteia as revistas 291 e 391. Na antropofagia a metáfora canibal tem uma semiologia diferente embora com o mesmo tom de blague. Mais abrangente, compreende devoração de todo o repertório cultural, filosófico, alienígena, em busca da identidade e parodiando o procedimento ético do primitivo brasileiro. O mesmo processo acontece em relação à incorporação da arte primitiva pelos cubistas e dadaístas. Na Europa, essa atitude permanece ao nível da exploração do elemento exótico, no Brasil, significa a incorporação pelo literário de uma realidade concreta.

No campo das análises e pesquisas dos periódicos de vanguarda na França, sobressai o trabalho de Michel Sanouillet. Aliás, talvez seja no gênero o único trabalho de peso. Organiza a coleção das revistas dadaístas (Dada (nºs. 1, 2, 3), Anthologie Dada (nºs. 4, 5), Bulletim Dada (nº 6), Dadaphone (nº 7), Dada au Grand Air (nº 8), Anthologie Dada - edição alemã - e Le Coeur à Barbe). Junto à tarefa de planejar a reimpressão, M. Sanouillet e sua equipe apresentam o "dossier" crítico das revistas dadá, compreendendo notas históricas e biográficas, inéditos, correspondências e análise crítica do material. Da mesma forma procede com as revistas 291 e 391 sob a liderança de Francis Picabia. Como Tese de Doutoramento, M. Sanouillet elabora a biografia de Francis Picabia e a história dessas duas revistas de vida longa [66]. A 391, por exemplo, atua antes e depois da guerra até 1924, publicada em Barcelona, Nova York, Zurique e Paris.

Para cada número de 391 elabora-se um aparato crítico, constando de notas biográficas de Picabia, descrição gráfica do exemplar e de notas críticas (variantes, circunstâncias da publicação, pseudônimos). São de grande auxílio ao pesquisador as informações biográficas e históricas entremeadas nessas notas, não só pela variedade de colaboradores como pela sua condição de revista praticamente internacional. A biografia e a história respectivamente de Picabia e de 391 não se restringem à exposição cronológica de fatos. É uma reprodução do movimento dadá e de um extenso período da vanguarda histórica. Retrato de uma época de agitação artístico-literária, marcada pela composição e dispersão de muitos grupos que se diziam dadaístas. O apêndice engloba um conjunto de documentos reveladores de detalhes sobre o movimento, a revista e o seu diretor. (Nesse mesmo volume encontra-se a reprodução de duas revistas pequenas e efêmeras Cannibale (nº 1/2) e La Pomme de Pins (único número).

Na linha seguida por Sanouillet, Elmer Peterson apresenta a Z_1 [67]. Ligeiros dados sobre a atuação de Paul Dermée, diretor da revista, introduzem a série de notas e comentários críticos minuciosos de cada colaboração.

Em "1924-1929: une année mentale", apêndice à edição fac-similar da La Révolution Surréaliste, Marie-Claire Bancquart historia a elaboração da revista e a formação do grupo com informações importantes para o conhecimento do movimento surrealista [68]. Não entra em detalhes de análise do material. Comenta a mudança sofrida pelo periódico durante as diferentes direções e orientação, de 1924 a 1930. Ressalta a preocupação da "matéria mental" em se liberar de toda a referência histórica cultural, com vistas a mudar a vida do Homem pelo recurso à ultralógica, à prática do automatismo, ao exame sistemático do mundo e do sonho. Pelo texto de M.C. Bancquart observa-se como os temas dominantes - o suicídio, a procura de um misticismo voltado para o Oriente - em nada inspiraram a RA. Assinala ainda a tentativa de alteração na linha do periódico, a partir do número 5, quando passa a dominar temas de caráter político, principalmente as discussões sobre a relação entre a arte e a política. Poucos pontos po

deriam ser aproximados às preocupações da revista brasileira, mesmo na fase que coincide com a publicação francesa. Entre eles, a emergência do tema sexualidade (exaltação da liberdade pelo amor) e a atenção dada ao elemento feminino. Mas este último tem um desenvolvimento muito diferente na revista surrealista. Na RA o enfoque do elemento feminino tem uma marca de reinvindicação social. Talvez em virtude das condições sociais diferentes dos dois países. Aqui reclama-se contra a discriminação da mulher ao nível profissional, exige-se a mudança do papel apático representado pelo elemento feminino na sociedade, segundo Oswald, decorrência do sistema patriarcal escravizador. Reinvindica-se além de outras coisas a legalização do aborto. Enquanto que no surrealismo à mulher é reservado um papel mítico, e sua evocação assume muitas vezes um caráter sagrado [69].

François Caradec e François Sullerot [78] realizam um trabalho fora da linha normal dos estudos dedicados às revistas literárias. O primeiro entrega-se à análise do comportamento da tipografia nas publicações dadá. Conclui que a tipografia irreverente de dadá objetiva uma nova forma de leitura pensando em orientar o leitor desprevenido. Mais especialista, François Sullerot limita-se à análise do aproveitamento das técnicas específicas da publicidade comercial pelas mesmas revistas.

- NOTAS.

1. Miklós Szabolsci - L'avant-garde littéraire et artistique comme phénomène internationale. In: - Actes du Ve. Congrés de l'Association Internationale de Littérature Comparée. Belgrade, 1969. p. 318.

2. Maria Bobrownicka - Le courant classique des littératures slaves occidentales et méridionales à l'époque du Modernisme. Neohelicon, Bucarest, 3/4 (12): 67, 1974.

3. William Johnsen - Toward a Redefinition of Modernism. Boundary, 2: 539-56, 1974.

   Peter Faulkner - Modernism. London, 1977. p. VIII-22.

   Stephen Spender - The Struggle of the Modern. London, 1965.

   Harry Moore - Age of the Modern and Other Literary Essays. Illinois, Illinois Univ., 1971. p. 94-100.

   Allan Bold - Modernism in Modern Life. London, The Open Univ. Press, 1975. p. 219-242.

   Peter Ackroyd - Notes for a New Culture: An Essay on Modernism. New York, Barner, 1976.

4. Antônio Cândido & José A. Castello - op. cit., v.3, p.7.

   Antônio Cândido - "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: - Literatura e sociedade. São Paulo, Nacional, 1965. p. 134-135.

5. Wilson Martins - O modernismo. São Paulo, Cultrix, 1965. p. 21.

6. Alfredo Bosi - História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1970. p. 373 e 431.

7. Adrian Marino - Modernisme et Modernité quelques precisons sémantiques. Neohelicon, Bucarest, 3/4: 308-309, 1974.

8. Miklós Szabolcsi - Avant-garde, Néo-avant-garde, Modernité: questions et suggestions. Revue de l'Université de Bruxelles, Bruxelles, 1: 39-38, 1975.

9. Adrian Marino - Moderne et nouveau, approche sémantique-historique. Cahiers d'Études Littéraires, Bucarest, 2: 64-73, 1973.

   Id. - Le Moderne et l'évolution de la conscience littéraire. Diógenes, Paris, 77: 111-132, 1972.

10. Matei Calinescu - Avant-garde: Some Terminological Consideration. Year Book of Comparative and General Literature, Bloomington, 23: 74, 1974.

11. Zdenko Škreb - Valeurs scientifique du terme 'Avant-garde' en littérature. Neohelicon, Bucarest, 3/4: 299-306, 1974.

12. Henri Lefèbvre - Introduction à Modernité. Paris, Minuit, 1962. p. 169-189.

13. Adrian Marino - Modernisme et Modernité quelques precisons sémantiques. loc. cit., p. 308-309.

14. Henri Lefèbvre - op. cit., p. 169-189.

15. Louis Aragon - Introduction à 1930. La Révolution Surréaliste, Paris, 12: 57-64, 1929. (ed. fac-similar, Paris, Jean-Michel Place, 1976).

16. Nöemi Blumenkranz-Ominus - Les Soirées de Paris ou le mythe du Moderne. In: - Brion-Guéry, L. org. - L'année 1913. Paris, 1971. v. 2, p. 1097.

17. Matei Calinescu - op. cit., p. 74.

Zdenko Škreb - op. cit., p. 300-306.

18. Michel Foucault - As palavras e as coisas. Lisboa, Portugália, s.d.

19. Jaime Adour da Câmara - Antropofagia: revolta da sinceridade recalcada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 ago. 1957.

20. Georg Lukács - Realismo crítico. Brasília, Coordenada, 1969.

László Illés - "Vieilles querelles sur l'Avant-garde". In: - Littérature hongroise-littérature européenne. Budapest, 1934. p. 449-72.

21. Bertolt Brecht - Scritti sulla letteratura e sull'arte. Torino, Einaudi, 1975. p. 171-176.

22. Antônio Gramsci - Letteratura e vita nazionale. Torino, 1954.

23. B. Artatov - Arte, produzione e rivoluzione proletaria. Firenze, 1973. p. 124-130.

24. Antonio Gramsci - Scritti politici. Roma, 1967. p. 532-536.

25. Léon Trotsky - "Le Futurisme". In: - Littérature et révolution. Paris, 10/18, 1964. p. 145-185.

26. Matei Calinescu - op. cit., p. 67-78.

27. Jean Weisgerber - Mines et contre mines aux avant-postes. Revue de l'Université de Bruxelles, Bruxelles, 1: 3-9, 1975.

28. Renato Poggioli - op. cit.

29. Zdenko Škreb - op. cit., 300-306.

30. A. Kibédi-Varga - Raisons d'avant-garde. Revue de Littérature Comparée, Paris, 44: 561-571, 1975.

31. Hilton Kramer - The Age of the Avant-garde. New York, 1973. p. 3-19.

George Noszólopy - The Embourgeoisement of the Avant-garde Art. Diógenes, Montreal, 67: 83-108, 1969.

32. Elio Pagliarini - Per una definizione dell'avanguardia . In: - Grupo 63: critica e teoria. Milano, Feltrinelli, 1976. p. 338-343.

Angelo Gugliemi - "Avanguardia e sperimentalismo". In: - Grupo 63: ed. cit., p. 328-334.

Fausto Curi - Perdita aureola. Torino, Einaudi, 1977, p. 251--261.

33. Edoardo Sanguineti - Ideologia e linguagem. Porto, Portucalense, 1972. p. 63.79.

34. Hilton Kramer - op. cit., p. 3-19.

35. Adrian Marino - Essai d'une définition de 1'Avant-garde. Revue de 1'Université de Bruxelles, Bruxelles, 1: 78-89, 1975.

36. George T. Noszólopy - op. cit., p. 83-108.

37. Renato Poggioli - op. cit.

Charles Glicksberg - The Literature of Commitment. London, Bucknel, 1976. p. 29-30.

38. Oswald de Andrade - Entrevista. O Jornal, Rio de Janeiro, 18 maio de 1928.

Tristan Tzara - Lampisteries précédées des sept manifestes dada. Paris, J.J. Pauvert, 1963. p. 27.

39. Miklós Szabolcsi - op. cit., p. 38-63.

Id. - L'avant-garde littéraire et artistique comme phénomène internationale. loc. cit., p. 317-334.

40. Antônio Cândido & José Aderaldo Castello - op. cit., p. 7-9.

41. Marta Rossetti et alli - Brasil: 1º tempo modernista 1917--1929: Documentação. SãoPaulo, IEB-USP, 1972. p. 434.

42. Aracy Amaral - Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo, Martins, 1970.

Maria Eugenia Boaventura - Movimento Brasileiro: contribuição ao estudo do Modernismo. São Paulo, Cons. Estadual de Cultura, 1978.

43. Oswald de Andrade - Obras completas. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1972. v. 6, p. 191.

44. Nites Feres - A aurora de arte no século XX. São Paulo, 1972. Mimeogr. (Tese de Dout., Dep. de Lingüística e Línguas Orientais, Fac. Fil. Let. Ciên. Hum., USP).

45. Raoul Hausmann - Courrier Dada. Paris, Lorsfeld, 1958.

Cannibale, 2: 8, 1920.

46. Miklós Szabolsci - op. cit., p. 317-334.

47. João E. Weber - Do Modernismo à nova narrativa. Porto Alegre, Movimento, 1976. p. 13-19, 63-71, 77-83, 87-93.

48. Oswald de Andrade - op. cit., p. 191-192.

49. Victor Sklovskij - Teoria della prosa. Torino, Einaudi, 1976.

50. Apud Pierre Cabane - Le siécle de Picasso. Paris, 1975. t. I, p. 281.

51. Oswald de Andrade - op. cit., v. 6. p. 192.

52. Jurij Tynjanov - "Dostoievski e Gogol", In: - Avanguardia e tradizione. Bari, Dedalo, 1968. p. 135-172.

53. Antônio Cândido - op. cit., p. 244.

54. José Carlos Mariátegui - Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo, Alfa-Omega, 1975. p. 244.

55. Antônio Cândido - op. cit., p. 143.

56. Oswald de Andrade - op. cit., v. 10. p. 45.

57. Ibid., p. 48.

58. Id. Obras completas. ed. cit., v. 6, p. 5-10.

59. Savino Palermo - Il primo Novecento nelle riviste fiorentine Lacerba. Napoli, Dehoniane, 1974.

60. Lacerba, Firenze, 1 fev. 1913.

61. Romano Luperini - Letteratura e ideologia nel primo novecento italiano. Pisa, Pacini, 1973.

62. 391. 12: 2,5; 15: 5 (ed. fac-similar, Paris, Le Terrain Vague, 1960).

63. Michel Sanouillet - Francis Picabia et 391. Paris, Lorsfeld, 1966. p. 180-218.

64. Ibid., p. 221-223.

65. Dada (réimpression intégrale et dossier critique de la revue publiée de 1916 a 1922 par Tristan Tzara, Nice, Centre d'Études du XXe. siécle, 1978). Série patrocinada por este Centro; precede as reproduções de Proverbe (dirigida por Paul Éluard) e Z_1 (direção de Paul Dermée).

66. Michel Sanouillet - op. cit.

67. Z_1 (réimpression et dossier critique de la revue de Paul Dermée. Nice, Centre d'Études du XXe. siécle, 19770:

68. La Révolution Surréaliste. loc. cit.

69. Gérard Durozoi & Bernard Lecherbonnier - O surrealismo. Coimbra, Almedina, s.d. p. 206-213.

70. François Caradec - Dada sans/avec paragon. Cahiers de l'Association Internationale pour l'Étude de Dada et du Surréalisme, Paris, 3: 51-62, 1969.

François Sullerot - Des mots sur le marché. Cahiers de l'Association Internationale pour l'Étude de Dada et du Surréalisme, Paris, 3: 63-69, 1969.

3. A VANGUARDA ANTROPOFÁGICA.

3.1. Como os antropofagistas leram e recortaram livros, jornais e revistas.

3.2. A paródia e o cômico.

"Esta crise que todos reconhecem não é crise. É a morte de um certo espírito, de uma certa cultura. Tomemos a palavra "cultura" como conjunto de relações que assinalam uma certa fase da história. Estamos diante de um novo espírito, de uma nova cultura. Estamos em face dos tempos novos. No limiar do que chamo de cultura de liberdade".

OSWALD DE ANDRADE - O êxito na terra substitui a esperança no céu. Diário Carioca. Rio de Janeiro. 12 out. 1947.

3.1. Como os antropofagistas leram e recortaram livros, jornais e revistas.

Na análise da Revista de Antropofagia, preferiu-se adotar o termo redação ou grupo com relação ao sujeito da escritura, ao invés de se referir a cada autor em particular. O texto da revista é tratado no seu conjunto, como um trabalho coletivo. Cada texto em particular é visto segundo a perspectiva de Michel Butor, de obra individual - nó que se produz no interior de um tecido cultural, onde o indivíduo não se encontra absorvido, mas manifestado, e representa um momento desse tecido cultural [1]. A tática sugerida por Butor facilita enfrentar o problema dos pseudônimos e da estrutura do periódico (colagem, citação, paródia). Além de ajustar-se às pretensões de encarar a publicação como a obra representativa por excelência do programa antropofágico.

A que tipo de público se destina a principal produção do grupo? Antes de tentar definir o público, é conveniente distinguir o leitor da época e o atual (quase que restrito a pesquisadores universitários). Essa separação implica no reconhecimento de dois níveis de leitura histórica e socialmente diferentes. Na primeira fase, a tiragem da revista é restrita. Embora conste na primeira folha o preço de 500 réis, talvez não tenha sido vendida, limitando-se à distribuição entre escritores e artistas ligados ao grupo. O formato original tem uma apresentação tão simples como se fosse apenas para circular entre companheiros. Entretanto, esse formato não é uma exclusividade; o mesmo sucede com outras publicações literárias importantes dentro da história da Vanguarda (Projecteur, Z_4, Proverbe). Nessa primeira fase o público da RA é a"elite intelectual moderna" [2]. Um grupo sem base social uniforme, igual a todo público da arte de exceção, caracterizado por Paul Valéry como agrupamento espontâneo, social e geograficamente indeterminado [3]. Quando o periódico começa a circular nas páginas do Diário de São Paulo (agosto de 1929), amplia forçosamente seu público. Passa a ser lido ou pelo menos conhecido pelo leitor de um jornal de grande circulação; "(...) daí principia a 'antropofagia' a atuar diretamente em quase todas as classes sociais. Co

meçou a atuar porque apareceu a reação. Reação clerical, reação burguesa, reação de 'literatos' (...)"[4]. Todavia,dura pouco a convivência com esse grande público, que pelas circunstâncias histórico-sociais brasileiras é muito mais dominado por uma elite social - a burguesia e a classe média. A irreverência da revista irrita os assinantes, que a pretexto de pressionar a suspensão da publicação antropofágica, passam a devolver os exemplares do Diário -"(...) a antropofagia se mostrava completamente imprópria para entrar nos lares" [5].

A mudança para o jornal provoca algumas modificações na revista, incrementadas pela substituição da direção e liderança. Nessa nova fase, alguns artigos (a série "De antropofagia" e os "Moquém") parecem perseguir uma orientação didática, apesar de radical, no sentido de esclarecer o público sobre a programática da antropofagia, esboçada na primeira fase. Repetem-se com insistência muitas das idéias chaves do texto básico - o "Manifesto antropófago" - a título de refrão, sublinhando o parentesco entre as duas fases. Observa-se também o cuidado sistemático em alertar o leitor para a situação da literatura brasileira oficial. Autores tradicionais, de grande público, sofrem um processo de ridicularização e demolição. Não se contentam em esclarecer o público sobre a "falsa literatura", procuram sacudi-lo do estado de torpor,decorrente dos preconceitos morais e sociais impostos pelas classes dominantes e por seus sistemas ideológicos. À medida em que se detalha a análise da segunda etapa, percebe-se que os antropófagos de 29 já enxergam um outro Brasil, diferente daquele que Alfredo Bosi detecta no início do Modernismo -"(...)um Brasil cujas contradições se resolviam magicamente no reino da palavra poética" [6]. É que se aproxima 30, época de crise, de conflitos políticos e sócio-econômicos agudos quando"(...)oBrasil histórico e concreto, isto é, contraditório, seria objeto de um novo realismo e de uma literatura política" [7].

Examinando-se a seqüência das revistas literárias modernistas no Brasil, constata-se o aspecto tradicional

da maioria (mesmo a Klaxon com suas inovações gráficas). Parecem continuar com a linha de publicações de poucas ousadias estéticas de fim de século. Sendo assim, a RA ultrapassa a expectativa do público acostumado a estas publicações. Nessa seqüência de periódicos, a sua forma é nova; tanto substitui a estrutura antiquada de periódico, como introduz na discussão dos problemas brasileiros uma visão diferente. Pense-se nas revistas do mesmo período - a espiritualista Festa e a nacionalista Movimento Brasileiro. Nessa última, o assunto em pauta nos editoriais (o pacto Kellog, a imigração, o conflito Bolívia-Peru, a língua portuguesa) coincide com alguns tópicos levantados pela RA. Na revista de Graça Aranha, a exposição dos problemas é meramente informativa e ufanista, enfadonha às vezes de ler, além da insistência em justificar as contradições e o atraso brasileiros pela velha desculpa de "país novo" [8]. A publicação antropofágica traz à tona, breve e ludicamente,o debate, onde o tom de troça e humorístico da linguagem concorre para desmistificar e ridicularizar assuntos considerados sérios. Substitui a carranquice do editorial jornalístico e acontece abordar temas nada familiares a uma revista literária pelo menos da época (afora a crítica à sociedade, propostas de legalização do aborto, do divórcio e de substituição do sistema de propriedade privada), numa linguagem nova. As suas características inovadoras, na segunda fase, prendem-se também ao espaço de impressão do seu material: a página de jornal. O discurso da colagem e citação que molda a publicação tem na folha de jornal grande respaldo. E a revista sabe explorar todo o poder de dinamicidade que esse modelo oferece à escritura em transformação do início do século [9].

Inspirando-se em Isadore Ducasse e Alfred Jarry, a literatura européia dos anos 20 mostra novo interesse pela prática intertextual. Depois da primeira guerra, repõe em circulação este procedimento, sendo responsável inclusive pela divulgação do termo colagem. A RA, acompanhando as propostas

de atualização da linguagem da vanguarda histórica, evidencia-se como um emaranhado de textos soltos, aparentemente perdidos no espaço, como se lançados por força do acaso. Como muitas outras revistas européias da década, a sua estrutura assemelha-se aos quadros-colagens, aos "papiers-collés" criados com os cubistas (Picasso e Braque) e radicalizados nos quadros dadaístas (de Picabia, nos "ready-made" de Duchamp). Uma grande montagem onde se misturam textos de vários autores e épocas por meio de diferentes procedimentos. Além da paródia, a colagem e a citação peculiarizam a linguagem da revista.

É extremamente difícil traçar os limites entre a colagem e a citação. Algumas vezes os dois procedimentos se confundem. Sobretudo quando a citação é destituída do seu sentido tradicional - meio pedagógico, sinal de erudição, adorno, etc., como no caso da revista em estudo. Neste texto, a citação é desvio em relação à norma. Consubstancia-se como forma de atualização, de crítica e de apreensão da realidade moderna. Para Louis Aragon, a colagem consiste em introduzir no que se escreve um texto alheio, ou qualquer anotação da vida cotidiana. A inserção de um pensamento já formulado, no seu entender,não tem o valor de reflexo, mas de ato consciente,planejado. Assim, toda a citação pode ser tomada como colagem [10]. É justamente o que propõe em outros termos a crítica inspirada na teoria de Bakhtine[11]. As citações, mesmo quando mantidas as aspas, configuram-se como intertexto, observa Leila Perrone-Moisés [12]. O grupo belga μ também unifica as duas práticas - na medida em que são seleção de elementos pré-existentes produzindo uma tonalidade original por meio de rupturas variadas [13].Já Jean-Pierre Morel considera inadequada a aplicação do termo colagem na literatura, prefere falar em montagem [14]. A prática da citação como intertextualidade ganha recentemente análise sistemática. Antoine Compagnon estabelece e estuda seus vários mecanismos, mostrando a sua transformação através dos tempos. Todavia, não faz distinção clara entre colagem e citação[15].

Outros críticos insistem em perseguir a sutileza da diferença entre os dois procedimentos. Henri Béhar [16] é de opinião que a citação tem funcionamento oposto ao da colagem. A primeira serve de testemunho, não se integra ao texto, utiliza-se de marcas verbais ou gráficas. Já a colagem se caracteriza como confusão. A análise da RA vem comprovar contudo que quase sempre as duas práticas se integram perfeitamente no novo contexto e muitas vezes a citação aparece inteiramente desprovida dos artifícios tipográficos. Comprova também que a impressão de confusão provocada é apenas superficial. Considerando a literatura de vanguarda dos anos 20, a colagem resume-se na expressão metalinguística designando diferentes práticas semióticas, com o empréstimo completo ou parcial de elementos pré-existentes, inalterados ou transformados[17]; a citação numa porção semântica designada para exercer certa função em uma nova e estranha estrutura [18]. Na RA denominar-se-á colagem toda introdução, a título de parte integrante, no texto do periódico de elementos emprestados de outro sistema significante. Englobar-se-ão estas duas práticas (colagem e citação) sob a etiqueta única de colagem, conforme orientação de Aragon [19].

Além de contribuir com exemplos práticos (em romances e poemas) Louis Aragon revela-se preocupado em esboçar uma teoria sobre a colagem na literatura. Com exemplos da literatura de vanguarda, estabelece as fontes e a classificação da colagem literária, formulando uma espécie de gramática dos variados procedimentos e exercícios. Em geral, delimita duas categorias: a colagem pura e a colagem sob a forma de reescritura. Com base nessas amostras define quatro diferentes grupos: a colagem cubista, a colagem dadaísta, a colagem surrealista e a colagem política. A cubista distingue-se pela intenção puramente realista, predominando o aspecto referencial de material muito rudimentar; a dadá, distingue-se pelo aspecto semântico e sua sintaxe é aquela do acaso ou do objeto pré-existente; a surrealista destaca-se também pelo aspecto semântico, mas o "significado" resulta do arranjo dos elementos produzi

dos pelo artista, a sua sintaxe é manifestação de um automatismo psíquico; a realista, corresponde à colagem fotográfica, de intenções metafóricas e significação política.

A colagem antropofágica, sob o aspecto geral, classifica-se como colagem "pura", na definição de Aragon; isto é, aproxima-se do mecanismo de simples recorte dos "papiers collés". Acrescente-se a isso a quantidade razoável de auto-colagens, de colagens sem identificação, além dos empréstimos imbricados nos textos individuais dos colaboradores efetivos. (De início, a análise se detém apenas nos fragmentos da macro-estrutura da revista). Do ponto de vista da autoria, os empréstimos podem ainda ser reagrupados em textos de autores:

- admirados e consagrados que defendem postulados simpáticos à antropofagia;
- que divergem e discordam das idéias do grupo, embora tenham algo em comum com o discurso antropófago;
- duramente criticados pela RA, cujos extratos contrastam com o pensamento antropófago;
- desconhecidos mas que divulgam problemas de interesse;
- textos sem referência;
- auto-citações.

A anexação do empréstimo efetua-se geralmente na revista pelo uso da referência e pela integração / assimilação (também chamada para-colagem ou para-citação). Por meio dessa roupagem recorre ao discurso da história e da sociologia ou mesmo a um texto literário qualquer. Assume posições ajudadas pela voz de especialistas. O texto alheio integrado identifica-se com suas intenções, transforma-se em texto antropofágico; apodera-se das idéias da tradição, tornando-as convicção e opinião próprias. Em relação ao primeiro modo de incorporação, as indicações tipográficas não são fornecidas na íntegra. Casualmente, acontece mencionar-se o autor, algumas vezes, a

crescenta-se o título da obra e raramente se fornece a página e a edição. A apropriação envolve dois aspectos diferentes: textos tomados para representar o papel desempenhado no original; e os elementos que transplantados passam a exercer um outro papel absolutamente diferente. Nos dois casos, a colagem passa a falar em nome do novo texto (adquire assim dupla voz: a sua e a do estranho), tem sentido modificado a começar pelo ato do deslocamento, com simultâneo esfacelamento e a produção de outro texto. Todavia, o sentido primeiro da palavra citada não é eliminado radicalmente. Sobrevive à citação. Apesar da desintegração/integração persistem traços indiciais de origem, isto é, consegue-se sempre no final delinear as fontes [20]. Processo de reconhecimento que principia no próprio ato consciente da seleção. A escolha (o tipo de mensagem selecionada, a maneira de seleção) traduz a recepção da cultura, da época. O rastreamento das colagens dá as pistas para o estabelecimento dos textos precursores da antropofagia e indica como os antropofagistas selecionam, redigem e interpretam o seu passado e a literatura brasileira anterior.

A revista antecipa-se em esclarecer ao leitor os objetivos do empréstimo. Geralmente introduz o texto em uma seção ou coluna especial, cujo título sugere as intenções da colagem. O título acrescentado corresponde a uma reescritura crítica, definindo de antemão o tipo de leitura realizada no momento da seleção. É um indicador do contexto no qual deve ser lido o extrato. Tomar-se-á cada tipo de empréstimo separadamente de acordo com o agrupamento temático: a) antropofagia, b) índio, c) raça/negro, d) família, e) lógica e moral, f) Sade, g) religião, h) provérbios e surrealismo, i) resenha, j) "bestiário".

a) antropofagia

A série de fragmentos que discute a antropofagia é inaugurada com citações de Hans Staden, já na primeira fase (RA. 1.1.4.1.), continuando no segundo período (RA. 13. 1. 1.3.). A maior parte destes empréstimos compõe seções especiais:

1) seção os "Clássicos da antropofagia" - recortes de Jean de Léry (RA. 12.1.4.5.) e Montaigne (RA. 12.1.4.6.). Para- citações transformadas em colaboração e absorvidas pela estrutura geral da revista. Não apresentam marcas indiciais de repetição. Os autores são forçosamente colocados como participantes. A primeira inserção comenta a prática antropofágica entre os selvícolas, enquanto Montaigne entusiasma-se com a robustez do índio brasileiro, que morre de velhice sem contrair doenças, em conseqüência do modo de vida "(...) sereno, simples, inocente, sem lei, rei ou religião".

É significativa a seleção de textos de Montaigne. Primeiro, pela coerência temática, Montaigne no cap. XXX, l. 7 dos Essais refere-se ao canibalismo do primitivo brasileiro "como a ciência ética das tribos". Depois, pelo fato de moldar seu discurso a partir de citações. Pesa ainda, a situação dessas citações em relação à problemática do signo no século XVI. Apresenta-se contrária à ética clássica da escritura, contestando a autoridade e a tradição [21]. Os Essais, de onde parece recortada a passagem, são um texto de citações astuciosas e derrisivas. Como bem mostra Compagnon, Montaigne costuma omitir o nome dos autores citados, com o intuito claro de lograr o leitor e troçar dos nomes consagrados. A revista faz às vezes de Montaigne, nivela o fragmento ao discurso antropofágico, tanto pela absorção do autor, como pela ausência de qualquer sinal demarcativo ou tipográfico. Também não menciona o lugar de origem da inserção, numa forma de provocar a reconstituição da mensagem pré-explorada. Essa passagem de Montaigne é remanipulada em um dos "Moquém" (RA. 15.1.2.2.).

Diferenciado pelas aspas, participa ainda da seção um trecho do historiador português que "viu o Brasil sem os portugueses", precedido de observações exaltando a perspicácia das suas análises. Trata-se da interpretação de Oliveira Martins sobre o sentido e a evolução da antropofagia entre os selvagens. Texto básico da literatura antropofágica. O próprio nome da seção - "Clássicos da antropofagia" - enfatiza o caráter documental de apoio à teoria do grupo (RA. 17.1.3.1).

2) Seção "Românticos da antropofagia" - é constituída de componentes bastante heterogêneos. Simmel (RA. 11.1.4.7.) denuncia as relações egoístas, antropofágicas (no sentido pejorativo que este termo possa ter) entre os homens. Insatisfeitos com a posse mecânica partem para a apropriação espiritual. O empréstimo, prova de apoio, forja comparações com a teoria da antropofagia. Bossuet é relido para lembrar a natureza antropofágica da relação amorosa - "Os amantes se comem, se devoram"(RA. 17.1.4.6.). A colagem vem normalmente entre aspas, porém, ganha título engraçado, "Bossuet antropófago".

3) Seção "A antropofagia em marcha" - (comparece em três números) colagem de jornais estrangeiros, montada para divulgar ações atuais de antropofagia. Forma uma rede de textos alheios, limitados por aspas. São textos de diferentes facetas estilísticas e ligados apenas pelo laço semântico: "L'avenir anthropofagique" - Marcel Boulanger, Le Figaro (Paris, 23.05.29), (RA. 23.1.3.4.); "Cannibales" - Bernard Lecache, Paris Le Soir (2.05.29), (RA. 23.1.3.6.); "Le Procés des anthropophages soulève une émotion considérable" - Volonté, Paris (23.05.29), (RA. 23.1.3.5.); "Cannibales" - René Gentil, Paris, Journal Excelsior, (RA. 25.1.3.3.); Uma nota sem título, Comoedía de Paris, (RA. 24.1.3.1.); "Problème d'actualité - Peut-on manger de l'homme", Progrés du Nord, Paris, (RA. 24.1.3.2.).

Dentro dessa temática constrói também colagens esparsas com a finalidade de: 1. comentar o simples costume do

canibalismo existente ainda entre tribos selvagens(RA.24.1.3.2.); 2. divulgar o uso da carne de cadáver de recém-nascido como terapêutica para curar doença grave (RA. 12.5.1.2.); 3. noticiar o recurso à carne humana forçado pela fome (RA. 24.1.3.1.) ; 4. recorrer à uma história qualquer para enaltecer os resultados da antropofagia, como o diálogo entre o bandido Tchê e Confúcio:"(...) a devoração do Tabu, quando praticada no plano real restitui ao homem uma dignidade e um sentimento de vida nunca atingido (...)".Por intermédio deste trecho, a RA assume na voz de Tchê a crítica à opressão, à engrenagem administrativa e à tendência comum em distinguir o bem do mal, o lícito do ilícito (RA. 11.1.3.1.).

Na primeira fase o exercício da colagem é mais acanhado. As citações ainda que em disposição privilegiada na página (sempre a primeira) comportam-se timidamente. As inserções destacam-se pela organização visível, recorrendo a diferentes efeitos de "mise en page" e no corpo de impressão. Sobre a antropofagia o exemplo típico é o recorte da definição de Fr. Domingos Vieira do Grande Dicionário Português: "A antropofagia é uma espécie de aferração mental quando se dá no homem civilizado" (RA. 2.1.4.1.).

A revista, aos poucos deixa de ser, como certas manifestações do Modernismo, apenas literária. A posição de Oswald de Andrade, líder do grupo, revela-se antagônica à daquele Oswald boêmio do início do movimento de 22. Começa ainda que timidamente a diferençar-se da mentalidade comum da inteligência brasileira que traduz a perpétua e velha atitude de indiferença das camadas senhoriais, perante a miséria material da "plebe" [22]. É sintomático esse amadurecimento pela escolha,por exemplo, de um texto de Marx incorporado à segunda fase. A partir dele, a antropofagia define a sua compreensão do papel do intelectual: "Se nossa tarefa não consiste em construir o futuro é fora de dúvida que ela deve ser uma crítica sem piedade de nos

sa parte à ordem existente, sem piedade no sentido de que não devemos recuar ante suas próprias conseqüencias e também no sentido de um possível confronto com os poderes atuais. É por isso que não sou de opinião que devamos levantar a bandeira dogmática, ao contrário, devemos tentar ajudar os dogmáticos a esclarecer seus próprios princípios"(RA. 21.1.4.1.).

No "Manifesto", o ataque ao sistema esboçado por Oswald de Andrade é muito mais via Freud. Marx só aparece, na antropofagia, nas colagens da segunda fase. Oswald, neste tempo, pensa atingir os pontos deficitários da sociedade pelo cadastro feito por Freud - "O instinto acima de tudo". Busca solução na "antropofagia carnal" para todos os males identificados por Freud. É visível o deslumbramento diante das recém-chegadas informações sobre as experimentações e descobertas freudianas - "Contra a realidade vestida e opressora - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama (...)". O contacto do grupo com as pesquisas de Freud talvez tenha sido através do surrealismo. E Freud começa a ser conhecido por Breton a partir de 1921, quando suas obras são traduzidas para o francês[23]. Através das páginas de L'Esprit Nouveau, os modernistas possivelmente travaram contato com muitas teorias da psicologia em voga na época (Ribot, Surbled) [24]. O engajamento efetivo em organizações marxistas se concretiza para alguns, depois da extinção da revista, mais precisamente a partir de 30[25]. Contudo, ocorre a separação política dos modernistas em 1928,"(..)quando o sr. José Américo de Almeida mostrou a senda nova do romance social, se tinha já dividido em vendavais políticos os grupos saídos da semana"[26].

Por volta de 1925, o surrealismo esforça-se para se aliar ao partido comunista com vista à luta pela libertação do homem [27]. Marxismo, surrealismo e antropofagia coincidem no desejo de lutar pela melhoria das condições de vida. Os meios empregados divergem substancialmente. Enquanto os marxis

tas partem da reflexão racional e científica sobre a história, os artistas de vanguarda tomam como ponto de partida a revolta pura, a emoção violenta. Os surrealistas defendem a autonomia da arte ("Manifesto", 1924) e recusam a transcendência da matéria, da história, da sociedade. Diametralmente oposto ao pensamento marxista, confirmam a fé na inspiração e na alquimia dos sonhos[28]. Por sua vez a antropofagia, especialmente no "Manifesto", teima em interpretar as lutas de classes como "(...) uma exacerbação cristã da idéia antropofágica. Os homens se comendo em série".

A tentativa de aproximação da Vanguarda com alguns movimentos políticos pode também ser explicada de outro modo. Pela situação paradoxal, o processo de ruptura e insurreição da Vanguarda termina em negação e mais tarde em afirmação. Afirmação e construção na medida em que a meta é a liberação total. Liberação da sociedade, da história e da cultura oficiais para daí surgir o homem livre, cujo primeiro passo foi dado no nível da linguagem. Este objetivo final das vanguardas - liberação e transformação da existência - aproximam os dois movimentos: o político e o estético. A esquematização de um homem livre ou homem novo é tentada por quase todas as vanguardas, até mesmo as mais atuais. Dentro da perspectiva de antecipação e projeção no futuro (presente também em quase todos os movimentos) sobressai a idéia de um homem purificado, inocente: o tipo idealizado para fazer parte da nova sociedade. Para alguns é um personagem utópico, irreal, para outros, como Brecht, o homem novo se exprime em termos políticos: é um membro de um partido revolucionário. Para Oswald de Andrade este tipo é o antropófago, o bárbaro tecnizado, o "homem do Equador".

b) Índio

"É preciso constatar que todos os povos civilizados conduziram-se para com os naturais dos países descober

tos com a mesma ferocidade... A maneira humana e assassina com que os europeus lutaram contra esses povos e que deixou longe toda a selvageria dos mesmos, nos conduz a uma conclusão antropológica que não é de pouca importância: O abismo que separa o civilizado do chamado selvagem não é tão grande como parece..." (O trecho grifado está em negrito na RA. 12.1.4.4.).

A transcrição do trecho de Gerland serve para introduzir a discussão dos empréstimos sobre o índio e o negro. E propositadamente, enfatizar o novo enfoque imprimido pela RA às análises do período colonial e da colonização portuguesa, baseados no sistema escravista e mercantil.

A coluna "Documentos antropofágicos"(RA.26.1.3.12.) montada com um recorte da Gazeta de São Paulo, noticia a incorporação do selvícola à sociedade, resultando na pacificação de 10000 índios. Discute a validade desta integração e questiona os limites entre selvageria e civilização, no entender do articulista difíceis de serem traçados. Perplexamente, teme-se que o índio perca os caracteres originais e adquira os vícios da civilização ocidental corrompida. Texto atualíssimo hoje, quando se tenta dar o último golpe, com a emancipação, no que há de remanescente indígena. Razoavelmente longo, parece citado na íntegra, conservando os equivalentes convencionais (tipográficos e espaciais), traz indicação do jornal, mas não esclarece a autoria. À revista não interessa a autoria, importa divulgar ou apropriar-se de discussões que sejam afins à sua programática. Afora a modificação imposta pelo deslocamento de contexto, verifica-se uma mudança de qualidade, de simples coluna de jornal destinada a ser esquecida com o tempo, transforma-se em reflexão sócio-antropológica, em "documento antropofágico".

Duas incorporações sucessivas de autores e materiais heterogêneos compondo uma seqüência homogênea do ponto de vista do objetivo - ressaltar a estupidez das reflexões sobre o indígena: o marxista Plekhanov (RA. 17.1.4.1.) e o catô

lico Tristão de Athayde (RA. 18.1.4.9.). O crítico brasileiro comparece saudosista em relação ao índio pintado pelos românticos e não concorda com a desmistificação do selvagem catequizado, colonizado, empreendida pela antropofagia. O trecho curto aparece em negrito e letras maiores para sublinhar os equívocos do crítico. A citação de Plekhanov dos Princípios Fundamentais do Marxismo é um exemplo de observação imprópria aos brasileiros. Não convence justificar o canibalismo pela pobreza da fauna. A seleção do texto marxista tem apenas o intuito de ressaltar a inviabilidade da análise. E ambas marcam a distância entre os discursos pelo choque da linguagem da inserção com a da revista. O comportamento da colagem é normal, isto é, traz os dados do empréstimo (referência e distinção gráfica).

Para compensar a falta de percepção dos analistas citados, Humberto de Campos é invocado. Ressalta a contribuição do elemento autóctone na formação do Brasil, que embora no subconsciente da nação, os seus vestígios persistem. A colagem é anexada à revista sem referências, apenas o nome do autor (RA. 19.1.4.2.). A exemplo do texto de Tristão de Athayde, apresenta-se com o mesmo destaque tipográfico, todavia, com função diferente. No primeiro, pretende-se acentuar uma crítica à antropofagia, por um crítico modernista, no segundo, a incorporação-apoio de uma reflexão da crítica oficial, tradicional. O itálico aqui desenvolveu seu verdadeiro papel de reivindicador de enunciação. Em ambas as colagens é coincidente somente a menção do nome do autor, convidando à leitura de outros artigos, quando nada do texto completo de onde se originaram os recortes.

c) raça/negro

Na vigência da teoria do branqueamento a discussão do tema negro é oportuna. O periódico repudia a discriminação racial, sobretudo das análises sociológicas que consideram o fator raça determinante da superioridade econômica e

cultural da civilização branca. É a RA uma das primeiras publicações modernistas a lutar contra essa alienação que escamoteia a percepção da realidade histórico-social[29]. Além de ser também uma das primeiras manifestações fruto de 22 a alcançar a consciência crítica dos problemas da sociedade, aliada à radicalização da linguagem. Adianta-se na revisão dos estudos sociológicos/históricos, autoritários e racistas reestruturados depois de 30.

"O tráfico abençoado pela Igreja"(RA.19.1.4.4.)é uma seqüência de inserções parciais de Oliveira Martins. A primeira sobre o tráfico de escravos, proveniente das colônias portuguesas na África, com a complascência da Igreja. O outro fragmento - "Palmares arrazada pelos portugueses" - comenta a sociedade negra de Palmares e a dizimação dos quilombos. Os dois extratos de Oliveira Martins confrontam-se na mesma coluna com a visão racista da história brasileira da época. Oliveira Vianna vê a civilização "perigando" pela presença do aborígene e do negro reunido em quilombos para fugir da escravidão, imposta por essa mesma civilização que o historiador brasileiro defende. A montagem sofre procedimento interessante de modificação: primeiro, a transferência de contexto; segundo, uma alteração mais sensível, com novos títulos atribuindo ao em préstimo outro papel e nova significação (RA. 19.1.4.9.). "Porque me ufano do meu país", por exemplo é título paródico, de conotação irônica, negativa, com tons de zombaria. Ridiculariza o ufanismo á maneira do Conde Afonso Celso, ao inverter o pensamento da história tradicional. O sub-título - " civilização 'perigando'" - que acompanha a passagem de Oliveira Vianna, reveste-se de reescritura. A alteração a nível prosódico da palavra "perigando" subverte a idéia do historiador, ampliando o efeito cômico-satírico. Tanto no título, como no sub-título ("Porque me ufano do meu país" e "Civilização perigando"), o sinal tipográfico além de assinalar a apropriação tem efeito irônico bem marcado. A ironia revela-se na contradição entre a intenção da palavra (consilium) e a significação literal daquilo que é dito (thema)[30]. O empréstimo é sub

metido a um processo de depreciação até ser absorvido pelo anedótico, como se confirma pelas passagens da nota da RA, abaixo da citação - "Eis aí duas "oliveiras"do mesmo pomar, mas que produziram azeitonas de gosto diferente (...) O Vianna brasileiro, burocrata bem jantado (...)".

Por outras vias, retorna-se à questão do negro e continua-se a insistir no mesmo ponto - o fator raça mascarando as contradições da realidade Selecionam-se dois textos de Plekhanov sob a legenda "Raça" (RA. 19.1.4.9.). São duas interpretações (Marx e Ratzel) que atribuem às relações de produção e às condições econômico-sociais as causas determinantes da superioridade ou inferioridade de uma civilização. Como a colagem de Plekhanov, a citação de Stuart Mill (RA. 19.1.4.10.), tem o caráter de advertência e ao mesmo tempo cunho didático, isto é, dar uma lição nos Oliveira Viannas. A Marx recorre-se em várias oportunidades para relembrar que "É o modo de produção da vida material que condiciona o processo da vida social, política e intelectual,em geral" (RA. 18.1.4.8.).

d) família

Outra vítima da opressão da sociedade - a mulher - a exemplo do surrealismo, recebe atenção especial. Primeiro na colagem "A família", sem marcas gráficas, composta de fragmentos de Marx e Le Roy. O primeiro (RA. 18.1.4.8.) explica a interferência da indústria na situação reservada à mulher fora do lar, desempenhando papel decisivo no processo de produção, forjando a base econômica de uma nova forma superior de família, de novas relações entre os sexos. O outro participante da colagem atesta também a decadência do lar tradicional a "ser morto pela eletricidade" (RA. 18.1.4.3.). Os dois componentes - o extrato de Marx e o do professor do "Collége de France" - parecem chocar-se no arremate final da argumentação. Este último revela-se arredio às transformações sofridas pela família, conseqüência da participação da mulher na vida social.

A questão da posição da mulher na sociedade é geralmente associada às discussões sobre a família. Para Morgan (RA. 16.1.4.5.) os motivos que forjaram a monogamia, não foram a melhoria da condição da mulher, mas "O desenvolvimento da propriedade privada e a vontade de transmissão aos filhos(...)" A segunda parte da montagem - Engels - completa o raciocínio. A monogamia não é na realidade a reconciliação entre o homem e a mulher, mas uma máscara de "sujeição de um sexo pelo outro"(RA. 16.1.4.1.). Oswald de Andrade, desenvolve mais tarde estas idéias aprendidas e esboçadas na revista por intermédio do empréstimo. Na década de 50, com o projeto do Tratado da antropofagia, explica "O drama do patriarcado que inutilmente o Direito Romano, procura dirimir, estronda nas relações de família, a família tornada monogâmica e cristã. O divórcio, em marcha nas legislações civilizadas abre depois o caminho para um novo progresso que é o direito materno, naturalmente ligado à socialização lenta ou revolucionária dos meios de produção" [31]. Na RA a visão do problema é marcada pela troça: "No Brasil chegamos a maravilha de criar o Direito Costumeiro anti-tradicional(...), "A Rússia pode ter equiparado a família natural à legal e suprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. E quanto à herança, os filhos põem mesmo fora!" (RA. 5.1.2.2.).

A condição da mulher é novamente focalizada em uma das partes da colagem "A ordem social e a indumentária"(RA. 20.1.4.2.). Trata-se da representação de uma operária ao presidente americano, presa por insistir em usar trajes masculinos, embora justificasse nesta atitude uma artimanha para ganhar o mesmo salário pago aos homens, já que executava o serviço com capacidade. A seqüência construída com material semelhante (notas de jornais) contrasta do ponto de vista semântico. A outra passagem é o protesto de um embaixador irritado com formalidades e etiquetas sociais que seu cargo lhe impõe.

Os exemplos comentados testemunham a relação entre a literatura e a história enfatizada pela antropofagia no

exercício da colagem. A história representa a civilização ocidental e suas marcas: vícios, corrupção, expoliação, mistificação e violência. Por meio das colagens a antropofagia tenta denunciar a farsa milenar. Às vezes, o instrumental usado reveste-se de comicidade pela organização dos colantes e pela linguagem dessacralizante da reescritura. Porém, a ligação do sério e do lúdico é recurso válido na obra de arte, como bem lembra Oswald de Andrade -"(...)Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação dignas de operação de limpeza, principalmente na era de caos" [32].

e) lógica e moral

O quadro de dilapidações continua com as colagens reunidas sob a legenda "lógica" e "moral". O conjunto dos empréstimos caracteriza-se pela extensão limitada, todos em formato citação-curta, variando a autoria. Quatro fazem referência à obra, mas os dados não vão além disso. A maioria sobressai por truques tipográficos - linha preta contínua envolvendo o texto, letras maiores em negrito ou o costumeiro uso das aspas. Apenas um elemento mistura-se ao discurso antropofágico, sem qualquer traço indicativo da origem estranha a não ser o nome do autor, também estranho ao leitor comum. Trata-se de uma citação de Lao-Tsé, sobre a interpenetração entre bem e mal. Os demais componentes chamam atenção pela diversificação dos autores escolhidos: Goethe (RA. 24.1.4.2.), Darwin (RA. 17.1.4.4.), Pinard de la Boullaye (RA. 14.1.4.1.), Pontes de Miranda (RA. 22.1.4.3.), Ernest Hello(RA. 13.1.4.8.), Hegel (RA. 22.1.4.1.), Chesterton (RA. 24.1.4.1.), Maurice Blondel (RA. 13.1.4.6.), D'Alembert (RA. 3.1.4.1.), Proudhon (RA. 6.1.4.1.) e Joseph de Maistre (RA. 24.1.4.4.). Dois somente da primeira fase, D'Alembert e Proudhon. O conjunto,

marcado pela heterogeneidade sintática e estilística, preserva no entanto a identidade a nível de sentido. Observa-se a mesma constância - levantar dúvidas em torno da lógica que preside a atual civilização. Esta posição é insistentemente frisada em toda a revista: "O ocidente se envenenou do preconceito racionalista. E só agora, quando tudo estava perdido, foi que compreendeu seu erro; Ele chegou aos limites da razão, sem freios, derrapando" (RA. 19.1.2.1.). Comportamento normal nos movimentos de vanguarda do início do século, como se conclui de alguns exemplos coletados. A revista Projecteur[33] afirma: "A lógica é um horror, a racionalidade um conceito absurdo e o princípio de identidade uma monstruosa blague"; "Meu pensamento ama tudo o que é contra a razão, eu não quero ser outra coisa - que um homem inexperiente" (Picabia)[34]. Dadá, marcado pelos traumas de pós-guerra, em protesto contra a cultura ocidental, recorre ao culto do inteligível, troçando das regras da razão que sustentam esta cultura corrompida. Explica Jean Arp, trata-se de destruir as decepções racionais do Homem e recuperar a ordem natural e irracional, de substituir o "nonsense" lógico pela ilógica "senseless"[35]. Os surrealistas empregam suas energias em criar imagens independentes das categorias lógicas. Um dos pontos conflitantes na sua união com o comunismo foi por sinal a glorificação do irracional, do inconsciente. O irracionalismo, esclarece Masini, balança a segurança burguesa. Torna-se a forma de auto-consciência da inteligência burguesa em relação à civilização já que o processo de racionalização que deveria garantir o fundamento humano transforma-se em irracional. A supremacia do produto sobre o Homem é o nervo da inversão entre o meio e o fim[36].

O grupo de colagens classificado como "moral" comporta duas subdivisões: prazer e instinto. Bernard Shaw e Schopenhauer discutem a propósito da supremacia do prazer. A citação de Shaw (RA. 18.1.4.2.) apresenta-se em negritos com destaque no tamanho dos tipos; a de Schopenhauer (RA. 11.1.4.9.) toma a forma de reescritura, pelo modo de seleção e pelo novo título - "Os românticos da antropofagia".

A contaminação de textos de Monteiro Lobato por trechos valorizando as forças instintivas, o brasileiro como a criação natural pela conscientização do inconsciente, ou melhor, a reivindicação do saber instintivo, Goethe desenvolve a idéia de que a riqueza dos instintos primitivos deve servir de apoio às outras forças da alma humana (RA, 14.1.1.1). A citação de Monteiro Lobato é o exemplo de empréstimo com os detalhes mais completos quanto à referências: nome da obra, página, título, aluda decorativos. A de Goethe, diferenciada pelas convenções tipográficas, faz menção ligeira ao texto original.

A dinamitação dos tabus sexuais herdados da tradição cristã, toma por conta de Freud (RA, 15.1.4.2.) e Gabriel Cunha (RA, 14.1.1.2.). A colagem de Freud, incorporada ao discurso geral da revista, ganha título bastante sugestivo - "Advertência". Merece atenção especial uma sentença de Maomé, cuja disposição na revista é favorecida pela diferença espacial e tipográfica e sobressai ainda pela sua extensão, "Deus não tem sexo" (RA, 12.1.4.7.1).

No lado das repercussões positivas resultantes das reflexões sobre a psicanálise freudiana, o periódico contrapõe-se à Igreja (alteração no corpo da impressão- negrito) e julga-se contrário à crítica católica na voz de Tristão de Ataíde (excerto de O Jornal (Rio de Janeiro, 15 de maio 1923) - "Para Freud indica bem claramente como o estado moderno 'um crescente materialismo'" (RA, 10.1.1.1.7).

A postura da Vanguarda a respeito da moral ocidental é tanto de oposição. Em 391, Picabia resume o pensamento dos artistas dadá, "La morale est l'épine dorsale des infirmes"[57]. Na mesma época, reivindica-se a supremacia do instinto, como escrito Breton em "Geographie Dada" - Dadá reconhece apenas o instinto. Condena, pois, a priori a explicação e perde o direito de controle sobre si-mesmo[58].

As justaposições de textos de Monteiro Lobato e Goethe valorizam as forças instintivas. O brasileiro marca a evolução mental pela conscientização do inconsciente, ou melhor, a conscientização do saber instintivo. Goethe desenvolve a idéia de que a mistura dos instintos primitivos do homem serve de apoio às outras forças da alma humana (RA. 24. 1.4.3.). A citação de Monteiro Lobato é o exemplo do empréstimo com os detalhes mais completos quanto à referência: nome da obra, página, edição, sinais demarcativos. A de Goethe, diferenciada pelas convenções tipográficas, faz menção ligeira ao texto original.

A dinamitação dos tabus sexuais herdados da tradição cristã, fica por conta de Freud (RA. 15.1.4.2.) e Galeão Coutinho (RA. 14.1.4.2.). A colagem de Freud, incorporada ao discurso geral da revista, ganha título bastante sugestivo - "Advertência". Recebe atenção especial uma sentença de Maomé, cuja disposição na revista é favorecida pela diferença espacial e tipográfica e sobressai ainda pela sua extensão, "Deus não tem sexo" (RA. 12.1.4.7.).

Ao lado das repercussões positivas resultantes das reflexões sobre e da psicanálise freudiana, o periódico contrapõe com alarde (alteração no corpo da impressão- negrito) o julgamento contrário da crítica católica na voz de Tristão de Athayde, extraído de O Jornal (Rio de Janeiro, 15 de maio 1929) - "O caso Freud indica bem vivamente como o mundo moderno é sinceramente materialista" (RA. 19.1.4.1.).

A postura da Vanguarda a respeito da moral ocidental é também demolidora. Em 391, Picabia resume o pensamento dos artistas dadá, "La morale est l'épine dorsal des imbeciles"[37]. Da mesma forma, reinvindica-se a supremacia do instinto, como explica Breton em "Geographie Dada" - Dadá reconhece apenas o instinto, condena, pois, a priori a explicação e propõe o abandono do controle sobre si-mesmo[38].

f) Sade

A Revista ensaia a descida de Sade inspirada no surrealismo, que se apega à pregação por nova moral fundada na liberdade integrada das paixões. As colagens do Marquês de Sade vêm englobadas (RA. 15.1.4.6.) sob o título "do Marquês de Sade", acompanhadas de aspas, separadas por asteriscos e variadas quanto ao assunto. A redação acresce uma informação rápida sobre a vida e obra de Sade, com o intuitode recordar os 27 anos de perseguição pela família, religião, Estado, tempo que o escritor passa na prisão. Adverte que a legenda de Sade é uma das obras mais perfeitas da mistificação, de má fé, de estupidez, de ferocidade, elaborada pelas classes "bem pensantes", pela gente "honesta". No seu todo, as citações selecionadas condenam a moral ocidental, a religião, a idéia de Deus, aconselham o estado permanente de insurreição, questionam o sistema de avaliação do trabalho operário e a propriedade privada. Outra citação isolada (RA. 14.1.4.5.), portando os signos formais da citação (aspas), ressaltada pelo título do "Marquês de Sade", rediscute a validade desse mesmo sistema. O interesse da antropofagia por Sade é idêntico àquele que leva o surrealismo à revisão e análise de suas obras. Paul Éluard sintetiza a importância desse "écrivain fantastique et révolutionaire": por ter desejado retornar o homem civilizado à força de seu instinto primitivo, por ter desejado libertar a imaginação em amor, e por ter lutado desesperadamente pela justiça absoluta e igualdade [39].

g) religião

As colagens genericamente reunidas aqui sob a denominação de religião constituem um bom número de variações na temática. No decorrer da análise, separou-se o componente de cada colagem, organizando-se por tópicos:

- textos de autoria da Igreja escolhidos com a intenção de sublinhar sua inutilidade e violência, exemplificadas nos atos de intimidação aos fiéis; fragmentos que ilustram o enfraquecimento da religião dogmática; atestam a exploração econômica e a corrupção praticada em nome da fé; e a ação da Igreja em prol da manutenção do sistema colonial escravista; discutem a catequese; denunciam os vínculos da Igreja com o fascismo.

A inserção de um trecho da História do Brasil de Southey - fábulas atribuídas aos jesuítas (RA. 12.1.3.1.) oferece duplo empréstimo. Transpõe extratos da história ou antes do "romance" de Simão de Vasconcelos (provincial e historiador) sobre Anchieta. Parodiando a linguagem dos contos de fada , narra as lendas e as proezas do jesuíta explorando a inocência dos selvagens. O efeito cômico obtido resulta da natureza do discurso - fábula - aplicado para enaltecer a figura do religioso. Basta pensar na definição de fábula - "uma história tola, composta de 'nonsense'"[40]. Por trás da comicidade está a crítica, autenticada pela nota introdutória à colagem: "em nome dos povos explorados, vencidos, difamados e entorpecidos pela 'conquista espiritual' protestamos contra a aprovação pela nação de créditos para as missões evangélicas".

Uma outra colagem, de extensão reduzida, ironiza o comportamento cínico dos jesuítas, ao recomendar os exercícios de Santo Inácio como meio para alcançar a perfeição, ou melhor a "santidade da perversão". A reflexão do filósofo francês Maurice Blondel recebe título curto - "Uma Pergunta". Transmite dúvidas a respeito da viabilidade das recomendações jesuíticas, secundadas pelo estilo do fragmento,frases construídas em forma de questões (RA. 13.1.4.5.).

Não só a cristianização é interpretada como opressiva e violenta. A religião em si simboliza para o grupo imposição, terror. A colagem "Deus segundo um católico", com

trecho de François Mauriac, retrata Deus como "o caçador que levanta a pista a espreita da presa à beira da estrada" (RA. 17.1.4.2.). A concepção que a antropofagia tem de Deus opõe-se aos preconceitos do dogmatismo católico: "(...) um tabu que transforma no totem, no protetor da tribo" (RA. 19.1.2.1.), "(...) um fenômeno local. Varia conforme o clima (...) Deus é um espírito municipal" (RA. 14.1.2.1.). Clóvis de Gusmão ao explicar o ideário antropofágico é mais explícito: "(...) A idéia de Deus não como princípio de coação. Nem de anti-eugenia. Mas como fator da aproximação entre os homens. Melhor ainda se conseguimos abstrair por completo da idéia de Deus. O homem fora do domínio da dúvida. O homem três vezes mais forte. E mais feliz" [41]. A prática da amedrontação fica sob a responsabilidade dos evangelizadores, como ilustra a dupla colagem das palavras de São Domingos aos herejes de Albi, (citado por Wells, na História Universal, cap.32) (RA. 12.1.4.9.) e encaixada na seção "Os documentos antropofágicos". A frase "onde abençoar não vale nada, valem as pancadas", vem graficamente diferenciada do conjunto.

Outro empréstimo duplo, trabalhado previamente por A. Henriques Leal, ironicamente rebatizado de "Brandura" troça da catequese - "sobre estes índios já temos sabido que por temor se hão de converter mais do que por amor". (RA. 17.1.4.8.). Recorde-se que a desmistificação da catequese começa logo no primeiro documento da antropofagia - "O Manifesto antropófago" bradando "Contra todas as catequeses e os males catequistas". O recorte de Montoya, especialmente reescrito sob o título "A catequese" (RA. 11.1.4.4.), insiste nos efeitos perniciosos do catecismo na mentalidade ilógica do selvagem. Como geralmente ocorre, a montagem não revela outro sinal de empréstimo a não ser o nome pouco conhecido do autor. Nesse grupo de colagem é altamente criativo e irônico. Recorre-se à reflexão de um católico, para comentar a idéia arbitrária que se impõe de Deus e a dois trechos de autoria de religiosos para criticar a brutalidade da

conquista religiosa. A prática da citação é violenta. A revista apodera-se da palavra do adversário para submetê-lo à sua ordem, à lei do seu discurso. Além dessa tentativa de desmistificar a imagem tradicional de Deus, outras passagens mostram-se mais dessacralizantes pelo emprego de uma linguagem radicalmente vulgar e baixa a envolver tamanho mito: "Jesus filho do tótem e da tribo. O maior tranco da história do patriarcado! Chamar São José de patriarca é ironia. O patriarcado erigido pelo catolicismo com o espírito-santo como tótem, a anunciação, etc. Dona Sebastiana vai pular de gana(...);"O Brasil não podia deixar de adotar um Deus filho só da mãe que, além disso, satisfazia plenamente gulas atávicas"(RA. 5.1.2.2.) ; "Profeta gostoso era Jesus Cristo!"(RA. 14.1.2.1.).

Voltando à ação da Igreja, encontram-se colagens semanticamente semelhantes no propósito de ridicularizar a Igreja, a partir de seus próprios atos, e também idênticas quanto à natureza do material empregado: pedaços de jornal. "Moços dedicados", resumo de uma reportagem de jornal divulgando a ação terrorista de jovens católicos, que a pretexto de proteger a moral católica, auxiliam a Igreja na campanha em prol de saias mais compridas. Perseguem as mulheres na rua, marcando com carvão, na altura da perna, os limites exigidos. Como no fragmento "Mais dois santos" (RA. 19.5.1.2.), o título dado já é sinal de elaboração crítica. É um recorte sobre decreto papal canonizando dois santos com loas às suas virtudes. No rol de tantos virtuosos, para a RA são apenas"mais dois". Tem-se nessa colagem referência ao jornal (abreviatura), local e data da publicação. E, "O começo do fim" (RA.20.1.3.1.) é outra peça sobre a Igreja. Discurso de um pastor, aterrorizado com a falta de repercussão, no Ocidente atual, da fé e dos dogmas cristãos. O texto em si é um exemplário de tolices, mas na época tudo indica que não se registra coisa melhor vinda do "Serviço eclesiástico" (nome da seção). Conserva as peculiaridades visuais do empréstimo e trata- se

de uma citação "boomerang" na conceituação de Marc Angenot.Em outros termos, significa a apropriação das palavras do adversário para criticá-lo[42].

A revista tem consciência do caráter alienante dos movimentos religiosos. Aproveitadores da ignorância do povo, impingem prédicas que destroem a realidade, camuflando-a. Por isso, as passagens escolhidas tem o fim preciso de ilustrar essa idéia. Não importa a fonte do elemento apropriado, pode ser até a "Opinião de um deputado" (M. Medeiros), diagnosticando de pernicioso certas atividades patrocinadas pela Igreja, como aquelas que conclama o povo a implorar a providência divina para livrar a cidade da febre amarela (RA. 18.1.4.7.). A inserção vem num canto da folha e mantém os sinais demarcativos. Uma auto-citação (de um dos colaboradores) - "O catolicismo não vê com bons olhos a difusão da instrução pelo povo" - esclarece porque a Igreja não se esforça para ser bem sucedida na tarefa de alfabetização a que se propõe desde a colonização. O colono letrado tem maiores possibilidades de se tornar consciente e conseqüentemente esquivar-se diante das imposturas da religião. Assim, a citação de Mário Pinto Serva distingue-se do resto da página do ponto de vista da arrumação gráfica (RA. 16.1.4.3.).

Alvissareiramente, a revista vislumbra o enfraquecimento da religião dogmática. Na seção"Materialismo" (RA. 21.1.4.3.), a colagem de um trecho de Bertrand Russel com prova que depois das descobertas e dos novos conhecimentos,pode-se defender apenas a idéia de um certo "espírito interior", "(...)um sentimento mal definido de uma obrigação moral". Aproxima-se, portanto, da idéia de "sentimento órfico" defendida por Oswald de Andrade, ou seja da dimensão religiosa de todo homem[43].

A denúncia da aliança da Igreja com o fascismo fica a cargo do próprio Mussolini (RA. 21.1.4.2.). Breve

fragmento de um discurso rebatizado de "Graças a Roma" (em caixa alta). Frisa o caráter ufanista, patrioteiro do fascismo e associa a grandiosidade da religião católica às suas origens romanas. A Igreja outras vezes recebe crítica severa. Freuderico conta a história do cristianismo pelas guerras empreendidas-"(...) não há cristianismo que não se refira a gládio ou espada (...)", "todo missionário agiu sempre como qualquer cunhambebe. Nem mais nem menos" (RA. 11.1.2.1.). Na ideologia da Igreja as guerras todas elas são justas, contanto que sejam feitas sob os auspícios da "santa religião". A Igreja é retratada como um "instrumento de dominação política", cuja prova mais recente na época foia aliança "espiritual" com o fascismo (RA. 14.1.2.1.).

A citação de Manuel da Nóbrega, na primeira fase,"Essa terra é nossa empresa, e o mais gentio do mundo" (RA. 5.1.4.1.), pode ser a epígrafe da abordagem sobre os objetivos econômicos da conquista espiritual, empreendida pela Companhia de Jesus. Como exercício da colagem nessa fase da revista, recebe trato particular (tamanho dos tipos, espaço privilegiado no final da primeira folha). A vida nababesca da Companhia, a exploração econômica são fartamente analisadas e criticadas através da colagem de documentos históricos, reflexões dos missionários transcritas dos diários e anotações. Dois textos de Fernão Cardim, reelaborados com títulos reforços, fazem as vezes de crítica irônica,ferina à Companhia. "Espírito de sacrifício" (RA. 16.1.4.2.) informa o modo faustoso da alimentação nas clausuras -'"(...) fomos bem servidos de aves, rolas, faisões (...)"; "O primeiro Carnaval", relato das riquezas das peças sacras, expostas durante uma procissão com a participação alegre do povo (RA.12.1.4.3.). Observe-se que além do detalhe da riqueza, assinala-se a suntuosidade dos rituais católicos da época, com o objetivo de atrair a população ignorante. Trata-se de recurso bem sucedido de alienação.

Com a "Resposta aos anjinhos"(RA. 17.1.3.2.), dirigida especialmente aos "Rapazes bem comportados do bairro de Santa Cecília" (Mário de Andrade e seus companheiros), já na segunda fase condena-se a conduta corrupta dos jesuítas no Brasil. São fragmentos arrancados da circular Saldanha (1758). Com o mesmo objetivo, utiliza-se do diálogo entre o selvagem e o missionário transcrito de Allier (Psicologia da conversão) (RA. 12.1.4.1.). A revista reelabora ainda trechos do Guia secreto da Companhia de Jesus (RA. 17.1.4.9.) sobre a compra de propriedades, planificação prévia para a construção de colégios apenas em cidades prósperas e ricas, etc.; são reescritura de citações anônimas em latim recolhidas do Annales Literarii (RA. 17.1.4.7.), historiando a peregrinação dos jesuítas pelos engenhos em busca de donativos. Essas colagens compõem a primeira seção especial "Santo Ofício antropofágico", título paródico-cômico, alusão ao Santo ofício da Inquisição, cuja frequência na revista é de cinco vezes. Pela arrumação - disposição em coluna, título breve seguido do trecho citado - ganha a colagem dinamicidade, mesmo se extraída de textos antigos e de leitura cansativa. Apaga-se com isto a distância cronológica entre os dois discursos. É que o sentido da **repetição** não está em cada citação isolada, mas no conjunto final do quadro, no trabalho de deslocamento e no jogo de disposição da sequência de inserções. Em relação ainda à demolição da Companhia de Jesus, resta comentar a colagem- paródica da carta do Bispo do Rio de Janeiro ao Conde de Oeiras (1760), transcrita entre aspas, sobre as devassas da Bahia e Pernambuco, a fim de apurar a ação da Companhia. Atente- se para dois fatos: a seção é denominada "A pedidos", (aparece sete vezes na revista); a carta é reelaborada com o título "Ainda os Jesuítas" (RA. 25.1.2.1.), parodicamente também em forma de carta a N. Yko (?) endereçada a Brasilino (?), tido como defensor da Companhia. Há que se destacar a repetição do procedimento econômico e simples da citação "boomerang", a sátira e a denúncia com o discurso do adversário. Configura- se

nessa série a tendência comum de buscar a novidade na obra antiga, exemplificada na apropriação constante da literatura da época colonial.

A seção "Santo ofício antropofágico", (RA. 19. 1.2.2.) além de desmistificar a ação da Companhia de Jesus no Brasil, dedica-se à análise da Inquisição. Três tipos de colagem compõem o novo "Santo ofício da antropofagia". Primeiro, aquelas que comprovam a corrupção dos representantes da inquisição. "Representação às Côrtes", (1821) de Francisco Pereira de Mello constata que as "pessoas mais ilustres" e os "sábios" são vítimas do quadro de corrupção formado pelos ministros (a quem cabe os bens da vítima) pelo sacrificador (premiado com as entranhas da vítima). Segundo José Maria de Andrade na Introdução ao regimento da inquisição (1821), os inquisidores, valendo-se de imunidades, praticam todos os tipos de atentado à sociedade da época. Em segundo lugar, as observações sobre os méritos dos ministros-frades, segundo Lopes de Mendonça (Damião de Góis e a Inquisição de Portugal, 1859), eram medidos pela maior mortificação ou "desprezo do corpo". A colagem finaliza com um comentário, comparando a moral do descobrimento e da catequese com a da antropofagia. A série acima retrata a moral que a antropofagia troca pela moral "(...) gostosa que nem beijo de mulata. Nela não há voto de castidade. O amancebado visível substitui o compadresco mascarado. A banana estalada vem ocupar o lugar da carta anônima que a escravidão do Ocidente nos deixou". Insiste nos pontos diferentes entre os dois Santo Ofícios - o da Igreja condena a inteligência, a sinceridade, o instinto (base do homem natural) a antropofagia arrasa com a ignorância, a hipocrisia, o dogma. O tom cômico da nota é dado pelos pseudônimos que assinam a montagem - Pagé Murucutu (que come menino ignorante) e Minhocão (pai de Santo tirador de sombra falsa), ministros inquisidores da antropofagia, contrapartida do ministro e do sacrificador da Santa Inquisição.

h) provérbio e surrealismo

> "On bouleverse tout le possible du langage. Après le débacle tout recommence". Paul Éluard - Notes sur la poésie. Oeuvres Complétes. Paris, Pleiade, 1968, p. 474.

Os provérbios representam o primeiro exemplo de colagem praticada pela vanguarda do início do século, ao lado de outras formas fixas, de notações da realidade cotidiana ("affiches", anúncios), e do uso dos recortes de jornais. Procedimentos estes equivalentes, do ponto de vista lingüístico, à colagem cubista. O dadaísmo e mais tarde o surrealismo são os mais assíduos experimentadores deste tipo de colagem. Encorajados por Jean Paulhan ("Proverbes, lieux communs, clichés, fleurs de réthorique"[44]) recorrem às formas populares da linguagem como reação ao esteticismo literário. A revista Proverbe (1920-1921) resume os esforços dos dadaístas na procura da concentração poética, a que se seguem diversas outras tentativas ("152 proverbes d'Éluard et Péret")[45]. A antropofagia, insistindo na dinamização da linguagem, concede atenção especial à experimentação partindo também dessas formas peculiares. Consta da RA uma seção-colagem inteiramente de provérbios. Quais os objetivos de uma revista de vanguarda, ao inserir na linguagem literária elementos característicos da linguagem comum, ou, como fazem dadaístas e surrealistas, ao inverter fórmulas diferentes, operando na linguagem a reviravolta que resulta em anti-provérbios? É possível apontar-se uma série de motivos nessa incorporação: sátira social e literária em fórmulas de significação direta; sugestão paródica da inanidade da linguagem; trampolim do humor, da surpresa poética, do absurdo (fazer da linguagem uma festa e uma surpresa é a meta dos vanguardistas principalmente dos dadaístas); intenção de exercício - empréstimo paródico de uma forma racional; ou finalmente como explica Tzara "O motivo do provérbio popular é a observação, a experiência, o do provér

bio dadaísta é a concentração espontânea que se introduz sob as formas do primeiro,podendo chegar ao mesmo grau e resulta do; pequena loucura coletiva de um prazer sonoro"[46]. As razões apontadas talvez se resumam em uma - consequência do esforço subversivo face à instituição tradicional da linguagem que consagra a sociedade em vigor, a defende e a propaga. Ou melhor, resulta na oposição à linguagem política, social de mistificação de toda uma sociedade. A crítica da linguagem, a recusa da ordem ideológica e social através do questionamento da linguagem oficial se inserem no projeto geral da Vanguarda de desmoronar a civilização ocidental, "moribunda", coerciti va. Projeto a que a antropofagia também se empenharia ("contra o Ocidente sempre"). O significado da colagem em geral, na literatura e arte explica-se ainda pelo impasse histórico da criação estética - o da arte burguesa. Processo de alienação cultural: herança passiva de uma tradição, cujos valores se recusam. Resta apenas retomar esta tradição com ironia e blefe. Daí o caráter negador da colagem/citação/montagem, como elemento constituinte de uma poética.[47] Um exemplo prático interessante documenta a reação consciente do artista de vanguarda. Trata-se das reflexões de Breton e Aragon sobre o peso da tradição de que lutam para se libertar-"Iludir. A quem iludir melhor. O que se espera de nós. Esforçar-se para imaginar qualquer coisa a fim de evitar satisfazer a gulodice dos outros, torna-se indesejável, vagabundos, suspeitos,os aventureiros de uma aventura que não se compreende (...) B,pois, definir a tarefa de destruição que íamos empreender (...) todos os meios serão bons"[48].

Sob o título de "Sabença nacional" (RA. 13.1. 3.2.), a revista realiza uma listagem de nove provérbios, conferindo-lhes uma legenda associada ao tema: precaução, vontade, influência, argumento, proteção, exagero, lógica, preconceito,religião. O título geral parece indicar que os antropofagistas estão presos à noção antiga e comum de provérbios

como sabedoria das nações - sabença nacional. Ocorrem três colagens-provérbios, cada uma com nomes diferentes - "Provérbios brasileiros", "Cantiga do sairé" e "Provérbios africanos" (RA.17.1.4.5.; 18.1.4.4.; 16.1.4.4., respectivamente). Com o mesmo intuito da seção de provérbios recorta-se um trecho de uma carta de Lampeão ao sargento Duda (RA. 18.1.4.1.).

Muito raramente encontra-se o comentário direto a respeito de alguma manifestação da vanguarda estrangeira. Quando acontece consegue-se captar o seu verdadeiro interesse em relação à ação dessa Vanguarda. Como é o caso do surrealismo -"(...) esse grupo de moços conseguiu no entanto manifestar mais do que ninguém contra o bolor oficial dos últimos remendos ocidentais (...) Nunca antes soprara tão alto o desespero final dos cristianizados" (RA. 11.5.1.1.).

Propositadamente, as referências a essas manifestações são através da colagem. Restringem-se aos surrealistas, sobretudo Benjamin Péret (em visita ao Brasil, na ocasião e bastante ligado aos modernistas). Uma só citação de André Breton (RA. 13.1.4.7.) já aproveitada na revista Proverbe [49]. De Benjamin Péret coletam-se justamente as citações-remanejamento ou transformações de provérbios, sentenças, máximas, etc.. Material duplamente explorado que a RA de novo reaproveita. A apresentação desses anti-provérbios não obedece a qualquer sistemática. Alguns aparecem marcados pela alteração a nível prosódico, contornados por uma linha contínua preta. Outros surgem soltos na página (RA. 14.1.4.8.; 14.1.4.5.; 13.1.4.9.; 14.1.4.3.; 14.1.4.4.).

i) resenha

Essa maneira excêntrica de assumir uma escritura, veiculando e deformando outras, prossegue em relação às resenhas. Ao contrário das demais publicações do gênero, que

reservam espaço próprio para o comentário dos lançamentos literários (na primeira fase, a coluna de Antônio de Alcântara Machado, cuida da tarefa), a segunda fase elimina esta tradição. Inclusive, um dos pontos que diferenciam as duas fases é precisamente a seção de crítica e resenha. As pseudo- resenhas assumem a forma de colagem e o assunto é as artes plásticas.

Monta-se uma reportagem-colagem (RA. 25.1.3.1.) sobre a chegada da pintora Tarsila do Amaral ao Rio, para inaugurar sua exposição. O título - "Tarsila chegou" - é tão simples quanto a forma de construção com recortes de jornais locais. Além da construção peculiar, a colagem é ironicamente estruturada com os comentários de três modernistas dissidentes do grupo - Antônio de Alcântara Machado, Plínio Salgado e Menotti del Pichia. Há também a resenha-colagem arranjada com pedaços de jornais locais e estrangeiros (RA. 26.2.2.1.).

Aparece sim uma resenha aparentemente nos padrões habituais, mas com finalidade diversa da resenha propriamente dita. E mesmo assim é um comentário de Prudente de Moraes, neto, da Revista do Brasil (30.10.1926), sobre O Estrangeiro de Plínio Salgado. Uma anti-resenha, onde o crítico se ocupa em mostrar o romance como pastiche do estilo de Oswald de Andrade, no pior sentido da estilização, com preocupação obsessiva em fazer obra moderna. A conotação cômica é reforçada pelo título "Amigos do alheio - Santo ofício antropofágico" (RA. 23.1.3.7.).

j) bestiário

Nos moldes da colagem elabora a seção "Brasiliana", que funciona permanentemente na primeira fase. Consta de trechos de jornais, romances, discursos, circulares, convi

te, letra de música. Pelos títulos irônicos atribuídos a cada nota, deduz-se a intenção com que é incorporado o texto. Predomina a tendência de selecionar bestialógicos, absurdos, situações ridículas. Confira-se alguns exemplos:

"Raça" (RA. 1.5.1.2.) -(Evitou-se indicar maiores detalhes sobre as notas, remetendo-se ao resumo no Índice Geral). Consiste de mera citação de nomes árabes, italianos, com intuito de assinalar a coexistência de descendentes de várias nacionalidades em uma pequena cidade do interior paulista. Nessa nota e na seguinte - "Política" (RA. 1.5.1.3.), o aumento demográfico, subentendido em aniversários, batizados e registros civis, entra como ingrediente da idéia de "raça", não só variada como proliferante.

"Democracia" (RA. 1.5.1.4.) - sobre a intervenção de um elemento popular na recepção ao príncipe de Orleans, em Fortaleza. O trecho, verídico ou não, é reflexo do saudosismo compartilhado pelas elites e pelo povo. A atitude desinibida do "catraeiro" diante da majestade - "Fique sabendo que as opiniões mudaram mas os corações são os mesmos" - é bem explicada por Sérgio Buarque de Holanda[50].

"Religião" (RA. 1.5.1.5.) - acusa a interferência da religiosidade na atividade política (com grande pendor para o messianismo) e a crença em poderes mágicos individuais atuando sobre a marcha dos acontecimentos.

"Necrológio" (RA. 8.5.1.4.) - crítica a história religiosa acobertadora das injustiças sociais - "Bem aventurados os humildes, os mansos de coração, porque deles é o reino do céu, disse Jesus, quando desceu a este vale de lágrimas, a que chamamos mundo. Que poderei eu dizer, pensarei vós, sobre este humilde operário,cujos despojos aqui presentes vão dentro em pouco servir de pasto aos vermes da terra?"A relação cristianismo/

/capitalismo e a moral do trabalho a ser recompensado no paraíso são desenvolvidas por Oswald de Andrade em "A crise da filosofia messiânica" e "A marcha das utopias"[51]. O final do texto - "(...) Já bastante doente, conseguiu com seu ponteiro de aço e o estopim de dinamite, aparelhar e arrebentar aqueles enormes blocos de granito, que lá ficam para perpetuar o seu nome modesto e humilde de apóstolo do trabalho" - é comparável à legenda das pirâmides construídas por milhares de escravos anônimos.

"Filiação" (RA. 3.5.1.6.) - Exemplo de como a seção tende a selecionar textos com desvios lingüísticos (neste caso a omissão de um dado do discurso) com interferência na inteligibilidade, transformando-os em piada. A preocupação em focalizar o absurdo, a falta de lógica do discurso inspira-se na proposta dadá. A linguagem do não-senso, a do idiota, livre das associações normais, é o truque a que dadá e a antropofagia recorrem como meio de desacreditar a linguagem e a mistificação da sociedade.

"Civismo" (RA. 3.5.1.5.) - época de campanha eleitoral. Partido Republicano Paulista (situação) em disputa com o Partido Democrático (oposição). A nota do Diário Nacional (órgão do PD) insinua crítica à falta de coesão partidária do PRP, ao tentar furar fileiras do PD. Refere-se ao PRP nos seguintes termos - "(...)na doce ilusão de encontrarem algum Joaquim Silvério"; acusa indiretamente esse partido de proselitismo, classificando os membros da caravana de "pretensos imitadores de Paulo de Tarso". Pode-se pensar em termos de uma tomada de posição partidária por parte da antropofagia, sendo o PRP situação? Uma crítica ao PRP? A atitude do membro do PD, ao receber a investida eleitoral com lições de "lealdade e de civismo" (oferecendo um livro de Afonso Celso), no contexto do anti-ufanismo modernista e no caso especial da RA, repercute ironicamente. A revista dentro da perspectiva do chamado "nacionalismo crítico"[52] tende a acusar falhas no caráter e nas instituições bra

sileiras para rejeitá-las ou para assumí-las freqüentemente com irreverência, numa atitude de desafio aos padrões vigentes.

"Música" (RA. 3.5.1.4.) - Como nas notas "Atitude" (RA. 3.5.1.3.) e "Surpresa" (RA. 1.5.1.7.) consubstancia gradativamente uma posição em relação ao mau gosto, ao grotesco, ao estilo descabido, às situações de humor negro e absurdo, com finalidade de valorizá-las: "Valsa com letra; foi escrita junto a uma campa. Vende-se à rua do Teatro 26".

"Atitude" (RA. 3.5.1.3.) - O fragmento selecionado carregado de pedantismo, personifica o Monte Serrat com pretensões literárias:"(...)o Monte Serrat permaneceu impassível. Dir-se-ia que ele só pretende desabar numa noite tranquila, enluarada cheia de estrelas". Muitos destes textos visam a criticar certos estilos jornalísticos em voga ("Surpresa" RA. 1.5.1.7.), "Democracia" (RA. 1.5.1.4.).

"Festa nacional" (RA. 2.5.1.5.) - círculo vicioso de alienação, acrescenta um novo dado à crítica sócio-lingüística levada a termo por Oswald de Andrade. No mesmo passo, Mário de Andrade caricatura em Macunaíma um orador de praça pública, "Mulato da maior mulataria que deita prolixa falação sobre o dia do Cruzeiro"[53]. O recorte trata possivelmente de um clube de criolos que festeja disfarçadamente a data mor da raça (13 de maio) com um desfile cívico, "sessão solene, conferência feita por um benemérito", com banda, leilão de prendas e baile. Passam facilmente da circunspecção para a quermesse e a gafieira. Observam-se resquícios de pedantismo no final desengonçado -"Terminará com um animado baile que se prolongará até o romper da aurora e cujo baile é por pedido de sócios". A artificialidade da linguagem é parte do deslumbramento diante das autoridades, dos discursos e festas cívicas. Tendência popular de negar raízes (no caso étnicas), disfarçá-las e adotar os valores da elite. Há ainda um desfile com estandartes e porta- bandei

ras de várias nacionalidades, indício da presença de imigrantes em São Paulo. Essa auto-paródia dá uma "tacapada séria" no ufanismo, típico das festas nacionais.

"Oratória" (RA. 2.5.1.6.) - o título no contexto é por si satírico, principalmente, tendo-se em vista a incongruência dos temas propostos. O convite termina por um anúncio igualmente absurdo, derrotando o artificialismo literário.

"Literatura comercial" (RA. 3.5.1.7.) - a partir do título atribuído à colagem e de outros elementos encontrados na seção, constata-se mais uma vez a insistência da revista em marcar a linguagem dissociada de sentido (ver "Filiação" RA. 3.5.1.6.), ou com disparidade de estilo e conteúdo ("Surpresa" RA. 1.5.1.7.). De novo, reflexo dos movimentos de vanguarda européia que batem na tecla por uma literatura definitivamente voltada para a "expressão da dissonância, da desagregação"[54]. A certa altura a terminologia confere com o código antropofágico - "Os invejosos devem estar se comendo. Comidas minha gente! ... Mas é melhor deixar esse pessoal engolir-se sozinho. É coisa tão ruim! Para comemorar esta data vamos oferecer aos amigos uma novidade: é o Banquete Seco com todos os acepipes e pertences. Ficam todos a roda da mesa, nas respectivas cadeiras,mas comidas ... 'no hay'".

"Vocação hereditária" (RA. 4.5.1.2.) - em estilo retórico- oratório crítica a impropriedade dos termos "vocação", "sacerdócio" (referentes à medicina),o fascínio pelos títulos, a bajulação, a crença aristocratizante na hereditariedade das aptidões profissionais.

"Sociologia" (RA. 4.5.1.3.) - protesta contra o emprego de terminologia biológica - "as ciências transcendentais" - que a revista chama de sociologia. Refuta o termo, tomando-o ao pé da letra, criando sofismas e no final uma divagação caricatural , conceptista, com "ranço" camoniano.

"Sociedade" (RA. 4.5.1.5.) - colocam-se no mesmo nível as mais desbaratadas profissões (padre, orador, médico, sociólogo, cartomante), para insinuar indefinição de setores do conhecimento, interferência de atitudes literárias em outras profissões.

"Política" (RA. 5.5.1.4.) - a época é de combate ao café- com-leite, política eleitoral de cabrestos, feita pelos coronéis rurais, com as habituais apurações desonestas. No contexto, o hino "O voto secreto" inserido na nota torna-se irônico.

"Civismo" (RA. 6.5.1.3.) - repete a crítica à mania de festividades cívicas, super-engrandecimento de heróis, homenagens patrioteiras, estilo grandiloquente.

"Progresso" (RA. 7.5.1.4.) - sátira ao provincianismo, contestação da expressão de progresso aplicada a um aparelho elétrico, cuja chegada a um local remoto é festejada como sinal de cultura e elevação de "status".

"Brasilidade" (RA. 9.5.1.1.) - coloca-se contra a mania oratória, o estilo retórico, os lugares comuns. O redator revela-se incoerente, contrapõe acidentes geográficos brasileiros às formas culturais, como a cozinha e a música; seu nacionalismo se satisfaz com a ausência de iguarias de nomes estrangeiros. O mesmo termo "Brasilidade na nota "Civismo" (RA. 6.5.1.3.) vem carregado de intenções depreciativas. No caso a "brasilianidade" resume-se no cardápio e na música de Carlos Gomes, aquele meramente pitoresco e superficial, esse bem pouco brasileiro, a não ser no tema. Para um antropófago, as comidas e músicas referidas não passam de cultura "enlatada", nada genuínas.

"Mestre em oratória" (RA. 9.5.1.2.) - em discurso um deputado refere-se aos seus ancestrais nobres, à tradição de família, ciosa de genealogias. No espírito da antropofagia é apenas mais uma "tara" brasileira indesejável.

"Boas festas" (RA. 9.5.1.3.) - o texto do cartão insinua pedido de gratificação de fim de ano. A RA parece apreciar as malandragens bem colocadas nas entrelinhas.

"Carnaval" (RA. 10.5.1.5.) - a nota dá relevo ao espírito carnavalesco e suas raízes populares no caso, formação de blocos--plenamente integrados nas elites,declarado ingenuamente como festividade cívica e acadêmica.

Da primeira fase, uma citação solta d' O gênio e a morte de Laurindo Rebello "O sol está no acaso!!!" RA. 4.1.4.1.) também enquadra-se no espírito da "Brasiliana". A segunda fase não continua com essa seção-montagem, todavia, algumas colagens isoladas mantêm o mesmo traço. Uma delas, "Ramalhetes de flores espirituais" (RA. 8.5.1.5.) é indicada como extrato d' A Ordem,"Órgão do Centro de Vocações Policiais", em vez de "Centro de Vocações Sacerdotais" (A Ordem, publicação católica, contava com a participação de Tristão de Athayde). Outra, filia-se às intenções da "Brasiliana" a partir do título, "A asneira", introduz uma citação de Albert Sarrault(ex-ministro das colônias do Gabinete Poincaré) (RA. 13.1.4.10). Finalmente, associa-se a este tipo de colagem o recorte de um noticiário do Rio, contando a atenção dedicada pelos moradores de São Cristovão a um vôo da esquadrilha naval. A colagem ganha título, "Curiosidade" (RA. 12.5.1.5.).

As citações não identificadas, perdidas nas páginas do periódico, distinguem-se graficamente do restante do material: formato maior das letras, realce da linha preta contínua envolvendo a passagem. Algumas delas parodiam trechos colagens incorporados pela revista, travestindo completamente o sentido do referente original. Em duas passagens, "contra os exercícios espirituais de Loyola, os exercícios físicos" (RA. 13.1.4.5.)e,"Viver antropofagicamente é evitar os prazeres anormais" (RA. 12.1.4.10.), que se consideram de autoria da redação, sal

tam à vista os seus objetivos ao se comparar com alguns fragmentos emprestados - truncar e glosar o pensamento de outros autores. A RA apodera-se de duas citações de Maurice Blondel colocadas na mesma página. Em relação à primeira, o núcleo da citação - "Penetra-se dos exercícios de Santo Inácio mesmo atirando-se no tumulto das intrigas políticas, não será essa a perfeição e quase a santidade da perversão?" refere-se aos exercícios pregados pelos jesuítas aos quais a antropofagia contrapõe os exercícios físicos, para "evitar os prazeres anormais". O outro extrato de Blondel, de A Ação, incorporado com destaque na página - "não há problemas mais insolúveis do que os que não existem", ajuda a antropofagia a derrubar de um sopro toda a metafísica e a superstição teológica, impregnadas nas pregações jesuíticas. (RA. 13.1.4.6.).

As outras repetições encontradas todas com a mesma roupagem gráfica referem-se ao selvagem e ao seu relacionamento com o colonizador. Duas delas surgem no mesmo número da revista. A primeira: "gostosa, contam, acharam eles essa carne de dente, por isso mataram mais no andar do dia para mantimento" (RA. 19.1.4.3.), é retomada em "De antropofagia" (RA. 24.1.2.1.); a outra: "nosso princípio vem da tempestade, somos valentes como o estrondo do céu" (RA. 19.1.4.6.). Há, ainda, uma que pertence a primeira fase (RA. 9.1.4.1.), trata-se do "grito de guerra dos tupis para a conquista do Brasil", transcrito da seguinte forma, "ya so Pindorama Koti, itamarána po anhantin, yararama ae recê". Finalmente resta a mais longa, o já mencionado diálogo ou melhor a fábula do curupira e a irara (RA. 17.1.4.3.), trecho repetido parcialmente em "De antropofagia" (RA. 19.1.2.1.).

- NOTAS.

1. Apud Leila Perrone-Moisés - L'intertextualité critique. Poétique. Paris, 27: 382, 1976.

2. Renato Poggioli - op. cit., p. 107-111.

3. Ibid., p. 107-111.

4. Jaime Adour da Câmara -op. cit.,

5. Geraldo Ferraz - Os antropófagos do Diário de São Paulo. Diário de São Paulo, São Paulo, 21 nov. 1954. Seção "Vida literária".

   Raul Bopp - Vida e morte da antropofagia. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1976. p. 44.

6. Alfredo Bosi - As letras na primeira república. In: - Boris Fausto, org. - História geral da civilização brasileira. São Paulo, Difel, 1976, t. 3, v. 2, p. 315.

7. Ibid., p. 316.

8. Maria Eugenia Boaventura - op. cit., p. 23.

9. Antoine Compagnon - La seconde main. Paris, Seuil, 1979. p. 389-390.

10. Louis Aragon - Les collages. Paris, Hermann, 1965. p. 123-124.

11. Mikail Bakhtine - La poétique de Dostoievski. Paris, Seuil, 1970.

    Claude Bouché - Lautréamont. Paris, Larousse, 1976. p. 164--171.

    Julia Kristewa - Introdução à semanálise. São Paulo, Perspectiva, 1975. p. 61-90.

12. Leila Perrone-Moisés - op. cit., p. 382.

13. Jacques Dubois et alii - Douze bribes pour decoller en 40000 signes. Revue d'Esthétique, Paris, 3/4: 13, 1978.

14. Jean-Pierre Morel - "Collages", montage et roman chez Döblin et dos Passos. Revue d'Esthétique, loc. cit., p. 220-221.

15. Antoine Compagnon - op. cit., p. 389-90.

16. Henri Béhar - Le collage ou la pagure de la modernité. Cahiers du 20e. Siécle, Paris, 5: 46-47, 1975.

17. Wolfgang Babilas - Le collage dans l'oeuvre critique d'Aragon. Revue de Sciences Humaines, Paris, 151: 353, 1973.

18. Stefan Morawski - The Basic Functions of Quotation. In: - Sign, Language, Culture. The Hague, Mounton, 1970. p. 691.

19. Louis Aragon - op. cit., p. 29-31.

20. Walter Benjamin - Avanguardia e rivoluzione. Torino, Einaudi, 1973. p. 128-130.

21. Antoine Compagnon - op. cit., p. 293.

E. Marcu - Répertoire des idées de Montaigne. Genève, Droz, 1965. p. 375-380.

Henry Meyer - The Poetic of Quotation in the European Novel. Princepton, University Press, 1968.

Hugo Friedrich - "Tradition et culture". In: - Montaigne. Paris, 1968.

22. Carlos Guilherme Mota - Ideologia da cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1976. p. 196.

23. Sigmund Freud - La psychanalyse. Paris, Payot, 1921.

Id. - Introduction à psychanalyse. Paris, Payot, 1922.

Id. - Totem et tabu. Paris, Payot, 1923.

24. Maria Helena Grembeck - Mário de Andrade e l'Esprit Nouveau. São Paulo, IEB-USP, 1969.

25. Oswald de Andrade - "Informes sobre o Modernismo". 1946. (m.s. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

26. Id. - Obras completas. ed. cit., v. 5, p. 94-95.

27. Ferdinand Alquié - Philosophie du surréalisme. Paris, Flammarion, 1977. p. 83-84.

28. Gérard Durozoi & Bernard Lecherbonnier - op. cit., p. 137-161.

Charles Glicksberg - op. cit., p. 150-162.

Marie Claire Bancquart - 1924-1929: une année mentale. La Révolution Surréaliste. loc. cit., p. I-XI.

29. Darcy Ribeiro - Teoria do Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973. p. 117. O ideal de branqueamento era ainda um sonho das elites. Como prova disso, Thomas Skidmore lembra a preocupação com a imigração e as respostas racistas a um questionário distribuído pela Sociedade Nacional de Imigração em 1929. Ver a respeito: Thomas Skidmore - Preto no branco. São Paulo, Paz e Terra, 1976.

30. Heinrich Lausberg - Manual de retórica literária. Madrid, Gredos.

31. Oswald de Andrade - O êxito na terra substitui a esperança no céu. loc. cit.

32. Id. - Obras completas. ed. cit., v. 6, p. 23.

33. Projecteur. Paris, 21 mai. 1921.

34. Michel Sanouillet - Picabia. Paris, L'Oeil du Temps, 1964.

35. Jean Arp - Arp on Arp; Poems, Essays, Memories. New York, 1972. p. 238.

36. Ferrucio Masini - "Il Linguaggio dell'avanguardia tra ideologia e utopia". In: - Brecht e Benjamin. Bari, De Donato, 1977.

37. Michel Sanouillet - op. cit., p. 32.

38. André Breton - Géographie Dada. Littérature, Paris, 18: 18, 1920.

39. Paul Éluard - La Révolution Surréaliste, loc. cit., p. 128.

40. Joseph Shipley - Dictionary of World Literature. Totowa, Littlefield, 1972. (verbete Fable).

41. Clóvis de Gusmão - Carta. In:-Joaquim Inojosa - op. cit., v.2, p.404-406.

42. Marc Angenot - Idéologie/collage/dialogisme. Revue d'Esthétique, loc. cit., p. 349.

43. Oswald de Andrade - op. cit., v. 6, p. 152.

44. Jean Paulhan - Oeuvres complètes. Paris, Cercle du Livre Precieux, s.d.

45. Paul Éluard - Oeuvres complètes. Paris, Pléiade, 1968.

46. Tristan Tzara - op. cit., p. 121.

47. Jean Dubois et alii - op. cit., p. 31-32.

48. Louis Aragon - Lautréamont et nous. Lettres Françaises. Paris, 8 juin, 1967. p. 3-9.

49. Proverbe. Paris, 3: 4, avril, 1920.

50. Sérgio Buarque de Holanda - Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

51. Oswald de Andrade - op. cit., v. 6, p. 75-138.

52. Antônio Cândido - A hora é difícil, mas em um canto alguém pode estar criando. Visão, São Paulo, 28 fev. 1972. p. 121.

53. Mário de Andrade - Macunaíma. São Paulo, Martins, s.d., p. 114.

54. João Alexandre Barbosa - "A linguagem e a realidade do Modernismo de 22". In: - A metáfora crítica. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 101.

"(...) os meios artísticos (...) perdem pouco a pouco seu valor específico. Estes meios são intermutáveis, podem ser aplicados a qualquer forma de arte e por extensão, apelar para elementos heteróclitos, materiais desprezados ou nobres, clichês verbais ou clichês de velhos magazines, lugares comuns, "slogans" publicitários (...) elementos heteróclitos cuja reunião se transforma em uma coerência imprevista, homogênea, desde que eles ocupem lugar de uma composição novamente criada".

TRISTAN TZARA. Introduction. In: - Georges Hugnet - L' aventure dada. Paris, Seghers, 1971. p. 5-9.

3.2. A paródia e cômico.

É ponto pacífico que a dialética da Vanguarda se configura como a passagem do sério à sua paródia. A vanguarda italiana institui-se imediatamente e somente como paródia, no sentido bakhtiniano de realização de uma vida e um mundo revirados. Explica Fausto Curi: a paródia do trágico, ora pateticamente degradado ora retoricamente ampliado e reduzido ao próprio contrário. Em outros termos, paródia de uma paródia realizada irônica, cínica ou ainda grotescamente destorcendo o que já era "patologicamente" modificado.

No âmbito francês, Curi sugere um roteiro amplo, o da "malarmaica" consciência da morte da poesia e conseqüentemente da morte do trágico à sua paródia, emergida inicialmente em Laforgue, realizada em Jarry e radicalizada com a total negação do trágico e da poesia em Tzara, Cravan e Vaché. O comportamento parodizante da Vanguarda resume-se em duas vertentes:

1. naquela detectada por Bakhtine, no discurso carnavalesco, caracterizado pela profanação do objeto e pela sua renovação/regeneração;
2. no comportamento radical, cinicamente dessacralizante que profana o objeto apenas para negá-lo [1].

É intenção deste trabalho estudar, no âmbito da literatura brasileira, como a antropofagia se realiza enquanto Vanguarda. Parodicamente? De que modo? De antemão é evidente que esse "movimento" não se afasta do comportamento geral da vanguarda artística do início do século. Corporifica-se também como paródia do sério ou do trágico, radicalizando as atitudes antevistas e postas em prática pelo movimento de 22. No seu percurso, o projeto antropofágico, fazendo emergir os conflitos de uma vanguarda de país colonizado, procura manter as características próprias enquanto se atualiza com as conquistas expressivas e técnicas oferecidas pelas vanguardas de fora. A paródia do "trágico" na antropofagia é intimamente ligada ao contexto brasileiro e por isso o seu mérito não diminui ao se verificar a inspiração externa.

Da concepção grega do termo paródia à moderna teoria, observa-se grande dilatação semântica. Da antiga restrição de imitação deformada, cômica de uma obra literária conhecida, a paródia passa a envolver a imitação de qualquer texto. A partir dos fins do século passado, a reputação da paródia sofre uma série de reparos. De exercício pobre, derivativo, imitação no sentido pejorativo, crítica banal, transforma-se em mecanismo influente na dinâmica da invenção. Isto se deve ao novo conceito que se tem de criação artística, atribuindo grande peso ao trabalho consciente do artista. Redescobre-se o valor criativo da paródia como motor da evolução literária, recriando e organizando a matéria nova [2]. A Vanguarda alarga com suas experimentações o campo para novas e diferentes utilizações da paródia. O comportamento da arte moderna, como mimesis de si mesma, relaciona-se diretamente com as características da paródia - imitação de um trabalho artístico. Transforma-se a paródia em modo eficaz de expressão peculiar a uma civilização em estado de fluxo, de transição.

A crítica contemporânea não é uníssona ao determinar a essência do elemento paródico. Este é detectado apenas e sempre através de uma escritura, isto é, ao se verificar uma relação com outro texto de natureza lingüística. A paródia é antes de tudo um ato de linguagem [3], posição que encontra oponentes na crítica que rastreia a paródia na música, nas artes plásticas,etc. Neste caso, não se aponta a natureza lingüística da mensagem como condição "sine qua non" da paródia. Amplia-se o alvo para qualquer código não necessariamente lingüístico. Segue-se a pista aberta por James Joyce em Finnegans Wake onde tudo é parodiável. G. Highet analisa vários exemplos de paródia no campo das artes plásticas e da música. Corresponde à sátira de um estilo especial, de um determinado artista ou de um tema particular. Para a música tem-se o exemplo moderno do balé O beijo de fada, paródia de Tchaikovsky e na pintura as variações de Picasso em As meninas de Velasquez [4].

Tenciona-se estudar na antropofagia a construção paródica elaborada a partir de textos. Esta perspectiva facilita e proporciona o destrinchamento da estrutura da revista, onde a paródia é instrumento ou categoria da expressão literária. Procura-se ressaltar o processo, sistematizar os textos tomados como referentes, as relações que esses mantêm entre si e determinar o modelo (ou modelos) subsistido na Revista de Antropofagia ou no projeto geral.

A grosso modo, a paródia na revista processa- se pelo mecanismo de incorporação de textos diversificados. A articulação paródica tanto é detectada na macroestrutura (no periódico em si) como na microestrutura, isto é, na escritura das variadas contribuições. Essa estrutura plural deve ser encarada nos seus variados ângulos e implicações. Primeiro, constatar o notório e unânime caráter inovador de uma estrutura tipicamente de vanguarda, principalmente no segundo período (citações,colagens, anti-anúncios, anti-comunicados, textos truncados). Um caos aparente espalhado numa folha de jornal que se diz chamar revista, à espera do trabalho de decifração destinado ao leitor. Em seguida, atentar para o fato de que esses pedaços de textos (paro dicamente invertidos, entonação carregada de ironia e truques retóricos visando à comicidade) às vezes têm apenas o intuito de

a) desmistificar e negar a atuação de antigos companheiros de Modernismo (sem distinguir as posições de Mário de Andrade, Alcântara Machado de atitudes como a de Plínio Salgado, para ficar apenas nos chefes);

b) de recurso para esconder a escassa colaboração e algumas vezes a pobreza de assunto. Por último, procurar ver nas colagens a contribuição para o embasamento e apoio à teoria geral da antropofagia.

O cômico é a maneira determinante do processo paródico da antropofagia, como nas vanguardas históricas [5]. Costuma-se recuar até Baudelaire para encontrar a primeira tentativa de quebra do tratamento tradicional. Durante muito tempo

sua existência é tolerada na medida em que permanece subalterna aos valores chamados autênticos, nobres, elevados. Do ponto de vista político-social, os setores mais liberais tendem a aceitar a comicidade com algumas reservas. As ideologias totalitárias, em geral, bloqueiam todo movimento humano de caráter cômico como preventivo para extinguir os elementos não sérios da vida social. Baudelaire [6] refere-se ao conflito entre cômico e sabedoria da tradição, resultante da condenação do riso pela sociedade que o considera sinal de loucura, ignorância, fraqueza, desvio dos valores supremos, estáveis, absolutos, metafísicos, etc., enfim, desvio do pré-estabelecido. O sentimento do cômico toma impulso a proporção que a civilização se corrompe e se degrada. E Baudelaire vê nisso a possibilidade de toda a sabedoria e de todo absoluto, a prenunciar a solução para o artista levar avante a sua revolta frente às hipocrisias das normas sociais.

Partindo desse filão de irreverência e rebeldia, apontado por Baudelaire, a vanguarda artística apodera-se do cômico, transformando-o em instrumento fundamental na luta contra os valores estabelecidos, contra a burguesia. No início do século, o cômico encontra em Henri Bergson teorização e sistematização comentadas e conhecidas hoje pela visão substancialmente otimista e harmônica do mundo e da vida social [7]. Na ótica bergsoniana o cômico representa desvio dos valores, aquilo que deve ser punido. O riso, a arma da punição, o retorno à ordem. O eixo central dessa teoria reinvindica para o riso uma função benévola de repressão em relação aos desvios representados pelo cômico. Pensando na advertência de M. Perniola e de G. Ferroni [8], nas palavras de Baudelaire e na conclusão a que Bergson chega sobre o cômico - invenção onde ocorre a troca de qualquer coisa autêntica, onde se verifica o desvio do essencial, dos valores elevados constata-se quão reacionária se mostra a teoria desse último. Ferroni lembra que Bergson não reconhece o cômico como categoria artística,considera a sua lógica absurda e nivela-a à loucura e ao sonho. Persiste com a mesma visão da sociedade do tempo de Baudelaire.Bergson não alcança o cômico que prepondera nas vanguardas do século XX e que R.M. Albérès chama de explosivo e muitos aproximam-no da comicidade do medievo [9].

No futurismo, o cômico apresenta-se como instrumental e método de provocação (sem questionar pressupostos ideológicos) [10]. Papini estabelece a existência, no movimento italiano, de duas correntes bem distintas por caracteres, arte, pensamento, que permanecem unidas por necessidade de luta, amizade ou algum objetivo comum. Sugere os nomes de futurismo e marinetismo [11]. Em relação ao cômico estes dois grupos reagem de modo diferente. A doutrina marinetiana objetiva a função de um novo sublime, a invenção de um universo vital, onde o controle repressivo de uma cultura considerada decrépita passa ao movimento intenso e frenético da máquina. Já o discurso de autores como Palazzeschi revela-se consciente quanto ao caráter inversor do cômico, sem perpetrar também agressão real aos valores constituídos. É o riso estético, aceitável aos ouvidos escandalizáveis do burguês, como se nota em Paulicéia Desvairada e em muitos trechos da primeira fase da RA. O princípio da comicidade e da ironia em alguns autores da vanguarda italiana, pela análise de Sanguinetti [12], resulta da descoberta de que a um certo ponto da história o sublime só pode ser tolerado na sua dimensão invertida, ou seja, através da estilização, da deformação. A percepção da inevitabilidade da caricatura da tradição não é ação individual, deriva muito mais da motivação histórica, da impossibilidade de aderir a um mundo que teima em cultivar um sublime degenerado. A diferença entre as duas correntes emerge nessa maneira de sobrepor-se ao sublime. Enquanto Marinetti propugna pela simples substituição do sublime tradicional, degenerado, por um outro inédito, o outro grupo vindo da "poesia crepuscular", conserva o sublime, modificando-o, deformando-o [13].

O dadaísmo utiliza-se do riso/cômico para lutar contra todo discurso estabelecido, todo material da tradição e a filosofia em que a cultura burguesa se baseia. O riso constitui estratégia cultural, refuta qualquer definição ou sistematização teórica. A sua marca diferenciadora é no dadá a luta pela liberdade do vínculo institucional, da absorção em modelo autoritário "Laughter is a reaction against ridigity" [14]. Picabia representa bem o cômico dadá:

"Les courses de 'toros' me donnent envie de rire.
La guerre me donne envie de rire.
Les drames d'Hauptmann et d'Ibsen me donnent envie de rire.
Une réception à l'Académie me donne envie de rire.
Un roi me donne envie de rire.
Jésus-Christ-Rastaquouère me donne envie de rire!"[15].

No surrealismo o cômico é a condição essencial para a negação da realidade e da falsa aparência, partida para a abertura da nova zona vital em direção a uma vida mais autêntica[16]. Conforme Breton, "(...) triunfo paradoxal do princípio do prazer sobre as condições reais, no momento julgadas as mais desfavoráveis, é naturalmente chamado a desempenhar valor defensivo numa época carregada de ameaças como a que vivemos"[17].

Fica patente que o cômico, como dimensão estilística, escritura desarticuladora e corrosiva, está presente nas vanguardas históricas e revela-se instrumento eficaz de ruptura. A antropofagia explora até as últimas conseqüências a ordem dita da no Manifesto - "A alegria é a prova dos noves". E este discurso usado pela vanguarda brasileira deve ser visto igualmente como estratégia diante da rigidez da literatura oficial, desdém por tudo, libertação; recurso usado como arma para minar a realidade e como substituto da discussão de certos problemas com maior profundidade e vigor.

A ação programática da revista é veiculada através de vários textos, na teoria, dispersa assistematicamente e algumas vezes por aforismas, prevalece a mistura do cômico e do sério na argumentação[18]. A série de dez artigos (que normalmente formam o editorial) aparece em toda a primeira página da revista (1a. fase), assinada sempre por Antônio de Alcântara Machado, instaura um novo tipo de escritura destoando dos editoriais jornalísticos usuais. Subverte o código lógico e lingüístico. Alcântara Machado apodera-se dos assuntos tratados seriamente por outras publicações tradicionais, constrói criticamente depurando o tom áulico e ao mesmo tempo expressando a visão particu

lar da RA sobre o assunto. Essa reutilização paródica de um gênero com prática compositiva diferente, forja novas formas de pensar e elaborar o texto. Contribui ainda para a produção de novos textos, a proporção que inova a estrutura tradicional e a escritura sem deixar de expressar o ponto de vista crítico. Essa concepção de paródia, como procedimento gerador de renovação literária, é uma herança dos formalistas russos [19]. Além desse aspecto, os editoriais da RA caracterizam-se pela escritura ambígua - programa e peça de valor literário [20]. Juntamente com os artigos de abertura de cada número da revista, os demais textos acompanham a tendência geral das vanguardas, predominando a natureza programática e reflexiva. A antropofagia é demasiadamente teórica, consciente de sua mensagem estética e obcecada pela revelação da verdade suprema. Com este tipo de discurso esclarece posições, sistematiza e define sua essência e intenções. E a exemplo de algumas vanguardas, no "movimento" antropofágico a realização programática e teórica revela-se superior a "criação" propriamente dita. No período quente do "movimento" somente duas obras de peso poderiam ser etiquetadas de antropófagas: Macunaíma (cujo autor insistia em não ter ligações com o grupo) e Cobra Norato.

Na maioria desses editoriais, aliás anti-editoriais, o assunto abordado parte se desenvolve em torno de um texto ou a um texto se refere, mesmo ligeiramente. A paródia toma a forma de bricolagem. Constrói-se com o material existente [21]. No primeiro "Abre-alas" (RA. 1.1.2.1.) a discussão volta-se para a experiência moderna (o movimento modernista brasileiro, em particular) e para a "arte futura". Em "Incitação aos canibais" (RA. 2.1.2.1.) o ponto central é Os Lusíadas de Camões e a argumentação parte de uma entrevista. No terceiro, "Carniça" (RA. 3.1.2.1.) uma conferência serve de pretexto; o Anuário Demográfico Paulista de 1924 e a Ilíada são motivos para a "Entrada dos mamalucos" (RA. 4.1.2.1.); em "Pacto do dia" (RA. 5.1.2.1.) o Pacto Kellog funciona como pano de fundo; em "Vaca" a obra de Ca

mões, as normas luso-brasileiras da língua portuguesa e um fragmento do chargista J. Carlos são os referentes (RA. 6.1.2.1.); a cobertura jornalística da viagem de Hoover e as possíveis manifestações oratórias, comemorativas do evento, entremeiam-se em "Pescaria" (RA. 8.1.2.1.); em "Chaco", o telegrama "pacificador" e o despacho de Briand (o "cabeludo") (RA. 9.1.2.1.). Por fim em "Ascânio Lopes", as cartas do poeta, o poema "Ambiente de infância", a literatura brasileira em geral (RA. 10.2.1.1.).

Com exceção do "Manifesto antropófago" (texto mais importante de todo o"movimento")a coluna de A. de Alcântara Machado é isoladamente o que há de mais inventivo em matéria de texto-programa(na primeira fase). A seção, melhor " restaurante antropófago", além de informar as coordenadas mais gerais da revista, em estilo "carnavalizante" anula as convenções que orientam os trabalhos de uma revista literária comum e dá origem a um trabalho jornalístico original, pelo menos para a época. Dentro do espírito das manifestações da Vanguarda, os textos da antropofagia tendem para a negação do estilo, de toda a técnica, organização e construção tradicionais. Compõem o repertório da literatura de contestação-construtiva, da negação reconvertida por ela mesma em proposição afirmativa .

"Abre alas" dirige o primeiro ataque à ansiada perfeição almejada pelo intelectual burguês, contraposta àquela que a RA deseja, atingida por meios nada tradicionais - a antropofagia-que segundo Alcântara Machado foi a culminância do Modernismo: "Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos à perfeição" (RA. 1.1.2.1.). Neste aspecto acredita-se que se possa colocar a antropofagia no mesmo nível de conquistas e propostas da Vanguarda. Refletindo junto com Marino [22], o"movimento"antropofágico representa o "extremismo" do Modernismo, sua forma ofensiva, revolucionária, tendo como destaques a violência e a intensidade. Reproduz e intensifica todos os tipos anteriores de ruptura. Representa uma síntese metafórica da trajetória dos diferentes grupos da experiência moderna. Experiência esta que a RA tenta minimizar e desmistificar ao longo de sua existência -

"Aqui se processará a mortandade (esse carnaval)". Ao primeiro contato não ficam dúvidas quanto às intenções de destruir os valores aceitos, por enquanto literários. "Mortandade" e "Carnaval", palavras símbolos, chaves ("Leitmotiv") de todo o discurso antropofágico, utilizadas contra os valores do Modernismo, considerados agora oficiais, cristalizados e decadentes. A luta acirra-se na segunda fase, investindo até contra os responsáveis pelo primeiro período da revista. É uma atitude explicável do ponto de vista da história da Vanguarda, pois sua vocação tem sido sempre a de negar o movimento precedente. Veja-se o exemplo de dadá diante dos movimentos artísticos que lhe antecedem: O futurismo morreu. De que? De dadá... - É dada quem vos fala". A antropofagia não deixa por menos, auto-considera-se "(...) o maior movimento que já se operou na evolução do pensamento brasileiro. Maior que o Romantismo (...) Maior que o Realismo (...) Maior, afinal, do que qualquer outro movimento que já se operou neste século" [23].

"Abre-alas" consiste ainda em exemplo da prática metalingüística exercida pelo periódico. A auto-referencialidade verifica-se na crítica à "experiência moderna", que não deixa de ser uma reflexão sobre o "movimento" antropofágico. Todo o editorial, aliás, é uma alusão à história do Modernismo vista em duas partes diferentes:

1. o Modernismo, propriamente dito, que reúne os intelectuais para uma "revolta". É este caráter de rebelião do primeiro momento explica a heterogeneidade da reunião - "uma democracia de bonde da Penha", onde "(...) todos os generais da revolução mental brasileira que só foram generais porque nessa hora tumultuosa não se tem tempo de escolher soldado" (RA.18.1.2.2.).

2. a antropofagia: fase mais radical, de dissenções, de tomada real de posição - "estouro": "(antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos)" (RA. 1.1.2.1.).

Esta distinção de duas etapas no processo de renovação artística confirma a observação feita anteriormente. A antropofagia, pela radicalização e violência das suas propostas,

atinge a categoria de Vanguarda. E já acena com a consciência da necessidade de se auto-destruir - "a fatalidade da auto-negação", diante da impossibilidade das vanguardas sobreviverem a sua própria fórmula de ruptura. Como bem diagnostica Marino, é a única saída coerente depois de vitorioso o processo de afirmação, para não correr o risco de se virar "estilo" [24].

No exercício da referencialidade a RA abrange outros pontos que se agrupam assim:

1. relacionados com o leitor; a apresentação nada convencional do periódico em "Abre-alas" - "É pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento a libérrima Revista de Antropofagia" - provoca e incita o leitor a conhecê-lo. Sempre usando da agressão ao público, como forma de propagar o movimento, outras passagens dentro da revista marcam o exercício metalingüístico dos antropófagos: "Leia sempre esta/ página/ que será a sua página/ Experimente a sua inteligência" (em caixa alta) (RA. 14.5.1.7.); "O aviso é para os leitores que porventura não sejam inteligentes" (RA. 18.5.1.1.) (aparece no final de uma nota sobre os erros de imprensa ocorrido em certo artigo).

2. à parte a preocupação com o leitor, os antropófagos não se descuidam em esclarecer a originalidade dos artigos, ou em explicar porque a revista ou determinada seção permaneceu fora de circulação, em notas marcadas pela irreverência. Alguns destes avisos surgem em espaço independente na folha da revista (RA. 14.5.1.1.; 20.5.1.1.; 24.5.1.1.), outras aparecem no final dos artigos (RA. 18.5.1.7.; 26.4.1.2.; 17.5.1.3.).

Desse "carnaval", confronto de oposições, sairão as pistas da "arte futura", a ser construída com os dados de Hans Staden. Para a realização deste exercício de bricolagem, antes é preciso uma "(...) derrubada impiedosa de figuras de mera casca literária sem cerne". Camões é a primeira vítima da investida do "restaurante antropófago". "Incitação aos canibais" (RA. 2.1.2.1.) visa não apenas ao mito literário, mas a um fenômeno

histórico brasileiro desmascarado na sua mistificação básica - "(...) antropófago que vem desde o nascimento da terra (...) devorando com delícias as gerações nacionais". A demolição de Camões é concomitante a de um representante da oficialidade cultural. Principia-se com a conferência de um "(...)atraente parteiro, professor, acadêmico e orador Dr. Fernando de Magalhães (...)" que se mostra maravilhado com o resultado de um inquérito entre crianças de 12 anos, onde uma delas revelou preferência pelo Os Lusíadas. Alcântara Machado utiliza-se da citação do "emérito" professor para denunciar o absurdo da mentalidade dos pedagogos brasileiros e criticar o sistema educacional brasileiro. A sátira ao pensamento do Dr. Fernando de Magalhães e o efeito cômico são obtidos pela vulgarização da linguagem, contrastada com a seriedade da citação do educador - " Menino que chupa Camões como se fosse pirulito de abacaxi, não é menino, é monstro"; "Já no grupo escolar a molecada indígena ouve da boca erudita de seus professores que o Brasil foi descoberto por acaso e que Camões é o maior gênio da raça. A molecada cresce certa destas duas verdades primaciais". Esse procedimento de rebaixamento é um dos meios de atingir a meta perseguida pela antropofagia: "(...) desvespuciar e descolonizar a América e descabralizar o Brasil" [25].

Com o circular dos números, a escritura de Alcântara Machado ganha maior contundência e a comicidade já não aparece mascarada. A prova está no título do terceiro editorial - "Carniça" (RA. 3.1.2.1.), cuja construção básica é ressaltada pelo abuso dos elementos perifrásticos escolhidos com a intenção de despertar a comicidade:

positivismo ⟶ carniça, epidemia, "igrejinha Ordem e Progresso"

a crítica de B. Pereira ⟶ Cruzwaldina

Cruzwaldina ⟶ Creolina

os adeptos do positivismo ⟶ "namorados póstumos de D. Clotilde".

O positivismo "carniça" na metrópole, no "país condoreiro" ainda precisa de Cruzwaldina (marca de desinfetante popular, que também lembra o nome do sanitarista famoso que erradicou epidemias no Brasil). A troça chega ao auge no forjado bilhete à Europa"(...) preferimos sardinha. Que marca vocês querem? Amieux, Philippe & Canaud ou aquela de saudosa memória D. Pedro Fernandes (...)".

O pacto Kellog, que mobilizou as atenções do noticiário jornalístico do mundo inteiro, é reservado para a próxima deglutição do "restaurante semanal" (RA. 5.1.2.1.). A linguagem do texto, a mais corriqueira possível, em poucas palavras, carregadas de ironia demolidora, desmistifica "essa pouca vergonha", "essa imbecilidade mais revoltante" que vai declarar o "roubo e o assassínio fora da lei". O autor expressa seu protesto, tratando não seriamente um assunto considerado nobre - "pacto solene". Desmascara a solenidade pela dessublimação estilística: "Salta o pacto Kellog com molho de hipocrisia norte-americana". O ponto alto desse processo estilístico de rebaixamento do sublime é atingido pelo tom caricatural e pelo jogo perifrástico na alusão aos signatários do pacto. A paródia desce a detalhes. Os cognomes parodiados sofrem tratamento cômico-satírico provocado sobretudo pelo desvio hiperbólico, ou seja, pela discrepância entre o modelo (Briand, Kellog) e a paródia (Janjão Taco, Neco Facão, Briand - o cabeludo): " Reúnem-se em grave assembléia os conhecidos bandoleiros Janjão Taco, Neco Facão, Prazer das Morenas e Totó Sururu". O pacto é tratado como "pagodeira" e os seus responsáveis pândegos, bandoleiros. Procedimento natural do "carnaval" anunciado no primeiro editorial "Abre-alas", a inversão efetiva dos valores da cultura superior. E essa concepção carnavalesca do mundo ocorre, como ensina Bakhtine, numa linguagem de praça pública, integralmente cômica, não cristalizada em um código rigoroso e totalitário [26]. Aliada ao desmascarar da farsa está a crítica à sociedade capitalista que elabora essa "obra-prima de cinismo", espalhando a ânsia guerreira, ora intervindo na Nicarágua, ora trucidando

"chineses e africanos". Atualíssima, portanto. Os acordos, tratados, declarações de paz mais uma vez são questionados, verdadeiros blefes quando comparados com a política mais sincera do selvagem: "Só o civilizado faz concessões, transige e assina o tratado de Versalhes (...) O acordo (do índio) era no moquém com o corpo do inimigo fritando na braza"(RA. 26.1.2.1.).

Prosseguindo a demolição do sério através do recurso cômico, Alcântara Machado compara o acordo luso- brasileiro, de reforma ou de normalização da língua portuguesa, com a união de Mutt e Jeff diante do cinema numa caricatura de J. Carlos. A paródia tem o seu conceito ampliado pela transposição dos elementos pertencentes a outro código (a caricatura, o cinema) - "Vamos fazer uma vaca, Jeff?/ - Vamos, você entra com 10 tostões e eu entro com você" (RA. 6.1.2.1.).

A paródia do "trágico" nessa série de Alcântara Machado radicaliza-se em "Entrada dos mamalucos"(RA. 4.1.2.1.) na negação da arte consagrada - a Ilíada, tomada como protótipo desse tipo de arte. O clássico da literatura é suplantado no interesse e na atração estética por um Anuário Demográfico. A dessacralização não pára na Ilíada, chega ao terreno brasileiro na figura do poeta parnasiano "(...) a herma Alberto de Oliveira patinada a Negrita". Essa é uma atitude comum à Vanguarda, lembra A. Marino, o classicismo é o símbolo por excelência do espírito literário tradicional, o princípio negativo da arte, a besta negra da Vanguarda. Por uma mudança de valores, anatematiza-se as obras mais célebres, num verdadeiro zelo de profanação, de blasfêmia, seguida de comparações ofensivas de um radicalismo exagerado e barulhento [27]. No plano internacional a série é aberta com Marinetti com seu "(...) automobile rugissante (...) plus belle que la Victoire de Samothrace". Segue-se a Mona Lisa de Duchamp. Essa referência e a reminiscência de outras obras ou motivos(anteriormente Os Lusíadas de Camões), emprestando uma distância crítica, permite,além da comparação literária entre épocas e autores, apreciar as diferenças entre sociedades. A maior parte do texto consiste na paródia cômica

de trechos do Anuário, exaltando os efeitos da sua leitura. Concentra na estatística da "nupcialidade" para enfatizar a miscigenação e a absorção do mamaluco pelo elemento estrangeiro - "o pessoal da estranja se atirou feio na prata da casa".

"Pescaria" (RA. 8.1.2.1.) é o título que Alcântara Machado encontra para o comentário sobre a visita do presidente norte-americano à América Latina, inclusive ao Brasil. Nada mais adequado para definir a visita política de representantes de grandes potências a países do terceiro mundo, ainda muito em moda nos dias atuais. Bastaria substituir nomes. A situação se repete. As propostas vem bem embaladas com capas de "panamericanismo, fraternidade continental, a América dos americanos". O refrão "Hoover vem aí e vem pescando/Hoover vem aí vem pescando no mar" é o clímax da irreverência da linguagem,ao lado de manifestações oratórias louvaminheiras de saudação ao presidente. As estruturas de rimas internas e aliterações lembram os refrões das canções ingênuas, engraçadas e populares.

O cômico e a paródia a serviço da derrubada de mitos.

A RA, em ambas as fases, de vários modos ,ridiculariza a ação e o pensamento dos companheiros modernistas que não aderem, se afastam do grupo, ou ainda de escritores que se opõem à programática antropófaga. No primeiro caso, Mário de Andrade é o alvo principal da RA. Pode-se ordenar os ataques ao escritor em três conjuntos: à pessoa do escritor, à sua obra e à sua atuação no Modernismo. Em relação ao primeiro, parece ser um comportamento normal da Vanguarda mais agressiva o massacre dos confrades, necessariamente denunciados como ultrapassados, desatualizados. Os dadaístas declaram acadêmicos os futuristas e os cubistas ("Manifesto", 1918) e os surrealistas atacam os dadaístas. A Vanguarda costuma exagerar essa tendência de oposição, tornando-a método essencial e estilo único de

atuação. Às vezes, desencadeia um estilo de violência gratuito. Dessa ótica provêm alguns dos fanatismos assinalados na RA:

"Mário de Andrade (o nosso Miss São Paulo traduzido em português)" (RA. 15.5.2.2.);

"Uns rapazes agitados do Bairro de Sta. Cecília sublimam os seus instintos no exercício semanal da literatura católica (...)" (RA. 16.5.1.2.);

"Os rapazes bem comportados do Bairro de Sta. Cecília"(Mário de Andrade residia nesse bairro e era católico praticante) (RA. 17.1.3.2.);

"Literato brasileiro é mesmo o que ele é: 85% ignorantão.Confunde tudo. Como deixei provado". Parodia um trecho da crônica de Mário de Andrade,-"Táxi: casa de pensão": "Isso é tudo fruto da nossa deslavada ignorância. Literato brasileiro oitenta e cinco por cento dos casos é um ignorantão" [28]);

"o sr. Mário de Andrade é o cérebro mais confuso da crítica contemporânea. O Virgílio Maurício do alemão. O Nilo Peçanha da literatura nacional" (RA. 15.1.2.2.).

Por momentos, nessa tentativa de compor um retrato e atacar o caráter de Mário de Andrade, o discurso da antropofagia afasta-se do mecanismo da paródia, permanecendo na simples caricatura. Sublinha e exagera jocosamente os traços salientes, defeitos do escritor e do seu grupo. Não se registra mediação de um texto prévio ou de sistemas significantes como na paródia [29].

As troças, os gracejos dirigidos à pessoa do escritor são de responsabilidade de toda a RA, uma vez que não se pode identificar os autores. São pseudônimos curiosos, palavras

inventadas que não significam absolutamente nada, puro divertimento em colocar máscara. Pseudônimos para rir e atiçar a curiosidade do criticado e para surpreender pela renovação constante e escolha apropriada. E é a surpresa por sinal um dos processos mais eficientes para despertar o riso. Busca do efeito cômico justamente na seleção cuidadosa de certas palavras e na estruturação precisa da frase. Um bom exemplo da prática é esta seleção nas amostras citadas anteriormente: Japy-Mirim e Cabo Machado. (Cabo Machado é paródia de título de um poema de Mário de Andrade que os antropofagistas prezam muito pela ousadia como é tratado o tema - "Cabo Machado é moço bonito"; "Cabo Machado é delicado gentil"; "Cabo Machado é doce que nem mel" [30]). Segue, portanto, a regra fundamental do cômico elaborada por Rabelais - "Não se faz rir com generalidades (...) é preciso detalhes" [31], aprendida muito bem por Oswald de Andrade. Aprendizagem consciente, reconhecida: "No século XVI, o século que se apoiou na Antiguidade nua para exaltar a nudez da Descoberta - há uma geografia do riso. Ela se inicia com as garatujas geniais de Erasmo, vem encontrar na França, o seu mestre incontestável François de Rabelais e desce até a Espanha para, com Miguel de Cervantes, por cobro a sinistra serenidade medieval (...) . No padre Rabelais há menos pensamento que em Erasmo e mais literatura. As molas do riso, tanto em Gargântua como em Pantagruel, brotam às vezes duma colocação de frases, dum trocadilho, duma invenção vocabular. Rabelais já começa a fazer da língua, o próprio estofo da sátira e da fantasia (...)". "Dele sairão os mestres da novidade mordaz que vão colocar a França no ápice da cultura européia em direção às transformações morais do mundo. Dele brotará toda a série de escritores epigramáticos que virão de Molière a Jarry, o magnífico autor de Ubu Rei" [32].

Parte da obra de Mário de Andrade é exaltada, incorporada pelo grupo como obra antropofágica, outra parte, sem grandes razões, severamente criticada - 'Se não me interessa a parte doutoral, pedante, falsamente erudita do branco hipó

crita do coro de Sta. Efigênia, me interessa a parte bode que é às vezes de uma riqueza inigualável". Em relação à Macunaíma, como se observou, a obra em si é confiscada para o acervo antropófago: "Saíram dois livros puramente antropofágicos. Mário escreveu a nossa Odisséia e criou duma tacapada o herói cíclico e por 50 anos o idioma poético nacional"; "O Macunaíma é a maior obra nacional. Você precisa ler. Macunaíma em estado de ebulição. Depois isso coa-se. Toma festim moderado com saldo a favor" (RA. 5.1.2.2.). Esta é a opinião de Oswald de Andrade na primeira fase da revista. Adiante, as relações entre os dois escritores estremecem, permanece constrangidamente apenas a admiração pela obra e o reconhecimento da sua importância - "(...) resolvemos transferir para breve a confiscação de Macunaíma" (RA. 19.1.2.2.). Num balanço do movimento modernista, este trabalho é destacado como o resultado mais importante, reconhecido como "(...) o nosso livro cíclico, a nossa Odisséia. Mas ele já cede a aproximação da 'descida antropofágica'. - Macunaíma pois, os antropófagos a reinvindicam para si. O cristianismo que nós combatemos com tanta coragem, encontra nele a primeira tacapada séria que na sua cabeça já se deu após os festins de Cunhambebe e outros heróis de bastante caráter" (RA. 15.1.2.2.). Mário sofre neste trecho uma tacapada forte, sua obra é grande enquanto transposição da linguagem poética das lendas amazônicas: "(...) Mário de Andrade teve a idéia genial de transpor das lendas coligidas por Amorim e outros, copiando-lhes mesmo a adorável linguagem poética, o que tornou seu trabalho verdadeiramente homérico no bom sentido". O mérito de Mário é apenas o de bom copiador. São contradições próprias a toda a Vanguarda .Mais tarde, na literatura crítica antropófaga dos anos 50, constata-se um equilíbrio que não há na RA -"(...) estamos em plena sintaxe de aço de Lorca como aqui no Brasil, na misteriosa sintaxe nheengatu, restituída por Mário de Andrade em Macunaíma" [33].

Outros golpes Mário e sua obra sofrem ao longo da existência da revista. Explorando com inventividade a paródia nos anti-anúncios, a RA zomba de todos os modernistas. Sobressai o aspecto dinâmico do processo - texto palco de trans

formação como na paródia dos textos de caráter legal. Reutiliza-se de modo novo um gênero ou uma forma de escritura prévia elaborando novos textos críticos. Vem do cubismo o gosto pelo reclame. Essa confiança nas expressões feitas tem segundo Aragon dois aspectos. O primeiro, gosto mitológico, onde o mito comercial é usado em prol de uma poética. São aliadas o caráter de protesto e a tentativa de modificar a realidade. O outro aspecto prende-se à desafeição das formas poéticas conhecidas e à vontade de revitalização da linguagem por meio dessas formas emprestadas à vida moderna [34]. Na primeira fase apareceram anúncios sérios do livro (RA. 2.7.1.; 3.7.4.; 4.7.1.; 5.7.1.). O anti-anúncio - "No próximo número da revista/(da sucursal do Rio)/ a meninada serelepe/ o papa verde/ o padrasto de Macunaíma/ e a verdadeira geração de Minas (RA. 18.5.1.4.) - estruturado em perífrase atinge vários alvos, mas o principal deles é Mário de Andrade - "o padrasto de Macunaíma", com ele vem o grupo modernista de Cataguases - "a meninada serelepe", a revista Verde (orgão do modernismo de Cataguases, Minas Gerais) - "o papa Verde". A estranheza dessas formas específicas de publicidade (anúncios, slogans, etc.) ao surgir no contexto literário são carregadas de humor. Além de ser também uma caricatura do meio publicitário. No anúncio - "Brevemente/2a. edição de Macunaíma/lendas indígenas com capa de Mário de Andrade" (RA. 20.5.1.2.) - o modelo referencial são aqueles usados na divulgação de livros tão comuns nas revistas literárias, aqui exercendo papel de anti-anúncio, (função e sentido inteiramente deslocados). Na verdade não anunciam, apenas troçam, dessacralizam autores, obras e os assuntos tratados. O processo de irrisão radicaliza-se, Mário de Andrade não é o escritor, nem mesmo editor de Macunaíma, mas simplesmente aquele que fez a capa. Mesmo assim a paródia não tem intenções de dessacralização malévola,como vai acontecer no "Moquém" (RA. 16.1.2.3.),ou quando a RA manobrar o "canhãozinho de Serafim Ponte Grande" para a demolição de alguns elementos sem significação no"movimento" [35]. Oswald define bem essa escaramuça - considerando a sua briga com Mário de Andrade "(...) uma feroz briga de namorados. Eu o ata

quei, ele me omitiu" [36]. O grupo admira e ao mesmo tempo precisa destruir a imagem do intelectual Mário de Andrade. Há nesse aspecto rixas e disputas pessoais. Macunaíma, saído em 1928, talvez seja o melhor exemplo de realização prática bem sucedida daquilo que teoricamente a antropofagia desejava. Inclusive foi visto que na 1a. fase da revista Oswald considerava o Macunaíma a maior obra nacional" (RA. 5.1.2.2.). E em 1948 reconhecia que o Modernismo podia se orgulhar de ter dado ao Brasil Cobra Norato de Raul Bopp e Macunaíma de Mário de Andrade[37]. E o seu autor não concorda em aderir à "descida antropofágica". O depoimento de Raul Bopp confirma a idéia de que "(...) após a publicação de Macunaíma (um dos trabalhos mais notáveis do Modernismo, nesta época) Oswald procurou persuadir Mário de Andrade a participar do movimento. As idéias do poeta de Paulicéia Desvairada ajustavam-se perfeitamente aos esquemas antropofágicos. Mas Mário desinteressou-se pelo convite. Sentia-se satisfeito com a popularidade que lhe coube no inventário da Semana. Tinha, além disso, fortes implicações de amizade com uma confraria de admiradores. Preferia ficar em sossego. Afastou-se aos poucos do grupo" [38]. Observe-se também o depoimento de Mário de Andrade a respeito da RA quando ainda na primeira fase: "Não tenho nada com ela mas já estou gostando, querendo bem por causa de ser feito por amigos. Só colaboro" [39]. Ascenso Ferreira em carta a Oswaldo Costa, retirando a adesão à RA explica que "(...) assim não posso dar minha solidariedade ao que você diz de Macunaíma, chamando-o de lendas amazônicas coligidas por Amorim e copiadas na sua adorável linguagem pelo autor. Não. Macunaíma é um maravilhoso sonho de mil e uma noites do Brasil. Não somente lendas brasileiras o que você encontra naquelas páginas encantadoras! Pelo contrário: o espírito nordestino passou o pensamento do autor no papo, por isso talvez, vocês do sul, não tenham podido bem interpretá-lo"(RA.25.3.2.1.).

Afora as referências esporádicas a Mário de Andrade, há o "Moquém" de Oswaldo Costa integralmente dedicado ao poeta. Estruturado à maneira de um questionário (perguntas e respostas), trabalhado parodicamente recorrendo à própria obra

do escritor para incriminá-lo - "Não tinha ainda terminado a crítica do movimento modernista quando o sr. Mário de Andrade vem de Táxi em meu auxílio, apoiando a minha tese" ("Táxi era o título da seção de crônicas que Mário publicou no Diário Nacional[40]). Numa dessas crônicas ("Táxi: casa de pensão", 11 de abril de 1929) Mário criticara o ambiente de "comadrismo" e "igrejinha" que dominava o meio literário brasileiro. Oswaldo Costa concorda aparentemente com o cronista, pega o filão do texto para mostrar que o responsável pela situação não é outro senão o Mário - "Toda essa confusão e esse comadrismo de quem é a culpa?; O sr. Mário de Andrade quer uma prova? Faça um exame de consciência, como bom católico que é" (RA. 16.1.2.3.).

Do tom habitual de mofa, a linguagem torna-se ferina e adquire a contundência da sátira na definição de André Jolles - sátira, função de injúria[41]. É que o mistério da sátira está em comer o adversário. O satírico, explica Benjamin, representa a figura do antropófago acolhido pela civilização[42].

A linguagem da escritura da RA mantem-se nos níveis da paródia e da ironia, até os "Moquéns". A seção de Oswaldo Costa agita o mundo das letras paulistas e descontenta muita gente[43]. Observe-se algumas tiradas dos "Moquéns": Mário é o cosmético da poesia nordestina"; "Para mim toda a obra de Mário não vale o Inácio da Catingueira"; "(...) discursos ao sr. Gomes de Cardim"; "crítica profissional através de estampas".

Indiscutivelmente Mário exercia uma liderança entre os escritores jovens da época, principalmente em Minas e no Nordeste. A admiração e influência são comprovadas pelas dedicatórias dos livros desses jovens a Mário e pela vasta correspondência que o escritor mantinha. Essa liderança a RA quer questionar e substituir, tratando-a de maneira maliciosa, como se pode constatar nos exemplos coletados em toda a revista. Recorra-se ainda a título de ilustração ao depoimento dos mineiros encontrado no trabalho de Paulo E. Salles Gomes sobre o modernismo de Cataguases, tão estigmatizado pela an

tropofagia. Conta Carlos Drummond de Andrade que "(...) até o fim do movimento nenhum Verde escapara da influência de Mário. Quando surge a cisão Mário x Oswald, a simpatia que Peixoto tenta manifestar pelo suplemento antropofágico do Diário de São Paulo é logo sufocada". Paulo Emílio cita também um depoimento de Guilhermino César: "Bopp propôs ao Dornas uma sucursal da antropofagia em Belo Horizonte, coisa já proposta ao Carlos e até ao João Alphonsus que não responderam nada. Os paulistas tentaram até pagar 200$000 pro pessoal movimentar a sucursal. Ninguém aceitou, está claro" [44]. Com essas recusas a RA intensifica a ofensiva aos mineiros e ao seu líder paulista: "Ao invés de poesia essência, o que temos - 'na escola mineira' e nos intelectuais do Nordeste influenciados pelo sr. Mário de Andrade - é poesia de acidentes, de ornatos, de detalhes, de efeitos" (RA. 15.1.2.2.)"; "Meninos impúberes como os de Cataguases, já concordando num sistema de troca de influências com o sr. Mário de Andrade"; "(...) As cartinhas de amor para Cataguases já vão arrepiadas como freiras durante a invasão militar. Aliás os meninos de Minas precisam se decidir. Literatura será questão de amizade? Não haverá entre eles um Tiradentizinho ao menos que tenha a coragem de conspirar contra esse reinado de D. Maria em que se estava transformando a ofensiva modernista" (RA. 15.5.2.2.); "Conselhos tendenciosos a meninada serelepe de Cataguases"; "correspondência amorosa com o que há de medíocre na intelectualidade do Brasil inteiro"; "Assim adeus mutirão de sabença da rua Lopes Chaves, primaz do modernismo brasileiro! Adeus Cataguases" (RA. 16.1.2.3.). A tentativa de anulação da influência do grupo paulista adversário e o desprezo à ação de rebeldia dos mineiros realizam-se nos mínimos detalhes de exploração da linguagem. O modernismo cataguasense é rebaixado à condição de "escola mineira" e ao prosaísmo do estilo arcádico. A doutrinação modernista de Mário de Andrade nivelada ao reinado da débil D. Maria I. O veículo dessa doutrinação - as cartas trocadas entre mineiros e paulistas sobretudo entre esse escritor - é correspondência amorosa. O adjetivo primaz ao lado de Modernismo tem toda uma carga pejorativa, alusão ao movimento

como "uma igrejinha literária". A reação dos mineiros repercute na revista belohorizontina, Leite Criôlo, contemporânea da RA - "Há tanto ardor neste tal patriotismo de idéias entre os tais primitivistas que Oswald de Andrade rompeu com as do mano Mário somente porque o escritor de Macunaíma não se sujeitou ao seu plano de botar Jesus Cristo para fora do território brasileiro. Mas Oswald nisso se pareceu com um menino teimoso que sujou a roupa do irmão mais velho porque este não quis brincar na beira da cacimba" [45].

A briga não se limita a Mário de Andrade, envolve outros companheiros da primeira fase, como Alcântara Machado. Explica Oswald de Andrade que"(...)tendo dado a direção da Revista de Antropofagia a Antônio de Alcântara Machado eu e o grupo que comigo fazíamos o movimento com ele nos desaviemos"[46]. O texto "Três Sargentos" (RA. 15.5.2.2.) assinado por Cabo Machado cujo título é apanhado do romance de Yan de Almeida Prado (publicado em fascículos na primeira fase da revista), presenteia Alcântara Machado com títulos engraçados como, "Tonico caica d'óculos", "homenzinho", "aristocrata filho de senador, neto de professor, bisneto de brigadeiro", "Molinaro do Modernismo", "a ciência do Toninho", o "Gago Coutinho que nunca voou". O assunto é mais uma vez disputa de liderança. O motivo da birra deve-se à fama que Alcântara Machado começa a ter no meio literário, sobretudo entre os novos, de reformador da prosa brasileira. (O próprio Oswald em 1926 canta loas a essa prosa moderna, no prefácio de Paté Baby). Mário de Andrade procura alardear a fama de Alcântara. Os antropofagistas não perdoam essas "(...) zumbaias a A.A. Machado e outras bexigas de nossa Barra-Funda literária". Observe-se a paródia-citação de um trecho de Mário de Andrade propositadamente truncado e deturpado pela RA: "Convencido de que está tendo influência na prosa brasileira. Aliás essa é do Mário: - 'Você transformou a prosa brasileira, dando-lhe concatenação etiológica e tirando-lhe menos pausa teleoclínica'. Me dá gana de quem diz o contrário". O texto atinge a níveis altos de "dessublimação estilística" ao

aludir à obra de Alcântara - Anchieta na Capitania de São Vicente (premiada pela Sociedade Capistrano de Abreu,em 1929)-"(...) acreditando em carpintaria teatral e no mostrengo mental que foi Capistrano de Abreu". As mesmas observações feitas por Fausto Curi a respeito da palavra "inoportuna" de Lucini adaptam-se à linguagem dos "Três Sargentos" :profanação, desmascaração do sacro, violação da etiqueta" [47]. A obra de Anchieta, um dos marcos iniciais da expressão literária nacional,torna-se "carpintaria teatral" e Capistrano, outra figura sagrada da História no Brasil, "monstrengo mental". Há ainda que se notar o efeito da associação sonora: carpintaria, capitania, capistrano. Finalmente, atente-se para a sentença de Cabo Machado a respeito da carreira literária do autor de Mana Maria, ironicamente adequada à posição social do escritor - "(...) preferiu ficar na literatura para gozo da família".

Além de Mário de Andrade, Yan de Almeida Prado é utilizado para zombar de Alcântara Machado em "Perfídia", assinada por Torquemada: "Do sr. Yan de Almeida Prado recebemos a seguinte carta anônima/Convida-mo a continuar chamando o sr. Alcântara de França Neto" (RA. 17.5.1.7.). Este tipo de brincadeira envolvendo os três escritores é comum. Primeiro em "Três Sargentos", e em "Perfídia". Em "O Reis da Intriga" Yan também serve de pretexto para a blague em torno dos outros dois. O dado novo é a inclusão do "(...) farmacêutico Alberto de Oliveira, exemplo da timidez modernista ou da modernidade tímida" (RA 13.5.1.5.).

O protesto dos mineiros ecoa também nesse caso. Consulte-se por exemplo o Estado de Minas da época: "Em São Paulo, no Rio e outras cidades desenrola-se um espetáculo triste, de pequenas rivalidades. Até hoje o Modernismo tem sido assim: se um sujeito chega a conseguir um renomezinho mais avultado, pau nele. Só assim é que se explica a revolta antropofágica contra certos escritores paulistas de mais fama. Pau neles. Ou é assim, ou assado" [48].

> "(...) la vie est un jeu de mots (...)" (Tristan Tzara - Conférence sur Dada. Lampisterie précédées de Sept Manifestes Dada. Paris, Jacques Pauvert, 1963, p. 156.

A revista começa a série de derrubadas dos mitos menores com o líder do grupo espiritualista do Modernismo - Tasso da Silveira. Recorre ao mesmo processo paródico dos anti-anúncios, empregados para Mário de Andrade: "Brevemente/ Tasso da Silveira/Alegria Procreadora" (RA. 19.7.1.). A comicidade do anúncio obtem-se com o recurso do jogo de palavras, com a paródia de traços fonológicos e grafológicos - criadora - procreadora [49]. Esse grupo embora contemporâneo da RA segue linha totalmente oposta. Enquanto a antropofagia pretende aproveitar elementos locais e explorar o pitoresco, Festa [50], de inspiração simbolista, volta-se para o cultivo de temas e valores espirituais universais. Para se ter uma medida da disparidade de propostas e objetivos, atente-se para a crítica de Tasso da Silveira ao Modernismo e a referência implícita ao grupo de Oswald de Andrade: "O nosso 'movimento modernista' foi de exclusiva preocupação da arte. A ponto de se perder inteiramente a noção das ligações profundas que prendem o sentimento estético ao sentimento da vida e destino"; "A verdade é que o esquerdismo extremado do nosso Modernismo resultou em ceticismo e desânimo, quando não em franca decaída no domínio das doutrinas e práticas do mais baixo libertarismo" [51].

Em outras notas o escritor paranaense e seu grupo são vítimas da verve antropofágica. Em "Uma história engraçadíssima, cadê o andaime", o título, o pseudônimo - Monge José Maria (qualquer um) - e o trocadilho com o nome do escritor"Torquato Tasso" (alcunha empregada sempre que se referirem a Tasso da Silveira) dão o tom de irrisão" (RA. 18.5.1.5.).

Manobrando os processos para atingir à comicidade já usados (jogos de palavras, perífrases arrasadoras e pseudônimo engraçado)criticam a proposta da "alegria criadora" do

pondem por uma nota sobre as posições ultra-conservadoras dos arquitetos Cristiano das Neves e Afonso Domingues, que sempre se voltam contra a arte moderna. Idêntica conotação têm as notas assinadas por Menelik, "o morto sempre vivo" (RA. 16.5.1.3.) e Menelik, "o morto que não morreu" (RA. 17.5.1.9.). O primeiro denuncia a publicação na seção livre do Diário da Noite de um manifesto "lítero-político-peróbico" de responsabilidade de membros da colônia italiana, com ranços e ameaças fascistas, insultando os brasileiros e o país. O outro Menelik reage aos insultos do jornal Il Piccolo (também vinculado ao fascismo dominante em certa camada de imigrantes italianos) à raça negra. "Seminarista Voador" (RA. 19.5.1.5.) com as mesmas intenções dos precedentes, isto é, ressaltar o assunto da nota, comenta a entrada de Cassiano Ricardo para a Academia e a escolha "sui generis" do seu patrono, o aeronauta Bartolomeu de Gusmão. Há também a possibilidade de nomes reais figurarem como pseudo- autores. Muitos deles aludem a fatos ou personagens históricos - Felipe Camarão (RA. 18.5.1.6.), Le Diderot (RA. 23.5.1.3.) e o já comentado Torquato Tasso (RA. 18.5.1.5.). Acontece ainda nomes verdadeiros pouco conhecidos ou apelidos funcionarem como nomes fictícios para os não iniciados e reais para os mais familiarizados com o assunto: José Piragibe (RA. 18.1.4.5.), Dolour (RA. 22.4.3.2.), Adrião Pater (RA. 25.4.3.2.), N. Iko (RA. 25.1.2.1.). Outros pseudônimos como esses resultam em simples disfarce, nada significam: Odjuavu (RA. 12.2.1.1.; 15.2.2.1.;16.2.2.1.; 17.2.2.1.; 18.2.2.1.; 20.4.3.2.) encarregado do comentário das revistas que surgem na época (Festa, A Ordem, etc.); Piripipi (RA. 18.5.2.1.); Jacob Pim Pim (RA. 26.4.1.1.;22.4.1.2.) Jacob Pum Pum (RA. 24.4.1.2.); Pão de Ló (RA. 22.5.1.4.); Tamandaré (RA. 14.2.1.1.; 15.1.2.2.; 17.1.2.1.; 18.1.2.1.; 20.1.2.1. 24.1.2.1.); Jaboti (RA. 14.5.1.3.); Torquemada (RA.17.5.1.7.) ; Rodovalho (RA. 19.5.1.6.); Marxilar (RA. 13.1.2.1.); Freuderico (RA. 16.1.2.4.).

A RA esmera-se em por abaixo a reputação intelectual de três escritores ligados à ala direita do Modernismo--Cândido Mota Filho, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Lança

mão do artífice de exploração das potencialidades conteudísticas dos nomes próprios - "O cândido sr. Mota Filho confunde tudo (...)" (RA. 16.5.1.4.). Desloca a categoria gramatical de substantivo próprio (nome do autor) - Cândido - passa a categoria de adjetivo "cândido sr.". Concentra-se em revelar os equívocos da teoria e do pensamento do escritor. Aliás todas as referências à sua obra têm esta intenção. Em nota a propósito do livro recém-lançado, Introdução ao Pensamento Nacional, o tom satírico, como normalmente acontece, já se anuncia no título - "As confusões do Sr. Mota" (RA. 18.1.2.3.). Intensifica-se a sátira até negar qualquer mérito ou validade à obra, considera "(...) o livro mais confuso e mais desinteligente (...) devia ser introduzido nas escolas para mostrar a gurizada o que é uma escrita confusa e emaranhada". O processo de depreciação é reforçado pelas perífrases endereçadas ao escritor - "o Motinha", "o pobre Proudhomme", "poeta desgraçado de um tal vaso quebrado". Duas outras notas desmoralizam a "metafísica dos discípulos decadentes de Spengler", a começar dos títulos irônicos e semelhantes: "Genialidade" e "Genialidades" (RA. 22.1.4.2.; 23.5.1.2.). Na primeira "genialidade" a RA maneja perfidamente a citação de um trecho do escritor, publicado no Correio Paulistano, para dar uma "amostrinha do angu de caroço de erudição", e ridicularizá-lo. Registra-se aquilo que Muecke prevê para a ironia bem sucedida. A aparência de uma contradição intencional, no caso fornecida pelos títulos, estabelece a tensão cuja solução é o riso. A incongruência entre título e texto origina um acentuado contraste, tornando a ironia mais marcante [53]. Atinge-se o alvo com os meios fornecidos pela própria vítima e a blague surge com a vulgarização da linguagem na apresentação de assunto sério e com o deslocamento da citação escolhida. Este último truque faz com que o fragmento emprestado soe ridículo e sem nexo, mesmo se se questionar as suas qualidades originais. Este processo de subversão sofrido pelo texto consiste num dos traços peculiares à paródia e em marca de desrespeito ao autor parodiado.

Menotti del Picchia é o segundo na preferência do fichário antropofágico. "Analfabetismo letrado", exemplo interessante de sátira contundente com duplo alvo: Mário de Andrade e o autor de Juca Mulato. Isso porque através do primeiro detona-se a ofensiva ao segundo - "O sr. Mário de Andrade declarou há tempos que o sr. Menotti del Picchia é o dó de peito da ignorância nacional". Contra-argumenta a suposta afirmação de Mário com uma perífrase cheia de truques retóricos - "O sr.Menotti del Piccolo é a Tosca. A Tosca do nosso analfabetismo literário" (RA. 22.5.1.3.). Paródia de traços fonológicos, troca del Picchia por del Piccolo. Tynjanov recorda que o recurso da máscara como meio de caracterização é marca de Gogol, parodiada por Dostoievski. A revista transforma o cognome "Piccolo", máscara verbal, em máscara real (aspecto exterior). A desvalorização efetua-se ainda pela alteração da ortografia do nome [54]. Piccolo significa em italiano pequeno, além de lembrar o nome do jornal Il Piccolo. A ignorância e os erros do poeta " irremediavelmente analfabeto" são explorados em outros textos: "O italianinho sem as primeira letras" (RA. 23.5.1.3.). Todos vazado no mesmo estilo aproveitando as perífrases como artimanha para a comicidade:" o vate del Picchia "Regabofe passadista", "xaropada do Juca Mulato", "os incompreendidos", "o Júlio Dantas de Itapira", "o poeta empastelado", "o chefe do fascio do Bexiga".

A síntese de todas as zombarias, sátiras e ironias desencadeadas em Menotti aparece na paródia de um anúncio-propaganda do material da revista: "No próximo número: de como o sr. Le Menotti del Piccolo surrupiou velhas idéias do pobre caballero d. Miguel de Unamuno e de como se traduz um conto de Shaw e se publica com outro título na "Feira Literária" e mais proezas contadas a moda danunziana para os efeitos da infiltração fascista no nosso hospitaleiro país (RA. 23.7.1.)" [55].

Os antropófagos parecem ter tido por passatempo o estudo das reações dos escritores vítimas das sentenças e ataques injuriosos. Afora este aspecto lúdico, perverso do anúncio, sobressaem dois outros. O primeiro, eficiente artífice

de propaganda da revista: com esta provocação os adeptos e os adversários do escritor (de relativo sucesso popular) com certeza leram, a contragosto ou não, o próximo número do periódico. O outro ponto tem íntima conexão com o sensacionalismo do anúncio. Aliada à brincadeira, vem a advertência séria da participação de muitos intelectuais na organização e apoio de partidos ou movimentos fascistas no Brasil. Passada a fase impulsiva e de muitas incoerências, as vítimas da verve antropofágica reconhecem a necessidade desta ofensiva. Como faz o próprio Menotti num artigo escrito após a morte de Oswald de Andrade: "A mim o que mais me feriu foi a morte de Oswald de Andrade. O irrequieto demolidor de uma mentalidade fora meu amigo de todas as horas até por volta de 1929. Como fez com todos os amigos mais íntimos, o terrível Oswald acabou se afastando de mim e nossas relações permaneceram saltuárias e mornas até a véspera do doloroso desfecho" [56].

A linguagem da crítica a Cassiano Ricardo aproxima-se da ironia demolidora trabalhada por Palazzeschi em Il Controdolore e por Marinetti no "Teatro di Varietá". A sua principal característica é a identificação do grotesco com o divertimento e a surpresa. Palazzeschi empreende a destruição do fantasma romântico obsessivo e doloroso da coisa dita grave, extraindo e desenvolvendo o ridículo [57]. Na RA o procedimento é semelhante: "O sr. Cassiano Ricardo cuja ossada descoberta por nós (...)"; "(...) os resistentes amigos do saudoso sonetista (...) " (RA. 19.5.1.5.); "(...) já estamos cheios e fartos de poetrastos do gênero Desgraçado. Porque então não desenterrar a ossada magnífica do sr. Cassiano Ricardo" (RA. 16.5.2.5.); "(...) coleta em favor das obras do mausoléu que vai ser erigido no local onde jazem os ossos do sr. Cassiano Ricardo, obra piedosa patrocinada pela associação protetora dos animais" (RA 17.5.1.1.).

Procedimento semelhante verifica-se quando o grupo entra em considerações sobre o recém-lançado "movimento" da anta. Partem do princípio que "A anta morreu de indigestão retórica. Com um bentinho no peito, discursando pela moral na liga

das senhoras católicas. Caindo em si de vergonha (...) Para que desenterrar a anta?" (RA. 20.5.1.10). A nota sobre Cassiano (RA. 17.5.1.1.) é vazada em termos de comunicado de reunião militar ou de alguma sociedade - antropofagia = ordem. O título "Sorteio militar" refere-se à eleição mensal do diretor da revista que "jurou bandeira", os participantes são os "sete cavaleiros". Foram sete pessoas encarregadas de elaborar a revista (Oswald de Andrade, Oswaldo Costa, Tarsila do Amaral, Jaime Adour da Câmara, Clóvis Gusmão, Raul Bopp, Geraldo Ferraz), ou o número sete é puro jogo?

Continua a preocupação em selecionar epítetos que provocam o riso e quebram o rítmo rígido, normalmente encontrado nas críticas literárias da época. Cassiano é conhecido como o "homem fóssil da Lagoa Santa", "o rapsodo das quermesses parnasianas", "o poeta passarola". Refletindo sobre o empenho da RA em demolir a obra poética de Cassiano Ricardo, surpreende esta declaração glorificadora de Oswald de Andrade, na década de 50, já citada: "(...) conseguimos ter um poeta a altura dos mais conhecidos e dos melhores que o mundo produziu (...) para dar Cassiano atual, foi preciso antes, Mário, eu, Menotti, Vinicius, Carlos Drummond e alguns outros" [58]. Uma união muito heterogênea onde nem o "vate del Picchia" escapa. Aliás, antes em 1947, a posição do líder da antropofagia distancia-se do radicalismo dos conturbados momentos que a revista presencia. Uma carta do poeta de Martim-Cererê a Oswald, também já comentada, ilustra perfeitamente a nova situação [59]. Essas contradições dos modernistas (de uma fase para outra, de um raciocínio por outro, ou mesmo da sua própria prática) está ligada ao complexo de agressividade observado nas vanguardas históricas. Pense-se no processo público organizado contra M. Barrés, acusado de ser campeão de idéias conformistas, contrárias aquelas defendidas na juventude e os panfletos declarando morte a Anatole France (como o famoso Un Cadavre de 1924). Compare-se a linguagem usada em relação a Cassiano Ricardo com algumas passagens de Le Coeur à Barbe atacando certos dadaístas rebeldes e os cubistas não simpatizantes com o dadá: "(...) o cubismo não está morto e a Renascença ita

liana também. / Existirá pintores como Picasso, Braque,Gris(...)/ Aqueles que seguem solenemente o enterro do cubismo, advirto que eles vão atrás de um caixão vazio. O cubismo escondido num canto do século olha passar seu enterro com um pequeno sorriso intermaxilar (...)/ No próximo mês celebrar-se-á em Paris o centenário de Max Jacob" [60]. Há inclusive uma coluna especial na 391 - a "section dorée" - dedicada à panfletagem contra os cubistas em geral [61].

Plínio Salgado fica por conta da crítica de Prudente de Morais, neto, transcrita da Revista do Brasil (30.10.26), que recebe na RA novo título - "Amigos do alheio". Oswald comenta mais tarde que "(...) no começo de 25, havia penetrado um autêntico clandestino no Modernismo. Era o sr. Plínio Salgado que exibia passaporte falso do seu romance O estrangeiro, plagiado de Memórias Sentimentais de João Miramar, segundo opinião de P. M.. Ele encabeça a reação e prepara o fascismo nacional"[62]. O problema do romance de Plínio Salgado, levantado por Prudente de Morais, neto, visto na perspectiva de Galopentia-Eretescu representa um bom exemplo do pastiche, com a "performance" de um parodista sem outra competência literária que aquela extraída do parodiado. O oposto, portanto, do bilinguismo da paródia[63]. A paródia grosseira dos escritos de Plínio Salgado é usada como faca de dois gumes como observa Oliveira Bastos, pois "(...) os da anta compraziam-se com o fascismo de algibeiras do sr. Plínio Salgado que, num plano estilítico, macaqueava sem nenhum escrúpulo a dicção oswaldiana e recheava a sua pregação partidária de notórios clichês da literatura marxista. Isto é, como dicção, a 'esquerda' e a 'direita', por uma estranha simbiose, acabaram sendo como que vasos comunicantes" [64].

Observou-se que a RA trabalha uma série de procedimentos paródicos para explorar a comicidade e surpreende pela constante descoberta de novos meios. Depois dos anti-anúncios há a série paródica da linguagem oficial (documentos, atas, procurações, comunicados, etc.). Esse procedimento foi adotado na

primeira fase, embora com grande diferença no tom da linguagem: "Saibam quantos/Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados desunidos do Brasil. De que dou esperança. João Miramar" (RA. 7.1.4.1.). Enquanto aqui é brincadeira ingênua, puro divertimento, na segunda fase a intenção satírica é bem caracterizada. Como explica Alceu Amoroso Lima: de um humorismo que consiste em leves comentários "(...) dos pequenos ridículos (...) pelo prazer de fazer rir e pela graça de rir" passa para a sátira, empregando "o riso como arma de combate", o ridículo para demolir e reconstruir.[65] Um dos exemplos dessa prática é a paródia do Ato Oficial: "O sr. presidente do Estado ordenou ao Correio Paulistano que não inserisse mais artigos sobre a lepra e sobre o movimento verde amarelo/Dessa resolução foram devidamente notificados o Serviço Sanitário e os srs.Menotti Salgado, Plínio Ricardo e Cassiano del Picchia (RA. 17.5.1.2.). Além do referente paródico, onde o conflito com o original(forma/conteúdo) torna-se insuportável, merecem comentários os recursos:

1. de comparação
   - a lepra = movimento verde amarelo
   - serviço sanitário = Menotti, Plínio, Cassiano - grupo;

2. de troca dos nomes dos componentes do grupo. Cada um recebe o sobrenome do outro, nivela os três com a perda de identidade e os desvaloriza com a troca dos nomes. O que importa é que todos são verde-amarelos. Menotti pode ser Salgado, Plínio vira Ricardo, Cassiano torna-se del Picchia.

Depois de criticar o escultor Brecheret, com seus "pastiches cretinos", com sua "arte de Saint-Sulpice","(...) falso, decadente, sem nenhuma expressão, superficial, chata e

burguesa", a revista abre fogo contra Alceu Amoroso Lima. Critica sobretudo as ligações de Tristão de Athayde com a ala direita, fascista da Igreja (RA. 20.5.1.8.). Os calemburs jogam com o nome e o pseudônimo do crítico "ex-modernista" "(...) o sr. Tristão de Athayde se fixou no passadismo. Presentemente é contra o Brasil novo, o Brasil genial que explode ante seus olhos"),ao lado do preferido instrumento de zombaria e profanação - as perífrases: "O primado de Tristinho de Ataúde", "o triste Tristão", "o amoroso Tristão", "Conselheiro Acácio do Modernismo". Ataúde por Athayde, Triste por Tristão, Amoroso (sobrenome) transformado em irreverente adjetivo; além da associação Ataúde (substantivo comum) e Tristinho(adjetivo). Ocorre na maioria dos casos a troca ou acréscimo de letras o que corresponde à unidade mínima da paródia. Afora a qualidade de denegrir, a distorção ou a criação de nomes ridículos é analisada por Highet como um dos sinais da sátira [66]. A RA na investida contra Tristão de Athayde, oferece um dos exemplos mais criativos de exploração do anúncio e da paródia. Refere-se à Ordem, revista da intelectualidade católica em que Alceu Amoroso Lima colabora. A Ordem é anunciada como "A Horda" - suplemento da antropofagia. Deixa de ser o órgão católico para se transformar em órgão "Catolicomensal". E evidentemente, não mais defende os interesses dos adeptos do tomismo mas sim dos "anatomistas". O diretor não podia ser outro que o"Tristinho de Ataúde".

Relacionada com a campanha de descrédito dos escritores da ala católica,surge essa seção de pequenos anúncios: "Brevemente/Maldito Clero/(Tango)/ por Mário Pinto Serva" (RA. 17.7.1.).

Mais dois representantes da cultura oficial são desmascarados pelas zombarias da revista. O primeiro, Augusto Frederico Schmidt, auto-considerado poeta modernista, é premiado com nota, paródia de telegrama, anunciando a sua passagem pelo sul (RA. 13.5.1.6.) e com o "Primeiro prontuário" da seção

"Fichário antropofágico" (RA. 13.5.1.2.). Parodiando as notas bibliográficas resumo da vida literária do autor, o prontuário fornece derrisivamente, uma anti-trajetória do escritor, assinada por Calisto Elói (?), cobrindo a sua carreira em seis fases:

1 - "fase da puberdade";

2 - "Curiosidade estética, sadismo, monóculo (...)";

3 - "(...) a descrença. O ateísmo, a negação. Crises rápidas pela dúvida. ("O poema de sua cadelinha que foi infelicitada na rua quando saia a passeio");

4 - "Entusiasmo cívico. Plínio Salgado e o estrangeiro. Quatorze artigos de propaganda nos jornais, nas livrarias e nas calçadas";

5 - "desviou o pensamento patriota do poeta para a vida cosmopolita";

6 - "meditações sobre a vida e a morte de Thomaz de Aquino. O primeiro passo para o tomismo. Jackson o ampara nesta crise".

Por detrás da comicidade, da derrisão que trata os representantes da cultura oficial, a insistência em denunciar as ligações desses intelectuais com o fascismo, que começa a despontar disfarçadamente na pregação política local. Assim foi com Tristão de Athayde, com Menotti e agora com Schmidt.

O manejamento paródico, tendo como referentes textos legais, é usado para profanar os mitos e valores da cultura oficial - a academia paulista - símbolo local máximo do conservadorismo na arte. E. Sanguineti chega a conclusão que em todo artista moderno surge a constatação da absoluta impossibilidade de se adaptar aos tons e aos modos ilustres da tradi

ção, a não ser com o risco de expor-se ao ridículo, à caricatura [67]. É o que acontece em relação à Academia:

1. uma pseudo-procuração passada a Rubens do Amaral (diretor do Diário de São Paulo) para representar a RA na Academia (RA. 18.5.1.3.);

2. "Comunicado oficial da Academia Paulista de Letras" (RA. 17. 5.1.3.) e "Sugestões sérias à Academia" (RA. 19.5.1.6.) recusam a aceitar a existência da Academia "há tanto tempo falecida", "esquecida da memória de todos". Para a RA apenas a "Academia de Letras Promissórias". Em "Sugestões sérias à Academia", propõe a dissolução da entidade oficial das letras paulistas. Atitude que Fausto Curi considera própria dos escritores "carnavalescos" do início do século, quando o gesto paródico perde fatalmente a própria "ambivalência" e se faz radical, pura negação [68]. E numa alusão profanadora, a RA, a partir do n. 3 da segunda fase, de "Órgão do Clube da Antropofagia", passa a autoconsiderar-se "Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras". Recorre ao truque da confusão pela semelhança de nomes - "Órgão da Academia Brasileira de Letras" como recurso de desmoralização.

Em alguns momentos a referência à história apresenta-se difusa no aspecto lúdico da linguagem, longe de procurar-se com isso diminuir o mérito. Cabe ao leitor interpretar entre a irreverência, a zombaria e o lúdico as sugestões sérias. Na briga dos modernistas, a princípio pela liderança do movimento, está a insinuação da acomodação de alguns à literatura e à ordem vigentes. A atitude ofensiva frente aos líderes de 22 ultrapassa o campo da intriga pessoal, da briga de comadres. Sobretudo, ao se pensar o momento histórico, de agitação e incerteza e as repercussões da crise internacional que aguçam o problema político interno. Lembra Oswald que "(...) até o ano de 28 vai tudo em estado de noivado" [69], daí em diante come

çam a aflorar os conflitos político-ideológicos entre os moder nistas. De um lado um grupo moderado que se acomoda, do outro a antropofagia que teima em quebrar a estagnação que toma conta do meado da década. Sérgio Miceli explica que os intelectuais "democratas" (o grupo ligado a Mário de Andrade) evitavam mistu rar a atuação partidária com a produção literária-estética. E o grupo ligado ao PRP acaba cindido - "direita" e a "esquerda" literárias (a corrente ligada a Plínio Salgado e a antropofagia respectivamente) [70]. De certa forma, a mesma calmaria ocorrida na França pós-cubista. O cubismo admitido e comercializado não mais traz novidades, não mais questiona. A boa vontade do pú blico e a proteção oficial ao estilo moderno tornam a arte im possível na expressão de Aragon. Daí o papel eficaz de agita ção do dadaísmo [71]. Idêntica função a antropofagia desempenha no contexto da literatura brasileira da época. Na explicação de Marino os antagonismos internos não são apenas veleidades pes soais. Todo programa do tipo vanguarda supõe um contra- progra ma, um salto à frente, uma negação essencial [72]. E a antropo fagia sabe compreender a necessidade de mesclar o produto artís tico aos modos de tentativa de transformação da sociedade. O re flexo das crises do momento 28-30 espelha sob o plano semântico, resultando também na crise da linguagem vivida pela RA (a monta gem, a paródia, o cômico, etc.). A desordem visual da revista é inclusive um reflexo desse caos no plano exterior.

A antropofagia não hesita em recorrer a pontos que julga positivos em diferentes doutrinas políticas ou mesmo religiosa - "(...) o que nessas realidades políticas houver de favorável ao homem biológico consideraremos bom. E nosso" (RA. 11.1.2.1.); "A unificação de todas as revoltas eficazes na dire ção do homem" ("Manifesto"); "Todas as religiões. Mas nenhuma igreja" (RA. 12.1.1.1.). Toma emprestado, adapta-os, parodia -os. A preocupação obsessiva de abeberar-se de filosofias, cre dos, movimentos literários estranhos não resulta no mimético. Na falta de respostas saídas dos pensadores, filósofos e teóri

cos nativos, busca-se em outras fontes a inspiração, para, sem sectarismo, enfrentar às indagações do mundo contemporâneo -- "(...) precisamos dar solução a todos os problemas arguídos no Ocidente e no Oriente" (RA. 11.1.2.1.). Daí a necessidade urgente de se elaborar um pensamento/teoria antropofágicos próprios, principalmente na segunda fase. A princípio, para efeito imediato, de esclarecimento e arregimentação rápida. Mais tarde, uma plataforma mais aprimorada e mais abrangente. De qualquer forma, já em toda a revista salta a vista o cuidado de propagar os fundamentos básicos embrionários. Constróem-se textos com este fim preciso, seguindo a linha geral do "movimento";o periódico, adota como meio de expressão a paródia-cômica e a citação. Radicalizam aliás este processo já analisado, tornando-o mais agressivo. Aprofundam o assunto tratado, incluindo detalhes de definição e esboço da teoria.

De antemão não se pretende fazer uma análise isolada de cada texto. Continua sendo de interesse desta crítica ressaltar e determinar os meios de exploração da linguagem usados, meios estes que representam a incorporação das sugestões da vanguarda européia (sem esquecer as invariantes temáticas). Ou seja, através do estudo da paródia, auto-paródia ou citação, determina-se no processo de moldagem da teoria "canibal" brasileira aquilo que se pratica tendo como modelo as conquistas da vanguarda européia.

Na análise do processo de montagem/colagem abordou-se o primeiro grande conjunto de citações da revista - as citações soltas na página. Desta vez penetra-se no segundo conjunto - aquelas citações intrincadas nos diferentes textos teóricos. Esse grupo de citações paródicas, como o precedente, tem o objetivo de reforçar o ponto de vista defendido, apoiar a teoria antropofágica e comparar diferentes idéias e autores, quer adeptos ou precursores, quer adversários ou oponentes.

A apropriação configura-se por meio do empréstimo direto (citação de fragmentos com destaques gráficos), alusão (a fatos históricos, obras, autores, etc.), citações indiretas (menção da autoria sem marcar tipograficamente a passagem) e a auto-citação. No conjunto sobressai a modalidade mais excêntrica - a autocitação ou auto-paródia - que se particulariza pelo fato de ser não somente uma apropriação do autor do texto, isto é, auto-apropriação. É também uma retomada de idéias dos outros colaboradores que teorizam sobre a antropofagia. Idéias repetidas ora literalmente, ora anonimamente e são adotadas numa forma de significar patrimônio comum do grupo, recurso principalmente didático. Os fragmentos mais breves são selecionados e reproduzidos visando à automatização do conteúdo do "movimento". A repetição, como se observa através do levantamento realizado adiante, inicia-se com os pontos matrizes originários do "Manifesto".

Comprova-se que a paródia não serve apenas de pretexto ou estratégia para provocar o riso. O "Manifesto" e os outros documentos teóricos, que vão ser tratados daqui por diante, são a amostra mais marcante de exploração moderna da paródia. O "Manifesto" em si constitui-se ao mesmo tempo em texto paródico e referente, na revista e nas pesquisas de Oswald de Andrade destinadas ao projeto geral do "Tratado da antropofagia".

Um dos exemplos mais visíveis de leitura, aliás releitura, é o conjunto "De antropofagia". Neste e nos demais textos, o "Manifesto" exerce o papel de texto orientador. A sua auto-paródia tem valor de reinterpretação. Consiste no exemplo mais radical de intertextualidade. Como um refrão, a repetição resulta em texto e intertexto, em um discurso que se relaciona com o seu próprio fragmento ou vice-versa. Essa retomada do "Manifesto" está ligada à necessidade de deciframento e à explicação das idéias chaves da teoria, em vista da função didática e persuasiva da repetição. Mais evidente na segunda fase, pela natureza do veículo de divulgação (Diário de São Pau

1o) atingir maior amplitude de público e a revista começar a ser conhecida em outras camadas da população. Outra razão para a insistência é o desejo de marcar claramente os pontos de contato entre duas fases do periódico. A afinidade da primeira fase com a radicalização da época do Diário restringem-se quase que ao "Manifesto", ao "Esquema ao Tristão" (de Oswald de Andrade), à "A descida" (de Oswaldo Costa), à "Brasiliana", às citações e a alguns poucos poemas.

A classificação que W. Booth [73] elabora para a análise da ironia, adapta-se aos referentes paródicos do "Manifesto". Corresponde a "stable irony" os referentes estáveis dos dois planos (o do"Manifesto"e os dos textos parodiados),reconhecíveis imediatamente sem deixar margem para dupla leitura. O refrão "Tupi or not tupi that is the question" é um dos exemplos do chamado referente estável. O seu modelo pertence a memória do público. O leitor mesmo o mais desatento perceberá de imediato a referência. O desvio, a marca de desrespeito limitada por uma palavra - "tupi" - cuja sonoridade é semelhante ao original "to be" (apenas a troca das consoantes labiais, b por p). Oswald faz do estilo do monólogo hamletiano um objeto. Esvazia o seu conteúdo, mecaniza-o, torna-o excêntrico e depois transforma-o em clichê. Assim o refrão é repetido soltamente na revista (RA. 11.1.4.1.). Retendo a forma/estilo do modelo, o seu conteúdo é dessacralizadoramente substituído, resultando na comicidade.

Os referentes estáveis, "unstable irony", têm existência dupla, ambígua. Apenas com atenção pode-se reconhecer e descobrir o jogo do autor. Para Booth, a ambiguidade referencial torna-se objeto da comunicação irônica. O mesmo pode-se dizer para o caso da paródia-citação cujo efeito maior deriva de um procedimento mais refinado. Os antropofagistas fazem uso de várias teorias (estética, econômica, psicológica, antropológica) sem expor, citar ou comentar qualquer uma que seja. O leitor deve refazer o trajeto, tomando como pistas as alusões

impregnadas nos nomes próprios, nos fatos históricos, nas obras ou nos fragmentos parodiados.

O levantamento, realizado em toda a revista (e comparado com o "Manifesto"), objetiva, em primeiro lugar, frisar a retomada dos princípios que nortearam toda a ação do grupo, sempre partindo do texto teórico fundamental - "Manifesto". Em seguida, tenta-se apontar a freqüência com que estes princípios comparecem nos outros textos e em quase todos os números da revista. Geralmente, observa-se que as idéias são apreendidas de forma quase que literal, embora haja muitas ocasiões de reelaborações, adaptações. A reiteração contínua desses temas, tanto nessa amostragem como na parte das citações de autores estranhos ao grupo, revela a constância dos interesses do "movimento":

- Antropofagia

"Manifesto":

"(...) uma civilização que estamos comendo (...)";

RA. 1.1.2.2.:

"O movimento antropófago (...) - vem para comer Noé. Noé deve ser comido";

RA. 14.2.1.1.:

"(...) devorar com prazer e a goles de cauim uma canela do próximo";

RA. 17.1.2.1.:

"E das suas canelas (...) faremos flautas afinadíssimas (...)"

RA. 19.1.2.1.:

"(...) tostando a carne dos peros";

RA. 24.1.2.1.:

"gostosa, contam, acharam eles essa carne. Por isso mataram mais (...)";

"(...) fazendo cada dabacuri desta idade sobre as canelas finas dos conquistadores";

RA. 26.1.2.1.:

"(...) o corpo do inimigo fritando na brasa";

"(...) Cunhambebe trinchando com gosto a perna do pero".

- Catequese/Catecismo

"Manifesto":

"A baixa antropofagia aglomerada nos pecados do catecismo(...)"
"Contra todas as catequeses (...)
"(...) males catequistas";
"(...) pecados do catecismo (...)";

RA. 11.2.1.1.:

"Nas mãos do índio puseram um terço e o catecismo e quiseram que ele cantasse em abanhenga o Kyrie Eleison. Na inocência dele viram o fantasma do pecado sexual, corrupções hediondas, vícios nefandos";

RA. 17.1.2.1.:

"(...) Cunhambebe, Japy-Assu, o cav. Poronominare (...) responderam ao suborno das missangas brasileirissamente";
"(...) os catequistas querendo meter medo ao antropófago com histórias de bicho papão, hoje em dia impróprias até para menores e senhoritas";

RA. 19.1.2.1.:

"(...) arrancou do bravo tupi (...) as missangas da catequese"
"(...) opomos o canibal que devorou o catecismo (...)";

RA. 26.1.2.1.:

"O índio, o homem natural, bravo sem os vícios da catequese (...)"
"Contra o catecismo nas escolas";

- Conquista/Colonização

"Manifesto":

"Contra a verdade dos povos missionários (...) mentira muitas vezes repetida";
"Contra o Padre Vieira. Autor de nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia";
"Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu (...)";

RA. 19.1.2.1.:

"Contra o Padre Vieira;"
"(...) na malandragem diplomática do Padre Antonio Vieira";
"(...) era o governador geral, torrando o ouro das minas na beatice de el-rei (...)";

RA. 24.1.2.1.:

"Renegamos com prazer todas as virtudes cristãs";

RA. 26.1.2.1.:

"(...) embarcar na canoa furada da Prima do Espiritual";
"perpetua a bombachada do governador geral roubando no confessionário o ouro de nossas minas".

- As convenções

"Manifesto":

"Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciária (...)";
"(...) moral da cegonha (...)";

RA. 1.1.2.2.:

"(...) reagir contra a civilização que inventou o catálogo, o exame de consciência e o crime de defloramento";

RA. 14.1.2.1.:

"Contra a moral convencional, moral nenhuma";

RA. 19.1.2.1.:

"Nenhuma convenção social";

RA. 24.1.2.1.:

"(...) forças de libertação (...)";
"Liberdade de pensamento";
"Liberdade sexual";
"Nenhum recalcamento";

RA. 26.1.2.1.:

"Contra o catecismo nas escolas";
"Qualquer catecismo".

- Data

"Manifesto":

"Em Piratininga
Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha";

RA. 12.1.1.1.:

"Piratininga, ano 375 da Deglutição do Bispo Sardinha";

RA. 14.1.2.4.:

"Ano 375 da deglutição do Bispo Sardinha";

RA. 16.1.2.1.:

"Ano 375 da deglutição do Bispo Sardinha".

Processam-se nestas repetições um procedimento paródico muito exercitado - o deslocamento. Ao imitar o modo de datar de documentos históricos, a antropofagia o faz transferindo época e personagem. Aparente anacronismo, simboliza a idade onde os selvagens não tinham sofrido as conseqüências da degradação da catequese. Não tinham perdido a "inocência contente". Era a idade de ouro que a antropofagia pretende tomar como modelo.

- Deus

"Manifesto":

"Nunca fomos catequisados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará";
Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais";
"É preciso partir de um profundo ateísmo para chegar a idéia de Deus";

RA. 11.1.2.1.:

"O índio já sabia que Deus é o elemento contrário";

RA. 14.1.1.1.:

"Deus é um fenômeno local. Varia conforme o clima";
"Deus é um espírito municipal";

RA. 19.1.2.1.:

"Para Heráclito deus era a identidade das oposições, coincidentia oppositorum. Para nós é o tabu que transformamos no tótem, no protetor da tribo";

Clóvis de Gusmão - op. cit., p. 403-404.

"A idéia de Deus não como princípio de coação. Nem de anti-eugenia. Mas como fator de aproximação entre os homens. Melhor ainda se conseguirmos abstrair por completo da idéia de Deus. O homem fora do domínio da dúvida. O homem três vezes mais forte e mais feliz".

- Europeu descontente

"Manifesto":

"Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, - o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo";

RA. 12.1.1.1.:

"Em função do mameluco, do europeu descontente, do bom aventureiro absorvido pelo índio (...)";

RA. 17.1.2.1.:

"Mas de braços abertos para o europeu enojado da farsa européia, para o europeu descontente. João Ramalho";

- Gramática

"Manifesto":

"Foi porque nunca tivemos gramática, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçoso no mapa mundi do Brasil (...) Uma consciência participante, uma rítmica religiosa";

RA. 11.1.4.2.:

repetição do fragmento do "Manifesto" sob o título "Do Manifesto";

RA. 1.1.2.2.:

"Ordenações do reino, gramática e ceia de Da Vinci na sala de jantar";

Entrevista de Oswald de Andrade:

"O índio que não podia ser, mesmo que quisesse, criatura metafísica (...) Porque não sabia gramática (...) A gramática é que ensina a conjugar o verbo ser, e a metafísica nasce daí (...)";

"Manifesto":

"A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais";

RA. 13.1.4.1.:

repetição integral deste parágrafo também sob o título "Do Manifesto".

- Índio

"Manifesto":

"O índio vestido de Senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheios de bons sentimentos portugueses (...)";

"Contra o índio toucheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz";

RA. 1.1.2.2.:

"(...) O heroísmo sem roseta de comendador (...)";
"Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despí-lo. Para que ele tome banho daquela 'inocência contente' (...)";
"(...) o homem sem a dúvida (...) nú, natural, antropófago";

RA. 5.1.2.2.:

"O índio como expressão máxima. Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O amor natural fora da civilização, aparatosa e polpuda. Indio simples: instintivo";

RA. 11.2.1.1.:

"Outro preconceito deles é o da tristeza do índio. O prejuízo nasceu daquela bobagem velha de Galiano: omne animal post coitum triste. Ora, a Marquesa de Santos responderá";

RA. 12.1.1.1.:

"A matemática do índio foi mais inteligente. Pôs o indivíduo em função da sociedade";

RA. 15.1.2.2.:

"Se o índio dos românticos era o índio filho de Maria, o índio dele (do Modernismo) era o índio major da Guarda Nacional, o índio irmão do Santíssimo";
"O sistema métrico decimal antropofágico, cujo padrão é o homem natural";
"índio vivia feliz sem letras, sem leis, nem reis (...)";
"(...) possuia o sentido exato, verdadeiro da vida - o sentido antropofágico";

RA. 17.1.2.1.:

"(...) fazer do índio grande ufficiale e o índio os tivesse repelido com aquela profunda dignidade humana da nação caraíba";

RA. 18.1.2.1.:

"(...) o índio que o sr. Oswaldo Teixeira desenhou para o centenário de Alencar e que parece ter pulado antes da munheca habilidosa do "terrible Mancini" do que de nossa floresta bárbara. O índio do Sr. Teixeira é a fotografia fiel do falso modernismo brasileiro";

RA. 19.1.2.1.:

"A antropofagia nada tem que ver com o romantismo indianista.
"(...) ao índio degradado pela catequese (...)";

"(...) arrancou do bravo tupi das ficções literárias a camisa dos sentimentos portugueses e as missangas da catequese. Botou ele novamente nu (...)";
"Contra Araribóia, soldado de Cristo. Cunhambebe e os caetés que comeram o Bispo Sardinha";
"O índio, entretanto, ficou na vida não se afastou dela. Desceu o sobrenatural ao plano real";

RA. 24.1.2.1.:

"O herói Poronominare matou Ulisses na cabeça. Cunhambebe engoliu os 12 pares de França";
"Contra o homem artificial (...) O homem natural";
"Contra o animal que se veste, o animal que se enfeita";

RA. 26.1.2.1.:

"O índio que queremos não é o índio de lata de goiabada, inspirando poemas lusos ao sr. Gonçalves Dias e romances franceses ao sr. José de Alencar. Esse índio decorativo e romântico nós damos de presente à Academia de Letras";
"(...) o homem natural é o café que devorou Sardinha, é Cunhambebe trinchando com gosto a perna do pero. É o bravo que ficou na floresta, de tacape (...)".

- Inocência

'Manifesto":

"(...) o Brasil tinha descoberto a felicidade";
"A idade de ouro";

RA. 1.1.2.2.:

"Cumpre despí-lo. Para que ele tome banho daquela ' inocência contente'"(...);

RA. 11.2.1.1.:

"Na inocência dele viram o fantasma do pecado (...);

RA. 17.1.2.1.:

"(...) sono quieto e inocente dos nosso curumins";

RA. 19.1.2.1.:

"O antropófago em toda a sua admirável inocência contente".

- Instinto

"Manifesto":

"O instinto caraiba";
"(...) a antropofagia carnal que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas";
"Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas";
"Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias";

RA. 5.1.2.2.:

"O instinto acima de tudo";
"Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O amor natural fora da civilização aparatosa e polpuda".

- Justiça primitiva/justiça do ocidental

"Manifesto":

"Tínhamos a justiça, codificação da vingança";
"(...) porque somos fortes e vingativos (...)";

RA. 1.1.2.2.:

"A paz do homem americano com a civilização européia é paz nheengaiba";

RA. 5.1.2.2.:

"(...) símbolo de uma consciência jurídica nativa de um lado a lei das doze tábuas sobre uma caravela e do outro uma banana";
"(...) o direito costumeiro anti-tradicional";

RA. 12.1.1.1.:

"(...) O índio fez a taba (...) Muita flauta de prisioneiro. E nenhum gatuno";
"(...) justiça do tacape. Pau na cabeça";

RA. 14.1.2.1.:

"A nação caraíba de tacape na munheca (...)";

RA. 15.1.2.2.:

"Hoje me comes, amanhã serás comido";

RA. 17.1.2.1.:

"(...) o índio amaciava o tacape e sorria";

RA. 19.1.2.1.:

"A nossa justiça é o tacape./O nosso troféu de guerra é o crâneo do inimigo";
"Contra o perdão a vingança";

RA. 26.1.2.1.:

"A justiça do índio era pau na cabeça";
"(...) de tacape na mão esperando o roupeta para dar na cabeça dele";
"O verdadeiro antropófago não perdoa o inimigo";
"(...) o índio (...) morria sorrindo no campo do inimigo (...) Sem entregar os pontos";
"Só o civilizado faz concessões, transige, assina o tratado de Versalhes. O índio não conhecia o acordo. O acordo dele era no moquém com o corpo do inimigo fritando na brasa";
"O verdadeiro antropófago não perdoa o inimigo (...) "O arrependimento do inimigo é uma virtude cristã".

- Lógica/razão

'Manifesto ":

"Contra a memória fonte de costume. A experiência pessoal renovada";
"A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica(...)
"Contra o Conservatório e o tédio especulativo (...) Suprimamos as idéias e outras paralisias (...)";
"mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós";
"não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação (...)";
"contra o mundo reversível, as idéias objetivadas (...)";
"só podemos atender ao mundo oreculer";

RA. 5.1.2.2.:

"Ora o que (...) estraga o Ocidente, é a placenta jurídica."

RA. 12.1.1.1.:

"nem a justiça racionalista de Rousseau nem a santa justiça de Catharina de Sienna (...)";

RA. 19.1.2.1.:

"Contra a razão pura, a vida";
"O Ocidente se envenenou do preconceito racionalista (...) chegou aos limites da razão";

RA. 24.1.2.1.:

"Os sofismas idiotas, a dialética provinciana, (...) para aqui foram (...) transplantados (...)".

- Servilismo colonial/reação ao ocidente

"Manifesto":

"Contra todos os importadores de consciência enlatada";
"É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte";

RA. 1.1.2.2.:

"Contra o servilismo colonial o tacape de inheiguara (...)";
"Cultura européia (...) experiência de quatro séculos";
"Há quatro séculos, a descida para a escravidão";
"Quatro séculos de carne de vaca! Que horror!";

RA. 11.2.1.1.:

"O mal de nossos escritores é estudar o Brasil do ponto de vista, falso, da cultura e da falsa moral do Ocidente. A mentalidade reinol de que não libertaram, é que os leva a esse erro";
"O Brasil ocidentalizado é, portanto, um caso de pseudomorfose histórica";

RA. 12.1.1.1.:

"A mentalidade reinol";
"(...) contra a cultura ocidental (...)";
"o ocidental saiu mais miserável (...) Com o estômago cheio de idéias vazias";

RA. 15.1.2.2.:

"(...) vinte séculos de superstição teológica (...)";
"Eles não compreenderam que tudo era preciso vir abaixo. A falsa arte, a falsa história. A falsa religião. A falsa moral";
"Continuamos, ainda depois, (do Modernismo) escravos do ocidente (...) escravos da cultura européia caindo de podre";
"Continuou o pensamento velho de importação";
"(...) a borra da Europa agonizante";
"(...) o europeu super-degenerado (...) o desespero do europeu";

RA. 17.1.2.1.:

"Aqui nos encontrarão sempre contra a falsa arte, contra a falsa moral, contra a falsa cultura. Contra o ocidente sempre";
"contra aqueles que vem para aqui "cuspir", feder e falir";

"indecoroso estado de servidão mental";
"ainda não puderam sacudir o jugo da metrópole (...)";
"não terem digerido o Ocidente e por isso apelarem para a moral cristã";
"os usurpadores querendo tapear meia dúzia de naturais desnacionalizados com as insígnias de onorevole";
"os casacas de ferro do ocidente (...)";
"contra a propaganda insidiosa da latinidade decrépita";
"pelo índio contra a mentalidade colonial";

RA. 17.1.2.2.:

"Não queremos ser mais um país que vive dos elementos, das idéias parasitárias - de uma cultura importada";

RA. 18.1.2.1.:

"O Ocidente tripudiando sobre nós com a cruz de Cristo fincada na trincheira da falsa cultura. Uma completa servidão mental. E, sobretudo, um desdém civilizado pelo Brasil";
"a escravidão ao ocidente";

RA. 19.1.2.1.:

"Contra a servidão mental";
"Contra a mentalidade colonial";
"Contra a Europa";
"Todos os velhos quadros da civilização importada serão por nós quebrados (...)";
"(...) quatro séculos sufocados pela influência perniciosa da conquista espiritual";
"A falsa cultura, a falsa arte, a falsa moral, a falsa religião, tudo desaparecerá comido por nós com a maior ferocidade";

RA. 24.1.2.1.:

"A reação contra a mentalidade colonial (...)";
"(...) contra a cultura de importação, contra o intelectualismo besta do Ocidente, contra todos os cacoetes mentais da Europa podre de civilização";
"(...) lábias (...) da cultura oficial do Ocidente";
"Quatro séculos de recalcamento jesuítico (...)";

RA. 26.1.2.1.:

"(...) elite submissa ao Ocidente (...)";
"Na elite romântica, saudosista, que ainda crê na retórica, nos princípios de Aristóteles (...) Essa gente é que dá azar".

- Tótem/Tabu

"Manifesto":

"a transformação do tabu em tótem";
"a luta entre o que se chamaria Incriado e Criatura, ilustrada pela contradição permanente do homem e seu tabu";
"absorção do inimigo sacro para transformá-lo em tótem";
"a transformação do tabu em tótem";

RA. 11.1.2.1.:

"Que é antropofagia? A absorção do ambiente. A transformação do tabu em tótem";
"o desejo de absorver traz a infração do tabu";
"Absorver sempre e diretamente o tabu";

RA. 12.1.1.1.:

"A descida antropofágica (...) Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está na transformação do tabu em tótem";

RA. 19.1.2.4.:

"(...) as expressões tabu e tótem, patrimônio mental do antropófago (...) é que realmente situam a operação da vida. Toda a ação humana não passa da transformação do Tabu em tótem - idéia central da antropofagia";

RA. 19.1.2.1.:

"Deus (...) Para nós é o tabu que transformamos em tótem, no protetor da tribo".

"De antropofagia" - é um conjunto de seis textos de vários autores. Freuderico (possivelmente Oswald de Andrade) assina o primeiro artigo, montado em doze parágrafos, graficamente delimitados, de extensão e temática variadas. O segundo, também com indícios das características estilísticas de Oswald de Andrade, é de autoria de Japy-Mirim, com onze parágrafos curtos e distintos graficamente. O terceiro corresponde a uma montagem em três partes, na tentativa de compor um painel compacto, reunindo todas as propostas já divulgadas. Provavelmente montado por Jaime Adour da Câmara, pois as passagens reconhecidas claramente como de sua autoria não trazem menção de autor, nem são marcadas por aspas, como acontece com aquelas de Oswald de Andrade, Raul Bopp, Clóvis de Gusmão, Jurandyr Manfredini. Oswaldo Costa escreve o quarto texto, composto de treze parágrafos, quase homogêneos. Talvez seja o responsável também pelo quinto artigo, da mesma forma armado em treze partes que traz o pseudônimo de Tamandaré. O último da série é de sua autoria, o mais curto e sem divisões. A série "De antropofagia" apresenta estrutura muito semelhante. Os parágrafos curtos, cada um difundindo um aspecto da teoria, constituem-se em mini-textos independentes, correspondendo às palavras de ordem do "movimento". Têm o papel de impor pela força de concisão o pensamento antropofágico. Parecem elaborados deliberadamente com o objetivo imediato de provocar ação rápida. Isto é, reflexão em torno da problemática e consequente adesão.

"Moquém" - série de cinco textos (I- Aperitivo; II-Hors d'oeuvre; III-Entradas; IV-Sobremesa; V-Cafezinho), assinados por Tamandaré e considerados como de autoria de Oswaldo Costa, autor também de "A descida".

"Esquema ao Tristão", "Antropofagia e cultura" são escritos por Oswald de Andrade. Esse último, numerado e dividido em quatorze pequenos parágrafos, trata da relação da teoria antropofágica com a cultura geral e com as psicologias finalistas "Behaviour" e "Gestalt". Possivelmente também de Oswald são "Manipulações etnológicas" e "Guerra", sob os pseudônimos de Poronominare e Japy-Mirim, respectivamente. Foram examinados

ainda "História do Brasil" de Jaime Adour da Câmara, "Antropofagia" de Clóvis de Gusmão e "A propósito do homem antropófago" de Aquiles Vivacqua.

A série "De antropofagia" descarta qualquer suposição de dogmatismo-"toda a legislação é perigosa"-ao repudiar conceitos e tabus. Aproxima-se da negatividade dadá que também se proclama "anti-tabu", contra toda a codificação dogmática ("(...) ne pouvant mener qu'à un nouvel académisme")[74]. A repulsa pelo pré-estabelecido leva ambos os movimentos a rejeitar qualquer compromisso ou ligação sistemática com doutrinas políticas: "(...) contra os fascistas de qualquer espécie e contra os bolchevistas também de qualquer espécie" (RA. 11.1.2.1.),"contra o catecismo (...) Qualquer catecismo" (RA. 26.1.2.1.). A antropofagia tanto se manifesta contra os postulados de caráter religioso - "(...) a nossa atitude em face do Primado do Espiritual só pode ser desrespeitosa (...)" - como condena o marxismo sectário - "(...) força negativa da livre expansão humana do livre planeta". Ao contrário do surrealismo, que não resiste aos apelos das propostas do Partido Comunista, a antropofagia,enquanto sobrevive como grupo literário, não cede às tentações de aliança a nenhum partido político. Na sua pregação insistia, além de outras liberdades, na liberdade de pensamento (RA. 24.1.2.1.). Aos teóricos da vanguarda brasileira, da mesma forma que a dadá, interessa antes de tudo a liberdade de qualquer vínculo e "nenhum recalcamento" (RA. 24.1.2.1.). Colocando-se contra "as forças de convenção, de acomodação", a meta é distinguir o que é favorável ou desfavorável ao homem biologicamente considerado. E desta "(...) divisão das humanas hipóteses (filosofia, religião) em forças positivas e negativas (...) "se forma o lastro do julgamento ético-estético" da antropofagia. Contra a legislação importada, inadequada às necessidades, propõe-se a legislação biológica que Clóvis de Gusmão encarrega-se de precisá-la[75]. Tudo deveria reger-se com base na "dignidade biológica e descodifica

da", na "honra como sensação e não como lei". Os antropófagos enchem-se de júbilos quando se anuncia a proposta de Pontes de Miranda de reforma dos códigos, "(...) substituindo-os pelo direito biológico, que admite a lei emergindo da terra" (RA. 23.5. 1.5.).

A condenação da metafísica é constante, sobretudo ao se averiguar o comportamento do homem ocidental ou do "sabiozinho carregado de doença". O "perigo da metafísica", um dos males que afligem o ocidental, a antropofagia combate com o homem primitivo, naturalmente imunizado em vista da não existência em seu universo mental do verbo ser. Oswald explica que o "(...) índio não podia ser mesmo que quisesse, criatura metafísica (...) , não sabia gramática. A gramática é que ensina a conjugar o verbo ser e a metafísica nasce daí, de uma profunda conjugação desse verbinho" [76].

Renova a todo momento (RA. 14.2.1.1. e 14.1.2. 1.) a crítica ao caráter político e bélico da religião, analisada antes nas colagens. "Não há cristianismo que não se refira a gládio ou espada (...) A história conta que foi pior do que cacete: muito sangue correu". Os textos parecem ser de Oswald de Andrade. A paródia título - "Guerra" - define o espírito agressivo que marca a história do cristianismo. Em outros textos e no Tratado da antropofagia, Oswald historia como o cristianismo ao longo do seu desenvolvimento foi marcado por "(...) longas batalhas seculares de que o Ocidente saiu mais miserável, roendo as unhas pecando. Com o estômago cheio de idéias vazias" (RA. 12.1.1.1.). Todo o "desespero do europeu" decorre da sua experiência de "20 séculos de superstição teológica". Em vista disto e da iminente aliança com o fascismo, a antropofagia declara guerra à autoridade da Igreja - "(...) a nação caraiba de tacape na munheca (...) Gulosíssima" (RA. 14.1.2.1.). A arma verbal usada nessa guerra é o processo subliminar muito ao gosto da publicidade: uma sentença curtíssima ecoa repetidamente na teoria antropofágica - "conquista espiritual a cacete" versus "justiça do tacape" (RA. 10.1.2.1.; 12.1.1.1.; 14.1.2.4.; 19.1.2.1.; 24. 1.2.1.; 26.1.2.1.). Ou cunha jocosamente expressões como "Pri

mado do Espiritual" (RA. 11.1.2.1. e 26.1.2.1.),substituindo termos mais nobres como cristianismo, religião, igreja, etc. Os instrumentos de defesa são sempre a excentricidade da linguagem, uma das categorias especiais da percepção do mundo carnavalesco [77].

Ainda em termos de religião,a antropofagia é pela adaptação ou travestimento da religião oficial do Ocidente, natural e parodicamente realizada pelo homem do povo. A anuência do sincretismo está representada nas freqüentes alusões à obra do Padre Cícero, símbolo de toda a inversão dos valores nobres da igreja oficial, "(...) reacomodação aos catecismos e sumas teológicas" (RA. 26.1.2.1.; 5.1.2.1.; 14.1.2.4.; 16.5.2.1.).

Já se conjectura na primeira fase a revisão da história, ou pelo menos aponta-se a viabilidade de alguma mobilização nesse sentido: "Vamos rever a história daqui e da Europa. Festejar o dia 11 de outubro, o último dia da América livre, pura, descolonizada,encantada e bravia"(RA. 5.1.2.2.). Na segunda fase, das conjecturas passa-se a análise das falhas que marcam a elaboração da história do país, com propostas e sugestões para o emprego de novos critérios. Primeiro, um levantamento da situação da historiografia, "Petas de cronistas são tomadas como rigorosamente verdades(...)"(RA. 14.2.1.1.);"A História do Brasil não se conta pelas façanhas do emboaba. A História do Brasil se conta pelos dabacuris selvagens,pelo moquém tostando a carne dos peros, por aquela descida braba como a nossa dos neheengaíbas na malandragem diplomática do Padre Vieira"(RA. 19.1.2.1.). Para a antropofagia nem mesmo o Modernismo consegue imprimir nova orientação - "A nossa história continuou a ser escrita com as patranhas dos padres, paty maranduba".

Não se espere da revista um levantamento criterioso e sistemático tanto das falhas como dos novos caminhos a serem perseguidos pelos historiadores. Nem este era o seu papel. Com muito humor, provocado sobretudo pelo rebaixamento da linguagem, os deslizes dos historiadores tradicionais são arrola

dos. Insiste na falta de percepção do papel do bandeirante e do aventureiro, das "(...) dolorosas conseqüências da conquista espiritual da nação tupi". É principalmente na análise do Retrato do Brasil (lançado na época) que se discute melhor o problema da historiografia viciada pela ótica de Capistrano de Abreu. Os defeitos atribuídos ao livro de Paulo Prado são estendidos a todo trabalho da época. Começa por assinalar a impropriedade das fontes básicas: "A Capistrano de Abreu faltou senso histórico" ; "Não penetrou o verdadeiro sentido da conquista"espiritual" do roupeta - simples instrumento de dominação política da Contra Reforma - não compreendeu o aspecto essencial da ação formidável do bandeirante - o político econômico (...) Era um bom arquivista. Faltava-lhe capacidade filosófica". Apoiando-se nessa bibliografia consequentemente às "(...) muletas da moral européia (...) Santo Ofício", os historiadores não levam em conta o interesse econômico da conquista/colonização. A revisão necessária, especialmente elaborada por Oswaldo Costa, revela como os desvios ideológicos semelhantes aos de Capistrano de Abreu "blefaram" não só Paulo Prado mas muitos historiadores, contadores de anedota. O artigo reclama um historiador que siga a lição de Pareto, não considere os fatos históricos isoladamente, e se distancie da ótica ocidental que explica o Brasil com tintas européias (RA. 11.2.1.1.). Jaime Adour da Câmara encarrega-se de contar a História do Brasil sob o ângulo da antropofagia, com uma paródia da história oficial, em 10 tomos e propositadamente dedicada a um dos seus representantes máximos: Rocha Pombo. O acaso que levou Portugal a descobrir a terra imensa (aliás marca de todas as suas conquistas) e o despreparo dos colonos para aqui enviados "fugitivos de uma civilização" - são os grandes fatores do insucesso da civilização portuguesa mascarados pela história oficial de Rocha Pombo e outros.

Deixando de lado a sistematização e a análise científicas rigorosas, a antropofagia empreende tarefa crítica, através do rebaixamento da linguagem pelo processo paródico. Mesmo os textos que pretenderam aprofundar a questão, volta e meia, perdem a capa de seriedade e o lúdico apodera-se da lingua

gem a maior parte do tempo. Retrato do Brasil de Paulo Prado, resenhado por Oswaldo Costa, representa a historiografia a ser combatida. A contundência alcança-se pela agressividade e impropriedade da linguagem - "O livro é ruim, não vale um caracol (...)"; "(...) belezas de observações erradas em excelente estilo de salão"; "Na época de Freud ele se fantasia de visitador do Santo Ofício, toma da palmatória, abre o catecismo e prega a moral ao brasileiro da fuzarca (...)" (RA. 14.2.1.1.). A exemplo destas passagens, em que se refere à ideologia dos historiadores, as críticas e sugestões são insinuadas pelo processo de alusão, da citação a fatos e personagens históricos, a autores e obras. A revista recusa-se a desenvolver um discurso especulativo nos moldes costumeiros. O tom da linguagem e o contexto funcionam como indícios da aprovação ou não dos princípios, sempre através do recurso indireto de indução. Assim massacra os intelectuais submissos, aqueles que pertencem à "igrejinha da latinidade" que "num sopro" a antropofagia põe abaixo: "os casacas de ferro do Ocidente" dedicados somente a "perfidiazinhas de víspora doméstica" (RA. 17.1.2.1.). Nessa série de "Moquém" (RA.14. 2.1.1.; 15.1.2.2.; 16.1.2.3.; 17.1.2.1.; 18.1.2.1.) a linguagem de ambiente familiar, de praça pública, de nivelamento das personagens, que particulariza o discurso da antropofagia, torna-se mais enfática. O autor não faz rodeios para afirmar que o Modernismo não passou de "democracia de bonde da Penha", alardeando uma "modernidade de ópera italiana". Os modernistas, "empalhados como pássaros de museus", elaboram obras "(...) cruza de Baptista Pereira com Mme. Chrysanthéme (...)", mera "literatura pela literatura para uso de mocinhas excessivamente recalcadas" (RA. 18.1.2.1.); "(...) histórias de bicho papão, hoje em dia imprópria até para menores e senhoritas" (RA. 17.1.2.1.). O apelo feito à mocidade para reagir ao "mau cheiro" aos "agentes provocadores do passadismo decrépito" é nos moldes da crítica: "(...) reagir a pau (...) sem direito a arnica com passaporte direto para a ceia com Cristo, no seio de Abraão"; "Se benza com a canhota, repetindo o breve infalível T'esconjuro/mangalô/pé de pato/três vezes". Ao fazer frente à elite servil, fiel aos bons costumes portugueses, que pensa o Brasil por meio dos clichês i

deológicos da "podre" Europa, a antropofagia se arma com os clichês muito mais ricos do folclore local - "Bacurau, choca teu ovo" (RA. 18.1.2.1.).

Na prática da linguagem alusiva, não escapa ninguém. A antropofagia vira "dilúvio sem Noé", o antropófago "Japy Assu" (RA. 1.1.2.2.) e os portugueses todos pejorativamente alcunhados de "peros" (RA. 1.1.2.2.; 19.1.2.1.; 26.1.2.1.). Tobias, Nabuco, Ruy representam a legislação importada do "Direito Romano". O jesuíta e os reis portugueses são deliciosamente conhecidos como o "roupeta" e "reis portuga". Os versos "ruinzinhos" de Anchieta são as "onze mil virgens" [78]. A malandragem dos governadores, nomeados por Portugal para sugar o máximo as riquezas da nova terra, é contada laconicamente por fábulas. A irara simboliza o governador e o curupira o selvagem. Idêntico processo aplica-se aos diálogos entre os missionários e o caraíba arredio à catequese. Paródia da paródia da história do camaleão e da preguiça (RA. 19.1.2.1.).

Os traços da cultura européia, digo, da cultura "decrépita", quando não criticamente parodiados, são transformados em "tabula rasa" como acontece a certos elementos culturais já fortemente imbricados na cultura local, especialmente na cultura dita popular - "O herói Poronominare matou Ulisses na cabeça e Cunhambebe engoliu os 12 pares de França" (RA. 24.1.2.1.). O refrão de Lênine naquela época desgastado (pão, paz e liberdade) sobrevive na comicidade do lema antropofágico - "queremos a liberdade para comer a paz com pão" (RA. 12.1.1.1.).

- NOTAS.

1. Fausto Curi - op. cit., p. 3-35.

2. Jurij Tynjanov - Destruction, parodie. Change, Paris, 2: 67--76.

3. Yoshiko Ikegami - A Linguistic Essay on Parody. Linguistics. The Hague, 55: 13-31, 1969.

4. J. M. Rabaté - La 'Missa Parodia' de Finnegans Wake. Poétique, Paris, 5: 75-95, 1974.

   Gilbert Highet - The Anatomy of Satire. New Jersey, Princeton, 1972. p. 89-92.

5. Vera M. Chalmers - 3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo, Duas Cidades, 1976. p. 73.

6. Charles Baudelaire - Oeuvres. Paris, Pléiade. p. 710-728.

7. Henri Bergson - "Essai sur la signification du comique". In: - Oeuvres. Paris, PUF, 1963. p. 381-485.

8. Mario Perniola - Bataile e il negativo. Milano, Feltrinelli, 1977. p. 114-118.

   Giulio Ferroni - Il comico nelle teoria contemporánea. Roma, Bulzoni, 1974. p. 25-40.

9. R. M. Albérés - Le comique et le ironie. Paris, Hachette, 1973. p. 77-78.

10. Giulio Ferroni - op. cit., p. 91-93.

11. Giovanni Papini - "Futurismo e marinetismo". In: - Luciano De Maria - Per connoscere Marinetti e il futurismo. Milano, Mondadori, 1973. p. 283-286.

12. Edoardo Sanguineti - In: - La critica e Palazzeschi. Bologna, Capelli, 1975. p. 152-165.

13. Ibid., p. 152-165.

14. Hans Richter - Dada Art and Anti-Art. London. Thames, 1965.

15. Francis Picabia - Écrits: 1913-1920. Paris, Belfond, 1975. p. 246.

16. Gérard Durozoi & Bernard Lecherbonnier - op. cit., p. 266.

17. Ibid., p. 267.

18. Vera M. Chalmers - op. cit., p. 57.

19. Victor Sklovskiji - op. cit., p. 209-243.

20. Vera M. Chalmers - op. cit., p. 57.

21. Jean Franco - "La parodie, le grostesque et le carnavalesque". In: Idéologies, littérature et societé en Amérique Latine. Bruxelles, Univ. de Bruxelles, 1975. p. 56-75.

22. Adrian Marino - Essai d'une définition de l'avant-garde. loc. cit., p. 85.

23. Tristan Tzara - In: - Georges Hugnet - L'aventure dada. ed. cit. p. 235.

Jaime Adour da Câmara - op. cit.

24. Adrian Marino - op. cit., p. 107-108.

25. Oswald de Andrade - Conversando com Oswald. Gazeta do Povo, Curitiba, 1950. (entrevista a Milton Carneiro).

26. Mikhaïl Bakhtine - op. cit., p. 170-171.

27. Adrian Marino - op. cit., p. 82.

28. Mário de Andrade - Táxi: casa de pensão. Diário Nacional, Rio de Janeiro, 11 abr. 1929.

29. Caricatura entendida como o método do burlesco que objetiva um "portraiture", definido pela distorção facilmente reconhecível de traços. Cf. Joseph Shipley. op. cit., p. 43.

30. Mário de Andrade - Poesias completas. São Paulo, Martins, s. d. p. 91.

31. Marcel Tetel - Accumulations verbales chez Rabelais. Romanic Review, 53: 12-21, 1962.

32. Oswald de Andrade - Obras completas. op. cit., p. 169.

33. Telê P. A. Lopez explica a posição de Mário de Andrade em relação ao lançamento de Macunaíma na corrente antropofágica (cf. Macunaíma: a margem e o texto. São Paulo, Huicitec, 1974. p. 19-20).

Oswald de Andrade - "Novas dimensões da poesia". 1949. (ms. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

34. Louis Aragon - Introduction à 1930. loc. cit., p. 60-61.

35. Raul Bopp - Movimentos modernistas no Brasil. São José, Rio de Janeiro, 1966. p. 79.

36. Oswald de Andrade - O êxito na terra substitui a esperança no céu. loc. cit.

37. Id. - "O sentido do interior". 1948. (ms. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

38. Raul Bopp - Vida e morte da antropofagia. ed. cit., p. 43.

39. Mário de Andrade - Carta a Alceu Amoroso Lima, 19 maio 1928. In: - Lygia Fernandes - 71 cartas de Mário de Andrade. São José, Rio de Janeiro, s.d., p. 29.

40. Id. - Mário de Andrade Táxi e crônicas no : Diário Nacional. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

41. André Jolles - Formas simples. São Paulo, Cultrix, 1976. p. 211-216.

42. Walter Benjamin - op. cit., p. 120.

43. Raul Bopp - op. cit., p. 43-44.

44. Paulo Emílio Salles Gomes - Os azes de Cataguases. Língua e Literatura. São Paulo, 4: 469, 1975.

45. Leite Criôlo. Belo Horizonte, 15, 22 set. 1929.

46. Oswald de Andrade - "Informes sobre o Modernismo", ms. cit.

47. Fausto Curi - op. cit., p. 37-48.

48. Estado de Minas, Belo Horizonte, 12 maio 1929.

49. Alegria criadora, ensaios de 1922-1925, publicado pelo orientador intelectual da revista Festa, em 1928, ed. Anuário do Brasil, Rio de Janeiro.

50. Neusa Caccese - Festa. São Paulo, IEB-USP, 1971.

51. Tasso da Silveira - Definição do Modernismo. Rio de Janeiro, Forja, 1932. p. 9.

52. Lucie Olbrechts-Tyteca - Il comico del discurso. Milano, Feltrinelli, 1977. p. 49-54.

53. David Muecke - Irony. London, Methuen, 1970. p. 32-34.

54. Jurij Tynjanov - Avanguardia e tradizione. ed. cit., p. 140-146.

55. A Feira Literária era o nome da seção, onde os antropófagos coletavam as "genialidades", publicadas no Correio Paulistano.

56. Menotti Del Picchia - Oswald o destruidor - A Gazeta. São Paulo, 6 nov. 1954.

57. Fausto Curi - op. cit., p. 120.

58. Oswald de Andrade - "Novas dimensões da poesia", ms. cit.,

59. Cassiano Ricardo - Carta a Oswald de Andrade. São Paulo, 3 out. 1947. (Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

60. Le Coeur à Barbe, Paris, avr. 1922. p. 1-2.

61. 391, loc. cit., 12: 2-5; 15: 5.

    Cannibale, loc. cit., 2: 5.

    Le Pilhaou-Thibau,: 5, juil. 1921 (ed. fac-similar, Paris, Le Terrain Vague, 1960. t. 1.(troca de cartas entre Picabia e Cocteau).

62. Oswald de Andrade - "Informe sobre o Modernismo", ms. cit.

63. S. Galopentia-Eretescu - Grammaire de la parodie. Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée, Bucarest, 9: 167-181, 1969.

64. Oliveira Bastos - Oswald de Andrade e a antropofagia. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 jun. 1971. p. 2.

65. Alceu Amoroso Lima - Primeiros estudos. Rio de Janeiro, Agir, 1948. p. 142.

66. Gilbert Highet - op. cit.

67. Edoardo Sanguineti - op. cit., p. 152-165.

68. Fausto Curi - op. cit., p. 3-36.

69. Oswald de Andrade - "Informes sobre o Modernismo", ms. cit.

70. Sergio Miceli - Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo, Difel, 1979. p. 23-24.

71. Louis Aragon - op. cit., 12: 60-61.

72. Adrian Marino - op. cit., p. 64-120.

73. Wayne Booth - A Rethoric of Irony. Chicago, Univ. Press. 1974. p. 1-8.

74. Tristan Tzara - op. cit., p. 8.

75. Clóvis de Gusmão - op. cit., p. 402-404.

76. Oswald de Andrade - Conversando com Oswald de Andrade. loc. cit.

4. AFIRMAÇÕES E DEBATE.

4.1. O debate - a fortuna crítica da antropofagia.

4.2. Pronunciamentos de participantes

"No Brasil (...) a crise do espírito é uma crise de reflexo. Aqui, porém, a sociedade conservadora não tem as defesas que tem ou tinham os países de raça fixa e tradição cultivada. Há por toda a terra, uma perda de memória social e é esse um dos sintomas de ruptura cultural com o passado. Ora nós não temos graves arquivos, nem pesados compromissos heráldicos. Aqui o homem é mais importante do que a lei."

OSWALD DE ANDRADE. O êxito na terra substitui a esperança no céu. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 12 out. 1947.

4.1. O debate - a fortuna crítica da antropofagia.

Não é muito extensa a bibliografia específica sobre a antropofagia. A maioria dos trabalhos resume-se aos artigos publicados originariamente em jornais ou suplementos literários. Os textos dedicados ao projeto antropofágico são relativamente recentes, datam da década de 60 em diante. Contemporâneo ao movimento encabeçado por Oswald de Andrade, apenas dois artigos de Tristão de Athayde. E mesmo assim, um deles não é análise exclusiva da antropofagia, apesar de anterior ao período 1928--29, discute aspectos fundamentais da teoria pau brasil com dados pertinentes ao estudo da antropofagia.

"Literatura suicida", de 1925, incluído na obra completa do autor[1], interessa à pesquisa, primeiro, porque antecipa argumentos que vão ser retomados quarenta anos depois pelos críticos de hoje. Tristão de Athayde começa a querela, que dominou alguns críticos na década de 60, questionando a originalidade das teorias de Oswald de Andrade. O crítico modernista assustou-se com a novidade das idéias contidas nas propostas do pau brasil, tachando-as de imitação repetitiva, meros reflexos do daísmo e do expressionismo alemão. O segundo artigo - "Neo-indianismo"[2] (1928)-mostra a repercussão do "Manifesto antropófago" na crítica modernista de Tristão de Athayde. Continua a insistência em traçar filiações européias e apesar de repudiar a ação destruidora-negativa, reconhece pontos positivos nesse "movimento primitivo" tais como: aproximação da terra, supressão dos academismos ridículos, desejo de pureza, rejuvenescimento das fontes de inspiração, renovação da língua, destruição dos artifícios.

Cassiano Ricardo (1953) estabelece quatro momentos típicos do indianismo na história da literatura brasileira[3]. O primeiro iniciado com Anchieta, em seguida, no século XVIII, o Arcadismo; no século XIX basicamente o Romantismo e por fim o indianismo da anta. Teima o poeta em colocar esse último no mesmo nível de propostas da antropofagia, ou, como insiste, do "neo-

-indianismo" de Oswald de Andrade. Delineada a trajetória indianista, o crítico passa a colher os pontos considerados semelhantes entre as duas teorias antagônicas. A única diferença que Cassiano vislumbra é a insolência do neo-indianismo de Oswald que assim mesmo "(...) sob o aspecto formal não estava sendo mais que a importação do dadaísmo francês". Pondera Cassiano. "No fundo queríamos a mesma coisa que Oswald - a reforma e uma nova tomada de posição brasileira através do indianismo". Justamente nesse ponto afloram as disparidades das propostas : a anta quer apenas uma reforma e propõe-na xenofabamente ("contra todos os 'ismos' forasteiros") a partir do autóctone de bondade natural, "do índio anedótico traduzido de Chateaubriand" (RA. 20.5.1.10). À antropofagia,"dilúvio sem Noé", não interessam reformas, importa sim destruir sem deixar vestígios, para se construir com o índio canibal que "comeu a catequese", o "antropófago de Knicker-bockers e não o índio de ópera" (RA. 20.1.2.2.). Sobre a disparidade das duas propostas indianistas e os equívocos da análise de Cassiano deve-se consultar os artigos de Benedito Nunes e de Oliveira Bastos, comentados adiante.

Oliveira Bastos (1957) rebate a opinião de Cassiano Ricardo em torno do"movimento"antropofágico como continuador do indianismo romântico. Contra-argumenta a classificação que coloca Oswald de Andrade como legítimo sucessor de Gonçalves Dias, estabelecendo o tipo de relação, ou melhor anti-relação, entre a corrente antropofágica e as idéias que originam a literatura indianista. Em contraposição à filiação estabelecida em Rousseau e no mito do bom selvagem, ressalta as ligações da antropofagia com as pesquisas da etnologia e antropologia da década de 20 sobre os povos primitivos. Delimita as linhas de identidade da programática antropofágica com as teses de Montaigne, Marx e Nietzsche. Sublinha o engano de Cassiano em nivelar a antropofagia e a anta. Esta última sim,"(...)repercussão tardia e obsoleta das idéias do indianismo romântico". Embora brevemente, Oliveira Bastos consegue trazer à tona os pontos freqüentemente aludidos de forma equivocada nas costumeiras análises de revisão indianista [4].

Em "Sob as ordens da mamãe" (1964)[5], Benedito Nunes cuida das afinidades entre a antropofagia e o surrealismo. Assinala como ponto de contato entre as duas correntes a exploração em maior profundidade do inconsciente. Antes, ressalta a especificidade do tratamento dado pelo movimento brasileiro. A antropofagia, no seu entender, encarna o inconsciente em uma entidade mítica de essência coletiva: a herança tupi, portadora dos elementos éticos e estéticos da primitividade que os antropófagos tentam retomar. Os trabalhos de Benedito Nunes têm o mérito de recolocar em pauta as investigações em torno da antropofagia, de uma forma imparcial e sem a estreiteza de argumentação das análises que pesquisam as fontes e antecedentes europeus no modernismo brasileiro. Em outras palavras, observa, como faz a antropofagia, "(...) a impossibilidade do fechamento dos portos pelo mais ingênuo e brasileiro processo nacionalizador - que é esse da assimilação de qualidades" [6].

Data de 1968 os artigos publicados no Suplemento Literário de Minas Gerais de autoria de Heitor Martins e Benedito Nunes. Ambos com o objetivo primeiro de traçar a relação entre as vanguardas européias e esta corrente brasileira. Heitor Martins, em "Canibais europeus e antropófagos brasileiros"[7], observa no movimento liderado por Oswald de Andrade um simples desenvolvimento das idéias de Marinetti, divulgadas em Mafarka le Futuriste e Gli Amori Futuristi, e do grupo francês responsável em 1920 pela criação da revista Cannibale. Mesmo sem entrar em considerações quanto à pertinência ou não do paralelo sugerido, a análise revela-se falha por não apreciar uma norma muito simples e própria a todo contato entre literatura ou entre diferentes sistemas culturais. Em qualquer processo de intercomunicação alguns pontos são retidos, outros rejeitados[8]. E Heitor Martins não determina as transformações sofridas pelos dados assimilados, naturalmente impostas pelo novo contexto histórico-social local. Esquece que as propostas européias de vanguarda, mescladas nessa situação específica resultam em coisa totalmente nova, diferente, ou seja nas características próprias, originais do "movimento" antropofágico. Não atentou para as ponderações de

Eduardo Frieiro a respeito do perigo de censura alfandegária na literatura - "os que pelejam pela criação de uma literatura própria no Brasil acham que, antes de nada, é preciso evitar e combater toda a espécie de influência (...)como se fosse possível a uma literatura em formação como é a nossa isolar-se do mundo e opor-se ao regime de trocas recíprocas em vigor na república das letras"[9].

Por outro lado, Benedito Nunes em uma série de três artigos, intitulados "O Modernismo e as Vanguardas (acerca do canibalismo literário)" [10], adverte para a ineficácia da crítica em se apegar à pesquisa de influências literárias,sem considerar a importância e a riqueza do fenômeno de troca de informação comum entre as vanguardas, como bem demonstra a história do Modernismo. Benedito Nunes analisa ainda a antropofagia na Introdução às Obras Completas de Oswald de Andrade [11]. Pesquisa as bases filosóficas, rastreando nas idéias de Oswald de Andrade a presença de Montaigne, Freud, Nietzsche e Keyserling. Alonga-se para explicar em que medida o grupo da anta e da antropofagia se incompatibilizam, apesar do tema índio os aproximar. Para o crítico paraense, o índio da anta representa o guardião das instituições conservadoras, a ideologia da ordem, em oposição ao índio anti-mito da antropofagia.

Somam-se a esta bibliografia três artigos semelhantes no objetivo de apresentar a antropofagia e sua revista.O primeiro, de Plínio Doyle [12], faz parte da série de "História de revistas e jornais literários", seção que comparece de 1968 a 1970 na Revista do Livro. Trata-se de apresentação e reprodução de textos e de capas de periódicos literários representativos, seguidas de um conteúdo analítico. De especial quanto a documentos transcritos, tem-se uma carta de Oswald de Andrade a Carlos Drummond de Andrade sobre o aparecimento da segunda "dentição" do periódico antropofágico,com pedidos de colaboração. O segundo trabalho introduz a reedição da Revista de Antropofagia [13]. Augusto de Campos valoriza a atualidade do "movimento", mostrando a sua importância para a modernização da linguagem literária no Brasil.

Pelo próprio caráter da publicação, não desce a detalhes de análise, limitando-se a um apanhado descritivo do "movimento" e da revista. Prende-se muito à intenção de distinguir bem uma fase do periódico da outra, com intenções claras de ressaltar a segunda e minimizar o valor da primeira. À parte a supervalorização do mito Oswald e do "movimento" antropofágico, Augusto de Campos esclarece alguns dos discutidos problemas de influências. Sobretudo as ligações da antropofagia com o canibalismo europeu. No terceiro artigo, Leila Perrone-Moisés [14] apresenta aos leitores de língua francesa a Revista de Antropofagia. Caracteriza rapidamente o periódico e a teoria da antropofagia, resumindo os seus pontos mais importantes, com destaque especial para a originalidade da linguagem do discurso antropofágico.

4.2. Textos de participantes do grupo.

No rastreamento da fortuna crítica do "movimento" antropofágico, foram considerados apenas os textos que abordaram diretamente o assunto. A sistemática da seleção consistiu em: a) reunir a teoria e crítica construídas pelos colaboradores ou pessoas diretamente ligadas ao "movimento" (Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Tarsila do Amaral); b) alinhar a crítica de autores não vinculados ao grupo. Neste conjunto foram englobados textos da década de 20 e trabalhos mais recentes. Além de completar a bibliografia, o material coletado proporciona a sistematização da reflexão e a teorização praticada pelos participantes da antropofagia ou por aqueles que viveram de perto a época. Um número muito reduzido destes textos pertence ao período mais efervescente do "movimento"; a maior parte são artigos ligeiros publicados em jornais, entrevistas ou cartas a companheiros distantes. O mais, posterior aos anos 1928-29, um grande número, como é o caso de Oswald de Andrade, consiste em material inédito. É inventário ou reflexão sobre os resultados da antropofagia, como também faz Raul Bopp. Em relação aos inéditos e aos artigos mais raros, optou-se por uma apresentação detalhada e descritiva que proporcionasse ao leitor o conhecimento de todos os dados do texto.

Textos de Oswald de Andrade

"Um documento"
Recorte: parte da série "Feira das quintas" que circulava no Jornal do Comércio, São Paulo. Transcrito em Obras Completas. Rio de Janeiro. Civ. Brasileira, 1974. v. 10, p. 43-51 (ed. org. por Vera Chalmers).
Data: agosto de 1925.

O texto da época do "pau-brasil" é importante para este estudo, porque são aventados temas que afloram com frequência nas críticas e análises sobre o "movimento" de 28. Responde ao artigo de Tristão de Athayde - "Literatura suicida" - já comentado. Oswald repassa o problema das influências exercidas pelos movimentos da vanguarda européia, apontando os elementos coincidentes com a sua teoria primitivista da recuperação da literatura brasileira. Rejeita totalmente a argumentação de Tristão de Athayde, que constata nas suas idéias e projetos apenas ecos de teorias externas. É interessante destacar algumas passagens do texto, pois elucidam aspectos analisados nesta pesquisa:

a) do primeiro trecho depreende-se o período aproximado em que Oswald travou contatos com as teorias em voga na Europa:

> "Juro-lhe que fiquei alarmado com a minha sabedoria, pois pela primeira vez tive a vantagem (1925) de ler os manifestos epiléticos de André Breton e da cervejaria expressionista, que, pelo que vejo, também são meus. Minha surpresa cresceu diante da sábia manipulação que v. fez para convencer (...) de que houvesse coincidência criminosa entre esses ilustres perturbadores da ordem mental européia e a minha tentativa de brasilidade (...)"

b) na segunda passagem, Oswald traça as linhas básicas que orientaram os seus projetos, principalmente o da poesia pau brasil:

> "Apoiam-me com a desenvoltura que caracteriza a verdadeira superioridade - Tarsila do Amaral,

> Blaise Cendrars (um amoroso ao Brasil), Paulo Prado e Mário de Andrade. Com esses, eu só posso aprender. Interessou-os a indicação agressiva e cômoda criada para tudo quanto seja nacional. Pau brasil. O que deve ser apurado como tendência única, disciplinadora e construtiva, se quisermos ter uma literatura e uma arte e mesmo uma política e uma educação. Apenas uma coincidência de passagem com o niilismo dadá ou melhor com as correntes mais ou menos oriundas de Bergson e de Freud. Que importa se nada lhe devemos?"

c) No próximo extrato tem-se a enumeração de vários escritores e artistas com quem Oswald mantinha contato durante suas viagens:

> "Não quis até hoje privar com os dissolventes mentais que v. cita, nem com Tzara, nem com Breton, nem com Picabia - o único a quem fui ocasionalmente apresentado, mas que pouco me interessou. Ao contário, tive grande prazer em conhecer em vida Satie e Radiguet - a ida ao clássico! Estimo imenso Cendrars, Léger, Romains, Larbaud, Supervielle - a saúde de Paris".

d) Neste fragmento tenta peneirar as propostas dadá para deduzir aquilo em que pode concordar e aderir:

> "Apenas, neste grupo, a divisão para qual pende o seu espírito é a divisão anti-poeta, burguesa e convencional, lado Maurras que, infelizmente, não coincide com dadá na necessidade de se afogar o monstro da sabença num dilúvio sem arca. Nesse ponto, eu não me envergonho de sofrer o mesmo nojo pelo homo sapiens do século passado que produziu o cientificismo e entre nós resultou nas mentalidades guanabarinas (...) Os dadaístas querem, porém, permanecer na treva gagá em que se refugiaram ou daí tatear para um compartimento puramente freudiano. Eu proponho a linha nacionalista que vem da santidade à burrice dos anúncios do Frois".

e) Convida o seu "censor" para examinar e comparar os pontos que afastam o seu projeto dos traços que norteiam dadá, surrealismo, expressionismo:

" 'L'obscurité de nos paroles est constante' - Breton.
'O equilíbrio, o acabamento, o sentido puro' -Pau Brasil .
'Não se trata mais de conhecer, porém, de comungar' - Fichter.
'O estado de inocência substituíndo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito'. - Pau brasil.
Pau brasil contra o falso êxtase alemão. Pau brasil contra o hermetismo malicioso dos negróides de Paris. Pau brasil diferente da minha própria poesia desarticulada das "Memórias Sentimentais" - fase de desagregamento técnico. Necessária. Como no esporte, os movimentos preparatórios decompõem as performances. Pau brasil, sobretudo, clareza, nitidez, simplicidade e estilo. A ordem direta dos nossos rios".

Em outra oportunidade Oswald voltaria a refutar as críticas de Tristão de Athayde, advertindo que "Bastaria, no entanto, o simples conhecimento da língua francesa para se desfazer a calúnia, pois quem lê os nossos manifestos e os documentos do surrealismo vê imediatamente que um é carne e o outro é peixe" [15].

"Contra os emboabas"
Recorte: entrevista concedida ao Estado de Minas, Belo Horizonte.
Data: 13 de maio de 1928.

Recém-lançado o "movimento", por conseguinte, preocupa-se o escritor em esclarecer sobre a antropofagia e suas metas: "Reabilitar o índio não catequisado e seu extraordinário espírito edênico. De outro lado, exaltar a ligação com os bons elementos vindos de fora. Tirados o governador e o catequista, considero todos apreciáveis e afins". Confirma a inspiração da expressão antropofagia na "pintura bárbara" de Tarsila. Acredita que o "tom de paradoxo e violência" do movimento de revalorização do primitivo pode oferecer uma série de saídas à própria Europa decadente ("Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem" - "Manifesto"). E ao mesmo tempo acredita que se deva recorrer às conquistas da vanguarda européia, para empreender a "reivindicação do espírito natural".

"Letras paulistas em 1928"
Recorte: entrevista para O Jornal, Rio de Janeiro
Data: 21 de janeiro de 1929

Protesto contra a falta de reconhecimento, pela intelectualidade brasileira, da antropofagia, como "credo filosófico e doutrina". Sugere a sua teoria como programa de salvação contra a exploração estrangeira -"(...) o nervo de dente nacional. Do dente que há de comer o Ocidente". Idéia repetida em 1950: "Está cada vez mais se evidenciando que a antropofagia é a terapêutica social do mundo moderno" [16]. Detém-se ainda na explicação e defesa dos postulados do novo"movimento". Ao ressaltar seus principais objetivos, reafirma a necessidade de reabilitar o índio,sem deixar contudo de "exaltar a ligação" com os elementos positivos de fora.

"O caminho percorrido"
Conferência pronunciada em Belo Horizonte (reproduzida em Obras Completas. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1972. v. 5, p. 93-102).
Data: setembro de 1943.

Como na maioria dos textos, tenta destruir tudo aquilo que destoa da programática antropofágica, na tentativa de derrotar os opositores do novo "credo", catequisar adeptos e com o barulho conseguir divulgar a nova "doutrina". Constata a importância da antropofagia,na medida em que esta se revela como o "(...) primeiro contato com a nossa realidade política". Depõe sobre a cisão do grupo na segunda fase do periódico, mostrando os caminhos políticos diferentes trilhados depois de 28 [17].Retoma a idéia da antropofagia como recurso último, ao acreditar que"(...) a antropofagia salvara o Modernismo e pagava o tributo político de ter caminhado decididamente para o futuro.

"Informes sobre o Modernismo"
Original: 11 folhas datilografadas, com correções e riscos feitos a lápis e a tinta pelo autor.
Data: "São Paulo 15-10-46"
texto sem assinatura

O manuscrito é fragmentado em seis pequenos capítulos:

a) "Três séculos de literatura ao par"

O conceito de moderno do escritor, vincula-se à função desempenhada pelo artista. Moderno para Oswald de Andrade não é privilégio de uma determinada época, porque o papel do artista é captar o ar dos tempos novos e anunciar as transformações. Noção idêntica à dos intelectuais de vanguarda da época ; a mesma de Pound, por exemplo, em ABC da literatura, retomada por Mcluhan[18] e idêntica também a do teórico romeno Adrian Marino[19].

Definido o moderno, Oswald comenta o contexto mundial dos primórdios do século e a situação cultural do Brasil antes da Semana de Arte Moderna. Situa o início da modernidade na literatura brasileira a partir de Jeca Tatu de Monteiro Lobato, responsável pela introdução de temas e expressões novas, faltando apenas a crítica e a técnica atual. Esta última sugerida pelos meios de comunicação de massa. Volta a insistir nisto em 1949 - "Nossas tarefas foram gigantescas e aqui é o momento de fixar como pioneiros: na prosa Monteiro Lobato e na poesia Mário de Andrade (...) Mas a prosa de Lobato com o "Urupês" já o reconheci publicamente, alentou a pesquisa apaixonada e incerta que começávamos (...)" [20].

A supervalorização oswaldiana, do papel de Monteiro Lobato na renovação da prosa brasileira, é redimensionada pelos críticos e historiadores atuais. Alfredo Bosi é de opinião que a prosa de Lobato "(...) não rompe, no fundo, nenhum molde convencional". Não a classifica junto com a prosa pré-modernista de Euclides da Cunha, Graça Aranha e Lima Barreto [21].

b) "Como se produziu a Semana de Arte Moderna"

Conta factualmente a história da Semana e aponta os seus responsáveis. Associa à Semana dois acontecimentos históricos importantes, a revolta do Forte de Copacabana e a fundação do Partido Comunista do Brasil por Astrogildo Pereira. Dados que contam sobremaneira por servirem de termômetro da vida social e histórica nacional.

Retoma a análise sobre a poesia brasileira, sugerindo, desta vez, o caminho a ser trilhado: a liberdade de criação, a valorização do inconsciente, do cotidiano e o do mecânico "(...) do cotidiano que vai até o vulgar estão o popular e o revolucionário. No inconsciente esconde-se o primitivo, o nativo, o geográfico e o telúrico". Nestes caminhos Oswald encontra as pistas para se criar a poesia nova do Brasil.

c) "As subdivisões do Modernismo"

Refere-se ao início da antropofagia como "mero aprofundamento" do sentimento nacional de pau brasil, e informa sobre a existência de uma terceira fase, depois de 30, do "movimento" antropofágico com a participação de Flávio de Carvalho. Realmente não existiu uma manifestação em termos de grupo chamada antropofagia, depois da fase do Diário de São Paulo. O mais certo certo é que esta etapa a que Oswald alude corresponde à atuação do pintor paulista [22].

Enumera as razões da dissidência no Modernismo, preferindo considerá-las do ponto de vista da divergência política: de um lado, Plínio Salgado encabeça e prepara o fascismo nacional. Do lado oposto, forma-se o grupo liberal dirigindo-se para a revolução paulista de 32; "(...) na extrema esquerda ficariam os que vão ter pequenos aborrecimentos como cadeia, fome e ilegalidade. São os antropófagos". Faz uma pausa para destacar as estréias pós 22, "(...) o romance do nordeste, a poesia de Drummond e Vinicius, a prosa de Aníbal, a pintura de Portinari, a música de Mignoni, a arquitetura de Warchavichik e Niemeyer; o ensaio e a crítica de Astrogildo Pereira e Álvaro Lins". E volta as diferenças políticas que haviam separado os modernistas nas décadas seguintes: "Com a ditadura Vargas acentuam-se as tendências esboçadas e dos integralistas de Plínio Salgado, a dos estado-novistas e uma terceira ala que unida se bate pela democracia. Nela se encontram antropófagos, comunistas e liberais".

d) "Nietzsche nunca subiria as escadas da Chancelaria do Reich"

Comenta as inquietações do intelectual do pós-guerra, o surgimento do existencialismo, suas origens e a posição que se deve tomar em relação à "nova senha" que tem como um dos patronos Nietzsche.

e) "Nietzsche, Kirkegaard, Marx e o existencialismo"

Assinala a exaltação do primitivo pelo existencialismo e a revalorização do homem natural em oposição ao homem histórico, civilizado, vestido, enfim, ao homem cartesiano. Acredita que os dias atuais são propícios para se realizar a síntese que a "marcha do homem procura" (Oswald alude à sua célebre formulação do homem como problema e realidade: primeiro termo - tese, homem natural; segundo termo - antítese, homem civilizado ; terceiro termo - síntese, homem natural tecnizado).

f) "A moderna posição da antropofagia"

Partindo de Kirkegaard e Chestov argumenta a existência de um estágio anterior à queda turbado pelo Conhecimento - a idade de ouro, a possibilidade da antropofagia apontar o caminho para a "recuperação dialeticamente" através da Tese, citada no item e. Esta idéia, juntamente com o conceito de antropofagia como rito, é retomada mais tarde e desenvolvida em "A crise da filosofia messiânica"[23]. A concepção da antropofagia como uma "Weltanschauung" vem desde o "Manifesto" de 1928 e figura em quase todos os textos teóricos,sendo ponto de apoio de toda a reflexão sobre o"movimento".

Traçada a evolução do existencialismo, conclui este item com Sartre, o filósofo na fase do "humanismo mais doce", onde vislumbra uma disponibilidade para a idade de ouro anunciada pela antropofagia.

g) "A fala do homem do Equador"

Recorre a Gilberto Freyre e a sua distinção entre Modernismo e Modernidade, para situar a antropofagia na esfera daquilo que houve de mais renovador no movimento de 22. Diferente do "(...) cacoete do papel carbono que tanta gente utilizou". Desculpa-se pelas contradições de sua teoria, citando Heidegger para ilustrar a idéia de que toda a filosofia no seu início é imatura. A antropofagia, conclui Oswald, ainda balbucia, "(...) mas propõe-se a depor no tumulto dramático de hoje. Ela leva nas suas conclusões o que há de vivo no existencialismo e no marxismo. De um velho caderno que tem cerca de 20 anos tiro o seguinte 'pela primeira vez o homem do Equador vai falar' ".

"O sentido do interior"
Original: 10 folhas datilografadas com correções a lápis feitas pelo autor
Data: "Bauru, 31 de julho de 1948"
Sem assinatura

Para Oswald de Andrade a presença do interior na moderna literatura brasileira é indiscutível, embora o Modernismo tenha sido a princípio um movimento eminentemente urbano. Como exemplo escolhe "(...) duas obras ligadas ao movimento que se chamou antropofagia" - Cobra Norato e Macunaíma. Antropofagia definida por Oswald como "(...) uma exaltação do índio não cristianizado ou melhor, do homem natural representando uma cultura oposta à da catequese". O líder antropofagista parece ter reconhecido que, na realidade (pelo menos nas décadas de 20 e 30), a antropofagia se concretizou na prática em termos de criação literária propriamente dita, através de apenas duas obras: "(...) seja qual for o destino desse movimento ele pode se orgulhar de ter dado ao Brasil Cobra Norato de Raul Bopp e Macunaíma de Mário de Andrade". Obcecado pela teoria do matriarcado e idade de ouro, julga que a valorização do interior pela moderna literatura brasileira é uma volta ao espírito matriarcal de dois mil e quinhentos anos atrás. Aborda problemas tratados em "A crise da filosofia messiânica" e "A marcha das utopias"[24] (o direito materno, a herança, o socialismo e a propriedade individual).

"Novas dimensões da poesia"
Original: 20 folhas datilografadas com correções a lápis, as três últimas folhas são manuscritas a lápis
Data: "27.5.49, 20 1/2 horas"
Texto assinado: Oswald de Andrade

Apanhado da situação da poesia brasileira, usando como critério de análise a incorporação ou não das propostas antropofágicas ao repertório dos poetas estreantes na década de 40. Resume a situação: "(...) estamos em plena sintaxe de aço de Lorca como aqui no Brasil, na misteriosa sintaxe nheengatu, restituída por Mário de Andrade em Macunaíma. Temos coordenadas nossas que a poesia dos novos está abandonando. Por exemplo a linha que vem do pau brasil à antropofagia a que deu Nega Fulô (sic), O Carão, "A toada do pai mato", os versos de Julieta Bárbara, a saudade humanística de Carlos Drummond vai sendo substituída por uma poesia frigorífica e arranha-céu que produz perfeitos espasmos gelados como os do sr. Cabral de Melo Neto e da qual felizmente vai se afastando com grande técnica e tato o sr. Péricles da Silva Ramos (...)".Duas observações chamam atenção nesta citação. A primeira, apesar do protesto de seu autor, Oswald insiste em colocar Macunaíma no rol das obras ditas antropofágicas,como já mencionou em "O sentido do interior"; isto vem acontecendo desde o período de rusgas e desentendimentos entre os dois escritores,que marcam a segunda fase da RA. A segunda observação refere-se à geração de 45. Oswald atinge de cheio o ponto falho do grupo ao condenar o excesso de experimentação e especialização. Postura esta que se radicaliza com o concretismo,a qual também se refere Oswald: "A contenção para a liberdade continua com o sr. Geraldo Vidigal, a qual vem se aliar os últimos poemas do sr. Mário da Silva Brito, a angústia adolescente dos irmãos Campos e o apertamento técnico do poema em Décio Pignatari".

Em 1949, João Cabral havia publicado Pedra do Sono (1942), O Engenheiro (1945), Psicologia da Composição, Fábula de Anfion e Antiode (1947). Portanto, Oswald fala do poeta de antes do Cão sem Plumas e de Morte e Vida Severina. A partir de Antiode, João Cabral deixou de lado o "geometrismo" e o estratégico rigor métrico para - sem abandonar o rigor semântico, marca

da sua modernidade, como assinala Alfredo Bosi [25] - mergulhar nas coordenadas reclamadas por Oswald. De qualquer modo sua análise peca em dois aspectos: 1. Oswald não faz distinção entre poetas do primeiro nível como João Cabral, de outros sem nenhuma significação dentro da chamada geração 45. 2. Não percebe que o procedimento lingüístico contido de João Cabral é recurso tático, para depurar os pitorescos, os exotismos e o sentimentalismo que assaltavam a poesia brasileira, mesmo depois da radicalização modernista. A posição assumida, à primeira vista, parece estranha, na medida em que o autor de João Miramar não aceita as inovações estético-lingüísticas que animaram esse grupo de poetas, o qual pelo menos teve o mérito de reintroduzir na literatura brasileira "a concepção de poesia como arte da palavra" [26]. Levando-se em consideração a posição aguerrida do movimento de 22 e as inovações introduzidas na literatura brasileira, a partir daí, a análise revela-se sectária. Oswald parece esquecer até mesmo a sua definição de moderno, colocada em um texto de 1946, "Informes sobre o Modernismo",visto mais atrás. Definira a palavra "moderno" como pertencente a qualquer época - "(...) foram modernos os iniciadores de todos os movimentos científicos e políticos. O tempo encarrega-se de tornar os modernos clássicos ou destruí-los". Talvez sua atitude tenha sido levada mais pelo ressentimento, em razão da atuação ostensiva do grupo de 45, que subestimou as conquistas do Modernismo, sem atentar para toda a transformação sofrida pela expressão poética no Brasil com as obras de pelo menos três poetas, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade,principalmente a partir dos poemas comprimidos e da técnica de montagem da poesia pau brasil. Ou ainda: esta má vontade para com a poesia de Cabral, talvez não passe de mais uma investida da irrequieta personalidade de Oswald, como bem lembra Carlos Drummond de Andrade em "O antropófago" [27].

Depois de fixar como pioneiros na tarefa "(...) gigantesca de renovação a prosa de Monteiro Lobato e a poesia de Mário de Andrade", Oswald traça o papel de Cassiano Ricardo: "Entre nós há um poeta do coração da palavra e do mato que coloca o Brasil na mais autêntica atualidade do verso. É ele Cassiano Ricardo".

Consultando textos da mesma época, nota-se que a essa altura, Oswald de Andrade manifesta constantemente sua admiração pela poesia de Cassiano Ricardo, criticada duramente na época da RA. Ao comentar de um modo geral a situação da literatura brasileira e sua luta pela autonomia, Oswald refere-se ao autor de Martim-Cererê exaltadamente: "É um fenômeno que se repete. É como Fernando Pessoa. É a maturidade de toda uma geração, o que significa a volta de um novo classicismo, pois atingimos agora uma forma perfeita. Assim como o gótico só se evidenciou no século XIII, o Modernismo, depois de lutas, experiências, fracassos, chega nos dias de hoje a um clima admirável, quando Cassiano Ricardo e Fernando Pessoa estão paralelamente situados colocando o Brasil ao lado de Portugal numa posição de vanguarda. Esse processo de obtenção do valor se realiza através as experiências, isto é, para dar Cassiano Ricardo atual, foi preciso antes, Mário, eu, Menotti, Vinicius, Carlos Drummond e alguns outros"[28].

Oswald, em 1953, reavalia a posição de Cassiano Ricardo na literatura brasileira mostrando que "Os homens de 22 estão aí mais firmes do que nunca. Veja o caso de Cassiano Ricardo. Só agora, nos seus últimos livros se revelou de fato o maior poeta do Brasil. Quem faz entre nós melhor poesia do que Cassiano Ricardo? Ninguém. E querer negar que o pessoal da Semana Moderna não exerce ainda influência sobre as mais novas gerações é outra bobagem" [29]. No final da vida, parece que Oswald faz as pazes com muita gente que os moquéns antropofágicos tentaram trucidar. Além desta idolatrada referência, outro exemplo de trégua é a correspondência trocada entre os dois modernistas(carta de Cassiano Ricardo de 25 de março de 1950, elogiando Oswald de Andrade; outra mais antiga de 3 de outubro de 1947, agradecendo o artigo de Oswald no Correio da Manhã, provavelmente sobre Um dia depois do outro, lançado na época. Cassiano responde a Oswald:"(...) nada mais natural do que o meu contentamento. Você é um dos três ou quatro escritores realmente grandes que o Brasil possui e eu bem sei avaliar o significado da sua opinião.Quem conhecerá mais do que você os problemas da poesia moderna?").

Comunicação sem título
Original: 3 folhas manuscritas a lápis em caderno espiral, sem numeração de página; com uma anotação à margem esquerda do texto: "para Daniel Linguanotto"
Data: "27.3.50"
Texto sem assinatura

Comentário sobre a publicação das suas memórias, Sob as Ordens de Mamãe (vol. 1) e ao mesmo tempo depoimento sobre sua vida e profissão. Não perde a oportunidade de, mais uma vez, confessar-se cético em relação à civilização ocidental e em seu lugar propõe as lições do homem primitivo que o Brasil devia "adotar como filosofia". Em outras palavras, seguir o caminho antevisto por Montaigne nos Essais, marcado pela revolta e pelo estoicismo do índio. Diferente da contrafação cristã de Rousseau, considerada deformação.

"Conversa com Oswald de Andrade"
Recorte: entrevista a Aurasil Brandão Joly, publicada em Trópico (revista de cultura e turismo), São Paulo, ano 1, n. 2.
Data: maio de 1950

Oswald continua a pregar a antropofagia como "terapêutica social do mundo moderno". A adesão à antropofagia atual, segundo Oswald, consistiria em seguir os ensinamentos das sociedades matriarcais primitivas por meio da "(...) volta tecnizada ao primitivismo e à idade de ouro".

"Conversando com Oswald de Andrade"
Recorte: entrevista a Milton Carneiro publicada na Gazeta do Povo de Curitiba
Data: 1950

Prega a "antropofagização" de todos os homens representativos e toma como guia inspirador os índios. Como primeiro passo para adquirir a serenidade própria dos aborígenes receita "(...) desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil". A antropofagia pretendida por Oswald tem "sólido fundamento científico: o 'pansexualismo' do Sigmund Freud".

"O antropófago"
Original: 150 folhas manuscritas a lápis, conservadas em um caderno espiral. Na primeira folha, a dedicatória do trabalho: "A vocês que me acompanharam na jornada - Maria Antonieta d'Alkimin Nonê, Rudá, Antonieta Marília e Paulo Marcos".
Data: apresenta várias datas diferentes:

1. na folha 1 do caderno - "Rio Serrador, 9 de junho de 1956"
2. na mesma folha - "Clínica São Vicente, 16 de junho de 1952" (presumivelmente o início do trabalho)
3. na folha branca do caderno, canto superior direito -"Clínica São Vicente"; no canto superior esquerdo "14.12.52"
4. na folha 14 "25.5.52"
5. na folha 51 "31.5.52"
6. na folha 80 " 2.6.52"
7. na folha 10 " 6.6.52"
8. na folha 199 "Boa Sorte 1.1.53"

Estruturado em vários capítulos divididos por grandes parágrafos com o subtítulo "O antropófago - sua marcha para a técnica, a revolução e o progresso", acompanha-lhe o esquema abaixo, isolado na folha 3 (este mesmo esboço é repetido no final).

1. "Introdução e hipótese das latitudes
2. A Gália de Cesar e a Germânia de Tácito frente a Roma (pagã e a Roma convertida)
3. Cogitações sobre a miscigenação medieval
4. 'Mundus novus'
5. Construção dialética do mundo moderno
6. Ótica da humanidade presente
7. Acertos e rumos"

Os itens 2, 3 e 4 estão desenvolvidos da p. 1 a 138. O item 1 aparece no final do caderno e compreende duas partes:

a. "Introdução - teoria sobre o 'deficit' essencial do ser humano" (p. 3-14).
b. "Hipótese das latitudes" (p. 14-32). Estas duas partes recebem nova numeração com um outro esquema para o capítulo:

"hipótese das latitudes
Dacquê e o princípio da diferença
os fusos trabalham sozinhos
as convulsões niveladoras
o ócio como finalidade"

Na introdução, Oswald sustenta a idéia de que o Homem tende a esquematizar a sua própria natureza e a criar necessariamente um conflito entre o que ele é (natureza) e o que deseja ser (esquema idealista da própria natureza). Encontra as razões da deficiência do homem na infância, já que nesta fase estão os elementos essenciais de disparidade entre o bípede falante e as outras espécies que habitam o planeta.

Nas páginas 14-30 amplia as conclusões sobre a diferença de desenvolvimento técnico e histórico do homem nas diversas regiões do mundo. Conhecida como teoria das latitudes e esboçada também no depoimento "Meu testamento" [30], divide a terra em três zonas, a faixa A, do Trópico de Câncer para o Norte até 60°; a zona B, confinando-se entre os dois Trópicos; a faixa E do Trópico de Capricórnio, para o sul também 60°. Na divisão toma por base clima e uniformidade da produção, fatores que provocam as diferenças iniciais entre as várias zonas. Por exemplo, a faixa A - Europa, Egito, parte do Canadá, Judéia, Estados Unidos e na Ásia a Mongólia e o Japão - concentra todo o progresso e o avanço tecnológico e a B, por reflexo, realiza em segunda escala o processo de desenvolvimento. A terceira faixa, objeto de atenção demorada do escritor, conhecida também como zona equatorial, é caracterizada pela existência de um ócio milenar determinado pelo clima, pela terra e pela vegetação excessiva. Nesta zona o escritor constata o florescimento do regime matriarcal, cujo ideal consiste justamente no ócio. Baseia-se em George Friedman ao defender o ponto de vista de que a humanidade se encaminha para o ócio, em virtude da preocupação de apropriar-se diretamente dos bens da terra, das conquistas mecânicas e técnicas. Tudo isto, frisa Oswald, realizado mediante a luta de classes (assunto também abordado nos textos das Obras Completas [31]). O habitante da faixa A, prossegue Oswald, num estágio técnico avançado descobriu e dominou o habitante da parte equatorial, impondo imediatamente a sua cultura. Modificou a concepção de vida do seu primitivo morador e inoculou no nativo uma ideologia propícia ao desenvolvimento do trabalho escravo. A sua preocupação maior é ressaltar o contraste entre as duas primeiras zonas e a

última, a E, acentuando a subversão dos valores nativos operada pela colonização violenta e expoliativa. O livro do jesuíta Montoya e os trabalhos do missionário Claude d'Abbeville servem de apoio à denúncia da violência da doutrina cristã, impingida aos autóctones. Além das imposições no plano espiritual comenta a expoliação econômica, lembrando que foi a custa dos metais saídos da América que a revolução industrial se alimentou. Ilustra as afirmações com as teorias de Werner Lombard. Apesar de tudo, resta um consolo para o escritor: a cultura indígena preservada nos documentos da conquista, na literatura jesuítica do século XVI e nas cartas de Américo Vespúcio, trabalho muito admirado [32].

Nas páginas seguintes traça o itinerário do Homem na direção do conhecimento. Retorna à análise sobre o comportamento da classe sacerdotal iniciado na sua Tese [33]. Durante as fases de desenvolvimento da humanidade, retrata a classe sacerdotal aproveitando-se, manipulando e deformando o "sentimento órfico" da sociedade e resistindo a todas as revoluções clericais realizadas. A figura do sacerdote na visão oswaldiana é a de um abominável parasita destinado a fazer curvar a cabeça do desgraçado ante o gáudio e o tripúdio dos possuidores dos bens da terra. Mostra como, há quase 20 séculos, a obra do sacerdócio cristão só tem feito adormecer as massas exploradas a troco de uma esperança de além túmulo, a fim de fortalecer e erigir as classes tiranizadoras do trabalho humano. Isto tem acontecido, explica, porque a dimensão religiosa do homem sempre o leva a procurar novos cultos, assim foi no fim da era antiga (com a extinção dos totemismos e dos numes) - com o cristianismo, a promessa da parusia atraiu milhares de fiéis, após a extinção desta, a promessa de vida eterna apaixonou as vítimas do poderio romano (consultar também"A marcha das utopias" [34]). Responsabiliza este sentimento órfico do homem pela transferência de cultos. Desenvolve o problema em outros textos com uma série de exemplos - a atitude das massas em torno de certas figuras teocráticas, Hitler, Mussolini, etc. [35].

A partir do século XVIII marca o surgimento de uma nova era no Ocidente, livre dos preconceitos tradicionais da

Igreja. Exatamente como Voltaire que considerava a religião uma loucura ou uma "malandragem", Oswald acha que seu sentimento órfico corresponde à dimensão louca do homem, apontada pelo filósofo francês. A desmoralização completa dessa Igreja é vista somente depois de Nietzsche e Marx, quando o homem com o marxismo atinge a maioridade, libertado do conceito de Deus, cuja morte Nietzsche anunciou.

No plano econômico destaca a importância do marxismo ao desmascarar a "economia do haver", expressão que considera mais apropriada para exprimir o sentido de transição do comércio e da divisão arbitrária da sociedade em classes possuidoras e classes exploradas. Faz restrição ao projeto de Marx e Nietzsche por não ter valorizado o potencial primitivo, recalcado sob o domínio das elites burguesas, responsável pelo levante de massas que marca o início do século XX. Acredita que o caminho do Homem para a "(...) autenticidade e para a destruição da exploração patriarcal" está na captação do pensamento de Nietzsche Freud e Marx.

Repete a argumentação em torno da existência de uma fase de matriarcado vivida pela humanidade e estuda as características econômicas, o direito e a moral dos povos matriarcais. Em resumo, a economia do ser, o direito da guerra e a moral da liberdade. Detém-se longamente na questão da distinção do pai nos grupos humanos, antes da instituição do casamento, realizada por Bachofen e Malinovski. Enumera os exemplos de "avunculato" encontrado nas Canções de Gesta, ao lado da exaltação da família de direito paterno e cita o lado brasileiro destas canções, melhor, o lado oposto - "a grotesca caricatura da canção de gesta" - o poema "Caramuru" de Santa Rita Durão, "panegírico da legitimidade paterna".

Dois outros itens são apresentados separadamente no mesmo caderno. Um deles, "Construção dialética do mundo contemporâneo", com seis folhas manuscritas. De acordo com o esquema inicial, este trecho corresponderia ao item 5 do texto "O antropófago". Reclama dos críticos um trabalho que coloque o cris

tianismo nas suas coordenadas históricas, geográficas e racistas. E alerta que a construção do mundo moderno depende do abandono de uma religião condicionada pela geografia ptolomaica, pela mística da escravatura e pelo confinamento, "(...) é preciso fustigar com a verdade essa miserável invenção judaica cristã e despi-la de suas galas hoje completamente inúteis, espezinhá-la morta e liquidá-la aos pés da exêgese histórica e da fidelidade à vida".

O outro item, "Ótica panorâmica da humanidade presente", o sexto no primeiro roteiro, não chegou a ser desenvolvido. No caderno existe apenas o levantamento dos tópicos abaixo discriminados:

- "formação do mundo patriarcal
- a economia patriarcal
- o direito patriarcal
- a psicologia patriarcal
- a moral patriarcal
- a descoberta de um novo mundo
- a reação e revolução em termos dialéticos
- a marcha técnica (de Aristóteles e Friedman)
- a indústria como invenção do diabo"

No final do caderno outro esquema de trabalho com título diferente:

- "Tratado de antropofagia
- histórico do problema
- uma sociologia da miscigenação
- o problema
- as deformações vigentes do patriarcado
  a religião - o grande órfico do ocidente, a economia, a moral, a estética, a política, a lei e o direito
- construção dialética do novo mundo matriarcal
- o antropófago - sua marcha para o progresso, a técnica a revolução
- conclusão e manifesto"

Nas últimas linhas desta página: "O homem não tem nada de herói corneliano/ continua a trair, à mentir, a roubar, a ter medo. A amar e a matar. Como no primeiro dia da criação".

O texto "O antropófago",ao que parece,restou inacabado. A narrativa é confusa e às vezes repetitiva, tornando a leitura do manuscrito dificultosa. Grande parte ditada pelo escritor (Oswald estava convalescente), provavelmente não sofreu o retoque final. Faz parte do longo projeto de Oswald de Andrade da fase de pós-militância,com o objetivo de fornecer as diretrizes históricas e filosóficas da antropofagia, ou com intuito de revelar as fontes de inspiração da teoria antropofágica. Entre o principal documento dos primeiros tempos - o "Manifesto antropófago" - e os documentos pesquisados, medeiam quase 25 anos. Da leitura de ambos, constata-se a permanência de muitas das idéias que impulsionaram o"movimento"de 1928.

José Carlos Mariátegui, ao estudar a evolução econômica do Peru e os problemas enfrentados pelos índios, coloca em evidência os aspectos peculiares ao processo de colonização do seu país e conseqüentemente a dominação do seu primitivo habitante. Aspectos estes coincidentes em alguns pontos com os levantados por Oswald de Andrade no ambicioso projeto, "O tratado da antropofagia". Antes de apontar as afinidades,urge que se estabeleça as especificidades de cada um. Mariátegui, marxista por formação, estudioso sistemático da filosofia contemporânea, coloca a questão do índio em termos econômicos, sociais e políticos. O problema impõe-se ao escritor como uma realidade palpável pois, o índio neste caso não representa apenas um tipo, um tema, um motivo, uma personagem. Simboliza um povo, um espírito, uma tradição. Lembra Mariátegui não ser possível apreciá-lo e considerá-lo do ponto de vista exclusivamente literário,como um colorido, um aspecto nacional, colocando-o no mesmo plano que outros elementos étnicos do Peru. Justifica a sua posição com dados estatísticos - "(...) a presença de três ou quatro milhões de homens de raça autóctone no panorama mental de um povo de cinco milhões"[36]. Já a antropofagia busca na volta ao homem natural os elementos étnicos, estéticos e culturais da

nacionalidade, reprimidos e deturpados pela ação colonizadora. Propõe para isto a justiça do tacape: "(...) pau na cabeça. Você comeu meu irmão, agora quem come sou eu" (RA. 12.1.1.1.).

A mesma bibliografia usada conduz os dois escritores a observações idênticas no estudo dos povos primitivos. Pode-se arrolar e confrontar uma série, dentre as quais, a abordagem do comportamento arbitrário do conquistador, sob a conivência da Igreja, a atuação religiosa, educacional e cultural dos membros desta entre os nativos e sua reação diante da suntuosa liturgia do catolicismo. No plano artístico e literário, coincidem na análise do processo de incorporação e adaptação dos valores europeus à realidade do país. Para Mariátegui, este processo ocorreria pela "assimilación", para Oswald pela "devoração".A observação do escritor peruano de que "(...) nenhuma idéia que frutifica, nenhuma idéia que se aclimata é uma idéia exótica. A propagação de uma idéia não é culpa nem é mérito de seus defensores; é culpa e é mérito da história (...)" é oportuna, quando pensada em termos da relação da vanguarda brasileira da década de 20, sobretudo a antropofagia, com a Europa [37].

> Comunicação sem título
> Original: 4 folhas manuscritas a lápis, em caderno espiral de capa cinza, trazendo na etiqueta: "Oswald/Livro da convalescença". Traz duas observações na margem do texto: a primeira leva a crer que a comunicação foi redigida especialmente para um encontro de intelectuais; a segunda informa que o texto foi entregue a Di Cavalcanti para ser lido.
> Data: apresenta duas datas: 1. "27.3.54; 2. "20.8.54"

A comunicação trata da reabilitação do mundo primitivo, tarefa que o escritor atribui como de responsabilidade dos americanos. Consiste especificamente em combater os vestígios do preconceito racial, manipulado pelos europeus com fins exclusivamente colonizadores e que incentiva a crença na inferioridade das raças primitivas. Encontra a prova da capacidade do índio brasileiro na sua resistência e oposição às filosofias que o procuram submeter, sendo ajudado pela sua alta concepção de vida - a antropofagia. E lembra que foi Montaigne quem lhe chamou atenção para a importância autônoma do primitivo.

Insiste no conceito de antropofagia como rito - "Weltanschauung" - e explica como o ato de comer carne humana significa comunhão do valor, assumindo a importância de uma postura filosófica, pois, ao contrário de todas as ilusões salvacionistas o ato servia para lembrar que a vida é devoração.

Textos de Raul Bopp

Cartas
Cartas a Joaquim Inojosa. In:- O Movimento Modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro, Tupy, s.d., v. 2., p.390-392.
Data: São Paulo, 6 de abril de 1929, a outra carta não traz data.

"Depoimento sobre antropofagia"
Recorte: artigo publicado no Correio da Manhã, Rio de Janeiro.
Data: 29 de maio de 1949

"Da Semana de Arte Moderna (1922) ao movimento antropofágico (1928)"
Recorte: artigo do Correio da Manhã, Rio de Janeiro.
Data: 12 de dezembro de 1964.

"Diário de antropofagia"
Recorte: artigo divulgado nos Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro (3): 34.
Data: 1966

Movimentos Modernistas no Brasil
Livro publicado pela São José, Rio de Janeiro.
Data: 1966

Putirum
Livro lançado pela editora Leitura do Rio de Janeiro e organizado por Macedo Miranda.
Data: 1969

"Vida e morte da antropofagia"
Recorte: artigo no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro (caderno B).
Data: 18 de setembro de 1971

Bopp passado a limpo por ele mesmo
Livro publicado pela editora Tupi, Rio de Janeiro.
Data: 1971

Vida e morte da antropofagia
Livro lançado pela Civilização Brasileira e Mec, Rio de Janeiro.
Data: 1977

Duas cartas a Inojosa, ambas fazem propaganda da antropofagia - "Aqui o pessoal está pegando fogo na antropofagia. "(...) Eu acho que é uma das coisas sérias que está se fazendo com bases muito sólidas (...) Aqui está uma campanha contra os nossos 'pierre Luis de celulóide' "; oferecem um apanhado da repercussão em outros Estados: "O Ceará, Pará, Minas, E. Santo, R. G. Norte e Sul o mov. está esplêndido, pegando fogo. Aqui está ultra bom." Dá também uma explicação rápida sobre o "movimento": "A primeira fase da Revista de Antropofagia acabou. Agora a 2a. dentição sai no suplemento do Diário de São Paulo um dos jornais mais lidos aqui. A primeira fase não tinha significação alguma. Simples boletim modernista. Nesta agora há orientação nova. Discute-se. Teoriza-se. Está largamente agitada. Espécie de pátio de guri de colégio. Pedradas jogo de bolinha de vidro. Fumar na latrina tudo o que é proibido. Vigor de corolários freudianos. (...) Aplicação da jurisprudência que a gente encontra nas lendas dos índios. Verdadeira revisão de valores. Os índios são os nossos 'primitivos'. Precisamos estudar as artes deles, etc". Insistentemente convida os pernambucanos a aderirem: "Precisamos movimentar isso aí (...) Qual pode ser o órgão oficial da antropofagia no Recife (...) Qual o mais modernista ou pelo menos de mais acolhimento para isso? Precisamos ter uma sucursal do Clube de Antropofagia no Recife, com um órgão oficial livre. Você e quem mais? (...) Mando um material aí para você publicar na página do 'Jornal do Comércio' ou onde você entender melhor (...) "Mande colaborações do pessoal daí. Coisa nova, violenta gosto de terra e de sovaco. (...) Olha você precisa escrever logo. Quem é o pessoal batuta daí? Mande tudo pra cá sobretudo coisas com sabor de folclore (...) Escreva logo. (...) Você não escreve. Que diabo (...) Mande troço! Escreva, agite. Vão aí uns versos para desmoralização". Bopp de antemão já eliminava o tipo de publicação que não gostaria de receber do pessoal do Recife. Não desejava "Nada de espiritualismos. No meio de tanta coisa gostosa não há tempo nem jeito para se pensar em tomismo e recristianismo do Brasil como estão pregando agora o pessoal chefiado pelo Tristão (...) "Nada de catolicismo cultural besta ponto em que estão se agrupando grande número de modernistas no Rio e mesmo aqui". Estas observações parecem ter assustado um pouco

os nordestinos, como espantaram os mineiros que palidamente aderiram a segunda fase da antropofagia. E Inojosa testemunha que ficaram inéditas todas as remessas enviadas pelo Bopp, na qualidade de diretor da revista: "Saem, 38 anos depois, como documentos que o autor me confiava para divulgação".

Com exceção das cartas a Joaquim Inojosa e dos capítulos II e III do livro Movimentos Modernistas no Brasil, os demais textos arrolados não trazem novidade sobre o assunto. Muitos deles são repetitivos, meras republicações. Neste livro Raul Bopp empreende um dos poucos trabalhos quase que sistemático sobre aquilo que considera uma "subcorrente modernista", definindo-a como "(...) um movimento independente, burlão, negativista. Marcou época. Fez uma 'derrubada impiedosa' de figuras de mera casca literária, sem cerne. Sacudiu hierarquias inconsistentes". Aponta os rumos que a antropofagia pretendia tomar: "(...) desci da às fontes genuínas, ainda puras, para captar germens de renovação; retomar esse Brasil subjacente, de alma embrionária (...) uma análise cultural própria, com maior densidade de consciência nacional". Historia as diferentes etapas dessa corrente modernista e desce a pormenores sobre a bibliografia que serviu de base para elaborar a programática do grupo (Thevet, Jean de Léry, Hans Staden, Henry Koster, Karl von den Steinem Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, Taunay, Saint Hilaire, Koch Grunberg, Martius, Teodoro Sampaio, Montaigne e Rousseau). Traça as diferenças que caracterizam as duas fases e o periódico representativo do grupo: "O movimento, na sua fase inicial, tinha sobretudo um carácter burlão. A burla era a arma eficaz para desafogar o ambiente dos velhos canastrões literários". Na segunda fase continua com a mesma arma da burla, só que mais agressiva "A antropofagia, nessa fase, não pretendia ensinar nada. Dava apenas lições de desrespeito aos canastrões das letras. Fazia inventário da massa falida de uma poesia bobalhona e sem significação"; "(...)viu-se que o movimento antropofágico necessitava de um reajustamento de direção. Em vez de um piadismo ligeiro (...) devia fixar-se em análises sérias, com uma maior densidade de idéias; criar condições apropriadas para um pensamento novo em formas decisivas". Termina o ensaio com um inventário-balanço da antropofagia, estabelecendo as causas do desmembramento do grupo.

Textos de Clóvis de Gusmão

Cartas a Joaquim Inojosa (In:-Inojosa, Joaquim - O Movimento Modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro, Tupy, s/d., v. 2, p. 402-11)
Data: 28 de janeiro de 1929; 21 de junho de 1929; carta sem data.

A primeira carta é informativa sobre suas atividades na ocasião e uma ligeira apresentação da antropofagia: "Oswald, Bopp e eu estamos à frente de um grande movimento que se vai fazer agora em maio. Vamos ter uma grande revista". E como os outros tenta conquistar a simpatia dos companheiros do Recife e incumbe a Inojosa de representar no nordeste o grupo "V. ficará nosso representante aí no Recife. Redator da revista (...) Mostre esta carta ao Austro, ao Ascenso, ao Joaquim Cardoso (...)". A mesma insistência de convites se repete na carta sem data:"Não sei se você gosta do Gilberto Freyre. Se não gosta sente-lhe o pau. Reúna esses rapazes daí Austro. Ascenso. Joaquim Cardoso.Eudes de Barros (...) Toque ai o borê chamando gente que funde o Clã pernambucano de antropofagia. Mande timbrar o papel. O Diário (Diário da Manhã) e você, serão a sede do movimento do nordeste (...) Reúna o Abgar. O Maviael do Prado. Gente de peso (...) Mande trabalhos pra Antropofagia. Seus, do Austro, do Eudes. De todos". A segunda carta fixa longamente os princípios do movimento com advertências ao destinatário, (...) "mando-te alguma coisa (...) para quem como vocês aí, isolados ainda da dúvida antropofágica, podem assumir feição de esteio-mãe da mentalidade antropofágica. Força solidificadora da idéia central do movimento". Clóvis de Gusmão também impõe normas para as contribuições a serem enviadas aos antropófagos de São Paulo: "O padrão do estilo antropofágico é o Yperungaua do Bopp que vai ai (...) períodos curtos. Quentes. Sacudidos. Mais substantivo que adjetivos. Quer dizer mais idéia que ornamento. Como o índio.Carne. Sem roupa".

Partindo do pressuposto que o Brasil sempre viveu da imitação - "(...)Copiou mais do que os outros povos americanos (...) copiou sem adaptar. Sem que o fator geográfico influisse

pra nacionalização das cousas" - Clóvis de Gusmão analisa, item por item, os principais elementos copiados servilmente e propõe em substituição a estes uma adaptação e ajustamento adequados às necessidades reais do país. Toca em assuntos ainda problemáticos nos nossos dias e aponta soluções tentadas ainda hoje. Começa pelo direito "carimbado nas tradições romanas" (e muito discutido na revista), sugere uma "legislação biológica", baseada no "critério biológico" em que sejam observados os fatores clima e raça (ver a propósito a RA. 11.1.2.1.). Exige ainda um "novo conceito da moral" - abolição dos preconceitos do dogmatismo católico - e reivindica uma "escola antropofágica", a renovação estético-literária ("Contra o pastichamento da literatura francesa"), uma nova engenharia substituindo a escravidão econômica . É sobretudo neste aspecto que Clóvis de Gusmão levanta dados até hoje conflitantes e ineficazes no planejamento nacional - "O homem se aproveitando do material fornecido pelo ambiente e elevando com ele a sua civilização. E é esse o erro básico da economia brasileira que só a antropofagia econômica corrigirá. Se nós não temos ferro, se nós não temos petróleo devemos incentivar a existência de sucedâneos de petróleo. Devemos criar a nossa química industrial. Com feição própria. É preciso que nos libertemos dos banqueiros de Londres e de Wall-Street mais ainda do que da literatura francesa (...) Temos o "inamoim" que dá 100% de gasolina vegetal. Temos o babaçu que resolve o problema da siderurgia. Tudo isso inexplorado. É a mentalidade rotineira atuando no subconsciente dos nossos capitalistas que os impede de ver o lucro máximo e novo que valoriza um novo produto de exportação". Lembra também a educação proletária, a policultura, uma medicina brasileira e acabar com o imigrante que vem para "canalizar os dinheiros". Enfim reinvindica "(...) a reabilitação do produto nacional em todos os ramos da atividade humana".

Texto de Jaime Adour da Câmara

"Antropofagia: revolta da sinceridade recalcada" (Conferência)
Recorte: publicado pela primeira vez no Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1957; transcrito pelo Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte, 85, 1968.
Data: Conferência de 1929.

Esta conferência oferece uma idéia geral dos principais objetivos do"movimento"cultural que se alastrava em São Paulo naquele momento, com alguns reflexos em outros Estados.Com a ajuda de textos de seus companheiros (do "Manifesto", de "A descida", de "De antropofagia", etc.) consegue Jaime Adour da Câmara,ainda que rapidamente,explicar em que consiste a "revolta da sinceridade recalcada", levada a termo pela antropofagia. Junto ao resumo, tem-se a oportunidade de conhecer as idéias pessoais de um dos diretores da Revista de Antropofagia sobre o "movimento". Uma vez que em poucas ocasiões seu nome aparece nas folhas daquele periódico autenticando alguma colaboração.

Texto de Geraldo Ferraz

"Os antropófagos no Diário de São Paulo".
Recorte: publicado pelo Diário de São Paulo,
Data: 21 de novembro de 1954

Historia a organização e realização da revista que secretariou na sua segunda fase. Comenta o acolhimento do periódico nas páginas do Diário. Confirma os problemas enfrentados pelo jornal com as ousadias e o estilo violento das publicações antropofágicas,a chocar com a mentalidade dos assinantes conservadores - "Desde os números iniciais entrei em choque com o gerente do Diário de São Paulo, sr. Orlando Dantas, depois proprietário do Diário de Notícias, porque a 'antropofagia' se mostrava completamente imprópria para entrar nos lares". Dá a sua versão sobre os conflitos que resultaram na cisão do grupo: "O movimento da antropofagia dividiu os modernos, surgindo logo depois da inauguração do Partido Democrático, veio afirmar a separação dos campos no grupo moderno (...) Mário de Andrade me confessara que só para manter o 'aplomb' consentira em figurar na revista , reprovara o revolucionarismo permanente de Oswald".Ressalta o papel de "chefe incontestável do movimento" exercido por Oswald de Andrade, junto aos outros "guerreiros", companheiros , colaboradores. Aliás, segundo depoimento de outros colaboradores do"movimento", é indiscutível e unânime esta liderança de Oswald no grupo - "(...) foi mais ou menos dentro dessa finalidade

que o nosso maior cérebro criador Oswald de Andrade concebeu o movimento chamado antropofagia" (RA. 14.1.2.3.). Apesar do interesse do depoimento, trata-se de um artigo rápido, em homenagem à memória de Oswald, prestada pela seção "Vida literária" do Diário de São Paulo.

Texto de Carlos Drummond de Andrade

"O antropófago"
Recorte: transcrito no Correio Paulistano, São Paulo.
Data: 24 de outubro de 1954

Merece referência este artigo de Carlos Drummond de Andrade, por ocasião da morte de Oswald. Embora recente(1954), importa enquanto depoimento de um escritor contemporâneo e colaborador do "movimento" (publicou na primeira fase o conhecido poema "No meio do caminho"). Apesar de levantar alguns pontos chaves da personalidade de Oswald, o poeta mineiro chega a conclusões apressadas e simplistas em relação à antropofagia. Talvez pela própria natureza do texto que escreve, destinado a reverenciar a memória do líder antropofágico. Conclui Drummond: "Oswald de Andrade construiu toda uma filosofia de vida e uma teoria sociológica para justificar o exercício de sua tendência ao sarcasmo. Apelidou isso de antropofagia e viu no homem um ser devorador por excelência, tanto mais justificado, histórica e psicologicamente, quanto mais deglute o seu semelhante (...) No fundo dessa doutrina, havia apenas o gosto pela sátira. De resto, gosto bem cuirioso, pois coincidia plenamente com a capacidade de admiração que o escritor aplicava a esse ou aquele confrade (...)".

Texto de Mário de Andrade

Carta a Alceu Amoroso Lima
Carta publicada em 71 cartas de Mário de Andrade. Col. e anot. por Lygia Fernandes, Rio de Janeiro. São José, s.d., p. 29.
Data: 19 de maio de 1928

Carta a Manuel Bandeira
Transcrita em Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. Pref. e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Simões, 1958. p. 219.

Apenas na correspondência aos amigos foi encontrada alguma observação a respeito da antropofagia. Escrevendo a Alceu Amoroso Lima, pronuncia-se indiretamente sobre o "movimento" ao comentar o "Manifesto" de Oswald:"E vai também a antropofagia (a revista) (...) Sobre ela tínhamos muito que falar... Antes de mais nada: não tenho nada com ela mas já estou querendo bem a ela por causa de ser feita por amigos. Só colaboro. Quanto ao manifesto do Oswald...acho...nem posso falar que acho horrível porque não entendo bem. Isso, como já falei pra ele mesmo, posso falar em carta sem que fique cheirando intriga nem manejo. Os pedaços que entendo em geral não concordo. Mas a respeito de manifestos do Oswald eu tenho uma infelicidade toda particular com eles. Saem sempre num momento em que fico malgré moi incorporado neles (...) Agora vai se dar a mesma coisa. Macunaíma vai sair, escrito em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927, e vai aparecer inteiramente antropófago... Lamento um bocado essas coincidências todas, palavra. Principalmente porque Macunaíma já é uma tentativa tão audaciosa e tão única (...) os problemas dele são tão complexos apesar dele ser um puro divertimento (...) que complicá-lo ainda com a tal antropofagia me prejudica bem o livro". Importante este trecho, porque auxilia bastante a análise realizada adiante sobre a incorporação de Macunaíma para o acervo de obras ditas antropofágicas, exigida pelo grupo liderado por Oswald de Andrade.

A outra carta, enviada a Manuel Bandeira, alude às desvantagens que marcaram a segunda fase da antropofagia, principalmente entre Mário de Andrade e os seus companheiros mais próximos: "Quando eu não sou senão um dos elementos desse caso que está preocupando o Brasil. Os antropófagos mesmo falaram que têm a Agência Brasileira na mão e se servirão dela para nos desmascarar. Não sei se já se serviram, sei que de toda a parte me chegam cartas perguntando o que sucedeu. Vou dizer que não sei e que não me tratem mais do assunto (...)".

Textos de Tarsila do Amaral

"Pau brasil e a antropofagia"
Recorte: artigo para o Diário de São Paulo
Data: 4 de abril de 1951

"Pintura pau brasil e antropofagia"
Recorte: artigo para Dom Casmurro
Data: 9 de setembro de 1939

No primeiro artigo a pintora satisfaz a curiosidade de um leitor do jornal, que lhe pede explicações sobre a pintura "pau brasil" e "antropofágica". Em ambos os textos Tarsila reconta a história das origens da corrente antropofágica. Como é sabido, a idéia da antropofagia surgiu a partir da impressão que o quadro "Abaporu" causou em Oswald de Andrade e Raul Bopp.

Tarsila define como pintura antropofágica toda a sua produção de 1928-1930, baseada na "agressividade da linha pesada, figuras de pés enormes, plantas gordas e inchadas, bichos estranhos que os naturalistas jamais poderiam classificar".

- NOTAS.

1. Alceu Amoroso Lima - "Literatura suicida". In: - Afrânio Coutinho, org. - Estudos literários. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. p. 911-915.

2. Tristão de Atahyde - Neo-indianismo. loc. cit.

3. Cassiano Ricardo - O neo-indianismo de Oswald de Andrade. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 dez. 1963. Supl. Lit., p. 1.

4. Oliveira Bastos - op. cit.

5. Benedito Nunes - Sob as ordens da mamãe. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 de maio 1964. Supl. Lit., p. 1.

6. Jaime Adour da Câmara - op. cit.

7. Heitor Martins - Canibais europeus e antropófagos brasileiros. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 nov. 1968. p. 1-3.

8. Nites Feres - op. cit.

9. Eduardo Frieiro - "Crioulismo literário". In: - A ilusão literária. Belo Horizonte, Bluhm, 1941. p. 59.

10. Benedito Nunes - O Modernismo e as Vanguardas. loc. cit.

11. Oswald de Andrade - Obras completas. ed. cit., v. 6, p. XII-LIII.

12. Plínio Doyle - História de revistas e jornais literários. Revista do Livro, Rio de Janeiro, 13 (41): 54-70, abr./jun. 1970.

13. Revista de Antropofagia. (ed. fac-similar. São Paulo, Abril, 1975).

14. Leila Perrone-Moisés - La Revue d'Anthropophagie et le modernisme brésilienne. La Quinzaine Littéraire. Paris, 1/15 juin 1976.

15. Oswald de Andrade - Do Modernismo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 7 jun. 1952. (seção Telefonema).

16. Id. - Conversa com Oswald de Andrade. Trópico: Revista de Cultura e Turismo, São Paulo, 1 (2): 9-10, maio 1950. (entrevista a Aurasil Brandão Joly).

17. Ver a propósito a análise de Sérgio Miceli - op. cit., p. 18-24.

18. Ezra Pound - ABC da literatura. São Paulo, Cultrix, 1970. p. 13.

    Marshall Mcluhan - Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1969. p. 14.

19. Adrian Marino - Moderne et nouveau, approche sémantique - historique. loc. cit., p. 64-73.

20. Oswald de Andrade - "Novas dimensões da poesia. ms. cit.

21. Alfredo Bosi - História concisa da literatura brasileira. ed. cit., p. 242.

22. Em novembro de 1932, Flávio de Carvalho funda o CAM - "Clube dos Artistas Modernos" - que promoveu uma série de concertos, recitais, exposições, conferências. Ver a propósito: Paulo Mendes de Almeida - Clube dos Artistas Modernos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 1 de novembro de 1958. Supl. Lit., p. 6.

23. Oswald de Andrade - Obras completas. ed. cit., v. 6, p. 77--158.

24. Ibid., p. 77-138, 147-228.

25. Alfredo Bosi - op. cit., p. 521-524.

26. Ibid., p. 521-5-4.

27. Carlos Drummond de Andrade - O antropófago. Correio Paulistano, São Paulo, 24 out. 1954. p. 3.

28. Oswald de Andrade - Conversa com Oswald de Andrade. loc. cit., p. 9-10.

29. Id. - O Antropófago Oswald de Andrade. Manchete, Rio de Janeiro, 3 jan. 1953.

30. Id. - Obras completas. op. cit., p. 21-29.

31. Ibid. p. 93, 158, 193-194.

32. Ibid. p. 210-215.

33. Ibid. p. 81-82.

34. Ibid. Obras completas. p. 145-200.

35. Ibid. p. 177.

36. José Carlos Mariátegui - op. cit., p. 244.

37. Id. - "Lo nacional y lo exótico". In: - Pervanicemos. Lima, Amanta, 1973. p. 28.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

> "Supression des concepts de proprieté dans l'art nouveau, le concept de proprieté sera complète ment eliminé dans le mouvement supra- individuel du dadaïsme qui libère tous les hommes" (Der Da da, n. 1, 1919)
>
> "(...) precisamos rever tudo (...) o idioma, o direito de propriedade, a família" (Revista de Antropofagia, 5.1.2.2.).

Liberadas as convenções literárias, estabelecida a confusão dos gêneros, à vanguarda literária, a exemplo das artes plásticas, resta propor a montagem para incentivar a invenção-criatividade e renovar a linguagem. Dos anos 20 em diante, essa experimentação passa a ser procedimento fundamental da arte moderna. A prática da colagem-citação punha-se a serviço da Modernidade, auxiliando no remanejamento da técnica da escritura, na atualização e crítica da literatura anterior, na apreensão da realidade moderna e na reação ao individualismo. Tome-se como ilustração a explicação de Michel Butor, crítico e romancista, cuja escritura é marcada por essa prática: "A citação é para mim um procedimento fundamental da arte moderna. Não há arte verdadeiramente moderna sem citação, porque há 'arte moderna' enquanto se tem consciência de uma história da arte, quer dizer, da existência de muitos livros, pintura, música. Estamos atravancados de literatura, pintura, música. Não podemos agir como se isso não existisse" [1].

É importante sublinhar a heterogeneidade do elemento emprestado pela RA. Um labirinto de citações em harmonia com a teoria da antropofagia, quer apoiando-a, quer como reforço crítico. Predomina no exercício da colagem o aspecto referencial, resultado da integração de elementos da série extra-literária à obra literária. A maioria das colagens evidencia-se como repetição pura e simples de um determinado trecho. Constitui-se na forma mais radical e primitiva de colagem.

Conserva-se tanto que possível o significante do texto alheio, transformando-o somente quando indispensável para produzir um significado novo de acordo com as idéias defendidas

pelo grupo - como se verifica por exemplo na adoção constante de títulos, na não referência das fontes, na ausência de marcas gráficas. Todavia, no cômputo geral, mantém-se uma marca comum que permite ao leitor mais avisado suspeitar de um texto recriado pela revista. Na falta de itálicos ou de outros sinais, a forma lingüística denuncia o fragmento estranho, e desperta o desejo de manipular, reconstruir e interpretar.

Não aparece nenhuma montagem diretamente ligada a problemas literários específicos. A não ser no "Manifesto", nos editoriais da primeira fase e em alguns poucos textos de crítica literária, domina no conjunto geral a preocupação com fenômenos sociais. A antropofagia coloca-se distante das cogitações de ordem estético-literária que parecem totalmente resolvidas neste período. A fase de destruição dos padrões estético-literários arcaicos foi ultrapassada, o momento de 28 é propício para se trabalhar sobre reformas artísticas já consolidadas.

A escolha geral dos recortes comprova a preferência pelo texto antigo - literatura informativa da época colonial e do século XIX. Não há restrições quanto à nacionalidade do autor. Reciclando esse material, a RA corrobora com a idéia da busca da novidade não apenas na obra recente, como pregam insistentemente os futuristas. Assimilam os antropofagistas a lição de dadá e do surrealismo que perseguem sistematicamente o novo na obra do passado: "Amo uma obra antiga por sua novidade", declara Tzara[2]. Lição aprendida com Apollinaire -"(...) examinando-se o passado, encontrar-se-ão exemplos"[3].

Se a revista não consegue modificar a perspectiva do passado, em relação aos problemas suscitados, ajuda contudo a trazer para a literatura a discussão, o debate. Lembre-se, a propósito, as investidas contra o sistema da propriedade privada, contra a expoliação dos operários, a marginalização do negro e da mulher. Esses assuntos marcarão mais tarde a literatura dos anos 30. Dentro da concepção de obra revolucionária defendida por Jauss [4], arrisca-se a observação de que com respeito ao

quadro da literatura do modernismo brasileiro, a RA atua revolucionariamente. Isto é, tenta levar o homem brasileiro a um aperfeiçoamento do seu mundo, a uma realização antecipada, para superar os conceitos e preconceitos de sua situação histórica e sempre se servindo de uma linguagem em constante renovação. Tentativa de "(...) libertação dos seus instintos recalcados e deformados pela violência do colonizador". E luta por uma " dignidade de pura essência humana" como explica Jaime A. da Câmara [5].

Que outra intenção teriam os escritores de vanguarda para praticarem esse tipo de experimentação estética, além do efeito imediato de inovação e provocação, já assinalados? De novo tem-se uma resposta no conjunto da obra de Michel Butor, que demonstra como a noção de literatura - expressão e propriedade de um indivíduo - vai cedendo lugar à literatura feita por todos e para todos. A abolição da fronteira discursiva textual (a primeira separa dois tipos de discurso; a segunda concerne a problemas de propriedade, de direitos autorais) deve ser o passo inicial para a concretização da verdadeira intertextualidade. E a derrubada de outras barreiras mais amplas que as da literatura está preliminarmente implicada, como explica Leila Perrone-Moisés [6].

Ao se debruçar nesses problemas levantados por autores de vanguarda e pela crítica atual, tenta-se refletir no problema da linguagem da RA, também como uma reação ao sistema da propriedade privada, como faz Masini [7], em relação à vanguarda alemã. Essa crítica na antropofagia ocorre em dois níveis: ao nível da linguagem e ao nível das idéias/programas discutidos na revista. Considere-se a preocupação de Oswald de Andrade em defender um novo tipo de sociedade para a humanidade. O matriarcado, como propõe, deve em contraposição à sociedade capitalista basear-se na propriedade comum do solo, no direito materno e no Estado sem classes [8]. E a denúncia na RA, do sistema da propriedade privada, distingue a posse da propriedade, aliás, opõe a primeira à segunda. Oswald explica: "(...) hoje está em

causa a 'cultura da servidão', ou seja o patriarcado e seu destino. E com ele o destino da propriedade privada e da família indissolúvel" [9].

As características peculiares da linguagem (colagens, citações, recurso paródico-cômico, trocadilhos, etc.) na revista fazem com que a posse-propriedade seja tratada como um jogo, desmistificada, dilacerando a máscara de seriedade - " O Brasil é um grito de seis milhões de quilômetros, talhado em Tordesilhas (...) O fato do grito histórico afirma como pedra do direito antropofágico o seguinte: A POSSE CONTRA A PROPRIEDADE. Como prova humana de que isso está certo nunca houve dúvidas sobre a legítima aclamação de Casanova (a posse) contra Menelau (a propriedade)" (RA. 5.1.2.2.). Masini acredita que a desritualização da arte, a decomposição do caráter sacro e dos álibis morais da posse não se prendem somente aos meios de reprodução técnica. Relacionam-se com os processos que atingem à sublimação artística, ao ideal de posse e desregulam o substrato ideológico de uma moral e de uma estética fundadas no direito de propriedade. Na antropofagia, a montagem, a paródia e toda a dinâmica constitutiva da revista proporcionam a inversão desse ritual. Masini discute ainda como a linguagem da Vanguarda escapa, à custa desses recursos de permanente revolução, à lógica reificante da posse, subvertendo a sublimação simbólica da apropriação de que é constituído o mundo da literatura. Nesse processo, nega a cultura como posse de bens, no movimento excêntrico apropriante-desapropriante do jogo. É essa posse perdida, reinventada, problemática que possibilita o êxito da desestruturação ideológica posta em prática pela Vanguarda. Depois do aniquilamento operado, descortina duas direções: a guerra e a utopia. Em relação a essa última, tem-se na antropofagia as propostas utópicas do "Matriarcado de Pindorama", assentado sobre uma tríplice base: o filho do direito materno, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes, ou melhor a ausência de Estado. A pesquisa de possibilidades que colocam o homem em um horizonte social, onde é excluída com a posse toda a relação coisificante.

A leitura da antropofagia face aos textos da vanguarda estrangeira tem conduzido os críticos e historiadores a três atitudes diferentes. A primeira parte freqüentemente da crítica conservadora e tende a reduzir as relações entre os diversos textos a fileiras estreitas, a pontos de contato limitados no tempo e no espaço, com a preocupação única de estabelecer a dívida de um autor para com seus predecessores. Incluem-se nessa categoria os trabalhos de Heitor Martins e Tristão de Athayde [10], que consideram o movimento liderado por Oswald de Andrade um mero reflexo das palavras de ordem de Marinetti, do expressionismo, do dadaísmo e do surrealismo. Chegam ao ponto de negar a validade e originalidade da antropofagia. A segunda atitude realça o aspecto dinâmico do mecanismo de empréstimo, onde o texto é um lugar de transformação em que o escritor organiza outros textos já dotados de uma estrutura própria. Essa postura é resultado no campo teórico das investigações dos formalistas russos sobre o "princípio da evolução literária", mostrando que a obra nova se produz por contraste em relação ao conjunto constituído de obras anteriores e contemporâneas. Assim, a interpretação da obra deve observar essas relações [11]. Tynjanov explica a filiação literária como destruição do conjunto antigo e nova construção a partir desses mesmos elementos [12]. Atualmente, Todorov considera ilusão acreditar-se na existência de obra independente, já que a obra nasce e se integra em um universo literário explorado [13]. Da mesma forma Butor vê no escrito novo uma intervenção da passagem anterior [14]. No âmbito da crítica à antropofagia alinham-se as análises de Antônio Cândido e Benedito Nunes. Este último reconhece os acertos das propostas antropofágicas e em alguns aspectos o pioneirismo de Oswald de Andrade.
O problema de influências, especialmente no caso da antropofagia, é encarado como um sistema de confluências. Posição idêntica a defendida por Mário de Andrade em carta a Ascenso Ferreira- - "As épocas provocam certas inovações que não se pode falar bem quem que inventou. As invenções andam no ar, um pega, outro pega ao mesmo tempo" [15]. Em relação ao canibalismo (ponto de divergência com Heitor Martins), Benedito Nunes acredita que a imagem do canibal tem como pano de fundo o primitivismo que a ação

conjunta da etnologia e antropologia modernas desdobra sobre o racionalismo europeu. A imagem antropofágica pertence ao mesmo sistema de idéias, ao mesmo repertório comum que resulta da primitividade descoberta e valorizada [16]. E Oswald pode ter-se aproximado dessa fonte. Ou melhor, assimilado a seu modo uma tendência própria à década como M. Sanouillet constata a propósito da revista Cannibale - "Esse título 'antropofágico' estava no ar (...) Os jornais não deixaram de tirar todo partido possível de um termo que lhes parecia apropriado para definir este bando de jovens energúmenos à procura de carne fresca" [17]. A terceira atitude, mais radical, contesta a utilidade do estudo de fontes e influências, limitando-se ao estudo interno da escritura [18]. O leitor comum da RA, não habituado com a estrutura de uma obra multifacetada, terá de relance dificuldades em ordenar a riqueza de informação, de referências e de associações que a revista oferece. Daí porque o crítico deve enfatizar o processo paródico do repertório europeu, usado pela antropofagia, na tentativa de indicar o caminho ideal de adaptação crítica desse repertório à realidade cultural brasileira que reclamava renovação. E revelar o conflito e as contradições da programática do grupo, considerando que essa realidade era moldada com os instrumentos oferecidos pela cultura ocidental que os antropofagistas precisavam incorporar, questionar e recusar ao mesmo tempo.

- NOTAS.

1. Michel Butor - Je ne suis pas un iconoclaste. Lettres Françaises. Paris, 6: 13 avr. 1967.

2. Tristan Tzara - op. cit., p. 25.

3. Guillaume Apollinaire - Sic, Paris, 7: 58-59, 1916.

4. Hans Jauss - História literária como desafio à ciência literária. Porto, Livros Zero, 1974. p. 31.

5. Jaime Adour da Câmara - op. cit.

6. Leila Perrone-Moisés - L'intertextualité critique. loc. cit., p. 375.

7. Ferrucio Masini - Dialética dell'avanguardia. Bologna, De Donato, 1973. p. 48-68.

8. Oswald de Andrade - op. cit., v. 6. p. 80.

9. Id. - O êxito na terra substitui a esperança no céu. loc. cit.,

10. Heitor Martins - op. cit., p. 1-3.

    Alceu Amoroso Lima - Literatura suicida. loc. cit., p. 914.

11. Victor Sklovskij - op. cit., p. 35.

12. Jurij Tynjanov - op. cit., p. 45-48.

13. Tzvetan Todorov - Les categories du récit littéraire. Communications, Paris, 8: 126, 1966.

14. Michel Butor - La critique et invention. Critique. Paris: 983, déc. 1967.

15. Mário de Andrade - Carta a Ascenso Ferreira de 7 out. 1927. In:- Joaquim Inojosa - op. cit., p. 342.

16. Benedito Nunes - op. cit., p. 4.

17. Michel Sanouillet - op. cit., p. 9.

18. Maurice Blanchot - Lautréamont et Sade. Paris, UGE, 1967. Col. 10/18.

6. APÊNDICE.

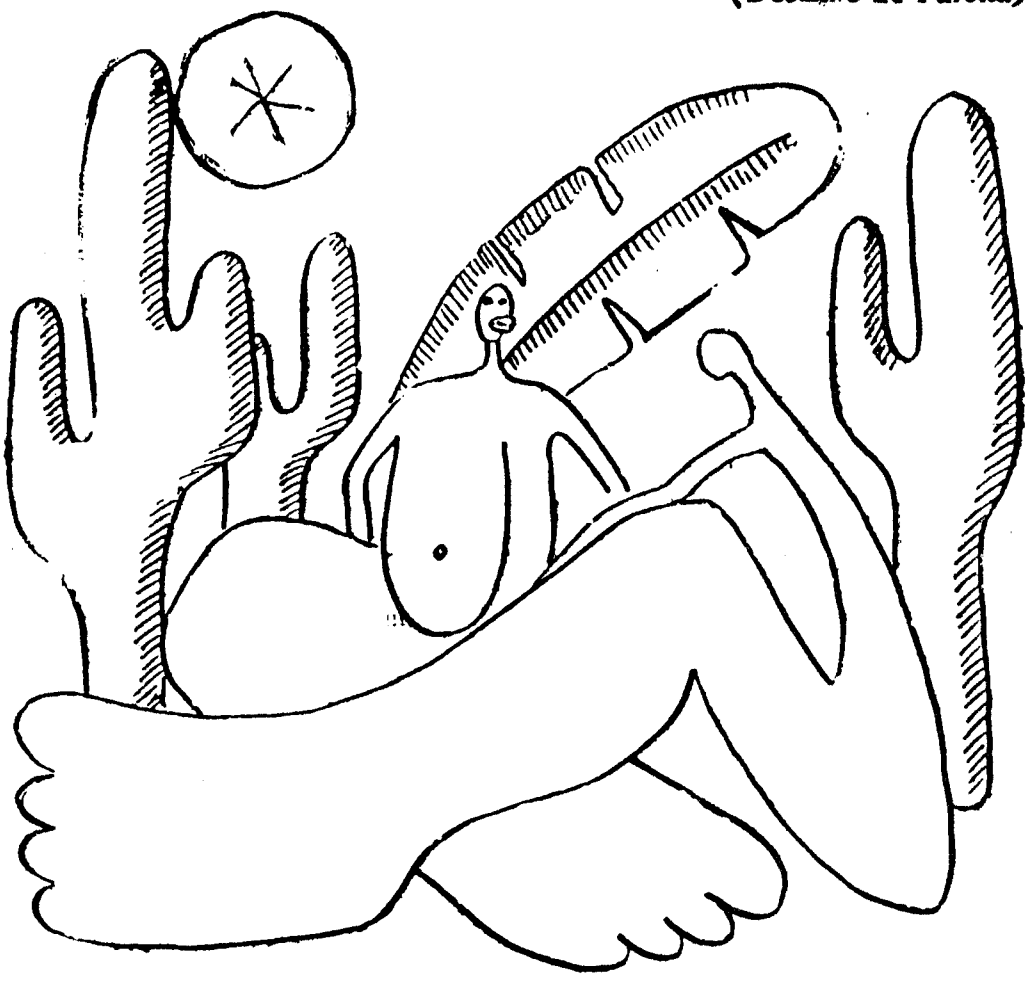
6.1. Índice classificado da *Revista de Antropofagia*.

6.2. Depoimento de Geraldo Ferraz.

6.3. Documentação.

revista de antropofagia

(Desenho de Tarsila)



6.1. Índice classificado da Revista de Antropofagia.

1. Revista de Antropofagia, nº 1, ano 1, maio de 1928.

1.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁFICA.

1.1.1. Manifesto

1.1.1.1. ANDRADE, Oswald de - "Manifesto antropófago". Defende posições gerais que refletem rebeldia, valorização do primitivo e da terra; aponta um novo estilo de vida a partir de conotações de ordem moral, sócio-econômica, religiosa, histórica, e de fontes da psicologia e antropologia em voga. O texto é ilustrado com a reprodução do "Aboporu", de Tarsila do Amaral (p. 3 e 7).

1.1.2. Artigo de apoio

1.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Abre-alas". Texto de abertura do periódico, apresentando a antropofagia e definindo a sua linha de ação. Atribui aos elementos do grupo uma linha evolutiva de "xifópagos" passando por "deródinos" e, por fim, antropófagos - o clímax do aperfeiçoamento (p. 1).

1.1.2.2. COSTA, Oswaldo - "A descida antropófaga". Propõe uma ação enérgica da antropofagia para acabar com a "escravidão". Tenta esclarecer a confusão que costumeiramente se faz entre "volta ao estado natural" e volta ao estado primitivo". Esta última caracterizada pela negação dos códigos de simplicidade e dos manuais de bom tom (p. 8).

1.1.3. Transcrição de apoio

1.1.4. Citação - epígrafe de apoio

1.1.4.1. STADEN, Hans - "Ali vem a nossa comida pulando" (p. 1).

1.2. CRÍTICA E RESENHA

1.2.1. Crítica

1.2.1.1. SALGADO, Plínio - "A língua tupi". Discorda do critério usado no estudo desta língua, exclusivamente em função da catequese. Pretende seguir a orientação dos modernos estudos históricos, etnoló

gicos, antropológicos e da psicanálise freudiana. Situa a origem da língua na onomatopéia e descreve a sua força por processos analógicos (p. 5-6).

1.2.2. Resenha

1.2.2.1. A. de A.M. - "Pedro-Juan Vignale - Sentimento da Germana - Buenos Aires-1927". Explica como o poeta através dos versos em honra a Germana, caracterizados por um tom terno e grave, consegue expressar seu amor à terra (p. 4).

1.2.2.2. A. de A.M. - "Jorge Fernandes - Livro de Poemas - Natal - 1927". Destaca a afeição carnal e selvagem do poeta pela terra. Critica o linguajar local usado nos poemas dificultando a compreensão de certos trechos (p. 4).

1.2.2.3. A. de A.M. - "Jorge de Lima - Poemas e Essa Negra Fulô - Maceió - 1927 - 1928". Crítica impressionista, destaca alguns poemas que agradou ao crítico e outros que o poeta não deveria ter escrito (p. 4).

1.2.2.4. A. de A.M. "Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes - Poemas - Cataguases - 1928". Apesar dos defeitos próprios de principiantes, o crítico põe fé nestes poetas do grupo Verde (p. 4).

1.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

1.3.1. Entrevista

1.3.2. Correspondência

1.4. CRIAÇÃO

1.4.1. Poesia

1.4.1.1. ANDRADE, Mário de - "Manhã". É um exemplo da segunda fase da poesia marioandradina, com menos ênfase no nacionalismo estético. Apresenta alusões ligeiras à psique e à natureza brasileira. (Publicado originalmente em Remate de Males. São Paulo, Eugenio Cupolo, 1930. E em Poesias. São Paulo, Martins, 1941. Ocorre em ambas as edições ligeiras variantes de ortografia e pontuação) (p. 1).

1.4.1.2. MEYER, Augusto - "Resolana". Reflete como o regionalismo gaucho se aliou ao Modernismo. Resolana - Termo local - significa soalheira forte. Embora cheio de referências à paisagem, as relações do homem com a natureza e com o seu cavalo são colocadas de modo equilibrado deixando de lado o pitoresco. (Foi publicado no mesmo ano em Giraluz, com ligeiras variantes de ortografia e pontuação) (p. 2).

1.4.1.3. BASTOS, Abguar - "Poema. Sugere um relacionamento muito íntimo entre a mulher e a natureza. (O autor pertenceao grupo paraense denominado flaminassu) (p. 2).

1.4.1.4. JACOB PIM PIM (pseudônimo de Raul Bopp). "Vacca Christina". Poema com motivos do folclore. Foi editado em 1933 no livro Urucungo (Rio de Janeiro, Ed. Ariel,s.d.). Apresenta variantes no verso 12, em relação à primeira publicação (p. 2).

1.4.1.5. ALMEIDA, Guilherme de - "Fome". Rapidamente em cinco versos dás as coordenadas para o poeta antropofágico tratar a mulher amada (p. 5).

1.4.2. Narrativa

1.4.3. Crônica

1.5. NOTA E COMENTÁRIO

1.5.1. Nota

1.5.1.1. A. de A.M. e R.B. - "Nota insistente". Repete o que já foi colocado no artigo de abertura da p. 1 e no "Manifesto antropófago". Enfatiza que a RA não tem orientação nem pensamento de qualquer espécie,só "estômago" (p. 8).

1.5.1.2. "Raça". Notícia de batizado e aniversário nos quais, as pessoas de relevo em Sarutayá respondem por nomes tais como: Fuad, Rachide Mustafá, Abrão José Pedro Paschoalino Veroli (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.5.1.3. "Política". Dando curso à nota anterior, elogia o afinco do Sr. Abdalla Mustafá em seu trabalho de escrivão de paz, contribuindo para ampliar o número de eleitores (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.5.1.4. "Democracia". Comenta a recepção entusiástica ao príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, em Fortaleza (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.5.1.5. "Religião". Sobre a caminhada de um indivíduo, de São Paulo a Porto Alegre, em promessa à Virgem, para que "terminasse a revolução no Brasil" (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.5.1.6. "Necrológico". Notícia com caráter de bestialógico, e referências a problemas sociais (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.5.1.7. "Surpresa". Narrativa de uma festa familiar em que alguém estoura uma bomba a título de surpresa, sendo contudo a única vítima, pois é atingido mortalmente (seção "Brasiliana") (p. 7).

1.6. ILUSTRAÇÃO

1.6.1. AMARAL, Tarsila do - "O abaporu" (1928). Figurou na exposição da artista na Galeria Percier, Paris (p. 3).

1.7. ANÚNCIO

1.7.1. Anuncia Laranja da China de Alcântara Machado e Macunaíma de Mário de Andrade, Martim-Cererê e República dos Estados Unidos do Brasil de Cassiano Ricardo (p. 2).

1.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

2. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 2, junho de 1928.

2.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

2.1.1. Manifesto

2.1.2. Artigo de apoio

2.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Incitação aos canibais". Protesto contra o elogio feito a uma criança que considerou Os Lusíadas sua leitura preferida. Propõe pauladas para o moleque, de um

lado, e de outro a devoração de Camões e do educador - membro da Sociedade Brasileira de Educação - que apreciou o gosto da criança (p. 1).

2.1.3. Transcrição de apoio

2.1.4. Citação - epígrafe de apoio

2.1.4.1. VIEIRA, Frei Domingos - "Espécie de aferração mental, quando se dá no homem civilizado" (p. 1).

2.2. CRÍTICA

2.2.1. Crítica

2.2.1.1. SALGADO, Plínio - "A língua tupi". Continuação do artigo sobre a língua tupi, discute os critérios empregados até o momento no estudo desta língua e sugere novos métodos (p. 7).

2.2.2. Resenha

2.2.2.1. A. de A.M. - "Um poeta. Cassiano Ricardo - Martim Cererê - São Paulo-1928". Acusa o autor de se repetir nos temas e na forma. Evidencia-se a posição bem modernista do crítico de tomar o "novo" como critério de valor. Rejeita o pendor oratório, "característica nacional" a ser extirpada: o autor nada encontra de legitimamente modernista na obra em questão, a não ser o "tema Brasil" (p. 4).

2.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA.

2.3.1. Entrevista

2.3.2. Correspondência

2.4. CRIAÇÃO

2.4.1. Poesia

2.4.1.1. FERNANDES, Jorge - "O estrangeiro". Elegia ao sertão e à bravura do vaqueiro. (O autor colaborou em muitas outras revistas: Klaxon, São Paulo; Leite Criôlo, Belo Horizonte (p. 2).

2.4.1.2. FUSCO, Rosário - "Lírica". Poema (do escritor mineiro do grupo de Cataguases) em tom ingênuo sobre o amor de uma "morena

linda". Faz parte do livro Fruta do Conde e é dedicado a Eleito Soares (p. 2).

2.4.1.3. FLORÊNCIO, Fidelis - "Homizio".Discursivamente conta a história do Caburé, que ficou homiziado numa "baiuca coberta de sapé". Compõe os Cantos Municipais do poeta mineiro que colaborou em Leite Criôlo e é dedicado a Raul Bopp (p. 2).

2.4.1.4. MACHADO, Brasil Pinheiro - "Brasil". Numa única estrofe evoca elementos da vida rural em linguagem pesadamente discursiva (p. 4).

2.4.1.5. REBELLO, Marques - "Matinal".Poema curto,cuja temática é voltada para a vida urbana e cotidiana. (Plínio Doyle informa que este poema está transcrito em Marques Rebello, Poeta Morto de Hélio Alves de Araújo, ed. Cadernos do Sul,VI, Florianópolis, 1956.)(p. 4).

2.4.1.6. LIMA, Rui Cirne - "Madrugada". Poema sobre a chegada da lancha cargueira,de madrugada, carregada de lenha. Incluído no livro "Colônia Z e Outros Poemas. Globo, 1928. p. 29 (p. 5).

2.4.1.7. SANSONE, Nicolas Fusco - "La Gracia del Amor Puro". Canto ao amor. Publicado em espanhol (p. 5).

2.4.1.8. FERREIRA, Ascenso - "Bahia". Elegia à Bahia, e às suas comidas típicas. Ironiza o gosto do baiano pela eloqüência e pelo retórico (p. 8).

2.4.2. Narrativa.

2.4.2.1. ANDRADE, Mário de - "Entrada de Macunaíma". Trecho do Capítulo 1, do livro Macunaíma de Mário de Andrade. Apresentação e caracterização da personagem (p.3).

2.4.2.2. PRADO, Yan de Almeida - "Idílio". Reportagem realizada por um jornalista na cadeia pública, a partir da experiência pessoal de alguns dias de prisão (p. 2).

2.4.2.3. MEYER, Augusto - "Fim de linha". Sobre a vida dos habitantes na periferia da cidade grande. Compõe o livro Gaitinha de Boca (p. 6).

2.4.2.4. MEYER, Augusto - "Serenata". Crônica poética focalizando as serenatas às margens do Guaíba, em noite de lua (p. 6).

2.4.3. Crônica

2.4.3.1. ANDRADE, Carlos Drummond de - "Porque amamos os nossos filhos". Sobre as peripécias e a sagacidade dos filhos. Alusões irônicas aos meninos bem comportados, ("muito comum no coração de Edmundo d'Amicis"), e à educação tradicional (p. 7).

2.5. NOTA E COMENTÁRIO

2.5.1. Nota

2.5.1.1. A.de A.M. e R. B. - "S.O.S.". Constata a grande quantidade de colaborações em verso recebida pela RA (37), e solicita aos colaboradores textos em prosa (p. 8).

2.5.1.2. "Ideal". Uma declaração da atriz Margarida Max no jornal Para Todos, revelando interesse em "ter o aplauso das famílias" (a atriz fazia parte do teatro de revista da época) (seção "Brasiliana")(p.8).

2.5.1.3. "Comércio". Nota sobre a greve dos padeiros em Fortaleza, multados por fraude no peso do pão (seção"Brasiliana") (p. 8).

2.5.1.4. "Prestação de contas". Trata da declaração de um indivíduo, chamado Ezequiel,devedor de uma pequena quantia (seção "Brasiliana") (p. 8).

2.5.1.5. "Festa Nacional". Sobre a comemoração cívica de 13 de maio (seção "Brasiliana") (p. 8).

2.5.1.6. "Oratória". A respeito de convite para uma conferência em São Paulo, com um programa absurdo, cheio de bobagens. (seção "Brasiliana") (p. 8).

2.5.2. Comentário

2.6. ILUSTRAÇÃO

2.6.1. MARIA CLEMÊNCIA - Desenho datado de Buenos Aires, 1927, ilustrando o texto de Mário de Andrade (p. 3).

2.7. ANÚNCIO

2.7.1. Anuncia Laranja da China de Antônio de Alcântara Machado, Macunaíma de Mário de Andrade (p. 2). República dos Estados Unidos do Brasil de Menotti del Picchia (p. 6), Antologia de 4 Poetas Mineiros de João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e Pedro Nava, Martim-Cererê, de Cassiano Ricardo (p. 6).

2.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado
Gerência: Raul Bopp

3. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 3, julho 1928.

3.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

3.1.1. Manifesto

3.1.2. Artigo de apoio

3.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - " Carniça". Repúdio à mentalidade positivista e ao pendor oratório. Atitude antropofágica em relação à ideologia importada (p. 1).

3.1.3. Transcrição de apoio

3.1.4. Citação - epígrafe de apoio

3.1.4.1. "D'ALEMBERT: "A barbárie dura séculos. Parece que seja ela o nosso elemento: A razão e o bom-gosto não fazem senão passar" (p. 1).

3.2. CRÍTICA E RESENHA

3.2.1. Crítica

3.2.1.1. GRACIOTTI, Mário - "Comidas". Crítica a Coelho Neto, eleito "príncipe dos prosadores do Brasil". Conclama antropofagicamente os companheiros modernistas a assar o príncipe "feito churrasco". Faz uma pregação antropofágica sobre as qualidades da vítima (p. 5).

3.2.2. Resenha

3.2.2.1. A. de A.M. - "Rui Cirne Lima - Colônia Z e Outros Poemas. Porto Alegre, 1928". Refere-se ao poema "Madrugada", publicado no nº 2 da revista (cf. 2.4.1.6.); crítica ambígua, entre condenação e elogios. Faz referências ainda aos poemas, "Molleque", "Negro velho", "Canção dos pescado

res" e "Lirismo". Não aprecia as ilustrações do livro de autoria de Ângelo Guido (p. 4).

3.2.2.2. A. de A.M. - "Nicolas Fusco Bansone - La Trompeta de las Voces Alegres.- Montevideu - 1925". Embora de 1925, o livro porque vem de fora é considerado novidade; na crítica transparece alusão hostil a Graça Aranha (p. 4).

3.2.2.3. A. de A.M. - "Júlio Paternostro - Olha o Café!-São Paulo - 1928". Insiste na valorização da mocidade dos resenhados, antevendo futuro promissor; coloca-se contra os lugares comuns de nossa literatura, já apontados por Mário de Andrade. O critério adotado é o bom gosto e a nacionalidade, "Paternostro é brasileiro". Elogia a ilustração de Paim na capa e abomina o título do livro (p. 4).

3.2.2.4. A. de A.M. - "Antônio de Alcântara Machado - Laranja da China - São Paulo -1928". Auto-resenha onde tenta destruir a imagem de gozador que a opinião pública tem a seu respeito e que lhe vem do livro Pathé Baby. Insiste em ser ele próprio, fora dos ismos, nem "seco ou molhado" (p. 4).

3.2.2.5. A. de A.M. - "Darcy Azambuja -No Galpão" - 3a. ed., Porto Alegre - 1928". Rejeita o estilo acadêmico que se oporia a um estilo "humano", sugerindo que o linguajar característico das personagens poderia ser incorporado ao discurso direto. Alude à temática regional escolhida e prevê a possibilidade de uma futura modernização do prosador (p. 4).

3.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

3.3.1. Entrevista

3.3.2. Correspondência

3.3.2.1. BANDEIRA, Manuel - "Meu Caro Antônio de Alcântara Machado". Comenta a falta de garra dos antropófagos e alguns deslizes dos companheiros: o mineiro Rosário Fusco sofrendo de "dispepsia precoce". Propõe novas devorações: o Dr. Imbassahy, crítico musical no Jornal do Brasil (p.3).

3.4. CRIAÇÃO

3.4.1. Poesia

3.4.1.1. ANDRADE, Carlos Drummond de - "No meio do caminho". Primeira publicação do antológico poema (p. 1).

3.4.1.2. VIVACQUA, Aquilles - "Indiferença". Dedicado a Oswald de Andrade, com temática voltada para a "terra brasileira", canta suas belezas naturais (p. 2).

3.4.1.3. LOPES, Ascânio - "Sangue brasileiro". Canto à raça e à terra brasileiras (p. 8).

3.4.2. Narrativa

3.4.2.1. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Trecho do romance publicado em 1930, Os três sargentos sobre a revolução paulista de 1924 (p. 7).

3.4.2.2. GRIZ, Jayme - "Fatalidade". Narrativa curta sobre o casamento forçado de um certo Zé de Chanoca (p. 8).

3.4.3. Crônica

3.5. NOTA E COMENTÁRIO

3.5.1. Nota

3.5.1.1. Comunica que a partir deste número a RA publicará gratuitamente qualquer anúncio de compra e venda de livros que lhe for enviado (p. 2).

3.5.1.2. A Revista solicita à gente nova, colaboração (prosa, poesia, desenho) endereços (de escritores, livrarias, jornais, revistas, associaçoes literárias) (p. 8).

3.5.1.3. "Atitude". Notícia a grande ventania em Santos, contudo sem abalar o Monte Serrat, já afetado por desabamentos freqüentes (seção "Brasiliana") (p. 8).

3.5.1.4. "Música". Sobre anúncio propaganda de uma letra de valsa, escrita à beira de uma sepultura (seção "Brasiliana") (p. 8).

3.5.1.5. "Civismo". Nota a respeito da caravana do PRP a um bairro da cidade de Tietê, com o

objetivo de recrutar adeptos, sendo recebida por um membro convicto do PD, imbuído de lealdade partidária e de civismo (seção "Brasiliana") (p. 8).

3.5.1.6. "Filiação". Refere-se a uma declaração pública da firma Ao Café Moka, del Moro e Cia., eximindo-se da responsabilidade pelas dívidas do herdeiro (seção "Brasiliana") (p. 8).

3.5.1.7. "Literatura comercial". Sobre um texto de autoria-aparente de dono de estabelecimento de secos e molhados, a Casa Mathias, saudando o 13º aniversário de atividade comercial (seção"Brasiliana") (p. 8).

3.5.2. Comentário

3.6. ILUSTRAÇÃO

3.6.1. FUSCO, Rosário - Desenho datado de Cataguases,1928 (p. 3).

3.7. ANÚNCIO

3.7.1. Anuncia a venda dos seguintes livros: S. Leopoldo - Província de São Pedro do Rio Grande do Sul-2a. ed., Monteiro Baena - Compendio - Para, (na Livraria Universal, São Paulo). Blaise Cendrars -L' Eubage,Jean Cocteau - Le Grand Ecart, André Breton- - Les Pas Perdus na redação da Revista (seção"Balcão")(p. 2).

3.7.2. A Livraria Universal, procura os seguintes livros: Revista do Instituto Histórico Brasileiro - tomos nº 20, 21, 22 e 32, Roquete Pinto - Rondonia, Rui Barbosa - Réplica ,Oliveira Lima - D. João VI no Brasil,2 vols. Yan de Almeida Prado compra os seguintes livros: Balthazar da Silva Lisboa- Annaes da Província do Rio de Janeiro, Melo de Moraes - Chorographia Histórica - 5 vols. A redação está interessada na compra de: Simão de Vasconcelos - Vida de Joseph Anchieta (seção"Balcão") (p. 2).

3.7.3. Anuncia para o próximo número a publicação de trabalhos de: Mário de Andrade, A.C. de Barros, Sérgio Milliet, Augusto Meyer, Antônio Gomide, Henrique de Resende, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo,José Américo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade e outros (p. 2).

3.7.4. Divulga os próximos lançamentos: Macunaíma - Mário de Andrade; Antologia de 4 Poetas Mineiros - João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Pedro Nava (p. 6); Laranja da China - Antônio de Alcântara Machado (p. 2). Propaganda dos seguintes livros: Martim - Cererê - Cassiano Ricardo: Colônia Z e Outros Poemas - Rui Cirne Lima; Canto do Brasileiro - Augusto Frederico Schmidt; No Galpão - Darcy Azambuja; Poemas Cronológicos - Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes (p. 6).

3.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado
Gerência: Raul Bopp

4. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 4, agosto de 1928

4.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

4.1.1. Manifesto

4.1.2. Artigo de apoio

4.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "A Entrada dos mamalucos". Baseado em dados demográficos, constata o aumento do número de casamentos entre estrangeiros e brasileiros, o que significa para o autor uma atitude antropofágica perante a imigração (p. 1).

4.1.2.2. ANDRADE, Mário de - "Romance de veludo". Abordagem de uma canção popular anônima-um romance - em que documenta origem e modificações introduzidas no decorrer do tempo. Trata-se de um texto tradicional português, inteiramente deformado, ao qual se acrescentou um refrão afro- brasileiro. Mário de Andrade segue a trilha histórica pela qual passou o tema, além de fazer considerações específicas de ordem musical (p. 5).

4.1.3. Transcrição de apoio

4.1.4. Citação - epígrafe de apoio

4.1.4.1. REBELLO, Laurindo - "O sol está no ocaso!!!" (p. 1).

4.2. CRÍTICA E RESENHA

4.2.1. Crítica

4.2.2. Resenha

4.2.2.1. A. de A.M. - "Canto do brasileiro" - Augusto Frederico Schmidt - Rio de Janeiro - 1928. Cita fragmentos do poema que revelam oposição ao ufanismo romântico, ainda em voga. Destaca as características nacionalistas: "lirismo balançado e preguiçoso" (p. 4).

4.2.2.2. A. de A.M. - "Luís da Câmara Cascudo - Lopez do Paraguai. - Natal - 1927". Resenha do ensaio sobre a guerra do Paraguai, desmitificando o caudilho Lopez. Com digressões de ordem política, faz oposição ao positivismo (p. 4).

4.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

4.3.1. Entrevista

4.3.2. Correspondência

4.3.2.1. FUSCO, Rosário - "Açougue". Carta a Alcântara Machado, discutindo outra carta de Manuel Bandeira (cf. 3.3.2.1.). Exige a deglutição imediata de toda pessoa que falar em brasilidade. Para inaugurar o "açougue", sugere o nome do poeta pernambucano para ser "mordido no cangote" e perder o "jeito de falar de gente da tribo". Propõe também a deglutição de Fábio Luz (p. 2).

4.4. CRIAÇÃO

4.4.1. Poesia

4.4.1.1. FERREIRA, Ascenso - "Sucessão de São Pedro". Poema-blague contra a Igreja. (Consta da edição de Catimbó e Outros Poemas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.) (p.1).

4.4.1.2. JOÃO do PRESENTE - "Antropofagia só. Ornitofagia também". Considerando que a antropofagia venceu - "O matadouro da Academia de Letras está deserto" - apre

senta um substituto para a carne humana - a ornitofagia (p. 2).

4.4.1.3. MEYER, Augusto - "Oração ao Negrinho do Pastoreio". Poema longo sobre o Negrinho do Pastoreio (segundo Plínio Doyle este texto foi publicado em livro com título Duas Orações. Globo, 1929.) (p. 6).

4.4.2. Narração

4.4.2.1. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Outro trecho do capítulo 1 deste romance, sobre os freqüentadores do Jardim Público - mulheres, imigrantes e negros (p. 7).

4.4.3. Crônica

4.4.3.1. CASCUDO, Luís da Câmara - "Cidade do Natal do Rio Grande". Sobre a cidade de Natal, sua fundação e seu desenvolvimento (p. 3).

4.5. NOTA E COMENTÁRIO

4.5.1. Nota

4.5.1.1. "Catecúmenos". Anúncio proveniente de cidade do interior de Minas, solicita serviços de sacerdote, mediante remuneração paga pelos paroquianos (seção "Brasiliana") (p. 8).

4.5.1.2. "Vocação hereditária". Enaltece as qualidades de um médico recém-formado, atribuídas à herança paterna (seção "Brasiliana") (p. 8).

4.5.1.3. "Sociologia". Fragmento de discurso, praticamente incompreensível (seção "Brasiliana") (p. 8).

4.5.1.4. "Orador". Discurso fúnebre em tom oratório e empolado (seção "Brasiliana") (p. 8).

4.5.1.5. "Sociedade". Aparenta ser nota de coluna social, anuncia cerimoniosamente a presença de uma cartomante na cidade (seção "Brasiliana") (p. 8).

4.5.2. Comentário

4.6. ILUSTRAÇÃO.

4.6.1. GOMIDE, Antônio - Desenho datado de 1928 (p. 3).

4.6.2. Trecho da música "Romance de veludo" (p. 5).

4.7. ANÚNCIO

4.7.1. Anuncia Macunaíma de Mário de Andrade (7$000) e Laranja da China de Antônio de Alcântara Machado (6$000) (p. 2). Comunica que estão no prelo:"Odilon Negrão - Poracê Tinquiresca, Octávio de Sá Barreto - Festa de Nervos, Manuelito Ornelas -Rodeio de Estrelas, todos do Paraná; e à venda - A Estrela do Absintho de Oswald de Andrade (p. 4). Livros à venda na Livraria Universal: -S. Leopoldo Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 2a. ed., Monteiro Baena-Compendio(Pará),- Livraria Gazeau (São Paulo): Archivo Pitoresco - 11 vols. enc., Panorama - 17 vols.enc.,Os Lusíadas - comentado por Faria e Sousa, Vieira - Sermões 16 vols. enc., Inocêncio F. da Silva - Dicionario Bibliográfico - 19 vols. enc., F. Manuel de Melo - Epanophoras de Varia Historia - 1660, Fr. Brandão - Monarquia Lusitana. Livros procurados: 1. Pela Livraria Universal: Roquette Pinto - Rondônia ,Rui Barbosa - Réplica, Oliveira Lima - D. João VI no Brasil, Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomos 20-22 e 32. 2. por Yan de Almeida Prado: Manuel Calado - Valeroso Lucideno, Duarte de Albuquerque Coelho - Memorias Diarias, Alvarenga Peixoto - Obras, em 1a. ed. (seção "Balcão") (p. 8).

4.7.2. Propaganda da "Empreza Graphica Ltda",localizada à rua Santo Antonio 19, São Paulo (p. 4).

4.7.3. Comunica que a RA está fazendo assinatura anual pelo preço de 5$000 (p. 8).

4.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado
Gerência: Raul Bopp

5. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 5, setembro de 1928.

5.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

5.1.1. Manifesto

5.1.2. Artigo de apoio

5.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - Condena a hipocrisia do Pacto de Paris, em tom satírico comparando os principais contratantes - os norte-americanos e europeus - com reles bandoleiros. E na linha antropofágica, oferece o tratado para a devoração (p. 1).

5.1.2.2. ANDRADE, Oswald de - "Esquema ao Tristão de Athayde". Critica o falso sistema patriarcal inspirado no cristianismo; ironiza a antropofagia cristã representada pela comunhão; critica a legislação civil brasileira, em especial, a instituição do casamento. Refere-se à publicação de dois livros "puramente antropofágicos". Um de Mário de Andrade, Macunaíma e o outro de Antônio de Alcântara Machado (talvez Laranja da China). Transcreve trechos de uma carta de Raul Bopp ao escritor paranaense Jurandyr Manfredini sobre o ideário antropofágico, em propostas de revisão do idioma, do direito de propriedade e da família (p. 3).

5.1.2.3. ANDRADE, Mário de - "Lundú do escravo". Estabelece relações sobre o lundú em questão e o "Romance do veludo" de que tratou no número anterior (cf. 4.1.2.2). Enumera e documenta diferentes versões do texto, colhidas em coletâneas ou por informações orais (p. 5-6).

5.1.3. Transcrição de apoio

5.1.4. Citação - epígrafe de apoio

5.1.4.1. NÓBREGA, Manuel da - "Esta terra é nossa empresa, e o mais gentio do mundo" (p. 1).

5.2. CRÍTICA E RESENHA

5.2.1. Crítica

5.2.2. Resenha

5.2.2.1. A. de A.M. - "Manuel de Abreu - Substância - Rio de Janeiro - 1928". Considera os poemas desprovidos de "colorido brasileiro", aproveita para debater o problema da originalidade na literatura (p. 4).

5.2.2.2. A. de A.M. - "Mário de Andrade - Macunaíma - São Paulo - 1928". Elogia a obra

pelo seu próprio valor, e por ser historicamente oportuna, sobretudo devido ao "nacionalismo crítico". Ampara-se no critério de literatura nacional de Machado de Assis, para afirmar a autenticidade da obra de Mário de Andrade (p. 4).

5.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

5.3.1. Entrevista

5.3.2. Correspondência

5.4. CRIAÇÃO

5.4.1. Poesia

5.4.1.1. CÉSAR, Guilhermino - "Deslumbramento". Faz parte do livro Meia Pataca. Catagua ses, Verde, 1928.). Exaltaçao das belezas da morena, dedicado a Mário de Andrade (p. 2).

5.4.1.2. RESENDE, Henrique de - "Poema brasileiro nº 2". Linguagem discursiva, com temática voltada para coisas da terra (p. 2).

5.4.1.3. DÉZON, Alberto - "Petrópolis". Canto de louvor à Petrópolis (p. 2).

5.4.1.4. D'OLIVEIRA, Perylo - "Um pedaço do meu poema. A voz triste da terra" - Deplora a perda da inocência e o envelhecimento precoce (p. 6).

5.4.2. Narração

5.4.2.1. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Mais um trecho do Cap. 1"O jardim público" do romance sobre a revolução de 1924 (p. 7).

5.4.2.2. DEL PICCHIA, Menotti - "Caetés".Crítica à destruição da Igreja da Sé, de Salvador. Sugere a deglutição do Arcebispo responsável pela idéia (p. 4).

5.4.3. Crônica

5.4.3.1. BANDEIRA, Manuel - "Noturno da Rua da Lapa". Crônica inspirada no poema "O corvo" de Edgard Allan Poe (p. 1).

5.5. NOTA E COMENTÁRIO

5.5.1. Nota

5.5.1.1. Comunica a publicação, nos próximos números da revista, de dois autógrafos, um de Krishnamurh, outro de Max Jacob, trazidos de Paris por Oswald de Andrade (p. 6).

5.5.1.2. "Eau-de-vie". Trecho sobre o resultado de um inquérito feito em escolas russas (seção "Brasiliana") (p. 8).

5.5.1.3. "Negócio brasileiro". Nota sobre um indivíduo que trocou 40 contos por 6 (seção "Brasiliana") (p. 8).

5.5.1.4. "Política". Fragmento de hino patriótico mineiro (seção "Brasiliana) (p. 8).

5.5.1.5. "Realidade". Comentário desprovido de sentido a respeito de um espetáculo musical (seção "Brasiliana") (p. 8).

5.5.2. Comentário

5.6. ILUSTRAÇÃO

5.6.1. Trecho da música "Lundu do escravo", ilustrando o ensaio do mesmo nome, de Mário de Andrade (p.5).

5.7. ANÚNCIO

5.7.1. Propaganda dos livros: Macunaíma, de Mário de Andrade e Laranja da China de Antonio de Alcântara Machado (p. 2); Giraluz de Augusto Meyer, Substância de Manuel de Abreu, Estados Unidos do Brasil de Menotti del Picchia e Meia Pataca de Guilhermino César e F. T. Peixoto (p. 4).

5.7.2. Livros procurados por Yan de Almeida Prado: Accioli - Memórias Históricas da Província da Bahia, 6 vols., Bartholomeu Guerreiro - Jornada dos Vassalos, (...) Lisboa, 1625, id.id. Gloriosa Coroa - (...) etc. Lisboa, 1642, Cunha Matos - Memórias da Campanha de D. Pedro (...) 20 vols., Rio de Janeiro 1883, Jose da Silva Lisboa (Cairu) - História dos Principais Sucessos (...) 2 vols., Rio de Janeiro 1826-1830 (seção "Balcão") (p. 8).

5.7.3. Anuncia a assinatura anual da RA (5$000) e o endereço para os pedidos (p. 8).

5.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

6. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 6, outubro de 1928.

6.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

6.1.1. Manifesto

6.1.2. Artigo de apoio

6.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Vaca". Oposição à aceitação da língua e dos valores lusos, como pontos comuns entre brasileiros e portugueses (p. 1).

6.1.3. Transcrição de apoio

6.1.4. Citação - epígrafe de apoio

6.1.4.1. PROUDHON - "De idéia superior em idéia superior, nós acabaremos por não ter mais idéias" (p. 1).

6.2. CRÍTICA

6.2.1. Crítica

6.2.2. Resenha

6.2.2.1. A. de A.M. - "Augusto Meyer - Giraluz - Porto Alegre - 1928". Valoriza a obra principalmente pela sua "robustez" formal. Considera o livro de grande valor na literatura do Rio Grande do Sul. Cita o poema "Batuque", na íntegra (p. 4).

6.2.2.2. A. de A.M. - "Menotti del Picchia - República dos Estados Unidos do Brasil - São Paulo 1928". Refere-se ao poeta como o "brigão da reação brasileira" (não fica claro em que sentido a palavra reação é empregada). Domina a resenha o tom elogioso (p. 4).

6.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

6.3.1. Entrevista

6.3.2. Correspondência

6.4.1.3. [illegible] Azevedo - "Carta a Otto Maria Carpeaux", [illegible] artículos de Otto Maria Carpeaux [illegible] "Vistos" (cf. BA 2.4.1.9). [illegible] a influência do poeta português [illegible] preferindo acreditar que [illegible] a advocacia dos contadores e [illegible] (p. 5).

6.5. CRIAÇÃO

6.5.1. Poesia

6.5.1.1. BANDEIRA, Manuel - "Balada triste". Trata da tristeza e desesperança (p. 1).

6.5.1.2. ANDRADE, Franklin - "Pomo roído". Do livro Seven de Gafanhotos. Discursivamente revela a desilusão com as transformações realizadas pela ação do tempo (p. 2).

6.5.1.3. CORREIA FILHO, Azevedo - "A pesca milagrosa". Do livro Sambura. Evoca elementos do passado característicos da terra natal que o poeta abandonou (p. 4).

6.5.1.4. LIMA, Jorge de - "Diabo brasileiro". Sobre as crendices e as superstições do povo brasileiro. (Faz parte de Novos Poemas. Obras Completas. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. p. 506) (p. 6).

6.5.2. Narrativa

6.5.2.1. LIMA, Rui Cirne - "Literatura". História contada a partir da perspectiva de um menino doente e construída com pedaços de velhas histórias (p. 2).

6.5.2.2. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Outro trecho de "O jardim público", correspondente ao capítulo I do romance sobre a revolução de 1924 (p. 7).

6.5.3. Crônica

6.5.3.1. ALMEIDA, José Américo de - "Como me tornei escritor brasileiro". Revela o processo para se tornar um escritor brasileiro (p. 3).

6.5.3.2. DIAS, Sebastião - "O trave". Os percalços de um homem metódico e circunspecto, resolvido a quebrar as regras do comportamento (p. 6).

6.3.2.1. FERREIRA, Ascenso - "Carta a Orris Barbosa". Responde às críticas de Orris Barbosa ao poema "Bahia" (cf. RA 2.4.1.8). Contesta a influência do poeta português João de Deus, preferindo acreditar que a sua inspiração advém dos cantadores e violeiros do Norte (p. 5).

6.4. CRIAÇÃO

6.4.1. Poesia

6.4.1.1. RENAULT, Abguar - "Balada triste". Trata da tristeza e desesperança (p. 1).

6.4.1.2. NASCIMENTO, Franklin - "Pomo roído". Do livro Nuvem de Gafanhotos. Discursivamente revela a desilusão com as transformações realizadas pela ação do tempo (p. 2).

6.4.1.3. CORREIA FILHO, Azevedo - "A pesca milagrosa". Do livro Samburá. Evoca elementos do passado característicos da terra natal que o poeta abandonou (p. 4).

6.4.1.4. LIMA, Jorge de - "Diabo brasileiro". Sobre as crendices e as superstições do povo brasileiro. (Faz parte de Novos Poemas. Obras Completas. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. p. 300) (p. 6).

6.4.2. Narrativa

6.4.2.1. LIMA, Rui Cirne - "Literatura". História contada a partir da perspectiva de um menino doente e construída com pedaços de velhas histórias (p. 2).

6.4.2.2. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Outro trecho do "O jardim público", correspondente ao capítulo I do romance sobre a revolução de 1924 (p. 7).

6.4.3. Crônica

6.4.3.1. ALMEIDA, José Américo de - "Como me tornei escritor brasileiro". Revela o processo para se tornar um escritor brasileiro (p. 3).

6.4.3.2. DIAS, Sebastião - "O travo". Os percalços de um homem metódico e circunspecto, resolvido a quebrar as regras do comportamento (p. 6).

6.4.3.3. JOÃO DO PRESENTE - "O homem que eu comi aos bocadinhos". Na linha antropofágica, comenta a deglutição de um positivista (p. 4).

6.5. NOTA E COMENTÁRIO

6.5.1. Nota

6.5.1.1. Avisa que a revista publicará nos próximos números trabalhos de: A.C. Couto de Barros, Prudente de Moraes, neto, Mário de Andrade, Jorge Fernandes, Sérgio Milliet, Jayme Griz, Carlos Drummond de Andrade, A. de Lymeira Tejo, L. Sousa Costa, Rosário Fusco, Yan de Almeida Prado (p. 2).

6.5.1.2. "Folhetim". Pequeno fragmento de um romance de terceira categoria (seção "Brasiliana") (p. 8).

6.5.1.3. "Civismo". Sobre uma circular com programação de homenagens a Silva Jardim (seção "Brasiliana") (p. 4).

6.5.2. Comentário

6.6. ILUSTRAÇÃO

6.6.1. JACOB, Max - Autógrafo para a RA (p. 3).

6.7. ANÚNCIO

6.7.1. Propaganda dos livros: Menotti del Picchia - República dos Estados Unidos do Brasil, Augusto Meyer - Giraluz, Mário de Andrade - Macunaíma, Antônio de Alcantara Machado - Laranja da China, José Américo de Almeida - Bagaceira (p. 4). Anuncia os próximos lançamentos : Paulo Prado - Retrato do Brasil, Emílio Moura, Pedro Nava - Antologia de 4 Poetas Mineiros, Guilhermino César - Meia Pataca (p. 5).

6.7.2. Relação dos livros à venda e dos procurados (cf. 4.7.4. seção "Balcão") (p. 8).

6.7.3. Anuncia a assinatura anual da RA (5$000) e o endereço para pedidos (p. 8).

6.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

7. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 7, novembro de 1928.

7.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

7.1.1. Manifesto

7.1.2. Artigo de apoio

7.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Concurso de lactantes". Comenta o projeto de um monumento à mãe preta. Realça a influência psicológica do negro na formação da família brasileira (p. 1).

7.1.3. Transcrição de apoio

7.1.4. Citação - epígrafe de apoio

7.1.4.1. JOÃO MIRAMAR - "Saibam quantos" "Certifico a pedido de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança" (p. 1).

7.2. CRÍTICA

7.2.1. Crítica

7.2.1.1. TEJO, A. de Lymeyra - "O Nordeste do Sr. Palhano". Crítica às falsas interpretações e observações a respeito da situação do nordeste (p. 2).

7.2.1.2. CAVALCANTI, Mateus - "Abrideira". Zomba da teoria desenvolvida por Ronald de Carvalho a respeito da missão da América e dos seus poetas: "missão do entusiasmo" (p. 3).

7.2.2. Resenha

7.2.2.1. A. de A.M. - "Vargas Neto - Gado Chucro - Porto Alegre - 1928". Destaca o tema regional, faz ressalvas ao tema histórico das missões jesuísticas, por demais surrado.. Condena o ufanismo exagerado"(...) Vargas Neto não tem precisão de bater no bumbo patriótico para mostrar que aqui nasceu"(p. 4).

7.2.2.2. A. de A.M. - "Charles Lucifer - Cynismes suivis de sensualismes - Paris - 1928".

Cita um fragmento do poema "Copacabana" cheio de terminologia médica. Alude ao conceito de poesia como exercício (p. 1).

7.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

7.3.1. Entrevista

7.3.2. Correspondência

7.4. CRIAÇÃO

7.4.1. Poesia

7.4.1.1. MENDES, Murilo - "República". Sobre a proclamação da república, em tom humorístico, ridiculariza o Imperador D. Pedro II. (Com pequenas alterações o poema é publicado com o título "Quinze de novembro", em Poesias 1925-1955. Liv. José Olympio, Rio, 1959.) (p. 1).

7.4.1.2. CAMARGO, A. de Almeida - "Profanação". Sobre as transformações que sofreu a catedral de Ribeirão Preto do tempo de infância do poeta (p. 2).

7.4.1.3. ANDRADE, Mário de - "Lundu do escritor difícil". Ironiza os escritores que insistem em escrever complicado, tornando-se incompreensíveis. (Incluído em Poesias Completas. São Paulo, Martins, sd., p. 242) (p. 3).

7.4.1.4. CASTRO, Josué de - "Namoro". Em tom ingênuo, compõe uma única estrofe sobre o namoro (p. 4).

7.4.1.5. MACHADO, Brasil Pinheiro - "Paisagem de minha terra". Evocação de um domingo de missa na terra natal (p. 6).

7.4.2. Narração

7.4.2.1. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Continuação do capítulo I do romance sobre a revolução paulista de 1924, Os Três Sargentos (p. 7).

7.4.3. Crônica

7.4.3.1. FERNANDES, Jorge - "A tardinha em viagem no Seridó". Evoca paisagens do sertão (p.5).

7.4.3.2. GRACIOTTI, Mario - "O poema da espera". Sobre o desencontro e a desilusão de um amor (p. 6).

7.5. NOTA E COMENTÁRIO

7.5.1. Nota

7.5.1.1. Comunicam a repetição do "Lundu do escravo" de Mário de Andrade, por ter saído com incorreções no nº 5 (p. 5).

7.5.1.2. "Mãe"! Sobre um artigo de Manuel Vitor na Folha de São Paulo (seção "Brasiliana") (p. 8).

7.5.1.3. "Governismo cego". Refere-se a uma matéria de jornal, a respeito de solenidade cívica em comemoração à independência, realizada em uma instituição para cegos (seção "Brasiliana") (p. 8).

7.5.1.4. "Progresso". Notícia a aquisição de vitrola ortofônica numa cidade do interior de Minas (seção "Brasiliana") (p. 8).

7.5.1.5. "Abdicação". Notícia sobre a renúncia de uma moça ao título de "Rainha dos estudantes paranaenses" (seção "Brasiliana") (p. 8).

7.5.2. Comentário

7.6. ILUSTRAÇÃO

7.6.1. Trecho da música "Lundu do escravo" que saiu com incorreções no número 5 da RA (p. 5).

7.7. ANÚNCIO

7.7.1. Propaganda dos seguintes livros: Vargas Neto - Gado Chucro, Augusto Meyer - Giraluz, Mário de Andrade - Macunaíma, Rui Cirne de Lima - Colônia Z e Outros Poemas, Menotti del Picchia - República dos Estados Unidos do Brasil, Cassiano Ricardo - Martim-Cerere (p. 2).

7.7.2. Propaganda da "Empreza Graphica Ltda" (p. 8).

7.7.3. Anuncia a assinatura anual da RA e o endereço para os pedidos (p. 8).

7.7.4. Relaciona os livros expostos à venda e os procurados para compra (cf. 4.7.4) (seção "Balcão) (p. 8).

7.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado.

Gerência: Raul Bopp.

8. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 8, dezembro de 1928.

8.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

8.1.1. Manifesto

8.1.2. Artigo de apoio

8.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Pescaria". Comenta a visita do presidente Hoover ao Brasil e insinua interesses americanos na política cafeeira. Manifesta aversão ao pan-americanismo (p. 1).

8.1.3. Transcrição de apoio

8.1.4. Citação - epígrafe de apoio

8.1.4.1. BADARIOTTI, Pe. Nicolau - "As vezes assentava-me sobre uma pedra ou sobre algum tronco de madeira rodeado de trinta ou quarenta índios. Contava coisas da Europa procurando explicar-me por meio de imagens. Eles imaginavam que o Brasil fosse todo o mundo; admiravam-se pois ouvindo dizer que além do grande rio (oceano) existia a Europa dividida em muitos países de línguas diferentes etc. o cúmulo de admiração era significado por sonora gargalhada" (p. 1).

8.2. CRÍTICA

8.2.1. Crítica

8.2.2. Resenha

8.2.2.1. A. de A.M. - "Paulo Prado - Retrato do Brasil - S.Paulo - 1928". Valoriza a desmitificação do ufanismo. Para o crítico, o tema, embora muito batido, visto de outro ângulo ficou renovado. Considera o livro um quadro "impressionista" que diagnostica os males brasileiros(p. 4).

8.2.2.2. A. de A.M. - "Mário de Andrade - Ensaio sobre Música Brasileira - S. Paulo -1928". Festeja a valorização do que é novo, do tra

balho de pesquisa folclórica e do método, inéditos até o momento. A introdução do trabalho é tida como a primeira cartilha da música brasileira e até mesmo um tratado com dados que transcendem o campo da música e aplicáveis à literatura (p. 4).

8.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

8.3.1. Entrevista

8.3.2. Correspondência

8.4. CRIAÇÃO

8.4.1. Poesia

8.4.1.1. ANDRADE, Carlos Drummond de - "Anedota da Bulgária". Ironiza a fúria assassina dos czares. Em Alguma Poesia o título é "Anedota búlgara", com a disposição dos versos alterada (ver Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.)(p. 1).

8.4.1.2. PATERNOSTRO, Júlio - "Manhãzinha". Construção em bloco único de versos sobre o amanhecer de uma cidade (p. 2).

8.4.1.3. COSTA, L. Sousa - "Romance de um menino treloso". Dedicado a Jorge de Lima, conta as travessuras preferidas da infância (p. 6).

8.4.1.4. SOARES, Camilo - "Encantamento". Trata do encantamento da filha do pagé na festa pagã das mães - d'água, depois de ter sido roubada pelo saci-pererê (p.6).

8.4.2. Narrativa

8.4.2.1. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Cap. 2 "A ponte dos amores", do romance Os Três Sargentos . Trata do caldeamento das raças em São Paulo, com a chegada dos imigrantes estrangeiros e a dominação desses em certos setores da vida paulista, forçando os negros e mulatos a buscarem outras posições, em geral mais inferiores (p. 7).

8.4.3. Crônica

8.4.3.1. SENRA, Ubaldino - "A antropofagia em Campinas". Nos moldes antropofágicos,de

monstra a presença viva da antropofagia na alma brasileira (p. 2).

8.4.3.2. DIAS, Sebastião - "Uma resolução heróica". Crônica de uma noite de insônia e tédio relembrando lugares da infância (p. 3).

8.4.3.3. MACHADO, Silvestre - "O japonês". Exalta a saúde física, a polidez e o amor ao Brasil desse representante da civilização oriental (p. 5).

8.5. NOTA E COMENTÁRIO

8.5.1. Nota

8.5.1.1. "Aviação". Noticía a morte do aviador italiano Del Prete, no Brasil, depois de ter batido o recorde de tempo na travessia Itália-Natal (seção "Brasiliana") (p. 8).

8.5.1.2. "Literatura". Refere-se à presença de "Geishas" na cidade de Aracaju (seção "Brasiliana") (p. 8).

8.5.1.3. "Religião". Sobre um meteórito recém-descoberto em Minas, batizado solenemente. (seção "Brasiliana" (p. 8).

8.5.1.4. "Necrológio". Refere-se a um discurso pronunciado em Minas Gerais perante o corpo de um operário morto (seção "Brasiliana") (p. 8).

8.5.2. Comentário

8.6. ILUSTRAÇÃO

8.6.1. Reproduz o autógrafo de J. Krishnamurh, feito especialmente para a Revista de Antropofagia(p.3).

8.7. ANÚNCIO

8.7.1. Anuncia o concurso de 1929 promovido pela Sociedade Capistrano de Abreu e a tese escolhida, "O rio São Francisco na História do Brasil" (p. 8).

8.7.2. Divulga os seguintes livros já lançados: Paulo Prado - Retrato do Brasil, Mário de Andrade - Ensaio Sobre Música Brasileira, Tristão de Athayde - Estudos (2a. serie),Vargas Neto - Gado Chucro, Augusto Meyer - Giraluz (p. 4) e os seguin

tes no prelo: Mário de Andrade - Compêndio de História da Música, Oswald de Andrade - Serafim Ponte Grande, Antônio de Alcântara Machado - Lira Paulistana -Rubens de Moraes - Uma Família especialmente Agrícola (p. 5).

8.7.3. Propaganda da"Empreza Graphica Ltda" (p. 6).

8.7.4. Anuncia a assinatura anual da revista (5$000) e o endereço para pedidos (p. 8).

8.7.5. Livros procurados por Yan de Almeida Prado: "Poesias oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano (1830), José da Silva Lisboa - História dos principais sucessos, 2 vols. 1826-1830, Antonio de Sá - Sermoes. As Livrarias Universal e Gazeau anunciam para venda: Rugendas, ed. alemã , Príncipe de Neuwide, ed. alemã, F. Denis, ed.alemã. (cf. 4.7.4.) (seção "balcão") (p. 8).

8.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

9. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 9, janeiro de 1929.

9.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

9.1.1. Manifesto

9.1.2. Artigo de apoio

9.1.2.1. MACHADO, Antônio de Alcântara - "Chaco". Denuncia a ineficácia da "Sociedade das Nações" (Liga das Nações) que fracassou no conflito Bolívia-Paraguai, em luta pelo território do Chaco. É evidente a aversão por qualquer idéia de interferência européia e norte-americana na América do Sul (p. 1).

9.1.2.2. CHINA - "Assunto ressolvido". Rebate as idéias correntes de que os índios que ocupavam os territórios do Brasil, Paraguai e Uruguai não praticavam a antropofagia. Aconselha a estes senhores que deixem de roubar do índio pobre e expoliado o seu "maior e melhor patrimônio" o bom gosto de comer carne humana" (p. 5).

9.1.3. Transcrição de apoio

9.1.4. Citação - epígrafe de apoio

9.1.4.1. "Ya só Pindorama Koti, itamarana po a nhantin, yararama ae recê" (Grito de guerra dos tupis para a conquista do Brasil) (p. 1).

9.2. CRÍTICA E RESENHA

9.2.1. Crítica

9.2.2. Resenha

9.2.2.1. A. de A.M. "Tristão de Athayde - Estudos - 2a. série - Rio de Janeiro -1928" - Caracteriza Tristão de Athayde como o "crítico do Brasil novo", tanto pelos ataques com que o bombardeiam os "críticos do Brasil velho", como pela sua crítica antitradicional, objetiva (p. 4).

9.2.2.2. A. de A.M. - "Heitor Alves - A Vida em Movimento - Passa Quatro - 1927".Elogia a parte gráfica do livro, tendo em vista os limitados recursos de Passa Quatro. Enfatiza o pendor "catequista" do poeta. (Poeta mineiro de Itanhanduva , fundador da revista Elétrica, adere abertamente aos modismos que o resenhista chama de "façanha") (p. 4).

9.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

9.3.1. Entrevista

9.3.2. Correspondência

9.4. CRIAÇÃO

9.4.1. Poesia

9.4.1.1. MEYER,Augusto - "Coro dos satisfeitos acompanhado pelo Zé Pereira do Bom Sucesso". Canto de louvor à vida. Integra os Poemas de Bilú. (Na edição consultada - Porto Alegre, Globo, 1929.- o poema apresenta pequenas variantes ortográficas e a estrutura da última estrofe vem modificada) (p. 1).

9.4.1.2. CHARLES LUCIFER - "Preférence".Autor que adota pseudônimo e língua francesa. Ironiza os poetas bucólicos e exalta a máquina (p. 2).

9.4.1.3. NAVA, Pedro - "Educação sentimental". Construído em forma de epigrama irônico e ingênuo, em quatro versos curtos. Apresenta variantes de ortografia e de estrutura (ed. Poesias Escolhidas. Rio de Janeiro, ed. América, s.d., p. 20) (p. 2).

9.4.1.4. FERNANDES, Jorge - "Canção do retirante". Sobre a debandada dos nordestinos para São Paulo, tangidos pela seca do sertão (p. 5).

9.4.1.5. BENEVIDES, Walter - "Objetivo". Faz parte dos Poemas Concêntricos. Canto ao amor com a participaçao fria e indiferente da amada (p. 6).

9.4.2. Narrativa

9.4.2.1. MORAES, Rubens de - "Lar brasileiro". História em três fases da personagem João: a primeira - viagens à França; a segunda - o tempo das lembranças; a terceira - a vida sossegada e acomodada propiciada pelo casamento (p. 3).

9.4.2.2. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Capítulo 2, " A ponte dos amores" do romance sobre a revolução paulista de 1924, Os Três Sargentos (p. 7).

9.4.3. Crônica

9.4.3.1. DANTAS, F. de San Tiago - "A Festa do Guarda-chuva". Ridiculariza os portugueses e suas artimanhas para conquistar os índios (p. 2).

9.4.3.2. CAMARGO, A. de Almeida - "Formação". Ironiza a cultura classe-média construída de frases feitas e clichês, e o nacionalismo artificial só de palavreado (p.5).

9.5. NOTA E COMENTÁRIO

9.5.1. Nota

9.5.1.1. "Brasilidade". Sobre o almoço congratulação dos jornalistas de Taubaté, como parte do convênio da imprensa norte-paulista (seção "Brasiliana") (p. 8).

9.5.1.2. "Mestre na oratória". A propósito do discurso proferido por um deputado no almoço referido na nota anterior (seção "Brasiliana") (p. 8).

9.5.1.5. "Boas festas". Sobre um texto de cartão de Boas Festas, dirigido aos expectadores por parte dos "indicadores de camarotes" (seção "Brasiliana") (p. 8).

9.5.2. Comentário

9.6. ILUSTRAÇÃO

9.7. ANÚNCIO

9.7.1. Propaganda dos seguintes livros: Retrato do Brasil - Paulo Prado, Estudos, 2a. série - Tristão de Athayde, Mário de Andrade - Ensaio Sobre Música Brasileira, Giraluz - Augusto Meyer; Gado Chucro - Vargas Neto, A Bagaceira - J. Américo de Almeida (p. 4). Alcântara Machado - O Bandeirante na Intimidade, Mário de Andrade - Compendio de Historia da Música, Rubens de Moraes - Essencialmente Agricola, Antônio de Alcântara Machado - Lira Paulistana, Oswald de Andrade - Serafim Ponte Grande (p. 6).

9.7.2. Propaganda da "Empreza Graphica Ltda" (p. 6).

9.7.3. Anuncia a assinatura anual da RA (5$000) e o endereço para pedidos (p. 8).

9.7.4. Livros procurados: 1. por Yan de Almeida Prado (S. Paulo): Poesias - oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano (1830), 2 vols., José da Silva Lisboa - História dos Principais Sucessos, 2vols., 1826 -1830, Antonio de Sa - Sermões, Manuel Calado - Valeroso Lucideno, Duarte de Albuquerque Coelho - Memorias Diarias, Alvarenga Peixoto - Obras em 1a. ed., e outros livros raros sobre o Brasil, 2. por Manuel Bandeira (Rio de Janeiro): Mac- Carthy - Viagem na China.
A Livraria Gazeau anuncia a venda de: Arquivo Pitoresco 11 vols. enc., Panorama - 17 vols. enc., Vieira - Sermões, 16 vols.enc., sendo alguns em 1a. ed., Inocencio F. da Silva - Dicionário Bibliográfico - 19 vols. enc. (seção "Balcão") (p. 8).

9.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

10. Revista de Antropofagia, 1a. fase, nº 10, fevereiro 1929.

10.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

10.1.1. Manifesto

10.1.2. Artigo de apoio

10.1.2.1. DANTAS, Pedro - (pseudônimo de Prudente de Moraes, neto) - "Uma adesão". Analisa a crítica de Tristão de Athayde e sua importância na vida literária. Refere-se à autoridade moral, à cultura e à inteligência do crítico (p. 3).

10.1.3. Transcrição de apoio

10.1.4. Citação - epígrafe de apoio

10.2. CRÍTICA E RESENHA

10.2.1. Crítica

10.2.1.1. MACHADO, Antônio de Alcântara -"Ascânio Lopes". Por ocasião da morte prematura do jovem poeta de Cataguases,comenta sua personalidade e obra, lamentando a perda de um talento promissor (p. 1).

10.2.2. Resenha

10.2.2.1. A. de A.M. - "Guilhermino César e Francisco I. Peixoto - Meia Pataca - Cataguases - 1928".Meia Pataca é, segundo o crítico, nome de riacho que outrora dava ouro em Cataguases. Considera a poesia do primeiro triste, "tristeza sem fundamento visível nos poetas que prometem". Já o segundo poeta é definido como irreverente,gozador, mas com características infantis. Elogia a capa, desenho de Rosário Fusco (p. 4).

10.2.2.2. A. de A. M. - "Humberto Zarrilli -Libro de Imágenes - Montevidéu - 1928". Valoriza este livro para criança, em decorrência da sua maturidade (p. 8).

10.2.2.3. A. de A.M. - "Rosário Fusco" - Fruta do Conde - Cataguases - 1929". Acredita que a juventude do poeta precipitou a publicação do livro. Observa progresso e futuro promissor comparado com o livro anterior (p. 4).

10.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

10.3.1. Entrevista

10.3.2. Correspondência

10.4. CRIAÇÃO

10.4.1. Poesia

10.4.1.1. CASCUDO, Luís da Câmara - "Banzo". Estrutura em quintilhas sobre as diversões dos negros escravos atacados de banzo (p. 1).

10.4.1.2. MOURA, Emílio - "Dores do Indayá". Dedicado às"coisas humildes", velhas e vazias e à monotonia do cotidiano (p. 2).

10.4.1.3. DORNAS FILHO, João - "Retrato do Brasil". Em um só bloco, ironiza o ufanismo exagerado de exaltação das grandezas do país. Menciona a "preguiçosa confiança" do povo nestas grandezas (p. 2).

10.4.1.4. VIVACQUA, Aquilles - "Dança do caboclo". Composto de um refrão aproveitado dos fragmentos das canções dos caboclos (p. 5).

10.4.1.5. SCHMIDT, Augusto Frederico - " Quando eu morrer". Dedicado a Alceu Amoroso Lima. Linguagem discursiva, tem como tema central a morte (p. 6).

10.4.2. Narrativa

10.4.2.1. ANDRADE, Mário de - "Antropofagia? ". Conta a cena que se passou entre o escritor e dois feiticeiros, em Natal , que discorriam sobre atos antropofágicos do mestre caboclo, Turuatá (p. 5).

10.4.2.2. PRADO, Yan de Almeida - "Os três sargentos". Capítulo 2, "A ponte dos amores", do romance Os Três Sargentos. Apresentação individual das três personagens principais, os sargentos Antônio (sul-riograndense), Cassiano - (baiano) Cândido (mineiro) (p. 7).

10.4.3. Crônica

10.5. NOTA E COMENTÁRIO

10.5.1. Nota

10.5.1.1. "Puritanismo". Trata de expulsão de um militar por motivos de ordem moral e pessoal (seção "Brasiliana") (p.8).

10.5.1.2. "Respeito". Sobre a descrição de um presépio mineiro, feita pelo Minas Gerais (seção "Brasiliana") (p. 8).

10.5.1.3. "Parabéns". Sobre os votos de parabéns a certo industrial de Quipapá(Pernambuco) (seção "Brasiliana") (p. 8).

10.5.1.4. "Condolências". Nota de falecimento, manifestando ignorância do redator(seção "Brasiliana") (p. 8).

10.5.1.5. "Carnaval". Nota prevendo a animação do carnaval em Maceió (seção "Brasiliana") (p. 8).

10.6. ILUSTRAÇÃO

10.7. ANÚNCIO

10.7.1. Propaganda dos livros: Paulo Prado - Retrato do Brasil, Tristão de Athayde - Estudos, Mario de Andrade - Ensaios Sobre a Música Brasileira, José Américo de Almeida - A Bagaceira, Guilherminno César e F. T. Peixoto - Meia Pataca, Rosário Fusco - Fruta de Conde (p. 3). Alcântara Machado - O Bandeirante na Intimidade, Mário de Andrade - Compendio de Historia da Música, Rubens de Moraes - Essencialmente Agrícola, Antônio de Alcântara Machado - Lira Paulistana, Oswald de Andrade - Serafim Ponte Grande (p. 6)

10.7.2. Propaganda da "Empreza Graphica Ltda" (p. 6).

10.7.3. Anuncia a assinatura anual da RA (5$000) e o endereço para os pedidos (p. 8).

10.7.4. Livros procurados por Yan de Almeida Prado (São Paulo): S.L.J. - História de El-Rei D. João VI, Zalmar E.A. - Peregrinaçoes pela Provincia de São Paulo, Titara L. Santos - Memórias do Grande Exército Aliado, Alvarenga Peixoto - Obras , Duarte de Albuquerque Coelho - Memórias Diárias, José da Silva Lisboa - História dos Principais Sucessos. 2 vols., 1826-1830. Por Manuel Bandeira (Rio de Janeiro): Mac Carthy - Viagem na China. Por Rui Nogueira Martins: J. J. Machado d'Oliveira - Geografia da Província de São Paulo, J.J. Machado d'Oliveira - Quadro Histórico da Província de São Paulo, Simão de Vasconcelos - Vida de Anchieta, Manuel Monteiro - Compêndio Pa

negírico do Pe. José de Anchieta 1660, Massena Poesias do Venerável P. José de Anchieta (p.8).

10.8. EXPEDIENTE

Direção: Antônio de Alcântara Machado

Gerência: Raul Bopp

11. Revista de Antropofagia (órgão do "Clube de Antropofagia")nº 1, 2a. dentição, 17 de março de 1929.

11.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

11.1.1. Manifesto

11.1.2. Artigo de apoio

11.1.2.1. FREUDERICO (possivelmente um pseudônimo de Oswald de Andrade) - "De antropofagia". Exposição argumentativa das propostas e dos princípios da antropofagia: contra toda a legislação; a favor do critério biológico de julgamento; contra o analfabetismo(o grande entrave ao progresso humano); a violência usada no processo da conversão dos índios, contribuindo para a deformação do homem primitivo. Propõe a criação de um sistema de julgamento ético e estético original: o aproveitamento do que houver de bom e favorável ao homem biológico nas diversas realidades políticas.

11.1.3. Transcrição de apoio

11.1.3.1. "Confúcio e o antropófago". Reprodução de uma história gravada por um filósofo taoista Tchoang-Tsé, retirada do Manual Católico da História das Religiões de Leon Wieger. Narra a tentativa frustrada de Confúcio de pacificar o bandido Tché que praticava o canibalismo.

11.1.4. Citação - epígrafe de apoio

11.1.4.1. ANDRADE, Oswald de - (Parágrafo 3 do Manifesto Antropofágio) "Tupy or not tupy, that is the question".

11.1.4.2. ANDRADE, Oswald de - "Do Manifesto". "Foi porque nunca tivemos gramáticas,

nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa mundi do Brasil./Uma consciência participante, uma rítmica religiosa". Trecho do 5º parágrafo do "Manifesto Antropófago".

11.1.4.3. COSTA, Oswaldo - "Quatro séculos de carne de vaca, que horror". Transcrição da frase do artigo "A descida antropofágica" de Oswaldo Costa (cf. 1.1.2.2.).

11.1.4.4. MONTOYA - "Catequese". "Acontecendo de repente a um moço que ele ofendesse a Deus, e lembrando-se ele do sermão em que se disse a palavra Deus: se teu olho te enganar, arranca este teu olho, conforme ele tinha ouvido, arremeteu imediatamente contra os próprios olhos, querendo arrancá-los louco".

11.1.4.5. PÉRET, Benjamin - "Carne fria não apaga o fogo".

11.1.4.6. SCHOPENHAUER - "Querendo pintar a enormidade do egoísmo com uma hipérbole expressiva, lembrei-me desta: muita gente seria capaz de matar um homem para, com a graxa do morto, limpar-se as botas. Um só escrúpulo me assalta: será isso uma hipérbole?" (seção "Os românticos da antropofagia").

11.1.4.7. SIMMEL, Jorge - "Tanto imediata como mediatamente o objeto mais valioso para o homem é o homem. Mediatamente, porque neles estão acumuladas as energias da natureza, como nos animais que comemos ou que fazemos trabalhar para nós estão acumuladas as do reino vegetal e neste as do solo, da terra, do ar e da água./ O homem é o ser mais condensado e mais suscetível de aproveitamento. A medida que cessa a escravidão, isto é, a posse mecânica do homem, aumenta a necessidade de apropriar-se dele espiritualmente" (seção "Os românticos da antropofagia").

11.1.4.8. PÉRET, Benjamin - "Um caranguejo, sob qualquer outro nome, não esqueceria o mar".

11.2. CRÍTICA E RESENHA

11.2.1. Crítica

11.2.1.1. COSTA, Oswaldo - "Revisão necessária". Critica os estudos de história sobre o Brasil, baseados nos

fatos isolados e na anedota. Questiona os trabalhos de Capistrano de Abreu e de Paulo Prado marcados pela submissão à mentalidade reinol, sobretudo no tratamento dado à catequese.

11.2.2. Resenha

11.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

11.3.1. Entrevista

11.3.2. Correspondência

11.4. CRIAÇÃO

11.4.1. Poesia

11.4.1.1. ANDRADE, Oswald de - "Sol". O poeta trabalha com jogo de oposições léxico-semânticas do substântivo sol e do adjetivo só, e com o processo de repetição do sintagma: "Há sol". Outra poesia com este mesmo título aparece em "RPI", Poesias Reunidas. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1966.).

11.4.1.2. LIMA, Jorge de - "Santa Rita Durão". Elegia ao sertão, dedicada a Raul Bopp e Oswald de Andrade (faz parte do livro Novos Poemas).

11.4.2. Narrativa

11.4.3. Crônica

11.5. NOTA E COMENTÁRIO

11.5.1. Nota

11.5.2. Comentário

11.5.1.1. CUNHAMBEBINHO - "Péret". Comenta a visita a São Paulo do escritor surrealista francês, Benjamin Péret. Relaciona a antropofagia com o surrealismo na procura da liberação dos instintos reprimidos.

11.5.1.2. UM PAI CRISTÃO, PORÉM MODERNO - "Caridade cristã". Comentário a propósito da atitude do Sion de recusar a filha de Procópio Ferreira entre suas alunas.

11.6. ILUSTRAÇÃO

11.7. ANÚNCIO

11.8. EXPEDIENTE

Açougueiro: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

12. Revista de Antropofagia, (órgão do "Clube de Antropofagia") nº 2, 2a. dentição, 24 de março de 1929.

12.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

12.1.1. Manifesto

12.1.2. Artigo de apoio

12.1.1.1. JAPY-MIRIM (possivelmente pseudônimo de Oswald de Andrade) - "De antropofagia". Domina o tom irônico e humorístico, com entremeações de citações de trechos da Bíblia, de Lênine, de Pascal e do ensaio anterior (cf.11.1.1.1.). Tenta mostrar através da antropofagia o "verdadeiro sentido da vida", ou seja, a absorção do tabu em tótem. Traça uma trajetória da tendência antropofágica da humanidade em toda a sua história, desde a violência da "conquista espiritual" até a luta de classes. Prega o direito de posse, a "justiça do tacape" e a construção de uma nação brasileira.

12.1.3. Transcrição de apoio

12.1.3.1. SOUTHEY - "Anchieta". Transcrição de um trecho deste historiador sobre o Pe. José de Anchieta.

12.1.4. Citação - epígrafe de apoio

12.1.4.1. ALLIER, Raoul - "Um missionário recomendara a um Maori a paciência e o perdão. O Maori replicou-lhe: - Sem dúvida. Enquanto eu olho para o céu vocês me roubam a terra...".

12.1.4.2. RODRIGUES, Barbosa - "Conquista espiritual". Olhei para o interior da casa, e pela porta vi sobre uma mesa coberto por um lençol o cadáver do marido, para

12.1.4.6. MONTAIGNE - "Ce qu'on nous dit de ceux du Brésil qui ils ne mourraient que de vieillesse on l'attribue à la sereinité et tranquillité de leur âme deschargée de toute passion, pensée ou occupation tendue ou desplaisante comme gens qui passaient leur vie en une admirable simplicité et ognorance sans lettres et sans loi, sans roi, sans religion quelconque" (seção "Os clássicos da antropofagia").

12.1.4.7. MAHOMET - "Deus não tem sexo" (seção "A evidência").

12.1.4.8. WELLS, H. G. - "Durante muitos anos, eu vos exortei, com toda a doçura possível, pregando, rezando e chorando. Mas como diz um provérbio de minha terra: onde abençoar não vale nada, valem as pancadas! Nos levantaremos contra vós príncipes e prelados que armarão contra esta terra nações e reinos... e assim as pancadas produzirão efeito onde foram vãs a doçura e as bençãos". (Palavras de São Domingos aos hereges de Albi).

12.1.4.9. "Viver asceticamente é evitar os prazeres a fim de alcançar um prazer anormal. /Viver antropofagicamente é evitar os prazeres anormais".

12.2. CRÍTICA E RESENHA

12.2.1. Crítica

12.2.2. Resenha

12.2.2.1. ODJUAVU - "Livrografia". Comenta rapidamente quatro revistas lançadas na época; critica a posição provinciana assumida pela revista Festa (Rio de Janeiro, nº 13); a pretenção e a ingenuidade da revista Primeiro de Março, (Manaus, nº 1); o estilo academico, de Prata da Casa (Curitiba, nº 21 e 22); e finalmente, as fórmulas gastas e tradicionais usadas pelos rapazes da Revista do Globo (Rio Grande do Sul, nº 1).

12.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

12.3.1. Entrevista

12.3.2. Correspondência

12.4. CRIAÇÃO

12.4.1. Poesia

12.4.1.1. BOPP, Raul - "Macapá". Originariamente feita para o livro Cobra Norato. Temática e estrutura semelhante aos poemas deste livro, mas não figura na edição consultada de Cobra Norato (São Paulo, Irmãos Ferraz, 1931.). Estrofes entremeadas por refrões constituídos pelo linguajar da região.

12.4.2. Narrativa

12.4.3. Crônica

12.5. NOTA E COMENTÁRIO

12.5.1. Nota

12.5.1.1. "Almoçaremos Piolim". Comunica o almoço dos antropofagistas em homenagem a Piolim (o artista circense Abelardo Pinto), patrocinado pelo Clube de Antropofagia (seção de São Paulo), programado para 4a. feira de cinzas "2a.edição", com saudação de Couto de Barros.

12.5.1.2. "Terapêutica". Noticia que em Lisboa uma família brasileira recomendou a um indivíduo o uso de carne de cadáver de recém-nascido como terapia (seção Serviço telegráfico).

12.5.1.3. "Protesto e praga". Nota em tom violento, protestando, em nome dos povos massacrados pela "conquista espiritual" do ocidente, contra as subvenções aprovadas para as missões evangélicas.

12.5.1.4. UM PAI DE FAMÍLIA MODERNO, PORÉM CRISTÃO - "Outro". Critica a nova proibição a menores de 21 anos de trabalhar em bares e cafés como garçonetes (seção "A pedidos").

12.5.1.5. "Curiosidade". Sobre a curiosidade do público do bairro de São Cristovão, no Rio de Janeiro, em torno do vôo da esquadrilha do avião naval.

12.5.1.6. Um antropófago - Zombaria com o escultor Pinto Couto e sua exposição - "Lopes de Leão" (seção "A pedidos").

12.5.2. Comentário

12.5.2.1. "A conferência de Péret". Comentário elogioso sobre a conferência de Benjamin Péret. Ironiza a presença do escultor e "massagista" Pinto do Couto e do arquiteto "gramático" Dácio de Morais.

12.6. ILUSTRAÇÃO

12.6.1. PAGU (apelido de Patrícia Galvão) - Desenho com motivos e conotações antropofágicas.

12.7. ANÚNCIO

12.8. EXPEDIENTE

Açougueiro: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

13. Revista de Antropofagia (órgão do "Clube de Antropofagia") nº 3, 2a. dentição, 31 de março de 1929.

13.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

13.1.1. Manifesto

13.1.2. Artigo de apoio

13.1.2.1. FREUDERICO (possivelmente pseudônimo de Oswald de Andrade) - "Ortodoxia". Pela primeira vez, a RA manifesta-se em relação à ala dissidente da antropofagia. O autor explica que a antropofagia como movimento não faz questão de ser levada a sério, porque não lhe convém o "sério que faz rir", no estilo de Graça Aranha, Tristão de Athayde e Mário de Andrade.

13.1.3. Transcrição de apoio

13.1.3.1. ANDRADE, Mário de - "Religião brasileira". Reprodução de uma crônica sobre religião caipira d' O Turista Aprendiz (seção de crônicas que Mário de Andrade manteve no Diário Nacional de 18 de dezembro de 1928 a março de 1929).

13.1.3.2. "Sabença nacional". Reprodução de provérbios populares.

13.1.4. Citação - epígrafe de apoio

13.1.4.1. ANDRADE, Oswald de - "A magia e a vida". Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais". Trecho do "Manifesto antropófago", 25º parágrafo.

13.1.4.2. SHWOB, Marcel - "Destrói, pois toda a criação vem da destruição" (seção "A revolta").

13.1.4.3. STADEN, Hans - "Disseram, então: é legítimo português, agora lembra-se e tem medo da morte" (seção "Identificação").

13.1.4.4. STADEN, Hans - "Canto antropofágico aos tupiniquins": "A ti suceda, minha comida, coisa má/ Tua cabeça cortar quero já / Meus parentes vingar aqui eu estou/ Tua carne moquearei de certo depois do sol posto".

13.1.4.5. BLONDEL, Maurice - "Unir todos os encantos da vida científica, artística, voluptuosa e religiosa à serena segurança da morte, conservar com agilidade de clown a inércia de um cadáver "perinde ac cadaver", penetrar-se dos exercícios de Santo Inácio mesmo atirando-se no tumulto das intrigas políticas, não será essa a perfeição e quase a santidade da perversão?" (seção "Uma pergunta").

13.1.4.6. BLONDEL, Maurice - "Não há problemas mais insolúveis do que os que não existem".

13.1.4.7. BRETON, André - "A vontade de Deus pai não ultrapassa, em França, a 4.810 metros de altitude, tomada do nível do mar" (seção "O humor").

13.1.4.8. HELLO, Ernest - "São os princípios que conduzem o mundo sem que o mundo saiba por que é conduzido".

13.1.4.9. PÉRET, Benjamin - "O sol não brilha e não nasce para pessoa alguma".

13.1.4.10. SARRAULT, Albert - "Paix des peuples, paix des races" (seção "A asneira").

13.2. CRÍTICA E RESENHA

13.2.1. Crítica

13.2.2. Resenha

13.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

13.3.1. Entrevista

13.3.2. Correspondência

13.4. CRIAÇÃO

13.4.1. Poesia

13.4.1.1. ANDRADE, Oswald de - "Meditação no horto". Usa o recurso do refrão ten ten ten, para rimar sonoramente com bem. É constituído basicamente pelo processo da repetição dos versos "Todas as árvores" e "ten ten ten". (Não consta da edição das Poesias Reunidas. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1966.).

13.4.1.2. GUSMÃO, Clóvis de - "Mayandeua". Poema discursivo sobre uma lenda indígena em torno de cidade imaginária Mayandeua, localizada no fundo de uma lagoa.

13.4.1.3. MOREYRA, Álvaro - "Estilização". Poema em prosa, paródia sobre a formação do povo brasileiro.

13.4.1.4. CAROL, Sylvio - "Na cidade". Poema "comprimido" no estilo despojado de Oswald de Andrade.

13.4.2. Narrativa

13.4.3. Crônica

13.5. NOTA E COMENTÁRIO

13.5.1. Nota

13.5.1.1. "Câmara quem te reconhece". Contesta a atitude da Câmara de São Paulo de legislar subvenções para os templos católicos da Capital. Há uma breve alusão às negociatas entre a Igreja e Mussolini.

13.5.1.2. ELOI, Calisto - "Primeiro prontuário". O primeiro a ser escalado é Augusto Frederico Schmidt. O fichamento é justificado com um breve comentário humorístico e irônico da sua obra poética.

13.5.1.3. "Jornalismo provinciano". Critica o estilo dos cronistas policiais e o vocabulário vulgar e anticientífico usado nos textos.

13.5.1.4. UM PAI CRISTÃO E QUASE ANTROPÓFAGO - "A pedidos". Protesto contra a portaria do Arcebispo paulista proibindo a participação nas procissões de meninos vestidos de anjos e santos.

13.5.1.5. "Os reis da intriga". Gozação em torno da homenagem prestada a Alberto de Oliveira, na residência de Yan de Almeida Prado, com a presença de alguns modernistas.

13.5.1.6. "Via jantas". Blague com o poeta Augusto Frederico Schmidt, de passagem por São Paulo.

13.5.2. Comentário

13.5.2.1. "Notícia do primeiro festim". Comenta o sucesso do primeiro festim antropofágico, o almoço com Abelardo Pinto (Piolim) (cf. 12.5.1.1.).

13.6. ILUSTRAÇÃO

13.6.1. DI CAVALCANTI - Desenho com motivos negros.

13.7. ANÚNCIO

13.8. EXPEDIENTE

Açougueiro: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

14. Revista de Antropofagia, (órgão do "Clube de Antropofagia"), nº 4, 2a. dentição, 7 de abril de 1929.

14.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

14.1.1. Manifesto

14.1.2. Artigo de apoio

14.1.2.1. JAPY-MIRIM - "Guerra". Decreta guerra a moral convencional cristã, à igreja dominadora e à idéia cristão de Deus.

14.1.2.2. ADOUR (Jaime Adour da Câmara) -"História do Brasil". Dedicada a Rocha Pombo. Parodia o estilo da história de Rocha Pombo para contar a verdadeira história do Brasil.

14.1.2.3. GUSMÃO, Clóvis de - " Antropofagia". Reafirma a necessidade de se construir uma "arte nossa". Acredita que a antropofagia cubra esta perspectiva, pois é um movimento de nacionalização geral.

14.1.2.4. "De Antropofagia". Síntese e citação dos textos que se escreveu sobre a antropofagia. A seleção abrange trechos de Oswald de Andrade, Oswaldo Costa,Raul Bopp, Clóvis de Gusmão (seção "De antropofagia").

14.1.3. Transcrição de apoio

14.1.4. Citação - epígrafe de apoio

14.1.4.1. DE LA BOULLAYE, Pinard - "As idéias conduzem o mundo mesmo antes de justificadas por uma demonstração rigorosa".

14.1.4.2. COUTINHO, Galeão - "Quem não tem a coragem do seu sexo não tem coragem para coisa alguma".

14.1.4.3. PÉRET, Benjamin - "Matar não é jamais roubar".

14.1.4.4. PÉRET, Benjamin - "Nem tudo que cresce é mole".

14.1.4.5. SADE (Marquês de) - "Agora pergunto se é justa a lei que ordena aquele que nada tem, o respeito da propriedade daquele que tem tudo".

14.2. CRÍTICA

14.2.1. Crítica

14.2.1.1. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "Moquém I - Aperitivo". Crítica severa ao Retrato do Brasil de Paulo Prado. Denuncia a falsidade, o moralismo e a ingenuidade da sua análise.

14.2.2. Resenha

14.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

14.3.1. Entrevista

14.3.2. Correspondência

14.4. CRIAÇÃO

14.4.1. Poesia

14.4.1.1. BOPP, Raul - "Putirum". Outro poema no estilo de Cobra Norato. (Não consta da edição de Cobra Norato. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1931. Putirum é a variante paraense para muxirão, adjutório).

14.4.1.2. PÉRET, Benjamin - "Le bon vieux". Datado de 31 de março de 1929, feita em São Paulo, especialmente para a revista.

14.4.1.3. PATERNOSTRO, Júlio - "Atletismo". Poema circunstancial, incorporando a maneira de Paulicéia Desvairada tematizar a sua cidade, moldado no estilo dos "poemas sínteses" de Oswald de Andrade.

14.4.2. Narrativa

14.4.3. Crônica

14.5. NOTA E COMENTÁRIO

14.5.1. Nota

14.5.1.1. Comunica que todos os trabalhos da RA são inéditos.

14.5.1.2. "Declaração". Noticia o desaparecimento da seção assinada pelo "Pai de família cristão" que foi convertido à antropofagia (cf. 12.6.2.2. e 13.6.2.4.).

14.5.1.3. JABOTI - "Reportagem sensacional". Nota irônica a propósito da homenagem prestada a Alberto de Oliveira, na casa de Yan de Almeida Prado, tendo comparecido os mordernistas, Mário de Andrade, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado (seção "A pedidos").

14.5.1.4. "Magista dixit!" Zombaria com Tristão de Athayde e sua coluna em O Jornal.

14.5.1.6. DANTE, Júlio - "Dom de profecia". Nota satírica sobre o escritor Guilherme de Almeida (seção "A pedidos").

14.5.1.7. BRAZ BEXIGA (pseudônimo de Oswald de Andrade) - "Nós... pelas costas ou nós... cegos". O pseudônimo é uma alusão direta ao livro de contos de Alcântara Machado, Braz Bexiga e Barra Funda. Refere-se a um artigo do contista publicado no Diário de São Paulo.

14.5.2. Comentário

14.6. ILUSTRAÇÃO

14.7. ANÚNCIO

14.7.1. Anúncio - propaganda da revista.

14.8. EXPEDIENTE

"Correspondência para": Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

15. Revista de Antropofagia, (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 5, 2a. dentição, 14 de abril de 1929.

15.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

15.1.1. Manifesto

15.1.2. Artigo de apoio

15.1.2.1. BOPP, Raul - "Yperungua". Paródia das lendas indígenas sobre a criação do mundo, entremeada de críticas à história da criação, dos catecismos e à mentalidade ocidental.

15.1.2.2. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "Moquém II - Hors d'oeuvre". Balanço crítico da Semana de 22 e do Modernismo em geral. Muito radical, Oswaldo Costa atribui ao Modernismo apenas um valor histórico e documental. Minimiza Macunaíma, e paralelamente, reinvindica - a para o rol das obras antropofágicas.

15.1.3. Transcrição de apoio

15.1.4. Citação - epígrafe de apoio

15.1.4.1. CRISTO (João, V.7) - "Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós,pedireis tudo o que quiseres e ser-vos-á feito".

15.1.4.2. FREUD - "Diante desses resultados, é o caso de perguntarmos se a nossa moral sexual cultural vale o sacrifício que nos impõe" (seção "Advertência").

15.1.4.3. LAO-TSÉ - "Quando todos sabem que o bom é bom já aí temos o mau. Porque o ser e não ser se engendram reciprocamente".

15.1.4.4. SADE - "Do Marquês de Sade". Todas as idéias intelectuais estão de tal modo subordinadas à física da natureza que as comparações fornecidas pela agricultura não enganarão nunca em moral"/ "É absurdo terem sido postas a honra e a virtude femininas na força anti-natural de resistência às tendências que as mulheres têm muito mais pronunciadas que os homens, e essa injustiça é tanto mais clamorosa quanto os homens a tornam incapazes de resistir à força de seduções, e depois as castigam por terem elas cedido aos esforços que eles fizeram para provocar-lhes a queda"./ "A insurreição deve ser o estado permanente de uma República"/ Cessemos de crer que a religião possa ser útil ao homem. Tenhamos boas leis, e poderemos dispensar a religião. Mas, dizem, o povo carece dela : ela o diverte, contem-no"./"Todas as nossas idéias são representações dos objetos que nos impressionam; que é que nos pode representar a idéia de Deus que é evidentemente uma idéia sem objeto?"/ "O operário avalia a sua obra em razão do trabalho que ela custa e do tempo empregado em criá-la".

15.1.4.5. SCHOPENHAUER - "Se quereis, num momento, saber se o prazer é superior a dor ou apenas se se compensam, comparai a"expressão fisionômica" do animal que devora outro, com a "expressão" do que é devorado".

15.2. CRÍTICA E RESENHA

15.2.1. Crítica

15.2.2. Resenha

15.2.2.1. ODJUAVU - "Revistofagia". Breve comentário sobre a revista dos universitários cariocas - Folha Acadêmica. Elogia o programa de ensino proposto e critica a publicidade dedicada às atividades burocráticas do Conselho Nacional de Ensino.

15.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

15.3.1. Entrevista

15.3.1.1. MOREYRA, Álvaro - "A propósito do Teatro Sem Nome". Critica a situação do teatro no Brasil, e propõe: criação do "Teatro Sem Nome", ou "Teatro antropofágico"; extermínio de todos os autores estrangeiros como meta para se conguir a nacionalização.

15.3.2. Correspondência

15.4. CRIAÇÃO

15.4.1. Poesia

15.4.1.1. MEYER, Augusto - "Força". Elegia à terra, especialmente para a RA, consta do livro Poemas de Bilu. (Porto Alegre, Globo, 1929.) reestruturado, com variantes de versos inteiros e algumas supressões.

15.4.2. Narrativa

15.4.3. Crônica

15.5. NOTA E COMENTÁRIO

15.5.1. Nota

15.5.1.1. Troça do título do periódico A Ordem (A Horda), dirigido por Tristão de Athayde.

15.5.1.2. PINTO CALÇUDO - "Rasputinadas". Conforme o ítem 12.6.2.4., pode-se deduzir que a nota se refere ao escultor Pinto Couto. (Segundo Plínio Doyle, Pinto Calçudo é pseudônimo de Oswald de Andrade. Inclusive existe uma personagem em Serafim Ponte Grande, com este nome, (cf. ed. Civilização Brasileira, 1971. p. 181).

15.5.2. Comentário

15.5.2.1. SERVA, Mário Pinto - "Berro" (A propósito de um movimento de "renascença do espiritualismo" no Brasil). Contra a criação de um movimento religioso ou católico por parte de alguns intelectuais brasileiros (Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athayde). Alerta para o perigo de esterilização que sofrerá a mentalidade nacional vítima do tomismo. Prova com dados estatísticos o atraso das nações católicas, quase todas, vítimas do analfabetismo.

15.5.2.2. CABO MACHADO (pseudônimo de Oswald de Andrade) - "Os três sargentos". Critica o relacionamento de Mário de Andrade, Yan de Almeida Prado e Antônio de Alcântara Machado com os rapazes do modernismo literário de Cataguases.

15.6. ILUSTRAÇÃO

15.7. ANÚNCIO

15.8. EXPEDIENTE

Correspondência para: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

16. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 6, 2a. dentição, 24 de abril de 1929.

16.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

16.1.1. Manifesto

16.1.2. Artigo de apoio

16.1.2.1. PORONOMINARE - "Manifestações etnológicas". Enfatiza a falta de rigor científico nos trabalhos sobre os nativos do Brasil.

16.1.2.2. PEREZ, Isaac - "Berro" - Critica a mentalidade "caduca" e a impotência dos que detêm o poder, no Brasil.

16.1.2.3. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "Moquém III - Entradas". A pretexto de criticar o Modernismo investe contra o escritor Mário de Andrade. Denuncia o Modernismo pela "ausência de universo", mas não se fica sabendo o que o autor entende por isto.

16.1.2.4. MARXILAR - "Porque como". Contrapõe os costumes dos indígenas aos vícios e preconceitos do civilizado. Indica a descida antropofágica como solução para frear a destruição gradativa dos selvagens empreendida pelos brancos.

16.1.3. Transcrição de apoio

16.1.3.1. "Turf". Em estilo de quadrinha popular, refere-se à existência de dois escritores com o mesmo nome, um Mário de Andrade no Ceará, outro em São Paulo, ambos poetas modernistas.

16.1.4. Citação - epígrafe de apoio

16.1.4.1. ENGELS - "A monogamia não aparece,pois, de modo algum, na história, como uma reconciliação entre o homem e a mulher, e muito menos ainda, como a forma mais elevada da família. Ao contrário. Entra em cena, sob a forma de sujeição de um sexo pelo outro, da proclamação de um conflito entre os sexos, desconhecido, até então, na história" (seção "A monogamia").

16.1.4.2. CARDIM, Fernão - "Enquanto aqui estivemos fomos bem servidos de aves, rolas e faisões, que tem três titelas uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante à de perdiz, mas mais sadia (seção "Espírito de sacrifício").

16.1.4.3. SERVA, Mário Pinto - "O catolicismo não vê com bons olhos a difusão da instrução pelo povo".

16.1.4.4. Provérbio africano - "A comida que a gente agradece é a que está na barriga".

16.1.4.5. MORGAN - "O desenvolvimento da propriedade e a vontade de sua transmissão aos filhos, foi, na verdade, o poder que promoveu a monogamia como garantia de herdeiros legítimos e a limitação destes à progênie atual do casal" (seção "A monogamia").

16.2. CRÍTICA E RESENHA

16.2.1. Crítica

16.2.2. Resenha

16.2.2.1. ODJUAVU - "Ilustração paranaense, nº 1, 2/1929". Crítica ferenha à qualidade dos textos apresentados pela revista paranaense. Alusão irônica à presença de Alcântara Machado entre os colaboradores (seção "Revistofagia").

16.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

16.3.1. Entrevista

16.3.2. Correspondência

16.4. CRIAÇÃO

16.4.1. Poesia

16.4.1.1. MARÇAL, Heitor - "O indio Ciará".Dedicado a Mário de Andrade do Ceará. Motivos negros e indígenas entrelaçam-se na linguagem discursiva.

16.4.1.2. CUNHAMBEBE - "O poema de Cândido Figueiredo". Composto de palavras iniciadas pela letra Z, a maneira de um dicionário, sem nenhuma ligação lógica aparente.

16.4.2. Narrativa

16.4.3. Crônica

16.5. NOTA E COMENTÁRIO

16.5.1. Nota

16.5.1.1. GUILHERME DA TORRE DE MARFIM - "Os incompreendidos". Nota sobre o poeta "pseudo modernista" Menotti del Picchia.

16.5.1.2. JAPY-MIRIM (pseudônimo de Oswald de Andrade) - "Não perdem por esperar". Alusão ao grupo de Mário de Andrade,"os rapazes do bairro Sta. Cecília",considerados inimigos da antropofagia pela sua atitude hostil perante os jesuitas e a catequese.

16.5.1.3. MENELIK - "O olhinho de Roma". Crítica a um manifesto publicado na seção livre do Diário da Noite, assinado por alguns membros da colônia italiana de São Paulo, insultando o Brasil e os brasileiros.

16.5.1.4. "Subjetivismo". Nota atacando o escritor Cândido Motta Filho.

16.5.1.5. Protesto contra qualquer manifestação em homenagem ao poeta Francisco Villaspesa.

16.5.2. Comentário

16.5.2.1. COROINHA - "Assim falou nosso padrinho Pe. Cícero". Sobre as declarações do Bispo de Bragança, considerando o casamento civil e o ensino leigo dois grandes males para o país e para a família. Contrapõe a estas declarações outras do Pe. Cícero a favor da instituição do casamento civil.

16.6. ILUSTRAÇÃO

16.1.1. AMARAL, Tarsila do - Desenho com estilo e temática antropofágicos.

16.7. ANÚNCIO

16.8. EXPEDIENTE

Correspondência para: Caixa postal 1269

17. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 7., 2a. dentição, 1º de maio de 1929.

17.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

17.1.1. Manifesto

17.1.2. Artigo de apoio

17.1.2.1. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "Moquém IV - Sobremesa". Crítica aos falsos modernistas submissos à cultura e à moral ocidentais. Coloca o índio como modelo de coragem e de dignidade a ser seguido pelos antropofagistas.

17.1.2.2. VIVACQUA, Aquiles - "A propósito do homem antropofágico". Considerações sobre a programática da antropofagia, ilustradas com citações de Raul Bopp e Oswald de Andrade.

17.1.3. Transcrição de apoio

17.1.3.1. MARTINS, Oliveira - Transcrição de trechos sobre os costumes da antropofagia (seção "Os clássicos da antropofagia").

17.1.3.2. JAPY-MIRIM (pseudônimo de Oswald de Andrade). "Resposta aos anjinhos". Citação de um trecho da circular sobre a conduta dos jesuítas no Brasil.

17.1.4. Citação - epígrafe de apoio

17.1.4.1. PLEKHANOV - "A pronunciada tendência dos indígenas para a antropofagia explica-se pela pobreza da fauna" (seção "Explicação").

17.1.4.2. MAURIAC, François - "Deus é como o caçador que levanta a pista e espreita a presa à beira da estrada. Ele sabe por onde passam nossos tristes corpos. Observa as manadas do rebanho humano que seus instintos guiam às mesmas horas, pelos mesmos atalhos, para os mesmos prazeres. Deus é paciente e sabe aonde tirar o laço para estrangular a besta" (seção "Deus segundo um católico").

17.1.4.3. COSTA, Oswaldo - "A irara disse para o curupira que não comesse gente que era feio. Comesse mel. Mel era muito mais gostoso que gente./ O curupira respondeu:/ - Não estou acostumado." (Trecho repetido em "De antropofagia" (RA. 19.1.2.1.).

17.1.4.4. DARWIN - "Se o homem não tivesse sido o seu próprio classificador não teria pensado em fundar uma ordem separada para se meter dentro dela".

17.1.4.5. "Cantiga do sairé". "Estamos bem no mundo que dirá no céu ao pé de Deus".

17.1.4.6. BOUSSET - "Nos transportes do amor humano, quem não sabe que os amantes se comem, se devoram, quiseram incorporar-se de todos os modos e,como dizia o poeta, tirar, até com os dentes, o objeto amado, para possuí-lo, para alimentar-se, para unir-se a ele, para viver dele?"

17.1.4.7. Annales litterarii. "O visitador tinha ordenado que todos os anos andassem dois padres pelos engenhos de açúcar em desobriga como se fazia na Bahia. Idéia católica e ao mesmo tempo jesuítica era essa; pois não faltavam esmolas aos padres que se faziam colheita espiritual vinham com os cofres pesados e canoas abarrotadas dos produtos de generosidade e crendice dos devotos" (Col. escrita em latim por vários anônimos. Pernambuco, 1585) (seção "Ofício").

17.1.4.8. ANCHIETA, José de - "Sobre estes índios já temos sabido que por temor se hão de converter mais do que por amor".

17.1.4.9. Secreta monita - "Reservem-se os nossos de comprar bens de raiz logo ao princípio de alguma nova fundação; porém se comprarem alguns faça-se isto em nome de alguns amigos da Companhia que sejam verdadeiros e de segredo para que melhor resplandeça a nossa pobreza"/. "Não se empenhem os nossos em fundar colégios senão nas cidades opulentas porque o fim da companhia nesta parte é imitar a Jesus Cristo Senhor Nosso que morava em Jerusalém e outros lugares grandes, e nos pequenos só estava como de passagem" /"Cuidem muito em exagerar às viúvas , principalmente ricas, nossas necessidades; porque com essas exagerações se lhes hão de tirar consideráveis esmolas e somas, ainda que seja por violência". (guia secreto das companhias jesuíticas. Manuscrito latino encontrado entre os espólios do Pe. Brothier, último bibliotecário dos jesuítas de Paris antes da revolução).

17.2. CRÍTICA E RESENHA

17.2.1. Crítica

17.2.2. Resenha

17.2.2.1. ODJUAVU - "Comendo estrelas".Resenha da revista Estrela, órgão oficial da "Ordem da Estrela", fundada para difundir os ensinamentos de Krishnamurti (seção "Revistofagia").

17.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

17.3.1. Entrevista

17.3.2. Correspondência

17.4. CRIAÇÃO

17.4.1. Poesia

17.4.2. Narrativa

17.4.3. Crônica

17.5. NOTA E COMENTÁRIO

17.5.1. Nota

17.5.1.1. "Sorteio militar". Comunica a última reunião dos "Sete Cavalheiros da Antropofagia" (devem ser as sete pessoas que organizaram a revista), a eleição do diretor do mês de maio, Jaime Adour da Câmara, e do secretário Geraldo Ferraz. A revista não perde oportunidade para investir contra os adversários, desta vez, Cassiano Ricardo.

17.5.1.2. "Atos oficiais". Nota ridicularizando o Correio Paulistano, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, com trocadilhos com os nomes dos escritores.

17.5.1.3. "Comunicado oficial da Academia Paulista de Letras". Nota inventada para criticar a Academia.

17.5.1.4. "Enferrujado". Defende os antropofagistas dos ataques do deputado Azevedo Lima para quem o surrealismo e a antropofagia são uma "mistificação de sujeitos sem talentos".

17.5.1.5. Um que se defende - "Devastação". Ataque contra o escritor Mário de Andrade.

17.5.1.6. SILVA, Aristides - "A ciência do Toninho". Crítica a Antônio de Alcântara Machado a propósito de suas observações sobre o trabalho do jurista Jimenez Assua.

17.5.1.7. TORQUEMADA - "Perfídia". Sátira com os escritores Antônio de Alcântara Machado e Yan de Almeida Prado.

17.5.1.8. "Comunicado oficial da antropofagia". Critica a posição de certos jornais cariocas contra a exibição em maiô das misses nacionais.

17.5.1.9. MENELIK (O morto que não morreu) - "Com o Centro Cívico Palmares". Sobre a resposta do Il Piccolo, cita um trecho do jornal com insultos à raça negra (cf. 16.2.2.3.).

17.5.2. Comentário

17.6. ILUSTRAÇÃO

17.7. ANÚNCIO

Anuncia "Maldito Clero" de Mário Pinto Serva.

17.8. EXPEDIENTE

Diretor do mês: Adour

Açougueiro: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

18. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 8, 2a. dentição, 8 de maio de 1929.

18.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

18.1.1. Manifesto

18.1.2. Artigo de apoio.

18.1.2.1. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "Moquém V - Cafezinho". Final da série Moquém. Outra crítica ao "falso modernismo", à servidão ocidental, à incerteza de convicções, ao índio de Oswaldo Teixeira e à Academia. Alerta à rapaziada jovem, convidando-a para participar da descida antropofágica e reagir a pau contra a mistificação.

18.1.2.2. RESENDE, Garcia de - "Tatuagem". Crítica feroz a Tristão de Athayde e suas posições antivanguardistas, tradicionais, sobretudo a falta de definição do crítico, acolhendo com elogios indiferentemente a todos escritores.

18.1.2.3. CALISTO, Eloi - "As confusões do Sr. Motta". Crítica severa e iconoclasta mostrando o absurdo dos conceitos e as falhas do livro de Cândido Motta Filho, Introdução ao pensamento nacional.

18.1.3. Transcrição de apoio

18.1.4. Citação - epígrafe de apoio

18.1.4.1. SILVA, Virgulino Ferreira da - "Carta pro sargento Dudu da polícia baiana": "Não pense que lê aviso o dia de nós se encontrar quando você não esperar eu chego/ Inda lê encontrando rezando não posso dispensar/ Não lê trato milhor por causa de não ter polícia em conta"/.

18.1.4.2. SHAW, Bernard - "Está mais próximo do homem natural quem comer caviar com gosto do que quem se abster de alcoól por princípio" (Esta citação apareceu em 5.1.2.2.).

18.1.4.3. LE ROY - "Até a família é agitada e revoltada pelo movimento universal. Poder-se-ia dizer, à guisa de símbolo muito expressivo, e apenas hiperbólico na sua simplificação,que a eletricidade mata o lar".

18.1.4.4. Provérbios brasileiros - "O que não mata engorda" /"Triste do bicho que outro engole".

18.1.4.5. PIRAGIBE, José. "Mais não preciso dizer para ter certeza que a revista do Centro Dom Vital vai ser o órgão do episcopado brasileiro, e talvez, um dia, o do governo da República". /"... E o clero na Bélgica, enfrentando o socialismo, domina a infância das escolas, a juventude dos "ateliers" organiza bancos para o operariado: penetra em todas as carreiras e todas as profissões" . Trechos da revista A Ordem (seção "Ramalhetes de flores espirituais").

18.1.4.6. OITICICA, José - "Trabalhou (J. Figueiredo tenazmente pela minha libertação" (aparece na mesma seção da citação anterior).

18.1.4.7. MEDEIROS, Maurício - "Sem dúvida , considero perniciosos, ridículos e profundamente reparáveis, porque alarmantes, certos movimentos de caráter religioso, como procissões, prédicas pastorais, invocando a Providência Divina para livrar a cidade da febre amarela. Julgo mesmo que as autoridades deveriam re

primir essas iniciativas que nos fazem retrogradar aos tempos primitivos da medicina". (Citação de um trecho da entrevista deste deputado ao Diário da Noite de 3/4/29).

18.1.4.8. MARX - "Não é menos verdade que a grande indústria reservando às mulheres, aos aprendizes e aos menores de ambos os sexos, fora do lar, um papel decisivo no processo da produção socialmente organizada, cria a base econômica de uma forma superior da família e das relações entre os sexos. É evidente que é tão absoluta a forma germano- cristã da família, como considerar a forma romano-antiga ou greco -antiga, ou oriental, formas que aliás, se ligando às outras, constituem , na história, uma série única de desenvolvimento".

18.1.4.9. ATHAYDE, Tristão de - "Sobre a antropofagia". "O neo-indianismo de hoje abandonou todo o romantismo indiano para chegar ao puro realismo indianista, com a preocupação máxima de desilidizar, despopeizar os nossos índios e olhá-los como são ou devia ter sido antes da catequese e da conquista".

18.2. CRÍTICA E RESENHA

18.2.1. Crítica

18.2.2. Resenha

18.2.2.1. ODJUAVU - "A ordem social".Critica as posições reacionárias e tradicionais de A Ordem (periódico criado por Jackson de Figueiredo, dirigido por Tristão de Athayde e Perillo Gomes).

18.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

18.3.1. Entrevista

18.3.2. Correspondência

18.4. CRIAÇÃO

18.4.1. Poesia

18.4.2. Narrativa

18.4.2.1. FOOT, Nelson - "Coração de Angai". Texto com motivos indígenas . Satiriza a ação missionária dos jesuítas representados pela figura de Anchieta.

18.4.3. Crônica

18.5. NOTA E COMENTÁRIO

18.5.1. Nota

18.5.1.1. "Erro grave". Comunica a falha ocorrida no artigo de Tamandaré no último número da revista.

18.5.1.2. FERRAZ, Geraldo - "Breve". Anuncia em tom jocoso e de mistério o aparecimento de um livro que "deslumbrará o país".

18.5.1.3. "Procuração". Delega a Rubens do Amaral, redator do Diário de São Paulo, poderes para representar a revista na Academia Paulista de Letras.

18.5.1.4. "No próximo número da Revista". Anuncia as próximas vítimas do "Santo Ofício Antropofágico".

18.5.1.5. MONGE JOSÉ MARIA - "Cadê o Andaime?" Nota criticando a proposta do "Manifesto Criacionista" (1926) do grupo liderado por Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Lembra a comparação feita por Oswaldo Costa entre este Manifesto e o Criacionismo de Reverdy, pregado depois também pelo poeta chileno Vicente Huidobro, muito admirado por Mário de Andrade.

18.5.1.6. FELIPE CAMARÃO (pseudônimo de Jaime Adour da Câmara) - " O primeiro processo (não é perfídia, não)".Sobre o processo que o escritor Yan de Almeida Prado moveu contra o diretor da revista, responsabilizando-o pelas críticas, sátiras, pilhérias envolvendo o referido escritor.

18.5.2. Comentário

18.5.2.1. PIRIPIPI - "Intimação do Sr. Azevedo do Amaral". Critica o Sr. Azevedo Amaral pelas opiniões sobre a catequese e o índio, defendidas em um trabalho dedicado a José de Alencar.

18.5.2.2. LIMA, Hermes - "O púlpito deve ser nas praias de banho". Comentário sobre a condenação pelos padres do traje de maiô das misses.

18.6. ILUSTRAÇÃO

18.6.1. PAGU (apelido de Patrícia Galvão) - Desenho.

18.7. ANÚNCIO

18.8. EXPEDIENTE

Diretor do mês: Adour
Açougueiro: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

19. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 9, 2a. dentição, 15 de maio de 1929.

19.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

19.1.2. Artigo de apoio

19.1.2.1. COSTA, Oswaldo - "De antropofagia". Em treze pequenos parágrafos, contesta a civilização ocidental, colocando-se contra a "falsa cultura a falsa arte, a falsa moral e a falsa religião". Reafirma os postulados da antropofagia baseados nos princípios e na ética do canibalismo. Recusa assim o vinculamento das propostas antropofágicas com o indianismo romântico, (o índio vestido, bem comportado) e com o índio degradado pela catequese. Propõe uma revisão da História do Brasil, que exalta os feitos dos emboabas. (O parágrafo II é repetição de um trecho já publicado (cf. 17.1.4.3.).

19.1.2.2. PAJÉ MURUCUTU (que é o que come menino ignorante) e MINHOCÃO (pai de santo tirador de sombra falsa, inquisidores) - Recorre a pequenos tre-

chos sobre a inquisição para denunciar a moral da catequese e do descobrimento e contrapor os objetivos do tribunal antropofágico àqueles da Igreja (seção "Santo Ofício Antropofágico").

19.1.2.3. LUZ, Fábio - "A liga pela moralidade". Refere-se à tentativa de uma liga católica de controlar o comércio dos livros atentadores aos princípios. "Berro" (nome da seção) é contra a Igreja por adotar procedimentos peculiares a uma Inquisição.

19.1.2.4. ANDRADE, Oswald de - "Antropofagia e cultura". Texto numerado em 14 itens, discute as teorias da "Gestalt" e da "behaviour".

19.1.3. Transcrição de apoio

19.1.4. Citação - epígrafe de apoio

19.1.4.1. ATHAYDE, Tristão de - "O caso Freud indica bem vivamente como o mundo moderno é sinceramente materialista" (Tirado de O Jornal, 15.5.29).

19.1.4.2. CAMPOS, Humberto de - "O índio trouxe, pois, uma contribuição poderosa para a formação do Brasil de hoje. Ele dorme, às vezes, na floresta emaranhada do nosso sub-consciente, amoitado entre os cipós dos nossos nervos, mas existe ainda".

19.1.4.3. "Gostosa, contam, acharam eles essa carne de dente, por isso mataram mais no andar do dia para mantimento" (Variante do parágrafo 3 "De antropofagia") (cf. 24.1.2.2.).

19.1.4.4. MARTINS, Oliveira - "O tráfico abençoado pela igreja". "Assim começou o tráfico e os ensaios feitos na exploração da Madeira e Açores levaram mais tarde a exportação para Cabo Verde, para S. Tomé, finalmente para o Brasil e para as Índias Ocidentais. A mina de trabalho negro valia tanto ou mais que as minas de ouro e prata do Novo Mundo. De 1575 a 1591, só de Angola,

tinham saído mais de cincoenta mil negros; e na primeira metade do XVII século, (sic) a exportação anual atingiu a 15.000 peças da Índia...Essa exportação atingiu proporções desconhecidas até então.Regulamentam-se, protegem-se. As levas de escravos iam batizadas; ainda em nossos dias um viajante viu na alfândega de Luanda a cadeira de mármore de onde o Bispo, no cais,abençoava os rebanhos de negros que embarcavam para o Brasil..." (seção "Porque me ufano do meu país").

19.1.4.5. MARTINS, OLIVEIRA - "Palmares arrazada pelos portugueses". "...Assim as nações se formam, e Palmares merecia já este nome quando, reconquistado e pacificado o norte do Brasil,o governo resolveu submeter a república (1695). Tinha ela então, quatro ou cinco milhas de circuito; o recinto era fortificado por uma palissada alta, à moda das aringas ou mocambas da África. Dentro havia as plantações: um rio com água abundante, frondosas bananeiras, campos de milhos e de mandioca. A população contava mais de 20.000 pessoas, das quais, oito ou dez mil em armas esperavam os agressores. Caiu a república,destruída pelas armas portuguesas, mas caiu epicamente como uma Tróia de Negros.Vencidos, mortos, esmagados pela força, rotas as fortificações, aberto de par aos invasores o ninho da sociedade nascente, os palmarinos não se submeteram, suicidaram-se" (Consta da mesma seção da citação anterior).

19.1.4.6. "Nosso princípio vem da tempestade, somos valentes como o estrondo do céu".

19.1.4.7. RIBEIRO, João -"Não tenho de mim veleidades de sangue visigótico nem de outras prosápias longíquas. Mas quando vou a um espelho sinto-me mais tupinambá que negro mina".

19.1.4.8. PLEKHANOV,G. - "Segundo Marx,o meio geográfico age sobre o homem por in

termédio das relações de produção que se originam num meio determinado, sobre a base de forças de produção determinadas, das quais a primeira condição de desenvolvimento é precisamente representada pelas propriedades deste meio"./Apose de um certo fundo de civilização, diz Ratzel, nada tem de comum com a raça em si." Mas, uma vez que um certo estado de civilização é atingido, exerce incontestavelmente sua influência sobre as qualidades físicas e psíquicas da raça" (seção "Raça").

19.1.4.9. VIANNA, Oliveira - "Dissipado o perigo aborígene, e a medida que a civilização avança para o interior, começa a surgir um novo perigo. São os quilombolas" (seção "A civilização perigando").

19.1.4.10. STUART, Mill - "De todos os modos vulgares de se subtrair ao estudo da ação exercida sobre o espírito humano pelas influências sociais e morais o mais vulgar é o que consiste em atribuir as diferenças de atitudes e de caráter a diferenças naturais inatas".

19.2. CRÍTICA E RESENHA

19.2.1. Crítica

19.2.2. Resenha

19.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

19.3.1. Entrevista

19.3.2. Correspondência

19.4. CRIAÇÃO

19.4.1. Poesia

19.4.1.1. LYS, Edmundo - "Remelexo". Em versos trissílabos, a estrutura e ritmo lembram as composições da literatura popular.

19.4.2. Narrativa

19.4.3. Crônica

19.5. NOTA E COMENTÁRIO

19.5.1. Nota

19.5.1.1. "Moços dedicados". Comunica a adesão de um grupo de rapazes à campanha moralizadora, iniciada pela igreja italiana para conseguir que as moças usem saias mais compridas (seção "Seviço eclesiástico").

19.5.1.2. "Mais dois santos". Comunica a canonização de Margarida Radik e do Pe. Claude Lacombière.

19.5.1.3. "ADÃO e EVA - "Antiguidades". Pilhéria envolvendo dois arquitetos conservadores, "amigos do belo", Afonso Domingues e Cristiano das Neves, detratores da arquitetura moderna.

19.5.1.4. "Entrevista importante sobre o caso do tenebroso". Bate papo entre o secretário da revista e um jornalista sobre um caso do "tenebroso". (Não se fica sabendo o que aconteceu).

19.5.1.5. SEMINARISTA VOADOR - "Tiro ao alvo". Ridiculariza a entrada de Cassiano Ricardo para a Academia, e o seu patrono Bartolomeu Gusmão.

19.5.1.6. RODOVALHO - "Sugestões sérias à Academia". Sugestões sérias, como título propõe, objetiva zombar da Academia de Letras e dos escritores Menotti del Pichia, Plínio Salgado, Artur Mota e Antônio Prado.

19.5.2. Comentário

19.6. ILUSTRAÇÃO

19.7. ANÚNCIO

19.7.1. Anuncia com humor o livro de Tasso da Silveira. Na realidade o título é Alegria Criadora; anunciando como Alegria procriadora.

19.8. EXPEDIENTE

Diretor do mês: Adour
Açougueiro: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

20. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 10, 2a. dentição, 12 de junho de 1929.

20.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

20.1.1. Manifesto

20.1.2. Artigo de apoio

20.1.2.1. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) -"O Kangeruku do dogma". Questiona o conceito abstrato de religião.

20.1.2.2. PORONOMINARE - "Uma adesão que não nos interessa". Crítica ao manifesto dos verdeamarelistas. O fulcro da crítica é o equívoco do grupo em relação à volta ao homem natural. Provavelmente, refere-se ao Nheengaçu, publicado no Correio Paulistano, de 17.05.29.

20.1.3. Transcrição de apoio

20.1.3.1. D.OTAVIANO (Bispo do Maranhão) - Trechos do discurso deste Bispo sobre a posição da Igreja em relação ao dissídio entre os povos. (seção "O começo do fim").

20.1.4. Citação - epígrafe de apoio

20.1.4.1. CHATEAUBRIAND, Assis - "Bosdari, o Ubirajara". O embaixador Bosdari nascera para a vida livre, de filho das selvas, num momento em que o seu país nem o litoral americano já não comportavam os costumes dos autóctones desta terra. Tinha, em pleno trópico, com 38 graus de temperatura à sombra, que se vestir à européia, com todos os estofos nefandos do progresso. Deitava-os fora, com uma personalidade indomável, ofendendo o pudor daqueles que o não compreendiam"/. "O embaixador Bosdari não se deu por achado pelo que dele diziam os jornais. Persistia nos seus hábitos paradisíacos, e eu mesmo pude encontrá-lo atravessando o corredor do andar em que morávamos, inteiramente à von

tade, tal qual o vira o meu 'valet de chambre" (seção "A Ordem Social e a indumentária").

20.1.4.2. "Da representação de uma jovem operária, presa na cadeia de Brooklin, ao presidente Wilson". Tenho sido presa várias vezes, por me vestir de homem e mantém-me agora na prisão por me recusar a envergar trajes femininos. Todavia, o motivo da minha decisão nada tem de deshonroso, visto que,quando envergo o vestuário do meu sexo, não ganho mais de 6 dólares por semana, e ando ainda sujeita às graçolas e até às grosserias de certos homens. Quando me visto como eles, posso ganhar, no meu ofício de encadernador, 12 a 14 dólares por senama, e sou mais respeitada. Se eu sou bastante forte para executar o trabalho de um homem, não vejo razão para que não possa vestir-me também como um homem" (Consta da mesma seção da citação anterior).

20.2. CRÍTICA E RESENHA

20.2.1. Crítica

20.2.2. Resenha

20.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

20.3.1. Entrevista

20.3.2. Correspondência

20.3.2.1. MELLO, Plínio - Informa sobre a repercussão do movimento antropofágico no sul do país e manifesta sua adesão à irreverência e à insurreição antropofágicas,único remédio para a mentalidade mediocre (seção "Carta").

20.3.2.2. MEYER, Augusto - Contesta a validade das intrigas entre os intelectuais paulistas (seção "Carta").

20.3.2.3. RESENDE, Garcia de - Sobre a repercussão da antropofagia no Espírito Santo e a colaboração de um órgão oficial, o Diário da Manhã, cedendo

uma página para os antropofágicos locais (seção "Carta").

20.4. CRIAÇÃO

20.4.1. Poesia

20.4.1.1. ENEIDA - "Assai". Entre uma estrofe e outra, a poetisa intercala o conhecido refrão "Quem vai ao Pará:parou/tomou Assai: ficou", para contar como a mulata prepara esta tradicional bebida.

20.4.2. Narrativa

20.4.3. Crônica

20.4.3.1. RESENDE, Garcia de - "Marandiba". Crônica sobre a história do Espírito Santo, construída pela atrocidade entre brancos, índios e negros.E naltece a bravura do selvagem ao protesto contra a organização político-social do velho mundo deglutindo o filho do governador. Os intelectuais do Espírito Santo fiéis à sua história não poderiam ficar indiferentes às conquistas antropofágicas.

20.4.3.2. PATER (pseudônimo de Júlio Paternostro) - "Introito de Odysseazinha ". Crônica sobre dois caraíbas, numa versão antropofágica da criação do mundo.

20.5. NOTA E COMENTÁRIO

20.5.1. Nota

20.5.1.1. DO AÇOUGUE - "Hoje tem antropofagia. Ten sin, sinhô!" Comunica o retorno da revista,às quarta-feiras, justificando a interrupção pela falta de papel.

20.5.1.2. Anuncia para breve as Lendas Indígenas, "com capa de Mário de Andrade". Uma brincadeira-provocação com o Macunaíma.

20.5.1.3. "Clube de Antropofagia do Rio de Janeiro". Sobre a comemoração do ani

versário da deglutição do Bispo Sardinha e a iniciativa dos antropófagos cariocas de editarem o primeiro "sub-número" da revista do Rio de Janeiro, previsto para circular no dia 11 de outubro, "dia da América não descoberta" (seção "Expansão antropofágica").

20.5.1.4. "Expediente". Comunica a escolha de Raul Bopp para dirigir a revista no mês de junho e a de Geraldo Ferraz como encarregado da correspondência, o "açougueiro", com caixa postal 1269.

20.5.1.5. "Figa". Refere-se à menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, concedida a um antropófago.

20.5.1.6. "Declaração". O Sr. Genolino Amado protesta contra a inclusão do seu nome entre os verdeamarelistas, em Literatura e Política de Plínio Salgado.

20.5.1.7. "Clube de Antropofagia de Minas Gerais". Comunica a fundação de Leite Criôlo, periódico literário organizado por três "batutas" de Belo Horizonte.

20.5.1.8. JAPY-MIRIM - "O Sr. Tristão de Athayde e a prima do espiritual". Adverte os jovens para o pensamento tradicional e reacionário de Tristão de Athayde.

20.5.1.9. TUPINAMBÁ - "A anta morreu, viva o tamanduá". Propõe morte à anta de "bentinho no peito", empanzinada de retórica. Elege o tamanduá bandeira para tótem da antropofagia.

20.5.2. Comentário

20.5.2.2. "Clube de Antropofagia do Pará". Comenta a repercussão da antropofagia, o trabalho e o dinamismo da nova geração que tem no Estado do Pará um espaço para a divulgação das suas idéias (seção "Expansão antropofágica").

20.6. ILUSTRAÇÃO

20.7. ANÚNCIO

20.8. EXPEDIENTE
Diretor do mês: Raul Bopp
Açougueiro: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

21. Revista de Antropofagia (órgão da"Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 11, 2a. dentição, 19 de junho de 1929.

21.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

21.1.1. Manifesto

21.1.2. Artigo de apoio

21.1.2.1. ODJUAVU - "O mocambo e o poeta". Crítica violenta ao poema de Ribeiro Couto sobre os mocambos, em Recife, "comovendo os cretinos que andam atrás do pitoresco e tradicional".

21.1.2.2. RESENDE, Garcia de - "A propósito do ensino antropofágico". Propõe uma educação baseada nas condições do meio e do homem brasileiro.

21.1.3. Transcrição de apoio

21.1.3.1. NUNES, Pereira - "Como se fará a descida". Trecho do artigo publicado na República de Natal sobre a descida antropofágica, arrolando os elementos a serem terminados.

21.1.4. Citação - epígrafe de apoio

21.1.4.1. MARX - "Carta a Arnold Ruge". "Se nossa tarefa não consiste em construir o futuro, é fora de dúvida que ela deve ser uma crítica sem piedade de nossa parte, da ordem existente, sem piedade no sentido de que não deve recuar ante suas próprias consequências e também no sentido de um possível conflito com os poderes atuais. É por isso que não sou da opinião que devamos levantar bandeira dogmática; ao contrário, devemos

tentar ajudar os dogmáticos a esclarecer os seus próprios princípios" (seção "Materialismo").

21.1.4.2. MUSSOLINI - (do discurso sobre o Tratado de Latrão). "Esta religião nasceu na Palestina mas tornou-se católica em Roma. Se permanecesse na Palestina não teria passado de uma das numerosas seitas que nasceram, floresceram e morreram naquele país escaldante" (seção "Graças a Roma").

21.1.4.3. RUSSEL, Bertrand - "Quase todas as mudanças que o mundo tem sofrido desde o fim da Idade Média são devidos à descoberta e à difusão dos novos conhecimentos. Foi essa a causa primária da Renascença, da Reforma e da Revolução Industrial. É diretamente também a do enfrequecimento da religião dogmática. O estudo dos textos clássicos e da história primitiva da igreja, a física e a astronomia de Copérnico, a biologia de Darwin e a antropologia comparada demoliram, cada um por sua vez uma parte do edifício do dogma católico, de maneira que, para todas as pessoas instruídas e que pensam, o único ponto que parece ainda poder ser defendido é um certo espírito interior, uma esperança vaga, um sentimento mal definido de uma obrigação moral" (seção "Materialismo").

21.2. CRÍTICA E RESENHA

21.2.1. Crítica

21.2.2. Resenha

21.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

21.3.1. Entrevista

21.3.1.1. DORNAS FILHO, João - "A propósito do movimento crioulo". Entrevista com um dos diretores da revista Leite Crioulo, órgão do modernismo mineiro. Denuncia a situação cultural do Brasil, dominada pela estagnação e pela submissão.

21.3.2. Correspondência

21.3.2.1. ANDRADE, Carlos Drummond de - "Os Andrade se dividem". Carlos Drummond de Andrade, recusa a filiação ao movimento antropofágico, acompanhado por João Alphonsus, em carta endereçada a Oswald de Andrade (seção "Cartas na mesa").

21.3.2.2. FERREIRA, Ascenso - Carta a redação da revista, expressando o seu agrado pelas idéias defendidas no "Moquém II" de Oswaldo Costa. (Cf. 15.1.2.2.).

21.3.2.3. PEREIRA, Nunes - Pede um número da revista e comunica o destaque dado pelo periódico local República ao material antropofágico (seção "Telegramas para a antropofagia"). (Poeta colaborador de Fon Fon, etnólogo autor de Morunguetá).

21.3.2.4. VILHENA, Mário - Solicita os dois últimos números da revista e informa a publicação, no Lavoura do Comércio de Uberaba, de duas crônicas antropofágicas.

21.3.2.5. "Da redação do Arco e Flexa -Bahia". Solicita a colaboração para a revista baiana e o envio de exemplares da Revista de Antropofagia (seção "Telegramas para a Antropofagia").

21.4. CRIAÇÃO

21.4.1. Poesia

21.4.1.1. FERREIRA, Ascenso - "Toré". Impressão da dansa típica dos índios carijós. Seis quadrinhas, intercaladas pelo refrão "Toré...Toré..."(Foi incluído em Catimbó e Outros Poemas ; Rio de Janeiro, José Olympio,1963 . Confrontadas as duas publicações observaram-se variantes de pontuação, em especial no refrão).

21.4.1.2. TEJO, Limeira - "Curandeiro". Trecho de um repente do poeta popular pernambucano sobre o curandeiro Chico.

21.4.2. Narrativa

21.4.3. Crônica

21.4.3.1. MACHADO, Aníbal - "Noite no cabaré". Dedicada a Oswaldo Costa. Representante da fase surrealista cuja narrativa vagueia entre a realidade, a imaginação, o sonho, a vigília, a verdade e a mentira. (Aníbal aparece grafado como Hannibal).

21.5. NOTA E COMENTÁRIO

21.5.1. Nota

21.5.2. Comentário

21.6. ILUSTRAÇÃO

21.6.1. PAGU - (do álbum de Tarsila). Desenho tendo como legenda um verso de Pagu (Patrícia Galvão).

21.7. ANÚNCIO

21.8. EXPEDIENTE

Diretor do mês: Raul Bopp

Correspondência para: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

22. Revista de Antropofagia, (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 12, 2a. edição, 26 de junho de 1929.

22.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

22.1.1. Manifesto

22.1.2. Artigo de apoio

22.1.3. Transcrição de apoio

22.1.4. Citação - epígrafe de apoio

22.1.4.1. HEGEL - "Filosofia do direito". "Para dizer ainda sua opinião como deve ser o mundo organizado, a filosofia chega sempre muito tarde. Como pensamento do mundo, ela só aparece depois que a realidade terminou completamente seu processo de formação".

22.1.4.2. MOTA FILHO, Cândido - "Genialidade". "Como discípulo de Xavier de Maitre

e de São Tomás sabia que, neste estado de coisas, no qual a verdade se funde ao erro, o erro é que tinha de subsistir, tanto como erro de fato, como também como erro de consciência" (Do Correio Paulistano de 23.5.29).

22.1.4.3. MIRANDA, Pontes de - "A dúvida entristece. E é preciso matar as razões da dúvida".

22.2. CRÍTICA E RESENHA

22.2.1. Crítica

22.2.2. Resenha

22.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

22.3.1. Entrevista

22.3.2. Correspondência

22.3.2.1. GROFF, João - Solicita a colaboração dos antropofagistas de São Paulo. Informa a respeito das repercussões e pregações antropofágicas no Paraná (seção "Carta").

22.3.2.2. ALVES, Heitor - Confessa-se entusiasmado com a revista, em especial, vibra com a deglutição de Tristão de Athayde e o "Berro" de Fábio Luz. Comunica a fundação de uma tribo antropofágica em Itanhanduva (seção "C.P. 1269").

22.3.2.3. SOLDON, Renato - Considera-se o introdutor da antropofagia no Ceará, e comunica a formação de uma tribo antropofágica (seção "C.P. 1269").

22.3.2.4. PORTO, Nelson. Solicita a colaboração dos antropofagistas para o Lavoura do Comércio, Uberaba (seção "C. P. 1269").

22.3.2.5. OLAVO, Silvino - Exprime a sua simpatia pela antropofagia, manifestando na prática adesão às idéias antropofágicas (seção "C.P. 1269").

22.4. CRIAÇÃO

22.4.1. Poesia

22.4.1.1. PATER (pseudônimo de Júlio Paternostro) - "Si eu fosse um poeta negro". Estruturado em um único bloco, elegia a uma terra desconhecida, onde não existem brancos.

22.4.1.2. JABOB PIM PIM (pseudônimo de Raul Bopp) - "Drama cristão". Do livro Ai seu Mé. Poema discursivo, irônico sobre a moral da classe média aparece em Cobra Norato e outros poemas. Barcelona, Dal al Set, 1954. (Completamente reelaborado ganha nesta edição maior síntese e despojamento lingüístico).

22.4.2. Narrativa

22.4.3. Crônica

22.4.3.1. MACHADO, Aníbal - "Grande prêmio na exposição". Crônica com fortes componentes surrealistas onde a fantasia e realidade interpenetram-se (Aníbal vem grafado Hannibal).

22.4.3.2. DOLOUR (Dulce Amaral, filha de Tarsila) - "Histoire d'um jeune homme assoupi". Crônica em francês, com motivos antropofágicos.

22.5. NOTA E COMENTÁRIO

22.5.1. Nota

22.5.1.1. SALLES, Antônio - "De Antônio Salles pra nós". O escritor cearense recusa-se a continuar a divulgação das idéias antropofágicas no Ceará, por se achar cansado, velho. Sugere ao grupo entrar em contato direto com o pessoal de Maracajá.

22.5.1.2. "Um pouco de estatística". Dados estatísticos sobre o aproveitamento da agricultura e da pecuária.

22.5.1.3. FREUDERICO - "Analfabetismo letrado". Ataque violento contra o escritor Menotti del Picchia.

22.5.1.4. PÃO DE LÓ - "Borboleta". Ironiza a teoria do escritor Tasso da Silvei

ra - "a alegria criadora" (seção"A pedidos").

22.5.1.5. "Dois grandes acontecimentos no Brasil: a 1a. exposição de Tarsila e a viagem filosófica do Conde de Keyserling". Anuncia a exposição de Tarsila realizada no Rio de Janeiro, no Pálace Hotel e a visita de Keyserling ao Brasil Oswald de Andrade promoveu em São Paulo uma conferência do filósofo alemão.ver Aracy Amaral - Tarsila sua Obra e seu Tempo. São Paulo, Perspectiva, 1975. p. 264).

22.7. ANÚNCIO

22.7.1. Anúncio de Cafiaspirina e Cerodont (contra dor de dente).

22.8. EXPEDIENTE

Diretor do mês: Raul Bopp

Correspondência para: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

23. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 13, 2a. dentição, 4 de julho de 1929.

23.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

23.1.1. Manifesto

23.1.2. Artigo de apoio

23.1.3. Transcrição de apoio

23.1.3.1. SALGADO, Plínio - Trecho da crítica publicada no Correio Paulistano de 14 de fevereiro de 1928 sobre Tarsila do Amaral.

23.1.3.2. MACHADO, Antônio de Alcântara - Extrato da crítica sobre a pintura de Tarsila, publicada no Jornal do Comércio (São Paulo) de 3 de julho de 1929.

23.1.3.3. DEL PICCHIA, Menotti -Fragmento da crítica à pintura de Tarsila.

23.1.3.4. BOULANGER, Marcel - "L'avenir anthropofagique". Reprodução de arti

go publicado no Figaro, a propósito do assassinato de várias pessoas por 19 ciganos, na Checoslovaquia. A carne humana era preparada com muito requinte "seção "A antropofagia em marcha").

23.1.3.5. "Le procés des anthropophages soulève une émotion considerable". Notícia sobre o julgamento de 19 ciganos, extraído do Volonté (Paris, 23/5/29).

23.1.3.6. LECACHE, Bernard - "Cannibales". Crítica ao julgamento dos ciganos. No entender do articulista, eles não podem ser condenados, porque foram forçados a isto pela condição de miséria (Do Paris-Soir de 23 de maio de 1929).

23.1.3.7. MORAES, neto, Prudente de - Parte da resenha do último livro de Plínio Salgado, provavelmente, O Estrangeiro. Considera o livro um pastiche de trechos de romances de Oswald de Andrade (seção "Amigos do alheio").

23.1.3.8. Transcrito do Diário de Notícias de Porto Alegre, um suelto em homenagem a Pagu.

23.1.3.9. "O Direito antropofágico". Transcrição de uma nota de jornal (O Estado do Pará) sobre a reforma do código proposta por Pontes de Miranda, com base no direito biológico.

23.1.4. Citação - epígrafe de apoio

23.1.4.1. LOBATO, Monteiro - "A evolução cabe numa fórmula: conscientização do inconsciente. Progredir é conhecer, alcançar "ter consciência" do que a alma humana já nos tempos mais remotos sabia de "instinto", isto é, inconscientemente. Ora, uma antropofagia consciente não destoa deste conceito" (seção "Monteiro Lobato adere à antropofagia").

23.2. CRÍTICA E RESENHA

23.2.1. Crítica

23.2.2. Resenha

23.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

23.3.1. Entrevista

23.3.1.1. ALECRYM, Otacílio - "Miss Macunaíma". Estrutura uma entrevista fictícia com uma índia, a Miss Macunaíma.

23.3.2. Correspondência

23.4. CRIAÇÃO

23.4.1. Poesia

23.4.1.1. CASTRO, Luís de - "Caiçuma". Poeta cearense do grupo de Maracajá. Elabora o poema por constantes repetições do sintagma verbal "vamos...", convidando à devoração de estrangeiros.

23.4.2. Narrativa

23.4.3. Crônica

23.5. NOTA E COMENTÁRIO

23.5.1. Nota

23.5.1.1. "Tarsila". Sumário do catálogo da exposição de Tarsila a ser inaugurada no Rio de Janeiro.

23.5.1.2. "Genialidade". Nota dedicada a Cândido Motta Filho, repete os ataques aos costumeiros equívocos do escritor paulista.

23.5.1.3. LE DIDEROT - "O italianinho sem primeiras letras". Nota sobre um deslize do poeta paulista, explorado propositadamente para provocar riso.

23.5.1.4. "Cícero Dias". Noticia a visita do pintor a São Paulo.

23.5.2. Comentário

23.5.2.1. CASTRO, Genuino de - "Desde o Rio Grande ao Pará". Comenta a repercussão das idéias antropofágicas em todo o Brasil e as respectivas adesões, através da criação de colunas e suplementos para discutir estas idéias.

23.6. ILUSTRAÇÃO

23.6.1. DIAS, Cícero - Desenho.

23.6.2. AMARAL, Tarsila do - Desenho.

23.7. ANÚNCIO

23.8. EXPEDIENTE
Diretor do mês: Raul Bopp
Açougueiro: Geraldo Ferraz
Caixa postal: 1269

24. Revista de Antropofagia, (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 14, 2a. dentição, 11 de julho de 1929.

24.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

24.1.1. Manifesto

24.1.2. Artigo de apoio

24.1.2.1. TAMANDARÉ (pseudônimo de Oswaldo Costa) - "De antropofagia". Caracteriza-se pela contundência do estilo nas críticas ferozes à Igreja e à cultura oficial do Ocidente. Considera a reação à mentalidade colonial a grande conquista dos intelectuais modernos. Incentiva a devoração do cristão, único meio para acabar com os recalques jesuíticos de quatro século.

24.1.3. Transcrição de apoio

24.1.3.1. "A antropofagia em marcha". Reprodução de uma notícia publicada no Comoédia, Paris, sobre os atos de canibalismo na China, em decorrência da fome.

24.1.3.2. "Peut-on manger de l'homme". Artigo sobre os costumes dos canibais entre as populações primitivas com dados e observações feitas pelos viajantes exploradores. Publicado no Progrés du Nord.

24.1.4. Citação - epígrafe de apoio

24.1.4.1. CHESTERTON - "O louco não é um homem que perdeu a razão; o louco é aquele que perdeu tudo, exceto a sua razão."

24.1.4.2. GOETHE - "Não é senão diante do contrário que a gente realiza o que tem e o que não tem, o que é e o que não é. / É a razão por que em sociedade tanta gente se perturba quando aparece uma pessoa nova e estranha. Ela traz a revelação do que falta aos outros, que nesse caso a olham, ou bem lhes descobre pelo contraste o que eles tem e eles a desprezam". Carta a Riemer, 19.03.1807 (seção "Goethe antropofágico").

24.1.4.3. GOETHE - "O caráter, isto é, a mistura dos instintos do homem, como o instinto de conservação, o da estima de si mesmo, etc. é o que serve de ponto de partida e ponto de apoio às outras forças da alma". Carta a Riemar. Fins de 1807 (seção "Goethe antropófago").

24.1.4.4. MAISTRE, Joseph de - "Não conheço a alma de um bandido, mas conheço a de um homem honesto: é uma coisa pavorosa!"

24.2. CRÍTICA E RESENHA

24.2.1. Crítica

24.2.2. Resenha

24.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

24.3.1. Entrevista

24.3.2. Correspondência

24.4. CRIAÇÃO

24.4.1. Poesia

24.4.1.1. LIMA, Jorge de - "Migração". Uma única estrofe sobre a migração nordestina. Não consta da Obra Completa do autor (Rio de Janeiro, Aguilar, 1959).

24.4.1.2. JACOB PUM-PUM (talvez pseudônimo de Oswald de Andrade) - "Combinação de cores". Poema-piada bem no gênero das poesias de Oswald de Andrade, alude ao movimento verdeamarelo.

24.4.1.3. MENDES, Murilo - "Canção do exílio". Paródia-crítica da "Canção do exí

lio" de Gonçalves Dias, datada de 1924, numa estrofe compacta denunciando a artificialidade da vida do brasileiro, obrigado a consumir importados (Consta da ed. Poesias - 1925 - 1955, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959. E apresenta variantes ortográficas com pequenas mudanças - em alguns versos).

24.4.1.4. MENDES, Murilo - "Cartão postal". Linguagem discursiva, enfoca um instantâneo de um domingo no jardim público.

24.4.1.5. MENDES, Murilo - "Vocação" - Duas estrofes curtas marca emprego irônico do sentimental. É datado de 1928.

24.4.1.6. MENDES, Murilo - "Nova cara do mundo". De 1929, sobre a melancolia que abateu o poeta depois da passagem do "cometa de A'lei".

24.4.2. Narração

24.4.3. Crônica

24.4.3.1. CALAZANS, João - "História em branco do Corê... Corê...". Crônica inspirada na lenda Sacy Pererê.

24.5. NOTA E COMENTÁRIO

24.5.1. Nota

24.5.1.1. Comunica que a seção "Santo ofício antropofágico" não perdeu a pista dos "amigos do alheio". Não funciona neste número, explica, por falta de espaço.

24.5.1.2. DO AÇOUGUE - "Jorge de Lima". Notícia a visita do poeta a São Paulo.

24.5.2. Comentário

24.6. ILUSTRAÇÃO

24.6.1. AMARAL, Tarsila do - Desenho

24.7. ANÚNCIO

24.8. EXPEDIENTE

Diretor: Raul Bopp
Secretário de redação: Geraldo Ferraz
Caixa postal: "2169" (inversão do algarismo)

25. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 15, 2a. dentição, 19 de julho de 1929, ano II - "depois da descida".

25.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

25.1.1. Manifesto

25.1.2. Artigo de apoio

25.1.2.1. YKO, N. - "Ainda os jesuítas". Crítica em forma de carta, dirigida ao Sr. Brasilino aconselhando-o a rever sua posição de idolatria pelos jesuítas. Insere trechos da carta do Bispo do Rio de Janeiro ao Marquês de Pombal, solicitando-lhe nova devassa para investigar as ações da Companhia de Jesus no Brasil.

25.1.2.2. GARRIDO, Antônio - "A matança dos inocentes". Sugere o extermínio dos "inocentes", isto é, do povo submisso às determinações do estrangeiro.

25.1.3. Transcrição de apoio

25.1.3.1. Transcreve uma nota do Globo sobre a presença de Tarsila no Rio, para a inauguração de sua exposição.

25.1.3.2. "A repercussão no Rio Grande do Sul". Transcreve o editorial de O Tempo, sobre a repercussão do movimento antropofágico no Sul.

25.1.3.2. LE GENTIL, René - "Cannibales". Artigo publicado no Excelsior sobre atos de canibalismo observados por ingleses em Paponasie. Ironicamente observa como os homens continuam a se devorarem.

25.1.4. Citação - epígrafe de apoio

25.2. CRÍTICA E RESENHA

25.2.1. Crítica

25.2.2. Resenha

25.3. ENTREVISTA E CORRESPONDÊNCIA

25.3.1. Entrevista

25.3.2. Correspondência

25.3.2.1. FERREIRA, Ascenso - "Carta ao poeta de Catimbó". Expressa a Oswaldo Costa a sua concordância com algumas teses defendidas pela antropofagia; retira sua adesão na medida em que a antropofagia comete injustiças com autor de Macunaíma.

25.3.2.2. COSTA, Oswaldo - "Resposta à Ascenso Ferreira". Considera a atitude do poeta pernambucano eivada de sentimentalismo ao discordar dos antropófagos de São Paulo.

25.4. CRIAÇÃO

25.4.1. Poesia

25.4.1.1. LIMA, Jorge - "Maleita". Integra o livro Novos Poemas e apresenta variantes no 7º verso. A temática gira em torno da maleita e do caboclo atacado pela doença.

25.4.2. Narração

25.4.3. Crônica

25.4.3.1. ENEIDA - "Banho de cheiro". Crônica com motivos da crendice popular e dos costumes do negro do Pará.

25.4.3.2. PATER, Adrião - "Na estrada". Temática e motivos antropofágicos, parodia o Novo Testamento.

25.5. NOTA E COMENTÁRIO

25.5.1. Nota

25.5.1.1. "Primeiro congresso de antropofagia. Algumas teses antropofágicas". Cobertura da viagem do grupo paulista ao Rio, para organizar o congresso.

25.5.1.2. "Telegrama de congratulações". Sobre a chegada de Tarsila, Pagu e Anita Malfatti ao Rio para participarem da exposição da primeira.

25.5.2. Comentário

25.5.2.1. SARRAZATE, Paulo - "Tocando na mesma imbuía". Adesão às idéias antropofágicas e proposta em prol da "brasilidade", por uma literatura nacional.

25.6. ILUSTRAÇÃO

25.6.1. AMARAL, Tarsila do - "Antropofagia". Quadro 1 do catálogo da exposição de Tarsila inaugurada no Rio de Janeiro.

25.7. ANÚNCIO

25.8. EXPEDIENTE

Diretor: Raul Bopp

Açougueiro: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

26. Revista de Antropofagia (órgão da "Antropofagia Brasileira de Letras"), nº 15, 2a. dentição (repetido), 1º de agosto de 1929.

6.1. MANIFESTO, TEORIA ANTROPOFÁGICA

26.1.1. Manifesto

26.1.2. Artigo de apoio

26.1.2.1. COSTA, Oswaldo - "De antropofagia". Realiza um paralelo entre o homem natural - o índio - e o civilizado, do ponto de vista do caráter de cada um; critica o ensino religioso; para o ensaísta a harmonia universal, alcança-se com o canibalismo. Localiza a propalada falta de caráter do brasileiro nas elites"submissas ao ocidente".

26.1.3. Transcrição de apoio

26.1.3.1. Transcreve a opinião de vários jornais, inclusive estrangeiros, sobre a exposição de Tarsila do Amaral. (realizada no Rio de Janeiro).

26.1.3.2. "Os índios do Maranhão". Comenta a incorporação dos selvícolas à "sociedade civilizada".

26.1.4. Citação - epígrafe de apoio

26.2. CRÍTICA E RESENHA

26.2.1. Crítica

26.5.2.1. "A exposição de Tarsila do Amaral, no Pálace Hotel, do Rio de Janeiro foi a primeira grande batalha da antropofagia". Comenta a inauguração da exposição de Tarsila e a cobertura que os jornais dispensaram ao acontecimento, com exceção do Jornal do Comércio, que batizou a exposição de "futurista".

26.6. ILUSTRAÇÃO

26.6.1. AMARAL, Tarsila do - Desenho, "A Floresta", 1929.

26.7. ANÚNCIO

26.7.1. VITAL-Cur, remédio para doenças do fígado.

26.8. EXPEDIENTE

Diretor: Raul Bopp

Organizador: Geraldo Ferraz

Caixa postal: 1269

6.2. Depoimento de Geraldo Ferraz.

Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves foi repórter, redator, crítico de arte, romancista. Colaborou na Tribuna, O Estado de São Paulo, Folha da Noite e trabalhou nos Diários Associados. Fundou e foi secretário do Correio da Tarde. Em 1933, fundou o Homem Livre e juntamente com Mário Pedrosa (1945-46) a Vanguarda Socialista. Foi secretário da Revista de Antropofagia.

- Gostaria que o Sr. situasse a antropofagia.

Depois de 1929, Raul Bopp foi ser embaixador pelo mundo afora, enquanto Oswald de Andrade continuou por muito tempo o trabalho. A última fase da Revista de Antropofagia foi a mais importante, decisiva e combatida. Em 1929 houve a cisão, surgindo em uma simples página de jornal a segunda fase, onde emergia uma grande radicalização, com a saída de Mário de Andrade e outros. Em suma, todo mundo que achava o movimento radical caia fora... Na primeira fase ninguém gostava de fazer um movimento político-sociológico, de natureza filosófica. Ficaram uns poucos como Raul Bopp, Oswald de Andrade, Oswaldo Costa (uma figura importante e preponderante que explorou a maior parte do "negócio" e mais por sua causa foi mantida a segunda fase). Definimos alguma coisa. Por exemplo: fomos a favor do divórcio, porém sem nenhum significado. O pessoal não queria fazer a revolução, não queria nada... Oswald de Andrade achava que até poderia incluir idéias marxistas... Quando chegaram os tenentes em 1930, Oswald falou com Juarez Távora sobre a antropofagia, conseguindo fazer entender que tudo era somente literatura. O movimento radicalizou mais ainda em 1929 e praticamente só Oswald permaneceu fazendo barulho. Mas era muito volúvel. Mais ou menos em 1931, já estava no Partido Comunista, mas em termos.Pois até havia uma piada muito engraçada: Oswald de Andrade era um comunista que ninguém acreditava, nem o partido, nem a polícia.

O que tenho a dizer é muito pouco. Participei estreitamente somente em 1929, como secretário da Revista de Antropofagia. Pois eles não sabiam lidar com a imprensa e além disto eu era amigo do Oswald, Bopp. O Bopp era dono e um dos chefes de uma agência telegráfica (Agência Brasileira).Eu trabalhava no Diário

da Noite e Diário Nacional com Oswald. Sabia manejar o material, para por em ordem para publicar. Eles não tinham prática de nada. Daí fiquei participando quase que materialmente.

- Nunca pensou em escrever na Revista?

Não, eu fiquei mais trabalhando como técnico. Eu estava com eles e achava simplesmente engraçado. Porém, não acreditava no trabalho. Quando Yan de Almeida Prado processou a Revista de Antropofagia, como eu era o secretário, ele também me processou por injúria, difamação. O advogado, Vicente Rao, foi me defender. Yan não compareceu e o juiz, que não entendia nada de literatura moderna, condenou Yan nas custas. Ele era rico mas muito pão duro. Muito furioso pagou os 612 mil réis. Então, eu fiz uma notinha logo depois: O Sr. Yan de Almeida Prado passava agora a ser o setenciado 612. Muda de nome, não tem mais nome:o setenciado 612.

A revista teve a função de popularização das forças revoltadas, antes de 1930. Porque havia esta coisa de revolta. Oswald era um revoltoso muito esquisito. Até 1930 era adepto do PRP. No livro de poemas encontram-se poemas dedicados a Washington Luís (presidente do Estado e da República), poemas com o nome de Júlio Prestes, que era seu amigo. Todas essas coisas ficavam muito incongruentes. Oswald era um tipo volúvel,com uma certa revolta. Tanto que depois disso abraçou a linha marxista. Mas ninguém acreditava, porque sempre foi um sujeito bem abonado, rico, da classe alta de São Paulo. Ninguém acreditava que pudesse fazer revolução. Oswald morava com Tarsila numa casa muito bonita na Barão de Piracicaba, a dois passos do Palácio dos Campos Elíseos. Eu tenho uma fotografia. Em 1931, ele foi morar numa casinha, no fim da linha do bonde do Bosque da Saúde, prá lá da Vila Mariana. Era um disfarce, coisa assim... Enfim foi um elemento muito interessante, porque tinha uma linha literária de posição anti-burguesa, embora fosse burguês, mas de uma sinceridade meio duvidosa. Mário de Andrade fez mais para abrir o campo. Mário tinha mais base (eu era vizinho de Mário de Andra

de) Mário pertencia ao Partido Democrático, era tudo contrário ao Oswald. Eles foram amigos apenas pela Semana de Arte Moderna. Eu não participei da Semana.

- Existiu realmente uma literatura antropofágica nesse período?

É interessante que certas coisas de Oswald predominaram sobre a linha literária de Mário de Andrade. Mário me dizia: quando saiu o tal "Pau-brasil", todo mundo achou que a Paulicéia Desvairada era o "Pau-brasil". Não era. Não tinha nada. Porém "Pau-brasil" soava mais, tinha mais conotação literária do que Paulicéia Desvairada. Mário dizia: "eu entrei na antropofagia para manter o 'aplomb', pois já passou o período destrutivo da literatura moderna, mas Oswald inventou esse negócio, eu estava lá. E eu lanço Macunaíma, aí, ela vira literatura antropofágica, não tem cabimento". A coincidência é muito grande. No mesmo ano (1928) saem Macunaíma e a antropofagia. Era um azar do Mário.

- Neste período 1928-29, o que existiu de obra verdadeiramente representativa?

Só dois livros: Macunaíma e Cobra Norato.

- Mas Cobra Norato é de 1931.

Mas ele já estava escrito. Demorou muito pra ser publicado. Bopp era muito dispersivo. Aquilo tudo já tinha sido conhecido, publicado em jornal, tudo mastigado. Nós conhecíamos tudo aquilo e alguma coisa mais da poesia de Raul Bopp. Coincidiu neste mesmo ano de 1928, e ajudou muito a Raul Bopp, foi a publicação do Nhêengatu de Antônio Amorim do Instituto Histórico Geográfico do Brasil [1]. O boletim número 100 trouxe na íntegra o Nhêengatu. Ajudou como o diabo. Além de Tarsila e eu termos tido em mãos o Dicionário de Montoya para descobrir o Abapuru. Em 1928 saíram todas essas coisas. Na 1a. ed. de Macunaíma foram 600 exemplares editados pelo autor. Essas coisas ficaram como publicações antropofágicas. Mas não, não. O único

que restou é o livro do Bopp. O Serafim Ponte Grande não tem nada de antropofagia. Aliás, já saiu na linha marxista do Oswald, por causa do prefácio. O livro estava sendo elaborado desde 1924, desde a revolução de 24, que germinou a possibilidade dos revolucionários terem deixado um saco de dinheiro no quintal do Serafim. Este achou o dinheiro, ficou rico, depois fugiu para Europa. Mas é 24, antes da antropofagia. Quando chegou a antropofagia, Oswald achou de misturar as coisas, e reeditar o material do Serafim Ponte Grande, em que a dedicatória para D. Olívia Guedes Penteado foi cortada. D. Olívia financiou a ação integralista, dando 300 contos para a ação integralista. Bonito, né? São Paulo tem isto tudo, pois aqui é uma misturada. Tem esses extremos todos. Uma parte mais radical, mais operária, mais revolucionária, mais socialmente interessada. E outra parte, que é a parte aristocrática, burguesa, essas coisas todas. Paulo Prado, por exemplo, era um milionário, mas era um sujeito de esquerda. A carta que ele escreveu para o filho, publicada em Retrato do Brasil mostra isto.

- O Sr. acompanhou a vida de Oswaldo Costa?

Esteve no Partido, participou do Partido. Andou sendo perseguido, fugindo e não sei porque foi parar no Rio de Janeiro. Tem uma revista que publicou sua biografia, não me lembro qual. Ele já faleceu.

- Ele tem algum trabalho sobre a antropofagia, além das publicações da Revista?

Não, só o que saiu na Revista, com o nome de Tamandaré.

- É difícil, com o tempo, saber de quem são certos pseudônimos?

Usavam-se até três pseudônimos. Oswaldo Costa era mais fiel. Tudo o que escrevia colocava Tamandaré. Mas os outros (Bopp, Oswald, Gusmão) escreviam com vários pseudônimos.

- Com que intenção?

O pessoal não queria aparecer. Compreende? Qualquer coisa naquele tempo era escândalo. Imagine que chegou gente que devolveu o jornal, no dia em que saiu um poeminha besta do Fernando Mendes de Almeida. O nome do poema era "O camarão" (referência ao nome do bonde vermelho). "O camarão abriu a boca quando viu a liga azul da normalista da praça"[2]. Não tinha motivo para escândalo. É que a cidade era muito provinciana, provinciana, mesmo.

- O congresso anunciado na Revista chegou a ser realizado?

Tudo conversa, papo furado. Aliás Raul Bopp refere-se ao congresso nos seus livros.

- A Revista no número 15 (19.07.29) expõe as teses do congresso. Lendo depois Plínio Salgado, percebe-se o mesmo apelo em prol da organização tribal do país. Não acha?

Mas depois Reale modificou essas frases. O do Plínio era muito mais literato. O Miguel Reale era o teórico fascista do movimento.

- Não acha estranha essa coincidência de propostas e de idéias?

A coincidência era que antes de 1928, Plínio já tinha um movimento (a anta) e este movimento era também ligado às idéias indianistas. Eu era contra o indianismo.

- Por que?

Porque não há motivo para ser indianista no Brasil. O nosso índio não tem fixação cultural, como o índio asteca, inca. É um índio nômade. O nomadismo não dá base para qualquer coisa, para nenhuma organização. Ele vai atrás da caça, não deixa contribuição. Nós então buscávamos uma coisa para evitar as outras...

- Isso aí teria sido um decalque, de uma realidade latino-americana?

Desde Alencar até Plínio e até os antropofagistas, a turma queria mesmo era identificar-se com as outras partes. Muitos lugares que têm índio mesmo, como a Bolívia, onde até hoje encontram-se traços fortes. No Chile também. Mas no Brasil, eu não vejo o mesmo. Se você procurar um objeto por toda esta área do Rio Grande do Sul até o Norte, você encontra uns caquinhos. Muito pouca coisa, restos, pedras. São resíduos muito pobres.

- O negro dominou mais?

Sim. O negro preponderou muito mais, como no Rio, na Bahia. Mas numa faixa como Goiás não tem nada. Goiás não tem negro. Não houve trabalho escravo em Goiás. Oswald de Andrade achava que o índio era o nosso padrão. Mas não podia ser o índio, como?

- A Revista deu maior peso ao índio, através das colagens da literatura de viajantes e cronistas do século XVI-XVII. Não é?

Deu, mas afinal de contas aquilo tinha acabado. Quando surge o Estado brasileiro uniforme em 1822, o que você tem é uma porção de portugueses e negros. Eu não me preocupo em me aprofundar nessas coisas, pois há um preconceito na defesa do índio. Verdadeiramente o nosso contingente populacional é muito pobre. Aquela gente que se fixou nos Andes tinha a condição climática, talvez seja o clima. Eles se fixaram lá, fizeram uma civilização lá. A pré-colombiana toda era muito mais andina do que qualquer outro lugar.

- Alguns críticos acham que o embasamento teórico da antropofagia, as idéias, os postulados são decalcados na vanguarda européia da época.

Houve coincidência. Oswald de fato tinha...

Mais coincidência do que outra coisa. Naturalmente Oswald tinha esta ligação com a Europa. Oswald era muito europeu. Ele queria fazer analogia do Serafim com os livros do Aragon. Mas não tem propósito.

- E esta insistência em usar Freud e as conquistas da psicanálise moderna?

Bem, aí porque Freud apresenta de fato uma libertação da parte sexual de toda a sociedade européia. Então reflete, porque são os mesmos males. De lá foram trazidos para cá, para a parte urbana. A parte rural ficou ignorada, não existe. Só em São Paulo, Rio. Aqui, desde 1925, havia um sujeito como Franco da Rocha (que se correspondia com Freud). Eu o conheci.

- Houve uma leitura sistemática sobre este assunto, pelo pessoal?

Sim, porque chegaram, antes de 1930, traduzidas do espanhol, as obras de Freud.

- Hoje os críticos costumam ver em Freud, Marx e Nietzsche os possíveis inspiradores da antropofagia. Como o Sr. vê isto?

- Em relação às obras de Marx, houve intenção de se realizar leitura sistemática?

Não havia nenhuma sistematização. Eu, por exemplo, não tinha nenhuma fundamentação (tinha apenas vinte e poucos anos). Oswald, que poderia ter tido muito mais, ignorou Marx até 1930.

- Clóvis Gusmão escreveu alguma coisa, depois da extinção da RA?

Ele era muito fraco, muito doente.

- Como o Sr. analisa a afirmação de alguns críticos de que o concretismo na década de 50 e o tropicalismo na década de 60 foram na literatura e na música, respectivamente, uma retomada ou reaproveitamento de idéias antropofágicas?

Eles quiseram fazer com o concretismo uma renovação do movimento literário, mas houve antes disto a turma da Universidade. A Universidade surge em 1934. Em 1937/38 já temos uma geração da Universidade, que é a geração de Lourival Gomes de Machado, Antônio Cândido, o pessoal da revista Clima, Paulo Emílio Salles Gomes, etc.. Mas houve a peste dos integralistas no meio. Então houve uma cisão também nesse pessoal que saiu da Universidade. Uma parte ficou integralista como todos os Silva Telles, Marcelo Silva Telles era o chefe provincial de São Paulo. Então em São Paulo o movimento intelectual sofreu muito com esta cisão. Depois veio a guerra...a democracia..., de maneira que a geração que vem depois da guerra é que começa a se inquietar , em 1950, parece procurar um caminho novo. O concretismo nada mais é que a retomada das idéias de um grupo holandês, suiço...

- E em relação à música?

Isto são os comichões nacionalistas que dão aqui no Brasil. É que, de vez em quando, a turma se lembra que é brasileira, então...

- Este mesmo comichão deu na antropofagia em 1928?

Sim, deu na antropofagia, deu no Oswald, no Mário de Andrade que queria a língua nacional. Para ele a língua era tudo, até fez um congresso da língua falada com a preocupação de elaborar uma língua nacional com uma melhor pronúncia, sintaxe, articulação. Descobriu que o Rio de Janeiro é uma confluência do Brasil.

- Na sua atividade de criação o Sr. nunca tentou por em prática algumas destas idéias?

Não, acho que a linguagem devia ser, do ponto de vista literário, atualizada. Não temos nada que indicar que somos atrasados. Não se pode escrever da mesma forma como no início do século. Tem que se estar informado. Se o povo não acompanha, paciência. Você pensa que o Doramundo teve sucesso? A 2a. edição pela José Olympio foi de 1000 exemplares. E 17 anos depois ainda se encontra um exemplar desta edição de 1000 para se comprar. O grande sucesso de Doramundo foi a edição de 5000 exemplares que a Melhoramentos fez. Mas se estrepou completamente, pois não vendeu nem a metade. Está com 2000 exemplares encalhados. O Carlos Lacerda me escreveu para editar o Doramundo. Eu nem respondi. Num país que não se lê nada... Pois uma edição de 5000 exemplares para 110 milhões de habitantes é uma vergonha. Nem mesmo com reclames. Foram publicados anúncios no Estadão, no Globo, Jornal do Brasil e daí... foi um prejuízo total, pois só fez onda.

Entrevista concedida a autora em abril de 1977.

1. Lendas em Nhêengatu e em português. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 100 (154) , 1928.
2. Na verdade o poema chama-se "A cidade" e é assinado por Sylvio Carol (RA. 13.4.1.4.).

Correio Paulistano, São Paulo, 24 out. 1954.

IMAGENS DO MODERNISMO

O ANTROPOFAGO

RIO — Oswald de Andrade construiu toda uma filosofia de vida e uma teoria sociológica para justificar o exercício de sua tendencia ao sarcasmo. Apelidou isso de antropofagia, e viu no homem um ser devorador por excelencia, tanto mais justificado, historica e psicologicamente, quanto mais deglute o seu semelhante. No dia em que o ser humano deixa de comer o proximo, a civilização entra em decadencia, e se instalam, com o patriarcado, o medianismo e os valores burgueses em geral. Oswald era contra a escravidão, porque esta importa em explorar o adversario, que deve ser comido, e não posto a ferro. Os devorados não contam, mas os devoradores implantarão a cultura da liberdade, de que já surgem os primeiros indicios.

No fundo dessa doutrina, havia apenas o gosto de Oswald pela satira. De resto, gosto bem curioso, pois coincidia plenamente com a capacidade de admiração, que o escritor aplicava a esse ou aquele confrade, mas alternadamente, em intervalos de impulso destrutivo, de uma incoerencia, por assim dizer cronometrada, que era uma das atrações do seu espirito.

Viajando-se mais longe ainda em sua personalidade, o ser corrosivo cede lugar, imprevistamente... a quem? A um menino sentimental, que queria ser mimado apesar de suas inconsequencias, e que adorava o gesto de carinho. Tive ocasião de surpreendê-lo (ou de surpreender-me) numa noite de abandono e confidencia, em que pude verificar como geralmente a sua agressividade era forma de defesa ou contentação pelo agrado recebido, ou que supunha tal. A grande queixa de Oswald para com seus companheiros de aventura literaria, era que o omitiam sempre. E porque o omitissem, passava à ofensiva mais rude. Às vezes, atacava antes da omissão, como se a previsse. Pelo menos se persuade de que não era injusto. Pedem-lhe carinho, e o homem cheio de alfinetes e navalhas se aveludava. E quando encontrou carinho, ou foi o bastante lucido para identificá-lo depois de outro que havia encontrado e não soubera decifrar. Instalou-se numa felicidade burguesa e monogamica, regava toda a laboriosa construção antropofagica levantada em quase trinta anos de orgulho intelectual, isto é, de auto-justificação.

Uma linha de coerencia se esboça através dos ziguezagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau Brasil e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edificio burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos. Oswald manteve sempre intata a sua personalidade, de tal sorte a provocar ainda em seus ultimos dias a irritação ou a magoa que inspirava quando "fause" modernista de 1922. Os rapazes que vinham para a literatura com a preocupação excessiva de purezas ou aristocracia verbais (no fundo, variantes tardias de parnasianismo), pretendiam ignorá-lo ou negar-lhe a força, mas uma fisgada mais habil desse sexagenario (que se dizia "sex-appeal"-genario) lhe doia na pele e talvez mais fundo; e como é preferivel hoje em dia se ver bem como todo o mundo e principalmente com os moribundos, acabavam se aproximando dele, e procurando consultá-lo.

O moribundo enternecia-se (pelo menos provisoriamente), e nada mais divertido que as listas sucessivas de talentos jovens, que Oswald, xingador contumaz, costumava estabelecer para indicar onde se depositavam as suas esperanças de uma cultura antropofagica brasileira.

Não houve personagem mais vivo no modernismo do que ele. Manteve até o fim, quando os outros "heróis" do movimento se haviam acomodado ou evoluido, uma atitude tipicamente modernista, não isenta de sabor e sobretudo notavel porque implicava num culto à indisciplina e ao desrespeito, que infelizmente não caratteriza os moços de hoje. Tinha algo de Jarry, inventor do "Ubu Roi" e do "Sur-Mâle". E seu Serafim Ponte Grande é uma dessas criações que a gente não esquece, pela violencia rabelaiseana da satira, a destruir um mundo de atitudes e ideias que merece realmente ser espanadinado.

Vamos sentir falta de Oswald, e tambem saudades.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Diário de São Paulo, São Paulo, 21 nov. 1954.

Os antropofagos no "Diario de S. Paulo"

Geraldo FERRAZ

Pouco antes do lançamento do manifesto da Antropofagia, deparei com os componentes do grupo modernista: repórter do "Diario da Noite" e noticiarista no "Diario Nacional", no primeiro conheceria Di Cavalcanti que ali trabalhava, e no segundo Mario de Andrade, critico de todas as artes, mas principalmente de musica. Logo descobria que era meu vizinho. No "Diario Nacional" o redator-chefe A. C. Couto de Barros (que só reencontro agora, depois de mais de quinze anos de desencontros, no enterramento de Oswald) transmitiu-me muitas sugestões da moderna literatura. Isso ocorria em 1927-1928. Sem duvida, iniciara-me antes dos vinte anos, em contacto, na Gráfica-Editora Monteiro Lobato, com os escritores ali editados, mas um ou outro dos modernos, Paulo Prado, Sergio Milliet, Ribeiro Couto.

Só viria porem a conhecer Oswald em 1928, no ano mesmo em que surgiria a "Revista de Antropofagia".

O movimento da Antropofagia dividiu os modernos; surgindo logo depois da inauguração do Partido Democrático, veio afirmar a separação dos campos no grupo moderno. Primeiro surgira "Terra Roxa e outras terras", depois a "Revista de Antropofagia". Desde o primeiro numero, numa noite em que vinhamos para a cidade no bonde 19, Mario de Andrade me confessara que só para manter o aplomb consentira, em figurar na "Revista", reprovava o revolucionarismo permanente de Oswald.

Logo nesse meio-tempo surgiram desavenças no grupo, tambem no plano das familias que o compunham... Estava-se nas vesperas de desastre economico, o da valorização do café, contra a qual se batera com prescienca exata Clovis Soares de Camargo — estava-se nas vesperas de uma revolução — a da Aliança Liberal — prevista por Paulo Prado, no post-scriptum jamais bastante mencionado do "Retrato do Brasil".

Ausente de S. Paulo, sem poder consultar a coleção, não posso precisar quantos numeros da "Antropofagia" ali se publicaram. Posso assegurar que não foram muitos. Desde os numeros iniciais entrei em choque com o gerente do DIARIO DE S. PAULO, sr. Orlando Dantas, depois proprietario do "Diario de Noticias", porque a "Antropofagia" se mostrava completamente impropria para entrar nos lares. Os chefes de familia e as donas de casa devolviam o DIARIO DE S. PAULO toda a vez que saiam as colaborações dos antropófagos, nessa pagina em que a mais descontrolada tipografia punha as suas notas graficas estranhas, alimentando um texto irreverente, polemico, revolucionado, e até se se quiser maliciosamente livre.

Não deixamos de bombardear as posições adversarias, pois esse sempre foi um dos méritos de Oswald: procurar o adversario para brigar. E ele era o chefe incontestavel do movimento, o seu comando. Anonimamente, uma nota feriu a tal ponto Yan de Almeida Prado, que o autor dos "Três sargentos" julgou dever processar-nos. Exibido o autografo, o que muito divertia Rubens do Amaral, Oswald comparecia ao Forum com o advogado Vicente Rao para nos defender.

Yan queria me ver condenado; não enfrentava nenhum dos maioriais do grupo. Mas logo, numa das primeira audiencias, a coisa virou contra ele: tendo faltado à audiencia, o juiz o condenou nas custas do processo, encerrando a ação. Yan teve de pagar 610 mil réis — na epoca era alguma coisa. A libra esterlina estava estabilizada em quarenta mil réis.

Essas vitorias e a repercussão da revista que recebia colaboração até do Amazonas, que divulgou pela primeira vez em São Paulo os poemas de Ascenço Ferreira, fazendo-se tambem porta-voz de tudo quanto era sentimento anarquista — não obstante o fundo conservador a que tendia Osliou com Deus; Marx, que lhe explicou o homem economico e o levou ao equivoco do comunismo; Nietzsche, cujas constantes de revolta e anarquia haviam de mantê-lo à margem do Estado não obstante a sedução que sentia pelos poderosos do dia. Ao encontrar o nome de Kierkegaard agora nas memorias não me espanta, embora seja uma conquista da maturidade. Nietzsche foi o primeiro, Marx o segundo.

Se havia, porem, em Oswald de Andrade, uma certeza artistica — as suas fidelidades ao movimento modernista sempre procuravam aprofundar mais as suas raizes — já no plano da propria literatura dele, qualquer palpite e fazia modificar frases e até paginas, o que era raro, pois raro o trecho saido de suas mãos em rabiscos de disponibilidade que não estivesse rigorosamente certo na originalidade com que emergia de sua vitalidade poetica, de seu horror ao lugar comum, de sua maneira propria de utilizar a lingua e estabelecer situações.

Quanto mais pura a sua expressão no sentido da primeira versão, tanto melhor; o aprimoramento estragava tudo. Vi-o trabalhar assim, e tambem receber injunções a que absurdamente dava ouvidos para estragar o que tinha produzido... De 1929 a 1934, trabalhei junto com ele; de vez em quando ainda referia o fenomeno da antropofagia, não obstante tivesse colocado o seu teatro sob outro prisma, o do interesse socializante, cujo prefacio se acha em "Serafim Ponte Grande", prefacio de livro que é todo o prefacio de uma fase de sua vida: aquele que se desenvolveu sob o signo de Marx. E foi deselegante e condenavel, da parte dele, atribuir essa fase à inspiração de uma revolucionaria daqueles tempos, tambem a bordo do equivoco comunista. Pode-se dizer que muito poucos escaparam a esse equivoco, sem ser necessario atribuir o caso a esta ou àquela influencia. Oswald de há muito atingira a maioridade, quando teve a

E aconteceu, nesses primeiros meses de 1929, que o DIARIO DE S. PAULO, dirigido pelo jornalista Rubens do Amaral, oferecia aos antropofagos extremados uma pagina semanal, para a continuação da "Revista de Antropofagia", que em meio de tantos acidentes interrompera a publicação, com o desligamento do que então dizíamos ser o "grupo do Mario".

Reunida a turma, como houvesse necessidade de um secretario da pagina literaria a fazer-se, entre os nomes de Nelson Tabajara e o meu, Oswald, Raul Bopp e Osvaldo Costa me escolheram. Para a coisa não ficar no caso comum doutros coordenadores semelhantes, o secretario da Antropofagia seria o "açougueiro". Foi, pois, com o "açougueiro Geraldo Ferraz", que se inaugurou a segunda fase da "Revista de Antropofagia", neste jornal. wald na sua estacada capitalista e burguesa — nada disso impediu que Orlando Dantas vencesse e acabasse por fechar o DIARIO DE S. PAULO às nossas idéias anti-sociais, mas em nada subversivas, dada a sua superficialidade.

Nada foi feito, coordenadamente, para demonstrar o todo da doutrina antropofagica. Ela não se baseava porem no irracionalismo; pretendia a explicação cientifica de cada centimetro da linguagem popular para justificar o valor do instinto do povo, e revia a historia patria e americana no choque do missionario, do colonizador, com o indio.

Hoje que nada nos prende mais a esses laços de atividade literaria, pode-se reconhecer em Oswald de Andrade um produto, embora não profundamente marcado, pelas grandes linhas do pensamento do seculo XIX: o Kierkegaard que o conci- doença marxista.

Estas linhas servem, pois, a registrar a passagem pelo DIARIO DE S. PAULO da pagina de Antropofagia, essa chamada "segunda fase", que a não ser aqui possivelmente não encontraria meios de realização. Permitiu-a o senso jornalistico de Rubens do Amaral, que sem abraçar jamais qualquer tendencia do modernismo, sempre lhe deu a acolhida estimuladora, e chegou a promover nesta mesma redação um tribunal de honra para tirar a limpo uma calunia lançada contra a moderna arquitetura. E a verdade foi posta à luz do dia, confundindo o caluniador. Mas isto é outra historia, e aqui estamos apenas recordando a passagem da tribu antropofagica de Oswald, com os seus guerreiros, por esta taba de emprestimo, donde acabamos expulsos, por muito selvagens.



UMA FOTOGRAFIA HISTORICA — Helios Seelinger, **Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia**, Di Cavalcanti e Victor Brecheret, alguns dos elementos de vanguarda que renovaram as artes e as letras do Brasil.

(Continuação)

Leite Criôlo, Belo Horizonte, 8, 1929.

4 pedaços do tenupá oihó

clovis de gusmão escreveu pra "leite criolo"

18 — Moral biologica. Mastigolasinha no estomago do mato, entre correntes de tradições eugenicas culminadas no dever da vingança:

"contam que no tempo longe uma tartaruga matou um gaviãosinho que deixava um filho pequeno. O gaviãosinho um dia foi caçar e encontrou penas no caminho. Chegou em casa contou. A mãe delle disse: meu filho aquellas são penas do teu pae que a tartaruga matou. O gaviãosinho calou-se. Cresceu. Ja grande esperimentou forças no grelo do merity. Não arrancou Disse: inda não tenho forças. Tempos depois voltou e arrancou o grelo do merity: Agora vou vingar meu pae!

20 — Contra a moral — convenção a dignidade humana e descodificada do indio. Conceito novo da virgindade. Espocando nos ritimos da sabedoria indigena. A procreação esteiomãe da sociedade. A ingenuidade natural de todas as cousas na consciencia das energias fecundadoras.

—"no nosso principio appareceu no rio Ukniary uma tribu de mulheres que não podiam ter filhos porque os maridos eram decrepitos. O pagé perguntou: 'Vocês estão tristes? Sim Porque o mundo vae se acabar.

— Tudo isso sem maldade. A virgem tupy, integrada no papel que lhe foi revelado no symbolo da trindade teogonica, sente a humilhação de ver estinta a sua tribu.

23— A idade natural pro contato dos sexos. O codigo supersticio das mboiararas moradoras dos lagos mais gostoso do que o artigo 268. No ritual da cobra dagua.

— "quando alguma moça era suspeita de ter perdido a virgindade, ante da puberdade completa, os paes a levavam pro lago da mboiarara. Ficavam na beira cantando: "arara, arambóia, cucecui meiú". Se a moça era virgem, a cobra recebia os presentes que ela lhe levava e ia-se embora, cantando tambem. Se não, comia-a dando roncos que abalavam a terra".

— Claro que a moral despida de preconceitos estereis. Mas dentro de um fundamento esato de eugenia. A sabedoria dos feiticeires escorando apenas a grandeza da tribu. Sem violentar os dominios do instinto

31 — Da legislação cosmica em que as potencias teogonicas atuam sobre os incendiarios de mato ou os matadores de caça-parida, passamos á legislação vida-e-sexo. Sem Freud. Nem organisação sovietica. Antes de Vienna e Moscou a inteligencia que sobe do mato.

— Pela legitimidade dos filhos do boto. E contra a solidariedade principio selecionador.

— Deante do imperialismo papal o comunismo sadio dos moruhixabas selvagens. A lei de Yurupary.

— A reciprocidade do braço. Deus das revelações reciprocas de hospitalidade.

Rio.

Leite Criôlo, Belo Horizonte, 15, 1929

anthropophagia

Ainda supportei essa tal historia de anthropophagia até o tempo em que isso não passava de uma brincadeira de rapazes intelligentes. Achava até muita graça nessa pôse literaria em que alguns moços de S. Paulo se pintaram e imitaram tão bem os cahétes. A sua interessante "Revista de Anthropophagia" era uma especie de fogueira onde eram assadas, em espeto, as victimas da literatura braba dos moços paulistanos.

A revista desses inquietos tinha coisas engraçadas. Dizia o Antonio de Alcantara Machado, uma das mais agudas sensibilidades do movimento, que a revista não tinha nenhum pensamento nem nenhuma direcção: só tinha era estomago. E que era como o avestruz: comia tudo. Adiantava mais que quando não tivesse mais o que comer, se comiriam uns aos outros.

Mas essa sêde de sangue em que andavam os moços de S. Paulo era o que se pode chamar, com grammatica e tudo, uma metaphora. Ou uma "subtil imagem" como diria o poeta parnasiano, muito meu amigo. A fome de carne humana era somente uma exhibição literaria, mas sem consequencias. Tanto que ia tudo correndo bem, na santa paz de Nosso Senhor.

Agora os anthropophagos de dentes obturados e de collete sopraram o foguinho da fogueira, botaram mais lenha, para nella sacudir tudo quanto é brasileiro que não quer comer gente.

Com essa attitude de menino bêsta que não vestiu por castigo a roupa nova no domingo, os modernos querem nos mostrar que não acreditam em Deus nem em forças divinas. Até o poeta Raul Bopp escreveu uma historia do principio do mundo. "No principio só existia era o Sol e a Cobra Grande", mais ou menos isto. Porem eu garanto que os anthropophagos vão a egrejá, assistem a missa com a uncção dos crentes e rezam, graças a Deus, o seu Padre-Nosso.

Ha tanto ardor nesse tal "patriotismo de idéas", entre os taes primitivistas, que Oswald de Andrade rompeu com as do mano Mario, somente porque o criador do "Macunaima" não se sujeitou ao seu plano de botar Jesus Christo para fora do territorio brasileiro. Mas Oswald nisso se pareceu com um menino teimoso que sujou a camisa do irmão mais velho porque este não quiz ir brincar na beira da cacimba.

O Alcantara Machado, para mim a mais curiosa figura, fugiu do grupo. E coisa interessante é que nomearam Jorge de Lima, homem de convicções catholicas, agente de anthropophagia aqui em Alagoas.

O que eu acho é que se ha essa vontade de prohibir a literatura, o que deviam fazer era mandar um desses homens que gostam de comer gente até aqui: somente para comer a mão direita de certos intellectuaes. Bopp bem nos servia. Elle teria a coragem de botar um lenço na bocca de muito orador cacête que parece caricatura do Pacheco.

VALDEMAR CAVALCANTI.
(Alagoas)

MUNDO DAS LETTRAS

DE ANTROPO PHAGIA

ALGUMAS NOTAS SOBRE O QUE JA' SE TEM ESCRIPTO EM TORNO DA NOVA DESCIDA ANTROPOPHAGICA DA NOSSA LITTERATURA

1) — "Antropophagia é o culto á esthetica instinctiva da terra nova. E' a reducção a cabrecos, dos Idolos importados para ascensão dos totems raciaes. E' a propria terra da America filtrando, expressando através dos temperamentos vassalos dos seus artistas". (Oswaldo de Andrade). Nasceu mais da necessidade de um povo do que dos requintes da intelligencia de um homem. E dahi encontrar a sua verdadeira historia nas provas fortes da nacionalidade.

A mocidade de São Paulo é sempre inquieta, vigorosa e brasileira. Depois de despertar o Brasil com a semana de arte moderna, em 1922, reunindo-o para as clarinantes manhãs da renovação, funda, em 1929, o grupo antropophagico. A antropophagia não é outra coisa que a volta — porque muitas vezes marchar não é sinão voltar — no verdadeiro espirito de brasilidade. São Paulo e Rio, Minas e Porto Alegre, Cataguazes tambem, todos com a semente da antropophagia victoriosamente plantada.

O communicado que ora se publica veio de São Paulo. Especialmente para o JORNAL DO COMMERCIO. E outras publicações sahirão sobre a antropophagia. A de hoje diz muito bem o que ella seja. Quem a escreveu? Todos elles: Raul Bopp, Oswald e Mario de Andrade, Oswaldo Costa, Alvaro Moreira, Manfredini, Clovis de Gusmão, Alcantara Machado, Tarsila do Amaral, etc. e etc.

Leiam-na! pois que a mocidade recifense deve iniciar-se ás de São Paulo, Minas, Rio, etc., nessa "descida antropophagica", que é a victoria do "principio da nacionalidade intellectual e moral da nossa tribu."

E aguardem o resto.

(continuação)

Porque de todos os movimentos que o Brasil tem tido hoje, antropophagia é, sem duvida, o que vem de mais mais fundo e que, por isso mesmo, se eleva mais alto. Não foi inventado. Nem importado. Foi descoberto, aqui, mesmo, por Oswaldo de Andrade, que encontrou a sua expressão vocabular na pintura barbara e inteiramente nova de Tarsila do Amaral. Teve, como escola de brasilidade, os seus precursores. Como movimento geral de idéas nativas e libertarias é unico nos nossos quatro seculos de existencia. — E' o germe da mentalidade que irá combater na segunda guerra contra esses mesmos emboabas de outros tempos, transformado agora em idéas, despido da contingencia physica e, assim, mais infiltrante, nocivo e forte." (Jurandyr Manfredini). "Antropophagia é o principio da nacionalização intellectual e moral da nossa tribu. Sómente ella — diz Oswald de Andrade — "Identifica o conflicto existente entre o Brasil cabocla, verdadeiro, e o outro que só traz o nome. Porque no Brasil HÁ a distinguir a elite, o europêu, do povo, brasileiro. Os antropophagos preferem ficar com este, contra aquella. Em formação do mameluco, do europeu descontente, do bom aventuroso e sorrido pelo indio, e contra a mentalidade reinol, contra a cultura occidental, contra o governador, contra o [illegible] para o Santo Officio. E [illegible] tem a certeza de construir, no Brasil, a grande nação brasileira. Porque a descida antropophagica não é uma revolução litteraria. Nem social. Nem politica. Nem religiosa. Ella é tudo isso ao mesmo tempo. Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está o que os sabios ignoram — na transformação do tabú, em totem. A autoridade exterior, ou melhor a interdição climaterica no mais largo sentido, é o tabú. Que é antropophagia? A absorpção do ambiente.

II) — Os antropophagos não são modernistas. Para elles se torna plenamente inutil rejuvenescer uma personalidade que os não satisfaz. (Todas as nossas reformas, todas as nossas reacções — continúa Oswald d Andrade — costumam ser feitas dentro do bonde: a civilização importada. Precisamos saltar do bonde, precisamos queimar o bonde). Mas tambem não são primitivistas. Oswaldo Costa esclarece: — Não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é a simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural, feia, bruta, ágreste, barbara, illogica. Instincto contra verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese. Sem a duvida, sem sequer a presumpção da existencia da duvida. nú, natural, antropophago."

Essa abstração da duvida é que norteia a parte' por assim dizer, restilizadora da philosophia antropophagica. Porque a verdade é que os antropophagos não têm a preoccupação essencial de ir contra a religião. Para elles "toda legislação é perigosa". E os proprios preconceitos tambem. Quando os selvagens brasileiros deglutiram d. Pedro Sardinha nem suspeitaram que elle fosse bispo. Comeram o emboaba, o invasor. Hoje, como hontem, os antropophagos não possuem questões de ordem pessoal: — é a carne, é a idéa. O problema religioso foi morreu, aliás, uma formula conciliatoria: Raul Bopp, em longa carta divulgada no Paraná, por Jurandyr Manfredini, fala das "já bem fundas raizes do catholicismo no Brasil". E conclue adeante: Mas, "com quatro seculos de sol dessas latitudes, o nosso povo foi fazendo reacomodação aos cathecismos e summas theologias. Creou uma religião á sua semelhança. Catholicismo gostoso com largas concessões profanas. Com foguetes e festas do Divino. Com procissões e novenas de São Benedicto, onde o negro brinca de rei nas tamboreadas da festa do Congo. O que é, é. Não vamos bulir com isso. Nada de discordancias nesse ponto. Já temos uma veterinaria religiosa; rezas de curar bicheira, etc. Tudo serve. Cabem na mesma fé os ritmos de macumba e da missa de gallo. Os santinhos do escapulario e a [illegible]

Pode-se até, si vocês quizerem, augmentar o santoral brasileiro. Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, Virgem Maria das Maleitas. O caboclo não gasta muito fé em promessas para depois da morte. Elle prefere aqui mesmo, a formula do "quero goiá", de Oswaldo Costa. Respeita o padre e a policia, quando é preciso.

III) — De tudo isso se conclue que a antropophagia "é a revolta da sinceridade recalcada durante quatrocentos annos. A reacção da paisagem contra o tempo. Do nativo contra o importado. Do ingenuo contra o artificioso. Da claridade natural contra a sombra da philosophia. Da terra (que é nossa), contra a estranja (de outros) ou o infinito (sem dono). Da espontanea contra a moral, a disciplina, o systema. Da inferioridade do mestiço que trabalha, contra a superioridade do aryano corroido pelo vicio e pela molleza das decadencias. O Brasil precisa voltar ao seu cyclo elementar é ao predominio dos sentidos. Crear por si mesmo a idade do instincto de que o exilaram". (Cloris de Gusmão). "Somos o fruto de uma deformação inquisitorial, traduzida em portuguez quinhentista pela violenta mediocridade do padre Vieira, affirma Oswald de Andrade. — Mas a falsificação do nosso typo nativo havia de acabar — como acabou — pela ravanche de sua integral antropophagia. E dahi essa reivindicação do espirito natural a que se poderia chamar o movimento do homem, parallelo ao movimento da terra." A antropophagia, corrigiu a impossibilidade do fechamento dos portos pelo mais ingenuo e brasileiro processo nacionalizador que é essa assimilação das qualidades. Só a communhão antropophagica resolverá o problema da formação da lingua brasileira e do Brasil brasileiro. Sem roupagens. Sem artificios. Cheio de arestas e de personalidade. Porque o indio despido é a imagem decisiva do ingenuo, do sincero, do realmente justo. E' a expulsão de todos os adornos que sobravam. E que, por isso mesmo, não fazem falta. E' a physionomia que se caracteriza por si mesma. Aggressiva. Barbara. Como a propria terra. Mas a terra bolando nas lendas da cobra grande e ainda com aquelle imaginario fio umbellical que a prendia ao yperungaúa que é o principio mais longe de todas as coisas.

7.1. MODERNISMO BRASILEIRO

ALMEIDA, P.M. de - Clube dos Artistas Modernos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 1 nov. 1958.

AMARAL, A. - Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo, Martins, 1970.

ANDRADE, M. - Macunaíma. São Paulo, Martins, s.d.

———— Mário de Andrade Táxi: Diário Nacional. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

———— Poesias completas. São Paulo, Martins, s.d.

ANDRADE, C.D. de - O antropófago. Correio Paulistano, São Paulo, 24 out. 1954. p. 3.

ANDRADE, O. de - O antropófago Oswald de Andrade. Manchete, Rio de Janeiro, 3 jan. 1953.

———— Conversa com Oswald de Andrade. Trópico: revista de cultura e turismo. São Paulo, 1 (2) : 9-10, maio 1950. (Entrevista a Aurasil Brandão Joly).

———— Conversando com Oswald de Andrade. Gazeta do Povo, Curitiba, 1950. (Entrevista a Milton Carneiro , Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

———— Entrevista. O Jornal, Rio de Janeiro, 18 maio 1928.

———— O êxito na terra substitui a esperança no céu. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 12 dez. 1947.

———— "Informes sobre o Modernismo", 1946. Ms. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP).

———— Do Modernismo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 7 jun. 1952. (Seção Telefonema).

———— "Novas dimensões da poesia", 1949. Ms. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP.

———— Obras completas. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1972/1972/1974. v. 5,6,10.

———— "O sentido do interior", 1948. Ms. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP.

ATHAYDE, T. de - Gente de amanhã. O Jornal, Rio de Janeiro, 22 jan. 1928.

———— Neo-indianismo. O Jornal, Rio de Janeiro, (xerox s.n.t., recorte do Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

BASTOS, Oliveira - Oswald de Andrade e a antropofagia. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 jun. 1971.

BOAVENTURA, M.E. - O Movimento Brasileiro: contribuição ao estudo Modernismo. São Paulo, Cons. Estadual de Cultura, 1978.

BOPP, R. - Movimentos modernistas no Brasil. Rio de Janeiro, São José, 1966.

——— Vida e morte da antropofagia. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1976.

BOSI, A. - História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1970.

CACCESE, N. - Festa: contribuição ao estudo do Modernismo. São Paulo, IEB-USP, 1971.

CAMARA, J.A. da - Antropofagia: revolta da sinceridade recalcada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 ago. 1957.

CANDIDO, A. - A hora é difícil, mas em um canto alguém pode estar criando. Visão, São Paulo, 28 fev. 1972. p. 121

——— Literatura e sociedade. São Paulo, Nacional, 1965.

——— & CASTELLO, J.A. - Presença da literatura brasileira. São Paulo, Difel, 1964. v. 3.

CHALMERS, V.M. - 3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo, 1976.

DEL PICCHIA, M. - Oswald o destruidor. A Gazeta, São Paulo, 6 nov. 1954.

DOYLE, P. - História de revistas e jornais literários. Revista do Livro, Rio de Janeiro, 13 (41) : 54-70, abr./jun. 1970.

ESTADO de Minas, Belo Horizonte, 12 maio 1929.

FERNANDES, L. - 71 cartas de Mário de Andrade. Rio de Janeiro, São José, s.d.

FERRAZ, G. - Os antropófagos do Diário de São Paulo, Diário de São Paulo, São Paulo, 21 nov. 1954. Seção Vida Literária.

GOMES, P.E.S. - Os azes de Cataguases. Língua e Literatura. São Paulo, 4 : 469, 1975.

GREMBECK, M.H. - Mário de Andrade e l'Esprit Nouveau. São Paulo, IEB-USP, 1969.

INOJOSA, J. - O movimento modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro, Tupy, 1969.

LIMA, A.A. - Literatura suicida. In: - COUTINHO, A., org. - Estudos literários. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.

——— Primeiros estudos. Rio de Janeiro, Agir, 1948.

MARTINS, H. - Canibais europeus e antropófagos brasileiros. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 nov. 1 1968. p. 1-3.

MARTINS, W. - O modernismo. São Paulo, Cultrix, 1965.

NUNES, B. - O Modernismo e as Vanguardas. Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, 26 abr. 1969. p. 4; 3 maio 1969. p. 7; 10 maio 1969. p. 6-7; 17 maio 1969. p. 6-7.

——— Sob as ordens da mamãe. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 maio 1964. Supl. Lit. p. 1.

RICARDO, C. -"Carta a Oswald de Andrade".São Paulo, 3 out. 1947. Arquivo Oswald de Andrade, IEB-USP.

——— O neo-indianismo de Oswald de Andrade. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 dez. 1963. Supl. Lit. p. 1.

ROSSETTI, M. et alii. - Brasil: 1º tempo modernista 1917-1929: Documentação. São Paulo, IEB-USP, 1972.

SILVEIRA, T. da - Definição do Modernismo. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Forja, 1932.

WEBER, J.E. - Do Modernismo à nova narrativa, Porto Alegre, Movimento, 1976.

7.2. BIBLIOGRAFIA GERAL

ACKROYD, P. - Notes for a New Culture: An Essay on Modernism. New York, Barner, 1976.

ALBÉRÈS, R.M. - Le comique et l'ironie. Paris, Hachette, 1973.

ALQUIÊ, F. - Philosophie du surréalisme. Paris, Flammarion, 1977.

AMOSSY, R. & ROSEN, E. - La dame aux catteyas: fonction du pastiche et de la parodie dans "A la recherche du temps perdu". Littérature, Paris, 14 : 55-64, 1974.

ANDRADE, O. de - A sátira na literatura brasileira. Boletim Bibliográfico. São Paulo, Biblioteca Pública Municipal, 7 : 1945.

ARAGON, L. - Un art d'actualité: Jiri Kolar. Lettres Françaises, Paris, 7 mai 1969. p. 25-26.

_____ L'homme coupé en deux. Lettres Françaises, Paris, 8 mai 1968. p. 39.

_____ Lautréamont et nous. Lettres Françaises, Paris, 8 juin 1967, p. 3-9.

———— Le paysan de Paris. Paris, Gallimard, 1976.

———— A quoi pensez-vous. Les Écrits Nouveaux. Paris, 2 (819): août/sep., 1921.

ARP, J. - Arp on Arp: Poems, Essays, Memories. New York, 1972.

ARRIVÉ, M. - Les langages de Jarry. Paris, Klincksieck, 1972.

———— Lire, dé-lire. Pratiques, Metz, 718 : 7-20, 1975.

———— Lire Jarry. Bruxelles, Complexes, 1976.

ARTATOV, B. - Arte, produzione e rivoluzione proletaria. Firenze, 1973. p. 124-130.

ATHAYDE, T. de - Vida literária: humorismo. O Jornal, Rio de Janeiro, 23 out. 1927.

AVNI, O. - Lautréamont texte lecture surcharge. L'Esprit Créateur, 4 (18) : 35-46.

BABILAS, W. - Le collage dans l'oeuvre critique et littéraire d'Aragon. Revue des Sciences Humaines, Paris, 38 (151) : 329-354, 1973.

BAKHTINE, M. - L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance. Paris, Gallimard, 1970.

———— La poétique de Dostoievski. Paris, Seuil, 1970.

BARBOSA, J.A. - "A linguagem e a realidade do Modernismo de 22". In: - A metáfora crítica. São Paulo, Perspectiva, 1974. p.

BARILI, R. & GUGLIEMI, A., org. - Grupo 63: crítica e teoria. Milano, Feltrinelli, 1976.

BARTHES, R. - Le plaisir du texte. Paris, Seuil, 1973.

———— S/Z. Paris, Seuil, 1970.

BAUDELAIRE, C. - Oeuvres. Paris, Pléiade, p. 710-728.

BAUDOIN, D. - Jeux des mots surréalistes: l' expérience du proverbe. Symposium, New York, 24 (4) : 293-302, 1970.

BEAUDOIN, N. - Les pamphlets contre Anatole France. La Vie des Lettres et des Arts. Paris, Nouvelle Série, 18 : 72. (Xerox s.d.).

BEAUJOUR, M. - Le jeu de Rabelais. Paris, L' Herne, 1969.

BECKSON. K. & GANZ, A. - A Reader's Guide to Literary Terms. New York, Noonday Press, 1960.

BÉHAR, H. - Le collage ou la pagure de la modernité. Cahiers du 20e. Siècle. Paris, 5 : 46-47, 1975.

BENJAMIN, W. - Avanguardia e rivoluzione. Torino, Einaudi, 1975.

BERGSON, H. "Essai sur la signification du comique". In: - Oeuvres. Paris, PUF, 1963. p. 381-485.

BEUGNOT, B.- Un aspect textuel de réception critique: la citation. Oeuvres et Critiques, Paris, 1/2 : 5-19, 1976.

BLANCHOT, M. - Lautréamont et Sade. Paris, UGE, 1967.

BLUMENKRANZ-ONIMUS, N. - Du futurisme italien aux mouvements dada et surréaliste. Europe, Paris, nov./déc. : 206-216, 1968.

BOBROWNIKA, M. - Le courant classique dans les littératures slaves occidentales et méridionales à l'époque du Modernisme. Neohelicon, Budapest, 2 (3/4) : 68-92, 1974.

BOLD, A.-Modernism in Modern Life. London, The Open Univ. Press, 1975.

BOOTH, W. - A Rethoric of Irony. Chicago, Univ. Press, 1974.

BORY, J.F. - Raoul Hausmann: textes. Paris, L'Herne, 1972.

BOSI, A. - As letras na Primeira República. In: - FAUSTO, B., org. - História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano. III - Sociedades e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro, Difel, 1977.

BOUCHÉ, C.-Lautréamont. Paris, Larousse, 1976.

BRADBURY, M. & MACFARLANE, J., ed. - Modernism, 1890-1930. Middlesex, Penguin, 1976.

BRECHT, B. - Scritti sulla letteratura e sull'arte. Torino, Einaudi, 1975.

BRETON, A. - Documentos politicos del surrealismo: año 1935. Madrid, Fundamentos, 1973.

——— Manifestes du surréalisme. Paris, Gallimard, 1965.

——— Les pas perdus. Paris, Gallimard, 1974.

——— Le surréalisme et la tradition: perspective cavalière.

BRION-GUÊRY, L., org. - L'année 1913. Paris, 1971. v. 2.

BRITO, M. da S. - "O humorismo". In: - Cartola de mágico. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1976. p. 40-48.

BUTOR, M. - La critique et l'invention. Critique, Paris, déc. : 983, 1967.

——— Je ne suis pas un iconoclaste. Lettres Françaises, Paris, 6 : 13 avr. 1967.

BYA, J. - Entre texte et lecture. In: - Littérature et ideologie. Colloque de Cluny 11. Paris, La Nouvelle Critique, 1970.

CABANE, P. - Le siècle de Picasso. Paris, 1975. t. 1.

CAHIERS du 20e. Siècle. Paris, 6, 1976. Número especial sobre a paródia.

CALINESCU, M. - Avant-Garde: Some Terminological Considerations. Yearbook of Comparative and General Literature, 23 : 67-78, 1974.

——— L'avant-garde littéraire en Roumaine et ses rapports avec la poésie roumaine de la 1ère moitié du siècle. Studii de la Literatura Comparata, Bucarest, 249-262, 1968.

——— Avant-Garde, Neo Avant-Garde, Post-Modernism: The Culture of Crisis. CLIO, 4 (3) : 317-340, 1975.

——— Faces of Modernity: Avant-Garde, Decadence, Kitsch. Indiana, Univ. Press, 1977.

CARADEC, F. - Dada sans/avec paragon. Cahiers de l'Association Internationale pour l'Étude de Dada et du Surréalisme, Paris,

CARUSO, L. - Ibernazione: teoria e storia della citazione. (Xerox s.n.t.).

——— Tavole parolibere futuriste: 1912-1944. Napoli, Liguori, 1977.

CATALOGUE Dada/Surrealism. London, 1978.

CATALOGUE Paris/Berlim. Paris, Centre Georges Pompidou, 1978.

CEBE, J.P. - La caricature et la parodie dans le monde romain antique des origines a Juvenal. Paris, Boccard, 1966.

CERQUIGLINI, J. - L'écriture proverbiale. Revue des Sciences Humaines, Paris, 41 (163) : 360-373, 1976.

CHATEAU, D. - Montage et récit. Cahiers du 20e. Siècle, Paris, 9 : 1978.

CIXOUS, H. - Joyce, la ruse de l'écriture. Poétique, Paris, 4 : 57, 1970.

COLLAGE et montage au théâtre et dans les autres arts durant les années vingt. Paris, La Cité, 1978.

COMPAGNON, A. - La seconde main ou le travail de la citation. Paris, Seuil, 1979.

COURVILLE, M. de - Le pastiche et la parodie chez Jules Lemaître. Cahiers de L'Association Internationale d'Études Françaises, Paris, 12 : 31-41, 1960.

LA CRITICA e Palazzeschi. Bologna, Cappelli, 1975.

CURTIUS, E.R. - "Setenças e exemplos". In: - Literatura européia e idade média latina. Rio de Janeiro, INL, 1957. p. 60-63.

D'AMBROSIO, M. - Dalla poesia collage alla poesia visiva: svilup pi di una poetica. Anali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Napoli, Napoli, 16 (4) : 335-354, 1973-1974.

DECOTTIGNIES, J. - Un langage ésotérique. Revue d'Histoire littéraire de la France, Paris, 3 : 456-465, 1974.

DELESALLE, S. - La poésie d'Apollinaire et le calembour. Europe, Paris, 451/452 : 56-112, 1966.

DE MARIA, L. Per connoscere Marinetti e il futurismo. Milano, Mondadori, 1973.

DICIONÁRIO das Ciências da Linguagem. Lisboa, Dom Quixote, 1974.

DIGRAPHE. Paris, 6 : 141-165, 1975. Número especial sobre Vanguarda.

DUBOIS, P. - Esthétique du collage: un dispositif ruse. Annales d'Esthétique, Athénes, 15-16 : 1976/1977.

———— Le Collage. Paris, Centre Nationale de Documentation Pédagogique, 1978.

DUROZOI, G. & LECHERBONNIER, B. - O surrealismo. Coimbra, Almedina, 1976.

ÉLUARD, P. - Oeuvres complètes. Paris, Pléiade, 1968.

ENEL, F. - L' affiche. Paris, Maison Marne, 1971.
ENZENSBERGER, H. - Letteratura e/o rivoluzione. Milano, Feltrinelli, 1970.
ERNST, M. - Écritures. Paris, Gallimard, 1970.
ESTIVALS, R. - L'Avant-Garde. Paris, Bibliothéque Nationale, 1968.
———— Schémas pour l'Avant-garde. Revue de l'Université de Bruxelles, Bruxelles, 242-291, 1976.
EUROPE: revue littéraire mensuelle. Paris, 53 (551-552) : mars/avr. 1975. 2 v. Número especial: Les Futurismes.
EUROPE: revue littéraire mensuelle. Paris, 53 (555-556) : juil./août, 1975. Número especial: Tristan Tzara.
FAUCHEREAU, S. - Expressionisme - dada - surréliśme. Paris, Denöel, 1976. 2 v.
FAULKNER, P.M. - Modernism. London, Methuen, 1977
FAYE, J.P. - Télemaque ou la réecriture. Lettres Françaises, Paris, 27 avr. 1967. p. 9.
FERES, N. - A aurora de arte no século XX. São Paulo, 1972. Mimeogr. (Tese de Dout. Dep. de Lingüística e Línguas Orientais, Fac. Fil. Let. Ciên. Hum., USP).
FERRONI, G. - Il comico nelle teorie contemporanee. Milano, Bulzoni, 1974.
FOULCAULT, M. - As palavras e as coisas. Lisboa, Portugália, s.d.
FRANCO, J. - Criticism and Litterature within the Context of a Dependent Culture. In: - FOULKES, A.P. - The Uses of Criticism. Bern, Herbert Lang, 1976.
———— La parodie, le grotesque et le carnavalesque. In: - Idéologie et societé en Amérique Latine. Bruxelles, Univ. de Bruxelles, 1975. p. 56-75.
FREEMAN, R. - Parody as a Literary Form: George Herbert and Wilfred Owen. Essays in Criticism, 4 : 308-322, out. 1963.
FREUD, S. - Totem et tabu. Paris, Payot, 1923.
FRIEDRICH, H. - Montaigne. Paris, 1968.
FRIEIRO, E. - A ilusão literária. Belo Horizonte, Bluhm, 1941.
GALOPENTIA-ERETESCU, S. - Grammaire de la parodie. Cahiers de l Linguistique Théorique et Appliquée, Bucarest, 9 : 167-181, 1969.
GIANNETTO, N. - Rassegna sulla parodie in Letteratura. Lettere Italiane, Firenze, 4 (29) : 461-481), 1977.

GRAMSCI, A. - Letteratura e vita nazionale. Torino, 1954.
———— Scritti politici. Roma, 1967. p. 532-536.
GREENBERG, C. - Art and Culture. Boston, Beacon Pres, 1967.
GROSSMAN, M.L. - Montage in the Dada Poetry of Tristan Tzara. Dada/Surrealism, New York, 4 : 52-56,
GUGLIEMI, G. - Avanguardia e sperimentalismo. Il Verri, 8, 1966.
HAMON, P. -"Note sur le texte visible". In: - Missions et démarche de la critique. Paris, 1973.
HAUSMANN, R. - Courrier dada. Paris, Lorsfeld, 1958.
HIGHET, G. - The Anatomy of Satira. New Jersey, Princeton Univ. Press, 1962.
HOLANDA, S.B. de - Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
HUBERT, R. R. - "Collages and Surrealist". In: - From Surrealism to Absurd. Texas, 1970.
HUGNET, G. - L'aventure dada. Paris, Seghers, 1971.
HUTTON, H. - The Technique of Collage. London, Batsford, 1968.
IDT, G. - La parodie: rethorique ou lecture. Le discours et le sujet. Paris, Univ. Paris X, 1974. p. 128-172 (mimeogr.).
IKEGAMI, Y. - A Linguistic Essay on Parody. Linguistics, The Hague, 55 : 13-31, 1969.
ILLÉS, L. - "Vieilles querelles sur l'Avant-Garde". In: - Littérature hongroise-littérature européene. Budapest, 1934. p. 449-472.
JANIS, H. & BLESH, R. - Collage: Personalities. Concepts, Techniques. Philadelphia, Chilton, 1967.
JAUSS,H. - História literária como desafio à ciência literária. Porto, Livros Zero, 1974.
JENNY,L - Structure et function du cliché. Poétique, Paris, 3 : 495-517, 1972.
JOHNSEY, W. - Toward a Redefinition of Modernism. Boundary, 2 : 539-556, 1974.
JOLLES, A. - Formas simples. São Paulo, Cultrix, 1976.
KIREMIDGIAN, G.D. - The Aesthetics of Parody. Journal of Aesthetics and Art Criticism, Maryland, 1 (28) : 231-242.
KOLAR, J. - Collages. Torino, Einaudi.
KRAMER, H. - The Age of the Avant-Garde. New York, Strauss and Giroux, 1973.

KUENTZ, P. - Un discours nommé Montalte. Revue d' Histoire Littéraire de la France, Paris, 2 : 195-206, 1971.

LAUSBERG, H. - Manual de retórica literaria. Madrid, Gredos.

LAZARIDÈS, A. - Vers une poétique du dialogue: analyses des dialogues de P. Valéry.Montreal, 1975.

LEBÈGUE, R. - Rabelais et la parodie. Bibliothéque d'Humanisme et Renaissance, Paris, 14 : 193-204, 1952.

LECERF, Y. - Des poèmes cachés dans des poèmes. Poétique, Paris, 18 : 137-159.

LEFÈBVRE, H. - Introduction à modernité. Paris, Minuit, 1962.

LEROY, C. - "Si ce n'est toi... ou Macbett contre Macbeth". In: - Le discours et le sujet. Paris, Nanterre, 1972-1973.

LIMA, A.A. - Humanismo e veneração. In: - COUTINHO, A., org. - Primeiros estudos: contribuição à história do Modernismo literário. Rio de Janeiro, Agir, 1948. p. 142-148.

LUKACS, G. - Realismo crítico. Brasília, Coordenada, 1969.

LUPERINI, R. - Letteratura e ideologia nel primo novecento italiano. Pisa, Pacini, 1973.

MAGNELLI, A. et alii - Actualité du collage. Les Lettres Françaises, Paris, 19 nov. 1969. p. 14.

MAHARG, J. - From Romanticism to Modernism: The "Poems-piadas" of Oswald de Andrade as Parodies. Luso Brasilian Review, 2 (13) : 220-30, 1976.

MARCU, E. - Répertoire des idées de Montaigne. Généve, 1965.

MARIATEGUI,J.C. - Pervàniçemos al Peru. Lima, Amanta, 1973.

———— Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

MARINO, A. - Le moderne et l'évolution de conscience littéraire. Diógene, Paris, 77 : 111-132, 1972.

———— Modernisme et Modernité: quelques precisons sémantiques. Neohelicon, Bucarest, 3/4 : 307-318, 1974

———— Moderne et nouveau, approche sémantique-historique. Cahiers d'Études Littéraires, Bucarest, 2 : 64-73, 1973.

MARKIEWICZ, H. - On the Definitions of Literary Parody. In: - To Honor Roman Jakobson. The Hague, Mouton, 1967. p. 1264-1272.

MARTINS, M. - O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa do Quatrocentos. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

MASINI, F.-Brecht e Benjamin. Bari, De Donato, 1977.

MAŲTNER, F.H. - Maximes, sentences, fragmente, aphorismen. In: - Actes du IVe. Congrés de l'Association Internationale de Littérature Comparée, The Hague, 2 : 812-819, 1966.

MAYENOWA, M.R.-Expressions guillemetées: combination à l'étude de de la sémantique du texte poétique. In: - Sign Language Culture. The Hague, Mouton, 1970. p. 645-647.

MAYOUX, J. - Parody and Self-Mockery in the Work of James Joyce. English Studies Today. Edinburg, 3 : 187-198, 1964.

MCLUHAN, M.-From Cliché to Archetype. New York, 1970.

———— Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1969.

MEYER, H. - The Poetics of Quotation in the European Novel. Princeton, 1968.

MICELI, S. - Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). São Paulo, Difel, 1979.

MISE en accusation et juge de M. Barrés. Paris, 13 mai, 1921. (Prospectus).

MON, F. - "Collage in der Literatur". In: - Prinzip Collage. Berlin, Luchterhand, 1968. p. 60-62.

MOORE, H.T. - Age of the Modern and Other Literary Essays. Illinois, Southern Illinois Univ., 1971.

MORAWSKI, S. - The Basic Functions of Quotation. In: - Sign, Language, Culture. The Hague, Mouton, 1970.

MOREL, J.P. - Roman de montage et poétique historique. Revue de Littérature Comparée, Paris, 2 : 241-247, 1977.

MOTA, C.G. - Ideologia da cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1977.

MOVIMENTOS de vanguarda na Europa e modernismo brasileiro (1909-1924). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976.

MUECKE, D.C. - Irony. London, Methuen, 1970.

NAPOLI, R. - Lanterna Verde. São Paulo, IEB-USP, 1970.

NESSELROTH, P.W. - Form and Meaning in "Le paysan de Paris". Da-Da/Surrealism, New York, 1975.

NOSLÓPY,G.T. - The Embourgeoisement of the Avant-Garde Art. Diógenes, Montreal, 67 : 83-108, 1969.

OBRECHTS-TYTECA, L. - Il comico del discorso. Milano Feltrinelli, 1977.

PALERMO, S. - Il primo novecento nelle riviste fiorentina Lacerba. Napoli, Dehoniane, 1974.

PAULHAN, J. - "L'expérience du proverbe". In: - Oeuvres complètes. Paris, Cercle Precieux, 1966.

PERNIOLA, M. - Bataille e il negativo. Milano, Feltrinelli, 1977.

PERRONE-MOISÉS, L. - L'intertextualité critique. Poétique, Paris, 27 : 372-384, 1976.

PFRIMMER, E. - Brecht et la parodie: Arturo Ui. Études Germaniques, Paris, 1 : 73-88, jan./mars, 1971.

PICABIA, F. - Écrits:1913-1920. Paris, Pierre Belford, 1975.

LE PHOTOMONTAGE. Paris, Chêne, 1976.

POGGIOLI, R. - Teoria dell' arte d'avanguardia. Milano, Mulino, 1962.

LA QUINZAINE Littéraire, Paris, 1978. Nº 6 sobre a exposição Paris-Berlin

POUND, E. - Abc da literatura. São Paulo, Cultrix, 1970.

RABATÉ, J. - La "Missa Parodia" de Finnegans Wake. Poétique, Paris, 17 : 75-95, 1974.

REISZ, K. - A técnica de montagem cinematográfica. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978.

REPLOGLE, C. - Not Parody, not Burlesque: The Play within the Play in Hamlet. Modern Philology, Chicago, 67 : 150-159, 1969.

REVUE d'Esthétique. Collages. Paris, 3/4, 1978.

REVUE de l'Université de Bruxelles. Bruxelles, 1, 1975. Número especial sobre Vanguarda.

RIBEIRO, D. - Teoria do Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

RICHTER, H. - Dada Art and Anti-Art. London, Thames, 1970.

RICORDA, R. - Sciascia ovvero la retorica della citazione. Studii Novecenteschi, Pisa, 16 (6) : 59-93, 1971.

SALA, C. - Les collages de Max Ernst et la mise en question des apparences. Europe, Paris, 475-476 : 131-140, nov/déc., 1968.

SANGUINETI, E. - Ideologia e linguagem. Porto, Portucalense, 1972.

SANOUILLET, M. - Francis Picabia et 391. Paris, Lorsfeld, 1966.

——— Picabia. Paris, L'Oeil du Temps, 1964.

SCALIA, G., a c. di - La cultura italiana del' 900 attraverso le riviste. Torino, Einaudi, 1960/1961.

SCRIABINE, M. - "Collages: reflexions et expérience". In: - Recherches poétiques. Paris, Klincksieck, 1976.

SCRIVO, L. - Sintesi del futurismo: storia e documenti. Roma, Bulzoni, 1968.

SHIPLEY, J. - Dictionary of World Literature. Totowa, Littlefield, 1972.

SKIDMORE, T. - Preto no Branco. São Paulo, Paz e Terra, 1976.

SKLOVSKIJ, V. - Teoria della prosa. Torino, Einaudi, 1976.

ŠKREB, Z. - Valeur cientifique du terme Avant-Garde en littérature. Neohelicon, Bucarest, 314 : 299-306, 1974.

SOLA, A. - Poétique de la déviance. Revue de Littérature Comparée, Paris, 2 : 179-188, 1977.

SOMVILLE, P. - Mosaïque et rupture. Degrés, Bruxelles, 2 (1) : 1-4, 1973.

SPENDER, S. - The Struggle of the Modern. London, 1963.

STAROBINSKI, J. - Portrait de l'artiste en saltibanque. Génève, Skira, 1970.

STERN, R. - Avant-Garde and the Critical Awareness. Analele Universiatii Bucarest: Estetica, Bucarest, 23 : 105-108, 1973.

SULLEROT, F. - Des mots sur le marché. Cahiers de l'Association Internationale pour l'Étude de Dada et du Surréalisme, Paris, 3, 1969.

SZABOLCSI, M. - L'avant-garde littéraire et artistique comme phénomène internationale. Actes du Ve. Congrés de l'Association Internationale de Littérature Comparée. Belgrade, p. 317-334, 1969.

———— Avant-Garde, Neo-Avant-Garde, Modernism. New Literary History, Virginia, 3 : 49-70, 1971.

TETEL, M. - La valeur comique des accumulations verbales chez Rabelais. The Romanic Review, 53 : 12-21, 1962.

THIRION, A. - Bavardage et parodie. Les Nouvelles Littéraires, Paris, 26 mai, 1976. p. 6-7.

TROTSKY. L. - "Le futurisme". In: - Littérature et révolution. Paris, UGE, 1964. p. 145-185.

TYNIANOV, J. - Avanguardia e tradizione. Bari, Dedalo, 1968.

———— Destruction, parodie. Change, Paris, 2 : 67-76.

TZARA, T. - Lampistérie precédées des sept manifeste dada. Paris, J. Pauvert, 1963.

———— Le papier collé ou le proverbe en peinture. Cahiers d'Art, Paris, 2 : 61-64, 1931.

VAN ROSSUM, F.G. - Aventures de la citation chez Michel Butor. In: - BUTOR, M. - Colloque de Cerisy. Paris, UGE, 1974. p. 17-54.

VARGA, A. K. - Raisons de l'Avant-Garde. Revue de Littérature Comparée, Paris, 44 : 561-571, 1975.

VIAZZI, G. - Futurismo come organizzazione. ES, Napoli, 5 : 36-60, 1976.

VOLOSHINOV, V.N. - "Exposition of the Problem of the Reported Speech". In: - Marxism and the Philosophy of Language. New York, 1973. p. 116-123.

WEIGHTMAN, J. - The Concept of the Avant-Garde. London, Alcove Press, 1973.

WEISGERBER, J. - Les Avant-Gardes littéraires. Neohelicon, Budapest, 2 (3/4), 1974.

———— The Use of Quotations in Recent Literature. Comparative Literature, Oregon, 22 (1) : 36-45, 1970.

WESCHER, H. - 50 ans de "collages". Lettres Françaises, Paris, 2 : 12 juil. 1964.

———— Die Collage: Geschichte eines Kunstlerischen Ausdrucksmittels. Koln, Verlag, 1968.

———— Collages constructivistes et successeurs. Art d'Aujourd'hui, Paris, 22-24, mai/avr., 1954.

WOLF, C.N. - L'écriture parodique. Vancouver, British Columbia Univ., 1976. (Microfilme).

7.3. REVISTAS DA VANGUARDA

BIFUR, Paris, 1/8, 1929.

CANNIBALE, Paris,1920

CERCLE et Carré, Paris, 1/3, 1930.

LE COEUR à Barbe, Paris, 1922.

DADA, (ed. fac-similar, Nice, Centre d'Études du XXe. Siècle, 1978).

DOCUMENTS internationaux de l'Esprit Nouveau, Paris, printemps 1927. Número único.

LE GRAND jeu, Paris, 1/3, 1928/1930.

LEITE Criôlo, Belo Horizonte, 1929.
LITTÉRATURE, Paris, 1/18 1919/1921
NORDSUD, Paris, 1917.
PROJECTEUR, Paris, 1921.
PROVERBE, Paris, 1/5 1920; 6 1921.
REVISTA de Antropofagia (ed. fac-similar, São Paulo, Abril, 1975).
LA RÉVOLUTION Surréaliste (ed. fac-similar, Paris, Jean-Michel Place, 1976).
SIC, (ed. fac-similar, Paris, Chronique des Lettres Françaises, 1973).
SURRÉALISME, Paris, 1, 1924.
LE SURRÉALISME au Service de la Révolution (ed. fac-similar, Paris, Jean-Michel, Place).
391 (ed. fac-similar, Paris, Le Terrain Vague, 1960).
Z_1 (ed. fac-similar, Nice, Centre d'études du XXe. Siècle, 1977).

Fls. N.o 03
Pasta N.o 01
Rubrica

Adrian Marino: teoria e metodologia de abordagem da Vanguarda literária

Ultimamente, a Vanguarda literária do início do século tem merecido minuciosos estudos. Pesquisadores universitários dedicam grande espaço, nas suas tarefas acadêmicas, para sistematizar a história de um período cultural muito agitado, criativo e contraditório.

Principiada com o erudito estudo de Renato Poggioli, Teoria dell'arte d'avanguardia (1962)[1], essa sistematização é feita com o auxílio das fontes primárias (produções individuais, periódicos, correspondências) e com o depoimento dos escritores artistas.

Participante do grupo romeno de vanguarda, Adrian Marino vem oferecendo uma série de ensaios sobre a Vanguarda literária. A convivência com aquela Vanguarda estimulou a reflexão teórica a nível de literatura comparada, tentando esboçar uma conceituação precisa e genérica do fenômeno, que facilite a identificação dos diversos movimentos. Seu trabalho auxilia os estudiosos de outros países na análise mais objetiva dos demais movimentos nacionais de vanguarda.

O seu primeiro estudo nessa área é um artigo publicado no Contemporanul em 1966[2]. Antes de se dedicar à teorização e análise dos fenômenos da Vanguarda, esclarece problemas de terminologia e discute as noções de Moderno, Modernidade, e Modernismo (especialmente em "Le Moderne et l'évolution de la consciente littéraire"; "Moderne et nouveau approche sémantique-historique";"Modernisme et Modernité,quelques precisions sémantiques"[3]). Além de rastrear afinidades semânticas, detecta a ligação íntima entre os conceitos de Moderno,Modernidade e Modernismo com a idéia de novo e novidade. A pesquisa de Marino constata uma tendência geral, desde a Antiguidade, para se transformar a novidade em qualidade, em condição essencial da arte. Isso é, o novo se transforma em elemento de valorização literária. Essa discussão tem o mérito de mostrar como a noção acronológica de Modernidade influiu paulatinamente no

desenvolvimento da consciência literária, questionando sempre a legitimidade e o estatuto da idéia literária. Outro traço pertinente ao Moderno, discutido por Marino e importante para a compreensão dos fenômenos de Vanguarda, é a postura de negação-contestação instaurada a partir da ruptura que a novidade provoca. Observa-se que,aos poucos, a estética literária conscientizou-se da insurreição e da necessidade de liberalização, dessacralizou o objeto literário e desmistificou a maneira de concebê-lo. Marino revela ainda que a consolidação da idéia de Moderno introduziu a dialética do universal/nacional. O "gosto" do moderno se localizou, se nacionalizou. Sobretudo no século XX, onde ocorreu uma maior valorização da literatura em função da novidade.

Marino não aceita a tendência de determinadas literaturas em apoderar-se da etiqueta Modernismo a fim de definir"uma época moderna" (o Modernismo espanhol, o sul-americano e o anglo saxão). Acredita que bem antes da famosa "Querela dos antigos e dos modernos" (século XVIII) existiram muitos Modernismos. As várias periodizações do Modernismo espanhol são pretexto para considerar difícil a demarcação dos contornos precisos do Modernismo, ainda que em uma só literatura. A denominação convencional de Modernismo - uma época, corrente, movimento,escola - no seu entender, peca pela falta de unidade,uma vez que cada cronologia implica em novas delimitações de tempo,identificando outros conteúdos, outros Modernismos. As reflexões de Marino têm por base o Modernismo espanhol e o inglês. De qualquer sorte, encara o Modernismo como uma noção aplicável a qualquer aspecto literário, contemporâneo ou não. A exemplo das noções de Moderno e Modernidade, entende por Modernismo o impulso renovador,reformador, crítico, polêmico, ou seja, a expressão da novidade literária. A nível de literatura comparada,propõe uma leitura simultânea das constantes, assim,tem-se a oportunidade de examinar outras significações do Modernismo,que encaixam num modelo virtual do Moderno com uma funcionalidade precisa. E discorda também quando se rotulam de Modernismo fenômenos que na realidade se caracterizam como Vanguarda. Não faz referências ao movimento de renovação artístico-literária que eclodiu em muitos

países da América do Sul, inclusive Brasil, na primeira metade do século, também chamado de Modernismo. Toca de leve no assunto em outros ensaios, mas não se alonga para estabelecer as diferenças que afastam esse Modernismo daquele que aconteceu na Espanha no século passado.

Embora essa série de artigos, algumas vezes, se apresente confusa e repetitiva, obtem-se a sistematização de muitas idéias conhecidas que se encontravam dispersas. Marino consegue levar a termo seu objetivo. Prova como a supervalorização da literatura, em função do fator novidade, não foi privilégio único da Vanguarda do início deste século. É redescoberta de uma idéia antiga. E ao traçar a sua continuidade e coerência ao longo da história literária,constata que o elemento novo - marca do Moderno, da Modernidade e do Modernismo - exige redefinição constante, a cada momento do seu percurso.

"Essai d'une définition de l'avant-garde" (1975)[4] estruturado em oito partes, subdividido em vários itens, às vezes, peca pelo detalhe e repetição dos argumentos. Todavia, a intenção foi frisar insistentemente pontos importantes,ignorados em muitos trabalhos sobre a Vanguarda histórica. É um texto síntese,tentando abarcar os traços que caracterizam e definem as manifestações na Europa. Tem também o caráter de apresentação do assunto (inclusive a revista,onde o ensaio aparece pela primeira vez,é um número especial dedicado ao estudo da Vanguarda literária). Enumera os problemas que possivelmente enfrentará para estudar o tema: 1. a dificuldade de isolar a Vanguarda literária dentro de um contexto estético mais amplo; 2. sua natureza caótica e heterogênea que desafia toda definição; 3. emprego abusivo do termo em situações diferentes, descaracterizando por vezes o fenômeno. Com esse levantamento análise, a literatura comparada é enriquecida de muitas sugestões de trabalho a ser desenvolvida e aplicada no domínio das demais ramificações, em diferentes países e literaturas.

Depois desse ensaio de caráter geral, Marino principia a analisar "topos" que ecoam por todos os movimentos de Van

guarda. Uma perspectiva que faz parte da teoria e metodologia desenvolvidas mais tarde no ensaio"Le comparativisme des invariants: le cas des avant-gardes"(1976)[5]. Encontra-se, por exemplo, delineada nas Vanguardas a proposta de renovação da linguagem.No"Manifesto técnico futurista" (1912) exige-se a "liberação total da imaginação",que desencadeia as demais propostas de renovação lingüística, responsável pela instalação de nova ordem estética e criativa. Tenta provar em "L'avant-garde et la révolution du langage poétique" (1975)[6]que foi no contexto histórico-literário das Vanguardas que se iniciou a renovação da linguagem poética nos moldes em que hoje é teorizada.[7]

Discute problemas metodológicos no âmbito da literatura comparada.Propõe um comparativismo no campo das idéias literárias ou das "idéias-forças comuns", com o auxílio da pesquisa de "invariantes". Ou melhor, sugere a pesquisa de identidade de ordem teórica, temática, tipológica, visando a um panorama síntese dos fenômenos de Vanguarda. Os exemplos colhidos permitem comprovar na consciência teórica desses movimentos,a existência de dados que propiciam uma definição comum da Vanguarda. Conta com adesões que reforçam sua metodologia: 1. o reconhecimento das"invariantes" pelos críticos comparatistas e pelos estudiosos da Vanguarda; 2. os escritores e artistas refletem sobre o movimento em termos de constantes. Esse mesmo método vem sendo imprimido às pesquisas realizadas sob orientação do Centro de Estudos da Vanguarda Literária da Universidade de Bruxelas. Ao traçar a programática de trabalho o supervisor do Centro esclarece: "numa obra de comparação importa reduzir a multiplicidade de fenômenos, estendendo por mais de meio século e tendo nascido nos quatro cantos do mundo,a alguns tipos fundamentais. Objetiva-se traçar uma tipologia das Vanguardas, partindo-se de um modelo básico (método genético e tipológico). O resultado dessa pesquisa será a "História das Literaturas de Línguas Européias", em preparo."

Marino analisa separadamente os elementos considerados "invariantes" (revolução da linguagem, a relação da revolta estética com a tradição artística, etc.). Embora levante dados não totalmente desconhecidos, organiza as idéias, pincelando-as com a marca de eruditismo que lhe é peculiar , enriquecendo-as de uma gama variada de

exemplos. Disserta sobre todas as manifestações, do Cubismo às Neo-vanguardas e reconhece os aspectos revolucionários pioneiros do Futurismo italiano. No ensaio "L'avant-garde, la révolte et la tradition artistique" (1976)[8] observa que as Vanguardas do século XX condenaram a estética estupidamente tradicional.E as diatribes contra o passado desgastado foram encontradas, primeiro , nos futuristas, cuja atitude radical contra as instituições culturais é muito bem explicada. Essa vontade de destruir é entendida como tentativa de sacudir as bases da instituição símbolo da arte antiga. A sua iconoclastia tem como um dos objetivos questionar a idéia tradicional de arte: arte enquanto materialização do belo. Lembra como os futuristas se enfurecem contra a arte entronizada. Uma fúria que mais tarde o Dadá - consciente do esvaziamento da arte e das mudanças radicais na função, técnica e forma de concebê-la - leva às últimas conseqüências. Dentro desse espírito, acrescenta, é normal se esperar uma investida contra a convenção suprema da estética tradicional - o princípio do belo. Aliás, a idéia de anti-belo foi posta em voga exatamente pelos futuristas ("Manifesto dos pintores futuristas", 1911), como explica em "Anti-beau et anti-art selon l'avant-garde" (1976)[9]. Deste artigo, conclui-se que a rebelião contra mais esse princípio da estética tradicional é generalizada e formulada em termos semelhantes, mesmo levando-se em conta as diferenças específicas e históricas de cada movimento. Uma ilustração disso é a frase do futurista Soffici - "a arte não é uma coisa séria" - repetida mais tarde, com escândalo, por Tzara (1916).

O desejo de retornar às origens, ao estado primordial não corrompido,é uma constante presente em todas as ramificações vanguardistas. "L'avant-garde et l'histoire retrouvée" (1977)[10] documenta os objetivos com que as Vanguardas encarnam essa busca. Como reação de defesa e método de regeneração, ressalta a pregação futurista pelo "fervor entusiasta dos elementos primordiais", a "nostalgia dos elementos primordiais" dos expressionistas, a "pureza primeira" dos futuristas russos e da Bauhaus, a busca dos "elementos primários" por Tzara e o "retorno aos princípios" pregado pelos surrealistas. A proposta de ida às fontes, delineada nos textos teóricos e na criação propriamente dita,vem

esquematizada em seis itens: 1. a procura dos elementos primordiais , de modo geral; 2. a obsessão da pureza elevada à condição de mito o Homem inocente, simples e ingênuo; 3. o mito da infância; 4. o motivo do primitivo; 5. a obsessão paradisíaca; 6. o conceito de poesia moderna relacionado com as forças espirituais da Humanidade.

Na luta da Vanguarda contra os princípios estéticos tradicionais a desvalorização do princípio do real é detectada no roteiro de toda a programática esboçada[11]. Ao confrontar a posição da crítica marxista com os textos teóricos da Vanguarda sobre a questão do realismo, percebe-se que este é um assunto apenas evocado de maneira acidental tanto na teoria como nas atividades dos porta-vozes vanguardistas. Isto acontece pelo menos até 1932. Todavia, a insistência em repelir a imitação esteve sempre em pauta do Futurismo ao Construtivismo. Segundo Marino, a Vanguarda rejeita a teoria e a prática burguesas da realidade (ver por exemplo o Manifesto Surrealista de 1924),e, no plano artístico,o realismo-dogma, o realismo-convenção, o realismo clichê. O novo critério estético adotado é a confrontação com a realidade em formação. Deixando de lado o critério mimético, o que comanda é a imaginação criadora do real. Argumenta Marino que os artistas de vanguarda se distanciam do chamado realismo social ao reivindicarem o direito de selecionar, recuperar e deformar a imagem da realidade, introduzindo distorções e exageros (grotesco,caricatura, hipérbole). E dentro desta visão ,todos os procedimentos de apreensão da realidade são considerados válidos: colagens,alegorias,símbolos, parábolas. Esse ensaio reforça aquilo que intuitivamente se vislumbrava: a Vanguarda reelabora radicalmente a idéia da realidade e do realismo.

A obra de Adrian Marino fornece ao pesquisador da literatura de vanguarda subsídios do ponto de vista teórico e metodológico. A sua proposta de análise e levantamento das "invariantes" ,além de proporcionar uma compreensão ampla do fenômeno Vanguarda, realiza um panorama geral dos movimentos da Vanguarda artístico literária na Europa. Definidas as características gerais do fenômeno, torna-se mais fácil estabelecer no âmbito nacional

as manifestações que alcançam o nível de uma produção de vanguarda. Processo que decorre não por pura mimetização, mas por ter o movimento nacional levantado propostas novas de transformações da linguagem e da sociedade, utilizando-se de procedimentos peculiares a uma arte de vanguarda.

Dentro desta perspectiva metodológica, está descartada a idéia de influência, problema aliás na maioria das vezes mal colocado por aqueles que analisam a literatura de um país dependente. Pensamos no Brasil, sobretudo no movimento da Antropofagia (1928-1929), liderado por Oswald de Andrade. A ênfase que a Vanguarda dá na sua relação com precursores e sucessores, analisada por Marino, é traduzida em termos de reiteração, de correspondência. A Vanguarda cria sua tradição ao reconhecer a existência de elementos idênticos que preexistem e continuam. E essa seria uma das leituras viáveis para o movimento antropofágico no Brasil, sob a tutela de Oswald de Andrade, em outras palavras, determinar as constantes e permanências da Vanguarda incorporadas e transformadas pela corrente antropofágica. Examinadas à luz do processo de formação da literatura nacional, temos o exemplo da utilização pela Antropofagia de produções do período colonial, cuja incorporação se transforma em instrumental de análise crítica de problemas sócio-culturais contemporâneos.

Muitos dos elementos "invariantes" que permeiam os movimentos da Vanguarda ressurgem na Antropofagia: primitivismo, canibalismo, a idéia de futuro, o homem novo, o desejo de destruição. A correspondência no movimento brasileiro aparece de forma transfigurada, a partir da realidade e das exigências do nosso processo cultural. Nas Vanguardas européias buscam-se motivos na arte africana (Dadá) e no Oriente (Surrealismo) numa preocupação evidente com os elementos primordiais. A Antropofagia persegue isto nas fontes brasileiras. No nosso primeiro habitante procura inspiração para suas propostas do Homem novo, da vida paradisíaca na sociedade matriarcal e da metáfora do canibalismo cultural.

Notas:

1. Renato Poggioli - Teoria dell'arte d'avanguardia. Bologna, Mulino, 1962.

2. Adrian Marino - Avangarda literara si traditia, Contemporanul. Bucarest,1966.

3. Idem, - Le moderne et l'évolution de la conscience littéraire. Diogene, Paris, 77: 111-132.

Idem - Moderne et nouveau, approche sémantique-historique. Cahiers Roumains d'Études Littéraires, Bucarest, 2: 64-73, 1973.

Idem - Modernisme et modernité, quelques precisions sémantiques. Neohelicon, Bucarest, 3/4: 307-318.

4. Idem- Essai d'une définition de l'avant-garde. Revue de l'Université de Bruxelles, Bruxelles, 1: 64-120, 1975.

5. Idem - Le comparativisme des invariants: le cas des avant-gardes. Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires. Bucarest, 1 : 81-95,1976.

6. Idem - L'avant-garde et la révolution poétique. Cahiers Roumains d'Études Littéraires, Bucarest, 3-2: 92-107, 1975.

7. Julia Kristeva - La révolution du langage poétique. Paris,Seuil, 1974.

8. Adrian Marino - L'avant-garde, la révolte et la tradition artistique. Synthesis, Bucarest, 3: 167-177, 1976.

9. Idem- Anti-beau et anti-art selon l'avant-garde. Revue Roumaine des Sciences Sociales, Bucarest, 1: 51-57, 1976.

10. Idem- L'avant-garde et l'histoire retrouvée. Synthesis,4:227-241, 1977.

11. Idem - L'avant-garde historique et la question du réalisme. Cahiers Roumains d'Etudes Littéraires. Bucarest, 1:416-26, 1978.

Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP
Campinas, 08 de junho de 1982.

Maria Eugenia Boaventura

Fls. N.o 04
Pasta N.o 01
Rubrica

O lado anarquista da Vanguarda

A Vanguarda histórica (1905-1930)[1] recorreu a vários sistemas para construir a sua ideologia própria. Nos movimentos libertários do final do século XIX e início deste, podemos rastrear algumas das matrizes que nortearam o seu projeto e por sua vez de certos programas do Modernismo brasileiro (na Europa, esses movimentos de renovação conviveram de perto com as pregações revolucionárias de Kropotkhin, Malatesta, Tolstoi, Sorel, Wilde e outros). Provavelmente, aquela Vanguarda foi, no domínio das artes, a contrapartida dos movimentos anarquistas. No Brasil, pelas peculiaridades da sua vida cultural, esse grito de rebeldia artística só é ouvido em 22, a partir da Semana de Arte Moderna.

A literatura anarquista brasileira (a ficção de Fábio Luz, de Domingos Ribeiro Filho e de Avelino Fóscolo), de um modo geral não foi marcada pelos eflúvios inovadores soprados pela Vanguarda. Aproxima-se desta pela vontade de olhar de maneira nova para o mundo e se diferencia quando não se apodera de um sistema de código também novo; coincide na vontade de renovar a arte e a sociedade, mas se expressa e se comporta de forma radicalmente diferente. No âmbito europeu, o movimento Dadá chega mais perto de uma corrente do individualismo irracional, embora não se possa negar que o Futurismo italiano, sobretudo, na sua primeira fase, de 1909 até 1915, incorpore práticas e postulados do ideário anarquista. No Brasil, a ala do Modernismo que mais se aproximou destas pregações foi a Antropofagia (1928-1929), liderada por Oswald de Andrade, que infundiu o espírito anarquista no universo da criação modernista. Pensando na definição de Holthusen[2] - Vanguarda como revolta ilusória e anárquica de inte-

lectuais, dissociada da revolução político-social - pretendemos examinar a relação entre o projeto anarquista (1895-1922) e a Vanguarda histórica[3].

O anarquismo não possuia a exemplo das vanguardas um programa estético sistematizado. Muitos teóricos tentaram estabelecer critérios para construir uma arte livre e nova, mas a preocupação primordial com a praxis política e social não deixou margem para a radicalização também ao nível artístico. Talvez, não fosse propício ainda o advento de um momento histórico, que antecipasse a atuação equilibrada do ponto de vista estético-ideológico do futurista Maiakovshi, por exemplo.

As matrizes estético-ideológicas da Vanguarda internacional podem ser buscadas nos mestres do anarquismo moderno- Proudhon, Bakunin - contrários à submissão da arte à causa revolucionária. Costuma-se recuar a William Godwin (1793) anunciador de uma arte cujos valores da espontaneidade e imaginação eram a base da nova estética, para encontrar a inspiração dos movimentos libertários do século XIX e da Vanguarda novecentista.

Proudhon aconselhava, como medida de livrar a arte da decadência, buscar motivação em duas fontes: na arte popular e no desconhecido ou nos horizontes ilimitados do imaginário, como propõe mais tarde Bakunin. Na crise que atravessou a civilização ocidental no início desse século, a Vanguarda procurou seguir a trilha percorrida pelos seus antecessores. Picasso e Braque, representantes do cubismo, pesquisaram motivos e formas nas máscaras africanas; o Dadá, pensando sobretudo em atingir "uma simplicidade inicial relativa", deu ânimo para a arte decadente, misturando "seus caprichos ao vento caótico da criação e às danças bárbaras das tribos selvagens"; o Mo-

dernismo, incentivado por Oswald de Andrade, observou os fatos estéticos nos "casebres de açafrão e de ocre, nos verdes da favela, sob o azul cabralino"; em outra dimensão, o Surrealismo, propondo o funcionamento real do pensamento fora do controle da razão, da estética e da moral, pesquisou formas novas nos horizontes desconhecidos e ilimitados.

Em relação à arte e à sua função há grande coincidência dos dois projetos. Parte dos teóricos libertários considerou a arte a expressão de uma coletividade, a outra encarou a arte como expressão da alma individual. A Vanguarda oscilou entre as duas posições; ao reelaborar a proposta coletivista (renunciando representar o papel do artista "genial") tentou preservar a individualidade e a liberdade de expressão, e ao mesmo tempo incluir sistematicamente no processo de criação a participação do leitor. O Futurismo tem uma proposta mais diferenciada, na medida em que Marinetti, nos textos teóricos, opta por colocar "os artistas no poder", chegando mesmo a propor "o vasto proletariado dos gênios" no governo.

Aproximando-se daquela primeira proposta libertária, a Vanguarda literária se inspira diretamente em Lautréamont que recomendava uma poesia feita por todos. Recomendação esta tomada como bandeira de luta pelo Dadá/Surrealismo. Essa concepção coletivista de arte vem sendo revista e aprimorada no decorrer do tempo. A participação da coletividade na elaboração do trabalho artístico, profetizada por Proudhon, vai ser reinterpretada e posta em prática pela arte renovadora desse século. A Vanguarda histórica revê essa proposta, pesquisando os variados meios de renovação da linguagem e de incentivo à invenção-criatividade . Entre a gama de recursos pesquisados incluem se a prática da colagem-citação e a revalorização da paródia. O exer-

cício da citação ou da montagem punha-se a serviço da modernidade; na literatura, esse recurso auxiliou no remanejamento da técnica da escritura, na atualização crítica da produção anterior, na apreensão da realidade moderna e na reação ao individualismo. Os procedimentos da montagem permitem ao leitor participação mais ativa no processo da criação, despertando o desejo de manipular, reconstruir e interpretar os seus diferentes elementos; além do efeito inovador e instigante imediato, contribui para se elaborar uma noção diferente e nova de literatura - antigamente expressão e propriedade de um indivíduo - com o tempo, literatura feita por todos e para todos. A literatura brasileira anarquista não se atualizou esteticamente, não se preocupou com a renovação da lingaugem. Talvez não se deva exigir uma atualização mais rigorosa dessa literatura. Observando-se as condições sociais da maioria dos participantes do movimento libertário (operários, imigrantes de escolarização bastante precária), encontra-se a explicação para a timidez ou mesmo ausência de inovação lingüística e para o caráter didático e doutrinário de muitas das manifestações literárias.

E' evidente que a participação mais ativa do público, programa de toda a arte moderna, é orientada pela própria obra, respeitando-se a peculiaridade desta e a genialidade do artista. Nesse aspecto há uma divergência bastante clara entre alguns anarquistas e a Vanguarda. Aos primeiros (Proudhon, Korpotkhin) não importava a qualidade da obra de arte; o seu interesse voltava-se para o poder da coletividade artística, a força de idéias e de energia geralmente consideradas superiores ao talento individual. Para a Vanguarda, o público existia a posteriori. Oswald de Andrade , sem se preocupar em fazer uma literatura de gosto popular, esperava que a massa um dia provasse do biscoito fino que ele fabricava. E , curiosamente, somente na década de 60 suas obras vieram a ser reeditadas e mesmo assim então ainda mui

to longe da massa. Tzara, antes de Oswald, achava que havia "uma literatura que não alcançava a massa voraz. Obra de criadores, saída de uma verdadeira necessidade do Autor, e para ele"[4].

A Vanguarda pautou a sua ação pela agressividade; exagerou a tendência geral de ruptura da arte moderna, tornando-a meta prioritária; agiu sob o duplo signo da afirmação/recusa, da construção/destruição. Este é um dos elos mais fortes de identificação entre a Vanguarda e o Anarquismo. Parece ter se cumprido a premonição de Bakunin de que a Vanguarda iria surgir, para construir esteticamente aquilo que os anarquistas não conseguiram ou não puderam. Pensamos isso, quando refletimos sobre as observações de Bakunin a propósito do papel do anarquismo "de destruir e não construir", porque no seu entender, outros homens "mais inteligentes e mais novos" construiriam melhor.

Enquanto que os anarquistas privilegiavam a ação política, a subversão da Vanguarda freqüentemente atuou distanciada das massas, pois sua história foi basicamente feita pela elite intelectual moderna. O anarquismo utilizou-se de método subversivo voltado para a ação política direta. A Vanguarda manejou técnicas irreverentes a serviço do não compromisso, embora tentando quebrar as amarras que a prendiam à realidade inaceitável; registra-se a sua impotência através do humor, do lúdico, da troça, do escândalo, do absurdo. Um dos nossos vanguardistas defendia este método empregado para escapar à ordem burguesa: "Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação dignas de operação de limpeza, principalmente na era do caos."[5]

Ligado àsse elan destruidor coloca-se, por exemplo, o culto do indivíduo, a exaltação de uma subjetividade única, clichê não só do anarquismo mas de outras ideologias do século XIX e que avan-

çam pelo nosso século, no Brasil. Do romeno Tzara, situando o nascimento do Dadá a partir de uma necessidade de independência, ao brasileiro Oiticica, reivindicando a liberdade de pensamento e a liberdade de experiência, esta comunhão no culto do indivíduo toma caminhos diversos. Para a Vanguarda, servirá para justificar a abordagem da arte estritamente subjetiva, como quer o Dadá: uma arte particular que o artista faz para ele mesmo. A arte, portanto, como a única base de entendimento, em contraposição ao caráter de apostolado social que muitos anarquistas imprimiam a arte.

Todas as vanguardas sonharam com o advento de um mundo novo, em moldes quase que impraticáveis, de onde surgiria uma humanidade livre de todos os preconceitos e fanatismos. Um passo importante para a implantação dessa sociedade livre e humanizada foi a luta pela abolição da propriedade privada - "a fumesta geradora de todos os crimes". Para isso, anarquistas e mais tarde a Vanguarda se empenharam no ataque aos suportes ideológicos do sistema e do Estado burgueses: a lógica, a moral, o Cristianismo e a família, Os intelectuais não elaboraram propostas concretas de uma sociedade nova. O Futurismo e o Surrealismo foram um pouco mais longe. Enquanto na Rússia, o Futurismo apoiou as propostas da revolução de 1917, Marinetti, na Itália, emprestou brilho estético ao fascismo de Mussolini. E até 1915, acreditava que os problemas ligados ao "bem estar da comunidade" poderiam ser resolvidos "espiritualmente", lutando com verborragia para fazer da vida "obra de arte"; nesse caso, a força artística, regozijadora, purificadora e pacificadora" era a varinha mágica. Dadá, fruto do ceticismo e traumas do pós-guerra, levou às últimas consequências o aspecto niilista libertário, renegando qualquer sistema, por ser contrário a qualquer princípio ; porisso, proclamou como a "única base de

entendimento: a arte". No Brasil no período mais ativo do Modernismo, Oswald esboçou fracamente as linhas da sociedade matriarcal de pindorama desenvolvida mais tarde na década de 40. E na utopia oswaldiana, algumas propostas coincidiam com a sociedade imaginada pelos anarquistas: a propriedade comum do solo, o Estado sem classes; e no que tange à elaboração de um projeto social futuro, Oswald declara afastar-se da "treva gagá em que se refugiaram os dadaístas .

A teoria anarquista ainda antecipa a Vanguarda na proposta de renovação das instituições culturais, já naquela época esclerosadas, sem preencher os objetivos para os quais foram criados. Para sintonizar com a nova idéia de arte, arte fruto da experiência vivida-é imprescindível uma readequação dos museus, bibliotecas e outras instituições similares.

Além da tentativa de realização de si mesmo, a Vanguarda não abandona totalmente o social, como se constatou. Todavia, da mesma forma que ocorreu a incompatibilidade funcional entre o anarquismo individual do poeta e o anarquismo coletivo do militante (expresso de várias formas) vai acontecer entre a Vanguarda e a atividade política comprometida. Literariamente, a realização dos princípios anarquistas transparece melhor nos escritores não militantes; naqueles que, embora apreciassem o ideário estético libertário não lhe devotavam uma obediência servil (Mallarmé, Wilde). Quanto à Vanguarda, fizeram sucesso aquelas que souberam dosar as teses coletivistas com as exigências individuais e com a genialidade do artista. Em relação aos brasileiros, os mais engajados realizaram uma arte de valor estético duvidoso, entre outros motivos, pela estreita servidão aos postulados e dogmas ortodoxos.

Com este paralelo, não pretendemos estabelecer hierarquias e ordem de precedência no rastreamento e análise dos possíveis

traços comuns entre a Vanguarda e o Anarquismo. Observaremos a relação de cada manifestação artística em particular com um contexto político-cultural determinado e com a experiência individual de cada artista. De um lado, está um sistema filosófico, político e social mais completo, elaborado no século passado, ungido sob pressão de crises conjunturais específicas e de outro um fenômeno eminentemente artístico, também historicamente determinado. Mesmo no plano menor, rastreando semelhanças entre o Futurismo e o Dadá com teorias do século XIX, temos em mente que cada uma daquelas manifestações fazem parte de um fenômeno histórico específico. E ainda, os elementos comuns e os traços particulares, globalmente, não devem ser isolados do tecido cultural europeu base e suporte dos dois movimentos.

Notas:

1. Entendemos por Vanguarda histórica o fenômeno artístico de rebeldia e renovação estética que marcou as três primeiras décadas deste século.
2. Egon Hölthusen - Apud M.Szabolsci - "L'avant-garde littéraire et artistique comme phénomène international. In: Actes du V Congrés de l'Association Internationale de Littératue Comparée. 1969. p. 317.
3. Este projeto está sendo desenvolvido no IEL-UNICAMP
4. Tzara - Manifeste Dadá 1918 - In: Mumisterie Precedées des Sept Manifestes Dada. Paris, 1963. p. 22-23.
5. Oswald de Andrade - Obras Completas. Rio de Janeiro, 1972. p. 23.

Maria Eugenia Boaventura

IEL-UNICAMP

O arquivo Oswald de Andrade(IEB-USP): projeto de organização e catalogação.

Fls. N.o 05
Pasta N.o 01
Rubrica

Apresentação:

O Arquivo Oswald de Andrade representa, juntamente com outros Arquivos de escritores brasileiros depositados no IEB-USP, valiosa documentação para o estudo de literatura brasileira. Ao contrário de alguns acervos ali existentes, por exemplo o de Mário de Andrade, o de Graciliano Ramos, o de Guimarães Rosa, o Arquivo Oswald de Andrade é apenas uma parte do acervo do Autor de Serafim Ponte Grande. A documentação escrita cobre sobretudo a década de 40-50, com exceção das cartas para os pais do escritor, do material ligado à Pagu, de originais de livros já publicados e de fotos. Falta portanto, juntar a este material guardado no IEB, a vasta produção da década de 20 e de 30, relato vivo dos momentos mais agitados do Modernismo e do período de atuação político-partidária do escritor. Material este, talvez, sob a custódia de outros familiares de Oswald de Andrade.

De qualquer sorte, apesar dessa fragmentação, é indiscutível a importância daquele acervo para o estudo da personalidade, da obra do escritor e bastante elucidativa a respeito de fatos e pormenores da história literária brasileira, sobretudo através da documentação pessoal e de época(contratos, correspondência, recortes, originais,etc)

Introdução:

Desde 1976, trabalhamos no Arquivo Oswald de Andrade (IEB-USP). Nessa época, coletávamos dados para a pesquisa que fazíamos sobre " A Vanguarda antropofágica"(1). No início de 1982, fomos convidados, pela Profa. Dra. Telê P.A. Lopez, pesquisadora do IEB e pelos demais membros da então Comissão de Arquivo desse Instituto, para organizar o referido acervo. Aceitamos, eu e mais duas alunas de pós-graduação do IEL-UNICAMP, o honroso convite, pois conhecedores do Arquivo, sabíamos do trabalho fascinante, embora difícil, que nos aguardava. Começamos a trabalhar desde maio passado e inicialmente, realizamos uma triagem rápida de todo conjunto sobre o qual voltaremos a falar adiante.(ver conteúdo Arquivo em em anexo).

---

(1) Maria Eugênia Boaventura - A Vanguarda antropofágica. São Paulo, USP, 1980. (Tese de Doutoramento,mimeografada). (Fapesp. proc.n?

Condições do Arquivo e trabalho realizado de maio a agosto de 1982:

O material estava organizado precariamente em envelopes pardos (tamanho ofício) ou em pastas de plástico. Havia apenas uma separação assistemática entre originais e recortes de jornais, fotos e cartas. Não encontramos nenhum tombamento registrando a quantidade e as condições do material. Eventualmente, a documentação anunciada na frente da pasta ou envelope não coincidia com o seu conteúdo. Boa parte dos originais estava dispersa, ora em envelopes, ora em pasta e alguns em cadernos, necessitando de conservação e encapamento. Em outra parte do acervo, foi realizado um trabalho de confrontação entre as folhas dispersas e identificação, visando a recompor o antigo original. Chegou-se a esta situação tão caótica em virtude da precária organização (documentos fora dos plásticos de proteção e de pastas apropriadas). E a medida que foi consultado pelo público, o material inevitavelmente se desorganizou.

Antes de contar com a valiosa colaboração das duas alunas (que participarão da fase de classificação, fichamento, catalogação do material) procedemos a um registro minucioso de todo conteúdo e das condições do Arquivo. Realizamos um trabalho elementar de conservação nos textos mais estragados e encapamento em envelopes plásticos apropriados, imunes à umidade, de grande parte do acervo. Estes envelopes (já utilizados no Arquivo Mário de Andrade) facilitam o manuseio por parte dos pesquisadores, evitando o contato manual com o material, conseqüentemente conservando-o.

Nesta fase preliminar objetivamos principalmente: 1) conservação geral da documentação; 2) triagem inicial; 3) tombamento. Em resumo, nossa preocupação foi saber com precisão o conteúdo do Arquivo e preservá-lo.

Trabalho a ser realizado:

Parte I

1) Completar o tombamento registro e o trabalho de conservação;
2) Finalizar a etapa de identificação de algumas folhas de originais dispersos;
3) Colocar os documentos já encapados em álbuns apropriados (semelhantes aos que são usados no Arquivo Mário de Andrade), a fim de evitar a sua retirada dos envelopes plásticos;
4) Separar e classificar o material por séries, levando em conta o assunto, tema, data, etc.

Realizada esta fase (calculada em seis meses, contando com a colaboração das duas alunas pesquisadoras),consideramos o arquivo em condições de ser aberto à consulta, pois no atual estágio, julgamos impossível, a não ser em casos especiais e urgentes a ser examinados pelo IEB.

Parte II

1) Pesquisa nos originais para estabelecer óditos e inéditos;
2) Elaboração de índices para cada álbum;
3) Fichas elucidativas de nomes, datas e fatos para documentos (por ex.: fotos, correspondência, originais);
4) Pesquisa para completar a coleção dos recortes;
5) Pesquisa para descobrir dados identificadores que faltam nos recortes e nos originais;
6) Elaboração de um catálogo geral.

OBJETIVOS:

1) Reabrir, rapidamente,o Arquivo Oswald de Andrade à consulta pelos pesquisadores interessados, obedecendo às normas de conservação e segurança existentes nos demais arquivos do IEB-USP.
2) Possibilitar, no futuro, à orientadora responsável pelo projeto a organização de uma edição crítica dos originais e dos esparsos Oswald de Andrade existentes.
3) Completar o acervo Oswald de Andrade:
   a) solicitando a doação de material sob a guarda de familiares;
   b) colecionar os artigos dispersos em jornais ainda não publicados em livro.

Metodologia:

A nossa participação, depois de concluído o tombamento preliminar, consistirá em supervisionar o trabalho das duas pesquisadoras e adaptar uma técnica de trabalho às condições específicas do Arquivo (estamos utilizando, por enquanto, com grande proveito, a metodologia desenvolvida pela Profa. Telê P.A.Lopez para organizar o Arquivo Mário de Andrade, trabalho este financiado em parte pela FAPESP e CNPq).

Colaboradores do projeto:

Convidamos duas alunas de pós-graduação do IEL-UNICAMP e pro-

fessoras do ensino médio em São Paulo, a fim de auxiliar na organização do Arquivo: Rianete Botelho João de Carvalho e Silvia Macedo Quintanilha. As pesquisadoras convidadas trabalharão sob minha orientação, como técnicas, desenvolvendo as etapas descritas na 1ª parte (itens 3 e 4) e toda a 2ª parte.

Orçamento:

1) Material de consumo:

O IEB fornecerá o material de consumo a ser utilizado na pesquisa: plásticos, pastas apropriadas para conservar documentos, fichas e papéis; além de providenciar um armário fechado para remover o material que se encontra em um arquivo de três gavetas.

2) Serviços de terceiros:

1. Dois técnicos dispondo de 20 horas semanais, tendo o projeto duração de 24 meses, deverão receber cada uma a quantia de Cr$ 45.000,00 por mês. Total de Cr$ 1.080.000,00. Quantia esta que deverá sofrer um reajuste conforme os critérios vigentes da FAPESP.

2. Serviço de datilografia para confecção definitiva dos índices, fichas e catálogo geral. Este serviço deverá ser paço por página, atualmente no valor de Cr$ 100,00 . Para um total aproximado de 500 folhas. Total de Cr$ 50.000,00.

3. Ajuda de custo para deslocamento da pesquisadora orientadora de CAMPINAS-SÃO PAULO, duas vezes por semana (passagem de ônibus ida e volta e diária). Por semana Cr$ 16.000,00. Total de Cr$96.000,00 (que deverá também ser reajustado).

Somando: total item 1 Cr$ 1.030.000,00
" " 2 Cr$ 50.000,00
" " 3 Cr$ 96.000,00
" geral Cr$ 1.226.000,00

Total a ser financiado Cr$ 1.226.000,00

APRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO ACERVO - TIPO DE DOCUMENTOS:

1 . Originais

1.1 Originais dos artigos publicados em jornais ou livros.
48 documentos, aproximadamente 418 páginas manuscritas e datilografadas com correções.

1.2. Conferências
8 documentos, aproximadamente 73 páginas datilografadas com correções.

1.3. Entrevistas
3 documentos, aproximadamente 15 páginas manuscritas e datilografadas.

1.4. Originais inéditos.

1.4.1. Poemas
9 documentos, aproximadamente 37 páginas datilografadas e manuscritas com correções.

1.4.2. Ficções
8 documentos, aproximadamente 80 páginas datilografadas e manuscritas com correções.

1.4.3. Teatro
3 documentos, aproximadamente 6 páginas manuscritas e datilografadas com correções.

1.4.4. Autobiografia
2 documentos, aproximadamente 13 páginas manuscritas

1.4.5. Artigos/ensaios
16 documentos, aproximadamente 392 páginas manuscritas e datilografadas com correções.

1.4.6. Esboços
5 documentos, 5 páginas manuscritas.

1.4.7. 2 documentos, 25 páginas manuscritas, ainda não identificados.

1.4.8. Folhetos
2 documentos manuscritos 1 página cada.

1.4.9. Comunicados
3 documentos aproximadamente 7 páginas datilografadas.

1.4.10. Outros autores

8 documentos - 161 páginas.

2. Impressos

2.1. Folhetos - 6 documentos.

3. Correspondência

3.1. Correspondência ativa

10 documentos, aproximadamente 15 páginas.

3.2. Correspondência passiva

3.2.1. Cartas e cartões dos pais de Oswald

31 documentos, 49 páginas

3.2.2 Diversas

112 documentos, aproximadamente 150 páginas.

3.3. Telegramas

13 documentos

4. Recortes

4.1. Produção Oswald de Andrade

Aproximadamente 271 recortes

4.2. Entrevistas de Oswald de Andrade.

23 recortes, aproximadamente.

4.3. Crítica sobre Oswald de Andrade

4 recortes

4.4. Ensaios sobre Oswald de Andrade

7 recortes

4.5. Crônica sobre Oswald de Andrade

1 recorte

4.6. Biografias Oswald de Andrade

3 recortes

4.7. Polêmicas

4 recortes

4.8. Notícias relativas ao escritor

29 recortes

4.9. Diversos

31 recortes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

Fls. N.o 06
Pasta N.o 01
Rubrica

PROJETO:

A Literatura Anarquista no Brasil

ORIGEM: Instituto de Estudos de Linguagem
Departamento de Teoria Literária
Universidade Estadual de Campinas

PROPONENTES: Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado
Profa. Dra. Maria Eugênia G. A. Boaventura

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fone PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

IMESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

1. A literatura anarquista no Brasil é ainda uma questão aberta na ampla análise a que o movimento libertário vem sendo submetido entre nós, particularmente nos últimos vinte anos.[1]

Por tratar-se de uma atitude político-ideológica que se manifesta num instante em que, com a imposição da República, vários radicalismos entram em confronto (lembremos as insurreições restauradoras inspiradas no aristocratismo rural em crise, a emergência do militarismo e a contestação civilista, a repressão ao proletariado urbano em expansão com os surtos imigratórios, o tenentismo, a marcha da Coluna), a sua retomada, no plano literário, ganha importância na medida em que coincide com a versão intelectual dos radicalismos antiacadêmicos que explodem no Pré-Modernismo e culminam, em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna (1922).

Sob certo aspecto, muitas das proposições do ideário anarquista transcendem, em intensidade, a atitude das vanguardas da época. A questão da universidade popular, as técnicas da incorporação simultânea do cotidiano tanto na ficção narrativa quanto na ficção dramática, a tematização da revolta a nível da experiência popular urbana no começo da vida republicana e, particularmente, as projeções utópicas e revolucionárias enquanto plataforma renovadora pa-

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fones: PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

IMESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

paleia ao programa do Modernismo, são algumas das questões que jus tificam, em princípio, o levantamento do período e a organização sistemática de sua produção.

Na verdade, a vanguarda histórica[2] recorreu a vários sistemas para construir sua própria ideologia. Nos movimentos libertários do final do século XIX e início deste, pode-se rastrear algumas das matrizes que nortearam o projeto destas vanguardas e por sua vez de certas áreas do modernismo brasileiro (na Europa esses movimentos de renovação conviveram de perto com as pregações revolucionárias). Talvez no âmbito europeu as vanguardas tenham sido, no domínio das artes, a contrapartida dos movimentos anarquistas. Já no Brasil, pelas peculiaridades da sua vida cultural, o grito de rebeldia só é ouvido em 1922, a partir da Semana.

As manifestações anarquistas, pelo menos no que diz respeito à literatura brasileira,[3] não foram marcadas pelos eflúvios inovadores trazidos pelas vanguardas. Aproximam-se das vanguardas pela vontade de olhar de maneira nova para o mundo e se diferenciam, todavia, porque não se apoderam de um sistema de códigos também novo. Coincidem na vontade de renovar a arte e a sociedade, mas expressam-se e atuam de forma radicalmente diferente.

O movimento Dadá é o que chega mais perto do individualismo e

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fones: PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

IMESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

do irracionalismo anarquista. Embora não se possa negar que o futurismo italiano, sobretudo, na sua primeira fase, que pode ser limitada até 1915, incorpore muitas práticas e alguns postulados do ideário anarquista. No Brasil, a ala do Modernismo que mais se aproxima das pregações libertárias é a Antropofagia liderada por Oswald de Andrade. É pensando na definição de Holthusen [4] - vanguarda como revolta ilusória e anárquica de intelectuais, dissociada da revolução político-social - que uma das etapas da nossa pesquisa objetivará analisar a relação entre o projeto anarquista e as vanguardas.

Sabemos que o anarquismo não possuía, a exemplo das vanguardas, um programa estético definido. Seu programa político ia a reboque. Por sua preocupação mais direta com a *praxis* política, não consegue emprestar o mesmo radicalismo às atuações no plano estético-literário. Talvez não fosse propício ainda o advento de um momento histórico que antecipasse a atuação equilibrada de um Maiakovski, por exemplo. Esse aparente insucesso foi objeto de reflexões de alguns anarquistas ligados à literatura. Elysio de Carvalho pondera: "de posse das idéias sociais, preocupado com os grandes problemas que se debatem na sociedade moderna, sabendo das excelências do anarquismo /.../ desdenhei a literatura propriamente dita, consagrando

UNICAMP

ne à crítica e ao estudo da sociologia, ciência pela qual cada vez mais me apaixono".[5]

Talvez não se deva exigir, pelo menos em termos nacionais, uma atualização mais rigorosa da literatura anarquista. Observando-se as condições sociais da maioria dos participantes desse movimento político (operários, imigrantes de escolarização bastante precária) encontra-se a explicação para a timidez ou mesmo a ausência de muitas das manifestações literárias. Enquanto os anarquistas privilegiavam a ação política, a subversão da vanguarda geralmente atuou distanciada das massas, já que sua história foi basicamente feita pela "élite intelectual moderna".[6]

Não se tem, ainda nos dias de hoje, um quadro conjuntural da literatura anarquista no Brasil, e nem mesmo uma bibliografia crítica introdutória que permita avaliar o alcance dessa produção. O que existe é difuso, sobretudo a partir de um certo momento da diluição do Simbolismo num decadentismo irreverente que assume algumas posições das vanguardas européias. Alguns intelectuais brasileiros desse período, como Elysio de Carvalho, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça, Gustavo Santiago, Carlos Malheiro Dias, entre outros, (este último, escritor português com livre trânsito de muita afinidade entre os inconformistas da época)[7], através de manifestos, po

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

nas e romances, fixam no Rio de Janeiro o que hoje pode ser considerado uma espécie de primeiro núcleo da produção literária anarquista, na medida em que tende, de um lado, à paródia do impressionismo anarcóide posterior ao Simbolismo e, de outro, à divulgação da urgência de uma saída libertária para "o cidadão do novo século", conforme assinalavam absolutamente naturalizado pelos padrões morais, estéticos e políticos de um ciclo de civilização há muito superado.

A saída para os mitos naturistas, para "a ressurreição estética das massas", para a perseguição de um "locus amoenus" igualitário em que se aperfeiçoassem as virtudes do novo homem do Novo Mundo surge também como uma nova instância do ufanismo a que se soma a irreverência de uma nova atitude crítica marcada pelo descompromisso e pelo tom combativo.

Entre o projeto estético e o projeto político, entretanto, vão-se estabelecendo confrontos, sobretudo em face da resistência imposta pelos velhos modelos acadêmicos, reflexo da visão cristalizada dos literatos da Garnier e dos críticos consagrados pela cultura oficial. De tal forma que a produção da ficção narrativa mais ortodoxa (os relatos de Fábio Luz, de Curvelo de Mendonça, de Avelino Fóscolo, por exemplo), ao assumir o código tradicional, passará a compor uma nova vertente da ficção que, apesar de convi-

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

ver com o neonaturalismo, representará na verdade uma tendência literária tão diferente desta quanto isolada.

"Quebrai todas as máscaras, camaradas. Vós sois os mestres de tudo o que quebrais. Elaboram-se leis, morais, estéticas para nos impor o respeito às coisas frágeis. O que é frágil é para quebrar", nos dizia Aragon em 1920, dois anos depois de o manifesto dadaísta aludir ao massacre sem o qual não haveria"humanidade purificada". São proposições, é bom lembrar, muito próximas das intenções de Papini,quando nos fala da "alegria selvagem de destruir", que estava, segundo ele, por trás de toda luta futurista, por sua vez ligada ao anarquismo de Bakunin: "confiamos no eterno espírito que destrói e aniquila somente porque é fonte criadora de toda a vida. O impulso à destruição é ainda um impulso criativo".

Convém lembrar que a vanguarda buscou inspiração no projeto ideológico anarquista principalmente sob dois aspectos. Em primeiro lugar, seguindo a pista da agressividade. Sob este aspecto, levou ao paroxismo essa tendência geral de ruptura, tornando-a um método essencial, estilo único de existência. Aqui, a ruptura pela ruptura constitui-se também em ambigüidade estrutural. E muitas vezes esse espírito de agressividade originou um estilo de violência gratuito, de puro fanatismo. Em todo momento, a vanguarda sem

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fones: PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

IMESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

pre agiu sob o duplo signo da afirmação/recusa, da construção/destruição.

Curiosamente, esse frenesi destruidor é um dos elos mais fortes de identificação entre as vanguardas e os movimentos libertários tanto no plano nacional quanto no plano internacional. Os anarquistas, utilizando métodos subversivos voltados para a ação política direta. A vanguarda, manejando técnicas irreverentes a serviço do não compromisso, apesar de tentar quebrar as cadeias que a prendiam à realidade inaceitável. Por aí, registrará a impotência do método através do humor, do lúdico, da chacota, do escândalo, do nonsense. Um dos modernistas definia, a propósito, o método empregado para escapar à ordem burguesa: "atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante, dizia ele, não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação dignas de operação de limpeza, principalmente na era do caos".[8]

Isso tudo se liga, por outro lado, à exaltação do indivíduo, ao culto de uma subjetividade única, chichê não só do anarquismo, mas de outras ideologias do século XIX que avançam no Brasil, entrando pelo nosso século. Oiticica explica que "/.../ o anarquismo põe, acima de tudo, com o primado social, a liberdade de pensa-

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

mento, a liberdade de experiência /.../". Tzara situa o nascimento do Dadá a partir "/.../de uma necessidade de independência, de desprezo em relação à comunidade", e completa: "aqueles que estão conosco conservam a sua liberdade".[9]

Essa comunhão no culto do individualismo toma caminhos diversos. De qualquer modo, para a vanguarda servirá para justificar a abordagem da arte estritamente subjetiva, ou seja, a partir da idéia de que "a arte é uma coisa privada, o artista faz para ele",[10] como única base de entendimento, em oposição ao caráter de apostolado social que os anarquistas lhe imprimiram.

O segundo aspecto é o aspecto da projeção utópica, ou mais precisamente:o aspecto da incorporação e defesa das utopias que alimentaram a trajetória social do anarquismo.

Na verdade, todas as vanguardas sonharam com o advento de um mundo novo, em moldes quase inatingíveis, de onde surgiria uma humanidade livre de todos os preconceitos. Inspiração nitidamente anarquista, como sugere Oiticica: "acima da mera emancipação econômica, está certamente a emancipação moral e mental". Não custa lembrar que um passo importante para a implantação dessa sociedade livre e humanizada era a luta pela abolição da propriedade privada, "a funesta geradora de todos os crimes".[11] Para isso e por isso,

UNICAMP

anarquistas e mais tarde as vanguardas se empenham no ataque aos suportes ideológicos do sistema e do Estado burgueses, tais como a lógica, a moral, o cristianismo, a família.

Na mesma direção, é preciso assinalar que, paralela a essa literatura de intenção estética, existe toda uma literatura de cunho didático-doutrinário em curso nos sindicatos, nas fábricas, nos clubes e bibliotecas das associações libertárias, em forma de panfletos, de jornais, revistas, manifestos e boletins. Assim, poemas, contos, peças teatrais representadas em cursos de alfabetização compõem, na verdade, um imenso acervo ainda por coligir nos principais Estados em que o Anarquismo teve presença mais destacada, como é o caso de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O levantamento preliminar de algumas fontes desse material pode ser encontrado nos estudos históricos do anarquismo, desde os mais antigos (como o de Carlos Cafieiro: Anarquia e Comunismo, S. Paulo, 1903), até os mais recentes (caso dos estudos de Edgard Rodrigues; de Everardo Dias: História das Lutas Sociais no Brasil, S. Paulo, EDAGLIT, 1962; de Edgard Leuenroth: Anarquismo, roteiro da libertação social, Rio de Janeiro, s/d; de Foster Dulles Jr.: Anarquistas e Comunistas no Brasil, S. Paulo, 1978; de Newton Stadler: O Anarquismo da Colônia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

Cecília, Rio, Civilização Brasileira, 1970, por exemplo).

Alguns acervos isolados, como o da coleção de recortes de Plínio Doyle, o dos Arquivos Edgard Leuenroth, Paulo Duarte e Octávio Brandão, da UNICAMP, bem como os arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, o do Centro de Estudos Nineiros, o Arquivo do Estado de S. Paulo e o do Estado do Paraná, poderão complementar, ao lado dos acervos das principais bibliotecas de São Paulo, Rio de Janeiro e dos demais Estados mencionados, a fase de pesquisa do projeto.

2. Entre os objetivos do trabalho, interessa basicamente apontar os seguintes:

(a) levantar os romances do período, por temas, autores e tendências, visando a classificar o material para um estudo comparativo e interpretativo;

(b) proceder de igual modo com a produção poética do período;

(c) investigar toda a produção circunstancial (contos, novelas, poemas, peças, romances, manifestos) ligada não apenas à imprensa libertária, como também às entidades de classes e órgãos associativos e culturais;

(d) propor, através dos pontos de convergência do material

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

assim coligido, um mapeamento das características literárias do corpus estudado, procurando tomá-las em conjunto com o estilo de época, marcado no contexto hoje conhecido do Pré-Modernismo e do Modernismo;

(e) fixar, a partir desse confronto, os pontos de afinidades estético-literárias e de ruptura político-ideológica, marcando sobretudo o confronto entre o percurso da literatura anarquista e o da literatura de vanguarda, bem como as relações com a crítica da época;

(f) organizar uma antologia dos textos representativos dos principais momentos do período estudado;

(g) fichar os dados biobibliográficos dos principais autores, paralelamente ao ideário dos grupos e tendências surgidos nos núcleos de revistas, jornais e publicações circunstanciais.

3. O planejamento de atividades compreenderá duas etapas preliminares e uma fase de desenvolvimento que, por sua vez, abrange três momentos.

Preliminarmente, a intenção do projeto é organizar toda a bi-

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

bliografia de apoio sobre as relações entre o anarquismo e as artes, com o objetivo de propor um modelo crítico necessário enquanto hipótese de trabalho a um método de abordagem que dê validade ao projeto.

Nesta fase é que os candidatos que encaminhamos para Bolsa de Iniciação Científica, conforme o requerimento anexo, desempenharão uma função decisiva, já que só através de sua colaboração será possível abrir diferentes frentes de pesquisa, mantendo, assim, a investigação simultaneamente em mais de uma fonte de interesse.

Em contrapartida, o trabalho proporcionará aos candidatos, além de um contato constante com as técnicas arroladas no item seguinte, uma maior possibilidade de realizar na prática tarefas de seleção bibliográfica, de resenha de leituras, de contatos com textos de história literária e, particularmente, de análise e interpretação de texto.

Delineado o modelo virtual de leitura, o passo seguinte será pô-lo em confronto com as direçoes do discurso político-ideológico do anarquismo, através dos epígonos, no Brasil, dos principais teóricos europeus.

Tomado assim como referência estético-política, o enfoque do

UNICAMP

trabalho dirigir-se-á à análise da ficção, à análise da poesia e à análise dos textos circunstanciais, três momentos de um desenvolvimento que tem como ordem de prioridade as três fases já indicadas, ou seja: o levantamento bibliográfico, a análise crítica e a classificação do material.

A etapa seguinte, conclusiva, será a fase da leitura comparativa desse material levantado e classificado com as principais direções da vanguarda literária da época.

4. Os métodos e técnicas a serem utilizados pelo projeto abrangem duas etapas. Na fase de levantamento das fontes:

(a) fichamento direto

(b) reprodução manual

(c) reprodução técnica: xerox
microfilme

(d) tabulação de assuntos

(e) classificação dos temas

(f) resenha bibliográfica

(g) catalogação bibliográfica

(h) organização da cronologia.

Na fase de leitura e interpretação:

(a) análise literária geral

UNICAMP

(b) análise intertextual

(c) tabulação da tópica estilística

(d) tabulação dos processos recorrentes

(e) estudo comparativo da tópica

(f) seleção de critérios para antologia.

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fones: PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

5. A bibliografia básica do projeto compreende, além dos trabalhos já referidos neste planejamento, as seguintes obras:

BASBAUN, L. - História Sincera da República de 1889 a 1930. Rio de Janeiro, 1958.

BASTOS, Abguar - História da Política Revolucionária no Brasil. Rio de Janeiro, 1969.

BELLO, José Maria - História da República: 1889/1940. São Paulo, 1974.

BRITO, J. Saturnino - Socialismo Progressivo. Rio de Janeiro, 1919.

BROCA, Brito - A Vida Literária no Brasil - 1900. Rio de Janeiro, 1956.

CARNEIRO, Carlos - Anarquia e Comunismo. São Paulo, 1903.

CARONE, Edgard - A República Velha (Instituições e Classes Sociais). São Paulo, 1972.

- O Movimento Operário no Brasil. S. Paulo, 1979.

- A República Velha - Evolução Política. S. Paulo, 1971.

COSTA, J. Cruz - Pequena História da República. Rio de Janeiro, 1976.

DIEGUES JR., Manuel - Estudos de Relações de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro, 1955.

FAUSTO, Boris - Trabalho Urbano e Conflito Social: 1980-1920. S. Paulo, 1976.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

REFERÊNCIAS

1. Ver bibliografia, no final.

2. Por vanguarda histórica, entendemos [illegible] de renovação estética ocorridos na Europa, entre 1905 e 1937.

3. Pretendemos abordar o período que vai de 1906, data de criação da Academia Cecília, até 1922, que tem como marco histórico importante a fundação do PC no Brasil e a Semana de Arte Moderna.

4. Hans Egon Holthusen - apud M. Szabolcsi -"L'avant-garde littéraire et artistique comme phénomène international". In Actes du V Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée. Belgrado, 1967, p. 317.

5. Elysio de Carvalho. In João do Rio. O Momento Literário. Rio de Janeiro, Garnier, s/d, p. 260.

6. Paul Valéry - apud R. Poggioli - Teoria dell'arte d'avanguardia. Bologna, Mulino, 1962, p. 107.

7. Cf. Luiz Edmundo: O Rio de Janeiro do Meu Tempo, Rio, Imprensa Nacional, 1938.

8. Oswald de Andrade - Obras Completas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972, p. 23.

9. J. Oiticica - Ação Direta, Rio de Janeiro, Germinal, 1970, p.235.

T. Tzara - Manifeste Dada 1918. In Lampisteries Precedées des Sept Manifestes dada. Paris, Pauvert, 1963, p. 22-23.

10. Idem, idem, p. 30.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

(1)

. [illegible]. In E. [illegible] - [illegible]. (1977-
- [illegible]. C. [illegible], 1981, 1984, [illegible] .

[illegible], [illegible] 1981

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Endereço Telegráfico: UNICAMP - Telex: (019) 1150 - Endereçamento Postal: 13.100 - Fone: PABX - (0192) 39-1301 - Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas - São Paulo

IMESP

UNICAMP

FERNANDES, Florestan - Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina. Rio de Janeiro, 1973.

GUÉRIN, Daniel - Anarquismo (trad.). Rio de Janeiro, 1968.

KARAM, Sheldon Leslie - Anarquistas Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro. 1890-1920. Rio de Janeiro, 1979.

MARTINS, Wilson - Um Brasil Diferente. São Paulo, 1955.

SOUZA, Newton Stadler - O Anarquismo na Colônia Cecília. Rio de Janeiro, 1970.

Material anexado ao processo

Uma cópia dos trabalhos mais recentes:

- Movimento Brasileiro. São Paulo, Cons. Estadual de Artes, 1978.
- A Vanguarda Antropofágica. São Paulo, FFLCH/USP, 1980. (mimeogr.)
- Adrian Marino: teoria e metodologia de abordagem da Vanguarda literária. remetido a UNILETRAS (Univ. Estadual do Paraná) para ser publicado no n.2 de 1982.
- O lado anarquista da Vanguarda. remetido para o Almanaque, São Paulo, Brasiliense, para sair no n. 15 de 1982.

Três cartas de apresentação

Uma cópia do curriculum vitae

Uma cópia do diploma de Mestre

Uma cópia do diploma de Doutor

Uma cópia dos projetos de pesquisa em andamento, sob sua orientação com a participação de alunos do IEL-UNICAMP